SEBASTIÃO PESTANA
(Do Instituto de Estudios Canarios)
(Antigo Leitor de Português em Espanha)

O «*Auto Pastoril Castelhano*» de Gil Vicente

INTRODUÇÃO
que contém: *Métrica, Rimas, Vocabulário Rimado* e *Sequências Vocálicas* para o estudo da escansão

TEXTO FAC-SIMILADO
da *Copilacam*, de 1562

TEXTO FIXADO

VARIANTES
e sua responsabilidade

VOCABULARIO
total do *Auto*, devidamente estudado

BIBLIOGRAFIA

LISBOA
MCMLXXVIII

Auto Pastoril Castelhano

ALGUNS DOS TRABALHOS DO AUTOR:

Gil Vicente, *Auto da Alma*, com texto fac-similado da edição de 1562. Prefácio de Eduardo Antonino Pestana; edição subsdiada pelo Instituto para a Alta Cultura; Lisboa, 1951;

Gaspar Frutuoso, *Las Islas Canarias*, de *Saudades da Terra*. De colaboração com os Professores da Universidade de La Laguna: D. Elías Serra Ràfols e D. Juan Régulo Pérez. É o XII volume da colecção: FONTES RERUM CANARIARUM. La Laguna de Tenerife, 1964;

Anónimo, *Auto de los Reyes Magos*. Texto castelhano do Século XII; Lisboa, 1966;

Gil Vicente e a Igreja, Funchal, 1968;

Gil Vicente em face da Epopeia, Sá da Bandeira, 1968;

O «Auto da Visitação», de Gil Vicente, Universidade de La Laguna, Tenerife, 1970;

Pequena Amostra do «Dicionário de Gil Vicente», Lisboa, 1971;

A Caminho da «Tuba Canora e Belicosa», Sá da Bandeira, 1972;

Estudos Gil-Vicentinos, I vol., Sá da Bandeira, 1972; II vol., Sá da Bandeira, 1975;

Luís de Camões, *Sôbolos Rios que Vão...*, Sá da Bandeira, 1972; edição da Câmara Municipal para comemoração do 4.º Centenário da publicação d'*Os Lusíadas*;

Um Passo da VII Écloga camoniana, Lisboa, 1972; separata da «Evphrosyne», da Faculdade de Letras de Lisboa, vol. V, nova série;

Um Poema de Gabriela Mistral, Sá da Bandeira, 1974;

O «Pranto de Maria Parda», de Gil Vicente, Sá da Bandeira, 1975.

DL

SEBASTIÃO PESTANA
(Do Instituto de Estudios Canarios)
(Antigo Leitor de Português em Espanha)

O «*Auto Pastoril Castelhano*» de Gil Vicente

INTRODUÇÃO
que contém: *Métrica, Rimas, Vocabulário Rimado* e *Sequências Vocálicas* para o estudo da escansão

TEXTO FAC-SIMILADO
da *Copilaçam*, de 1562

TEXTO FIXADO

VARIANTES
e sua responsabilidade

VOCABULARIO
total do *Auto*, devidamente estudado

BIBLIOGRAFIA

LISBOA
MCMLXXVIII

EXEMPLAR N.º

.....

Esta obra foi subsidiada pelo
Fundo de Fomento Cultural

Edição do Autor:
Copyright by
Sebastião Pestana

Composto e impresso
nas
Oficinas Gráficas de:
Ramos, Afonso & Moita, Lda.
Rua da Voz do Operário, 5-A
S. Vicente de Fora
Lisboa - 2

DEDICATÓRIA

À Universidade de La Laguna (Tenerife), em cuja Facultad de Filosofía y Letras *inaugurei o Leitorado de Português, em 1962 (*), e onde professei de 1961-1962 a 1964-1965.*

(*) Era Ministro da Educação Nacional, o Prof. Doutor Manuel Lopes de Almeida; Secretário do Instituto para a Alta Cultura, o Doutor António Medeiros de Gouveia; Reitor da Universidade de La Laguna, o Prof. Doutor D. Alberto Navarro González; Decano da Faculdade, o Prof. Doutor D. Jesús Hernández Perera.

INTRODUÇÃO

1. O teor da rubrica final da «Visitaçam» (1), de Gil Vicente, informa-nos da origem do seu «Auto Pastoril Castelhano». Diz ela deste modo (2):

> «Entràram certas figuras de pastores, & offereceram ao principe os ditos presentes. E por ser cousa noua em Portugal, gostou tanto a Raynha velha desta representaçam, q̃ pedio ao autor que isto mesmo lhe representasse às matinas do Natal, enderençado ao nacimento do Redemptor. E porque a substancia era muy desuiada, em lugar disto fez a seguinte obra.»

A «seguinte obra», a que Gil Vicente se refere, é o «Auto Pastoril Castelhano».

Da mesma nota se tira também que, contrariamente ao parecer da Rainha Dona Leonor, viúva de D. João II, entendia Gil Vicente não se ajustar, à finalidade em vista, o texto do monólogo (3).

2. O texto da edição príncipe (4) vai reproduzido em fac-símile, que foi, afinal, a base da nossa leitura. Seguiu-se a pontuação, que nos pareceu melhor, e aproveitaram-se, de outros Editores, as sugestões, que nos convenceram. À semelhança do que se fez para a edição da «Visitação» (5), não em

rodapé mas em apostila ao verso respectivo, registam-se as variantes, as alterações, as mutilações, e a responsabilidade das mesmas.

3. Estas foram as edições, que consultámos, à frente das quais pomos a sigla, por que é indicada cada uma, neste trabalho, geralmente a data da publicação:

a) «Copilacam», (1562) ([6]);
b) «Obras de Gil Vicente», (1834) ([7]);
c) «Obras de Gil Vicente», (1852) ([8]);
d) «Obras de Gil Vicente», (1914) ([9]);
e) «Gil Vicente, Obras Completas», (1933) ([10]);
f) «Gil Vicente, Obras Completas», (1942) ([11]);
g) «Gil Vicente, Teatro y Poesía», (1946) ([12]);
h) «Obras Completas de Gil Vicente», (Pimpão) ([13]);
i) «Gil Vicente, Obras Dramáticas Castellanas», (Hart) ([14]);
j) «Obras de Gil Vicente», (1965) ([15]);
l) «Gil Vicente, Obras Completas», (1966) ([16]).

4. O ambiente bucólico, que nos mostram alguns *Autos* do Fundador do Teatro Português, principalmente os primeiros, está na sequência da prática castelhana, com as obras de Juan del Encina, Lucas Fernández e Bartolomé de Torres Naharro ([17]): «el empleo del sayagués; los juegos rústicos de los pastores; (uma linguagem) de sabor rústico, (entremeada de) fragmentos de latín más o menos corrompido de las profecías tradicionales del nacimiento del Señor». E essa tradição, primeiramente medieval e europeia, depois, e tardiamente, circunscrita à Península Ibérica, trazia consigo, e desde sempre, um tão forte condicionalismo de limitações, na temática central, constante, inalterável, que, como herança, como legado, passou fronteiras e épocas. Com efeito, «el auto navideño — assim continua e explica Hart — es un espectáculo mas bien ritual que teatral y su argumento, en el fondo, siempre el mismo; la libertad del poeta se limita a la invención de detalles» ([18]). Aqui, na fixação de pormenores,

não tanto saídos da realidade charra e vulgar do dia-a-dia, mas, em especial, os de ordem íntima, é que Gil Vicente leva a palma, de longe, aos seus antecessores. É o caso do pastor *Gil Terrón*.

Todo «inclinado à vida contemplativa» — di-no-lo [19] a didascália inicial — apresenta-se-nos ele, de contínuo, embevecido na busca e rebusca das solidões, olhos fixos no firmamento, de tudo alheado, perdido e longínquo [20]. Eis a nota essencial da sua vida interior: «yo me hablo, yo me digo» [21]; e é assim: ensimesmado, sua existência toda se queima na demanda do Além e da Distância.

5. E que dizer do conflito entre GIL e essoutro zagal, BRÁS de seu nome? Para quem, como BRÁS, «este mundo se debroca muy priado» [22], preceito este que bem pode trazer à lembrança aqueloutra máxima horaciana: «carpe diem, quam minimum credula postero» [23], de actualidade e domínio tão flagrante e poderoso nos tempos de agora, a vida a bem pouco se circunscreve e se amarra: «andas siempre en bodas/ corriendo toros y vacas» [24] — eis, em síntese, a meta da sua vivência, confinada e monótona, as preocupações que totalmente o satisfazem, os motivos cintilantes que o divertem e o enchem, e a tal ponto, que o não permitem examinar quanto de inanidade e vento se esvai e se dissipa na posse daquilo que, ao resto, não permanece, se esfumou, se esbateu.

6. E o pastor LUCAS?

Por que se lhe haviam tresmalhado as cabras, precisamente as dele, dono e guardador? Perde-as de vista, para, em mentes, se entregar, totalmente e por largo tempo, na admiração embasbacada e gulosa de MARTA, que bailava e que o punha boquiaberto e garanhão, face aos seus encantos de mulher, visíveis ou calculados ou sonhados, e, por fim, vai a pontos de mofar da Providência Divina [25].

7. Mas ainda é possível cavar mais fundo, o contraste entre GIL TERRÓN e seus companheiros, não só BRÁS e LUCAS,

mas SILVESTRE e MATEUS: enquanto todos estes, sacerdotes e devotos dos mundanais prazeres, tudo postergam que não seja a satisfação do hedonismo medular e entranhado, gozar a vida em fundo e em largo, inserirem-se nas questiúnculas rotineiras, aquele, desprendido, qual timoneiro do Ideal, qual faroleiro da Ilusão, para cúpula da defesa do seu desprezo pelo mundo, relembra o passado, invoca o bulício, o fausto e a imponência da corte, toda cheia de beleza, frescura e importância, o poder absoluto do Rei [26], ancho de autoridade e de força, e no mesmo instante examina o reverso da medalha, indaga do paradeiro de todos, encontra-os a todos, abatidos ou levados pela Morte, ou arrastando, penosamente, o pesado fardo da velhice, desfiguradora terrível e impenitente.

É nesta altura que desfecha a pergunta minaz, horrorosa, álgida, acabrunhante e amaríssima: «Di, zagal,/ que se hizo su corral?» [27].

Em que ambiente teria nascido a concepção desta faceta temperamental de GIL TERRÓN? Ouça-se o Prof. Doutor Paulo Quintela [28]:

> «O motivo da meditação na brevidade da vida e na inutilidade final e vaidade dos bens do mundo, tradicionalmente ligado ao outro — tão querido da poesia, do drama e da pintura medievais por toda Europa — da meditação e representação patética do poder nivelador da morte — estava bem documentado na poesia peninsular e achou a sua expressão mais bela em época relativamente próxima da actividade de Gil Vicente —.» [29]

No seu livro «El Otoño de la Edad Media» [30], Huizinga afirma:

> «Sólo desde que se desarrolló la predicación para el pueblo, con el auge de las Ordenes mendicantes, redoblaron las exhortaciones (chamando os homens para a ideia da Morte, continuamente feroz, ameaçadora e certa), hasta convertirse en un coro amenazador que resonaba por el mundo con la vivacidad de una fuga.»

Por toda a parte, nesse Século XV, se viveu em pleno sob o azorrague vergastador da caducidade da Vida, com o terror da Morte e consequente desprezo do Mundo.

Continuemos a escutar a palavra de Huizinga:

> «Tres temas suministraban la melodía de las lamentaciones, que no se dejaba de entonar sobre el término de todas las glorias terrenales. Primero, este motivo: dónde han venido a parar todos aquellos que antes llenaban el mundo con su gloria? ([31]). Luego, el motivo de la pavorosa consideración de la corrupción de cuanto había sido un día belleza humana. Finalmente, el motivo de la danza de la muerte, la muerte arrebatando a los hombres de toda edad y condición.» ([32])
>
> «Desta maneira — pensa o Prof. Paulo Quintela ([33]) —, e mais uma vez, Gil Vicente vem colocar-se na linha de prolongamento da tradição dos moralistas e poetas elegíacos, meditadores da morte e desprezadores do mundo, do findar da Idade Média na Península.»

8. Apuremos as observações métricas do «Auto Pastoril Castelhano».

8.1. O «Auto Pastoril Castelhano» tem 428 versos, agrupados em 58 estrofes destes tipos (a numeração romana indica a estrofe):

a) 3 dísticos: 2, heterométricos: trissílabo, o verso 1; septissílabo, o verso 2 — XXXV; septissílabo, o verso 1; trissílabo, o verso 2 — IV; 1, isométrico de septissílabos — XLV;

b) 2 tercetos, isométricos de septissílabos — XX e XXXIX;

c) 8 quadras: 1, heterométrica: septissílabos, os versos 1 e 4; pentassílabos, 2 e 3 — XXXIV; 7, isométricas de septissílabos — III, XXI, XXII, XXIII, XXXII, XXXIII e LVIII;

d) 1 sextilha, isométrica de septissílabos — XLVI;

e) 2 sétimas: 1, heterométrica: septissílabos, os versos 1, 2, 3, 4, 5 e 7; trissílabo, o verso 6 — LVI; 1, isométrica de septissílabos — XL. As sétimas mostram uma quadra, em cima, e o terceto, em baixo. Quanto à rima, dois esquemas: *abbaacc*, a XL, e *abbaabb*, a LVI;

f) 16 oitavas, isométricas de septissílabos — XIX, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII, XLIV, XLVIII, XLIX, L, LI, LII, LIII, LIV, LV e LVII;

g) 24 novenas: 21, heterométricas: 1, com septissílabos, os versos 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8 e 9; trissílabo, o verso 5 — XLVII; 17, com septissílabos ([34]) os versos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 9; trissílabo, o verso 8 — I, II, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XIV, XVI, XVIII, XXX, XXXVI, XXXVII, XXXVIII e XLII; 1, com septissílabos, os versos 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 9; octossílabo, o verso 6; trissílabo, o verso 8 — XII; 1, com septissílabos, os versos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 9; quadrissílabo, o verso 8 — XV; 1, com septissílabos, os versos 2, 3, 4, 5, 6, 7, e 9; octossílabo, o verso 1; trissílabo, o verso 8 — XIII; 3, isométricas de septissílabos — XXIX, XXXI e XLI;

h) 2 décimas, heterométricas: septissílabos, versos 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8 e 10; octossílabo, verso 5; quadrissílabo, verso 9 — XVII; septissílabos, os versos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 10; trissílabo, o verso 9 — XLIII.

8.2. Como se vê, os sistemas estróficos usados são, pela ordem decrescente: as novenas, 24; as oitavas, 16; as quadras, 8; as décimas, as sétimas e os tercetos, 2 de cada um; a sextilha, 1. Há também o domínio das estrofes isométricas: 31; heterométricas: 27. Os versos septissílabos dominam em absoluto: 397, contra 2 pentassílabos, 24 trissílabos, 2 quadrissílabos e 3 octossílabos.

8.3. Os esquemas rimáticos são:

a) Dísticos — *aa* (rima emparelhada), em XXXV e XLV. O dístico da estrofe IV pode enquadrar-se neste

esquema, se tivermos em conta a rima toante: *sueño-duermo*, para o que ajuda muito o ditongo crescente *ue*; se não aceitarmos tal ponto de vista, o esquema é *ab*.

b) Tercetos — *abb* (rima emparelhada), em XX e XXXIX.

c) Quadras — o tipo dominante é *abba* (rimas interpolada e emparelhada), em III, XXI, XXII, XXIII e LVIII. Em XXXII e XXXIII, nota-se o seguinte: aquela quadra, se tivermos os versos 2 e 3 como possuidores de rima toante, o que é aceitável e quase evidente, integra-se no esquema: *abba*; nesta, os versos do meio oferecem interesse pela dificuldade: o binómio *sueño-demuño* pode apresentar rima entre as duas partes, na sílaba tónica *ue-u* (a sílaba postónica é idêntica). Como indica Paul Teyssier ([35]), do mesmo modo que aparece *matrimuño*, por *matrimonio* ou *matrimoño*, assim também *demuño*, por *demonio* ou *demoño*. Admitindo que, em Gil Vicente, ainda que escrevendo *demuño*, bailava, com esta, a variante *demoño*, cuja terminação *-oño* tem paralelismo com a de *sonho* (= *soño*), irmã da do castelhano *sueño*, encontraremos a razão da possibilidade de também submeter esta quadra ao mesmo tipo de rima: *abba* ([36]).

A estrofe XXXIV tem a particularidade insólita de mostrar esta disposição rimática; *abca* (com dois versos distintos e sem rima, colocados de permeio).

d) Sextilhas — *aaabbb* (dois grupos de rimas seguidas), em XLVI.

e) Sétimas — são dois os tipos de esquemas de rimas (simultaneamente interpoladas e emparelhadas) —: *abbaabb*, que se pode cortar em quadra *abba* e terceto *abb*, este inteiramente entrelaçado naquela, em LVI; e *abbaacc*, também, possivelmente, constituído por quadra e terceto, com um só elo apenas, nos versos 1, 4 e 5, em XL.

f) Oitavas — apresentam-se 4 esquemas de rimas (ao mesmo tempo interpoladas, emparelhadas e cruza-

das): *ababbaab*, LV; *abbaacca*, XXVI, XXVII, XXVIII, XLVIII, XLIX, L, LI, LII, LIII e LIV; *abbacdcd*, XXIV; *abbacddc*, XIX, XXV, XLI e LVII. É fácil reparar em que podem ficar divididas em duas quadras, interligadas, por inteiro ou em parte, como nos dois primeiros casos, independentes, como nos últimos.

g) Novenas — estas são as estrofes, que apresentam maior variedade de conjuntos rimáticos (rimas seguidas, emparelhadas, interpoladas e cruzadas). Nada mais, nada menos que oito: *aaabcddcc*, XXX; *abbaaacca*, XLVII; *abbaaccaa*, XIV e XLII; *abbaccddc*, XLI; *abbacddcc*, I, II, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XV, XVI, XVIII e XXXVIII; *abbacddcd*, XXXI; *abbacdddc*, XXIX; *abbacddee*, XXXVI e XXXVII. Parece que, no *Auto*, sobressai sempre a junção de quadra e quintilha, ambas isoladas, como no primeiro exemplo, no quarto, no quinto, no sexto, no sétimo e no oitavo; ambas interligadas, também se mostram, como no segundo e terceiro tipos.

h) Décimas — rimas emparelhadas, cruzadas e interpoladas. Tipos: *abbaacddcc*, XLIII; *abbacddcdd*, XVII. Na primeira, estão duas quintilhas do mesmo valor e desligadas; na segunda, uma quadra e uma sextina, isoladas.

8.4. Falemos dos versos, que estão fora da rima.

a) Já tratámos do dístico, estrofe IV, versos 23 e 24.

b) Apontámos o primeiro verso dos dois tercetos, estrofes XX e XXXIX, versos 160 e 283. Estoutra participa duma canção.

c) Vimos as quadras XXXII e XXXIII e o problema dos seus versos 243-244 e 247-248, bem como a estrofe XXXIV e os versos 251-252.

d) As novenas XXX, XXXVI e XXXVII possuem, aquela, o verso 227 fora de rima, ou seja o último verso da quadra; estas, os versos 260 e 269, ou seja o primeiro verso das quintilhas.

8.5. A escansão dos versos do *Auto*, a divisão das suas estâncias e a sua constituição, a recolha das rimas — tudo isto levantou algumas hesitações, que vale apontar. Vejamo-las:

a) No 5.º verso da estrofe II, o verso 14 da contagem geral, para ser septissílabo, deverá proferir-se a última palavra: *v'ra-no*. A tonicidade estará nas 1.ª, 3.ª, 5.ª e 7.ª sílabas.

b) Os versos 19-24, do aspecto rimático, podem constituir uma sextina, com o esquema: *abbaaa*, em que entram uma quadra e um dístico. Não é exemplo único, a ocorrência da rima toante, exigida, neste caso, pelo último verso, misturada com a rima consoante, completa, nos versos 4.º e 5.º, e, incompleta, relativamente ao 1.º, e esta, extensiva aos versos 2.º e 3.º

c) Esta é a mancha tipográfica, que a edição *Copilacam* apresenta para a estrofe XI, aquela que tem início no verso 79:

«LUCAS:
Hao carillos

GIL:
a quiẽ ablas

LUCAS:
A vos otros digo yo
si alguno de vos me vio
perdidas vnas dos cabras.

GIL:
Yo nho

BRÁS:
nhi yo.

LUCAS:
Ha Dios pliega.

GIL:
Como las perdisti, di

LUCAS:
Perdieron se por ahi
por la vega
o algun me las soniega.»

Se a respeitarmos, teremos uma décima, divisível em duas quintilhas: na primeira, são septissílabos, os quatro versos, e, trissílabo, o quinto: «hao-ca--ri-llo-s a- quiẽ-a-(blas); a-vo-s o-tros-di-go-yo; si al--gu-no-de-vos-me-vio; per-di-da-s v-nas-dos-ca-(bras); yo-nho-nhi yo». A rima é esta: *abbab*. Na segunda, temos, seguidos, um trissílabo: «ha-Dios-plie-(ga)»; dois septissílabos: «co-mo-las-per-dis-ti-di; per-die--ron-se-po-r a-hi»; outro trissílabo: «por-la-ve-(ga)»; outro septissílabo: «o-al-gun-me-las-so-nie-(ga)».
Rima, esta: *abbaa*. Do ponto de vista de décima, a estância mostra-se-nos, na rima: *abbabcddcc*, e, na medida, heterométrica: sete versos septissílabos (os 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 7.º, 8.º e 10.º) e três trissílabos (os 5.º, 6.º e 9.º). Todos os Editores preferem considerar este apanhado de versos como novena, no que emparceiramos; mas há que referir, em nota, a hipótese de ser décima.

d) O verso 93, isto é: «estuve dos horas vallientes», é um octossílabo, e, por esse facto, não caminha na esteira dominante do septissilabismo do *Auto*. Não haverá meio de o sujeitar à regra? Há-o: «'stu-ve-do-s ho-ras-va-llien-(tes).» A aférese da vogal *e-* permite a uniformidade.

e) O verso 7, da estofre XII, tem a locução adverbial: *en tan amientes*. A *Copilacam* tra-la separada em 3 partes, o que permite a sequência vocálica: *tã* (tan) *a*; se a tivermos como uma só palavra (Hart, p. 11, adopta: entanamientes), resulta daí a escansão: en-ta-na-mien-tes.

f) O primeiro verso da estrofe XIII, o verso 97 da contagem geral, é um octossílabo, sem possibilidade, talvez, de ser modificado sem violência, tal seria a junção de *yaũ*.

g) O verso 122: «y si murieron» é um quadrissílabo. Para obtermos um trissílabo, haverá que sacrificar a sílaba *si*, assim: «y-s'mu-rie-(ron)», aceitável na sequência rápida do diálogo. O verso quebrado do heptassílabo — todos o sabem — tanto pode ser trissílabo como quadrissílabo, é verdade; Gil Vicente, porém, usa com muito mais frequência aquele, o que pode indicar, no seu uso deste e para se obter uniformidade, a legitimidade ou, pelo menos, a possibilidade da procura, em nota, claro, do modo de conseguir, se possível, a redução duma sílaba. Leiam-se os nossos *Estudos Gil-Vicentinos* ([87]).

h) A estrofe XVII, que reúne os versos 133-142, é uma décima e, do ponto de vista métrico, tem motivos de interesse:

— o elemento vocálico da partícula vocativa, isto é: o *a*, de *ha*, e o *o*, de *ho*, fica sempre isolado, o que se compreenderá pela pausa feita no fim de cada chamada: (tre-ha; lo-ha; te-ha), independência que atinge, pela mesma razão, a consoante ápico-alveolar *-l*: (ual-ho), ou: (val-ho);

— o quinto verso desta estância mostra-se-nos com oito sílabas: «ha-Lu-cas-q̃-nhos-quie-res-di»; para o submeter a septissílabo, como os seus pares, há o recurso da fusão das sílabas 4.ª e 5.ª: *que nhos*, ou seja: *q(ue) nhos*, ou ainda: *q̃ nhos*. Outro caminho, mas violento e não aconselhável, embora possível, em anotação, é a supressão do pronome *nhos*, dispensável no contexto;

— outro verso quebrado de quatro sílabas, é o 9.º desta décima: «en-a-bri-ga-(do). É, contudo, possível encarreirá-lo no caminho da generalidade,

que é trissílabo, pronunciando: «ẽa-bri-ga-(do)», na sequência do *i*, tónico e final, do verso anterior.

i) O 3.º verso da estrofe XXV, o verso 185, pode ser heptassílabo ou octossílabo, conforme se admita ou não a fusão das sílabas *dizi*, deste modo: *d'zi* ou *di-zi*. A pronúncia corrente regista, de preferência, aquela.

j) Da boca do pastor, BRÁS, verso 194, e muito bem, como se sabe, aparece a grafia *dan*, 3.ª pessoa do plural, do Presente do Indicativo, do verbo *dar*, conforme a *editio princeps*. De seguida, no entanto, e por três vezes, por lapso tipográfico, surge *dam* (versos: 195, 199 e 203), à portuguesa.

l) No verso 213, outra influência gráfica portuguesa, por confusão ou esquecimento: *llh*, por *ll*; deverá escrever-se *llouer* (llover), pois que, em português, é *lh* e, em castelhano, *ll*. Confronte-se *lloueraa* (lloverá), do verso 9.

m) O verso 222, o verso 8 da estância XXIX, será um octossílabo: «Bra-s her-ma-no-pa-ra-te an-si», se não adoptarmos a fusão das 5.ª e 6.ª sílabas, assim: *par'* — com a apócope do *-a* e pela tendência da vibrante em fechar a sílaba anterior.

n) Mais um octossílabo é o verso 240: «que-co-rre y-co--rre y-no-se-ve». Ficará septissílabo, juntando as últimas sílabas: *s've*, com a apócope do *-e*, da partícula apassivante.

o) Octossílabo será, de igual modo, o verso 237: «co--mẽ-ça(d)-de a-di-ui-nar-que», susceptível, no entanto, de ser septissílabo, através da fusão das sílabas *di--ui*, isto é: *d'ui* (d'vi).

p) O verso 253 é um octossílabo: «e-llo-tro-mes-se-mol--ui-do»; a fusão das 5.ª e 6.ª sílabas: *s'mol*, com a apócope do *-e*, de *se*, torna-lo-á septissílabo.

q) O primeiro verso da estrofe XXXVI, o verso 256 do texto, é um octossílabo: «za-ga-les-lle-uan-tar-da-hi», com tónicas nas 2.ª, 6.ª e 8.ª sílabas. Para ser sep-

tissílabo, deverá ler-se: «za-ga-les-ll'uan-tar-da-hi», e a tonicidade nas 2.ª, 5.ª e 7.ª sílabas. A sílaba resultante será: *ll'van*.

r) O verso 281 é o verso quebrado e o verso 8.º da estrofe XXXVIII; é quadrissílabo: «que ay-en-e-l ha-(to)». Apresenta-nos uma sequência de 5 vogais; «e ay ẽ e». A sua sujeição à contagem trissilábica importa, por ênclise, a submissão da preposição *ẽ* (en) à tonicidade anterior *ay*. Se aproximarmos este verso, daqueloutro: «Nel hato de Bras Picado», o primeiro da estrofe XII, será legítimo, em nótula, admitir o texto: «que ay nel hato», que já é trissílabo: «que ay-ne-l ha-(to)».

s) Como se pode ver, a *Copilacam*, no verso 5.º, da estrofe XLVIII, o verso 350 do *Auto*, tem assim: *amiga mi olorosa*, onde *mi* está por *mia*, como se pode deduzir do contexto e até do cotejo com as formas paralelas: *mia* e *mea*, dos versos anteriores, e *mis*, dos dois versos seguintes. Admite-se, pois, que tenha havido lapso tipográfico, sim senhor; pode, porém, estar na base da falta, a pronúncia: *mi'-o-lo-ro-(sa)*, do septissílabo.

t) O primeiro verso da estância L, que junta os versos 362-369, é um octossílabo: «ha-Dios-pla-ga-con-el-ro-in». A formação do ditongo *ũi* (oin) opõe-se, quanto à rima, aos versos 4.º, 5.º e 8.º, terminados em *i*, oral, acolá, nasal, nos dois últimos. A escansão heptassilábica só a obteremos pela fusão de: *cõel*.

u) A estrofe LI é uma oitava e apanha os versos 370-377. Nela, há 3 versos, que mais depressa serão octossílabos, que heptassílabos. São estes: os 4.º, 6.º e 7.º Vejamo-los, cada um de persi:

— «ex el mi angel os embio».

A escansão mais natural será: «e-x el-mi-an-ge-l o-s em-bi-(o)». A tonicidade de ambas as sílabas e o carácter acentuadamente palatal da primeira vogal

opõem-se à fusão das sílabas *mi an*; donde pode sair a possibilidade da supressão duma sílaba, é da terminação *gel*, assim: «e-x el-mi-an-j'l o (g'l o)-s em-bi-(o)»;

— «que aparejaraa la carrera».

É também um octossílabo: [que a-pa-re-ja-raa-la--ca-rre-(ra)], se não admitirmos a síncope do *e*, da 3.ª sílaba: «que a-par'-ja-raa-la-ca-rre-(ra)»; como se sabe, a consoante lateral tende, quando ligada a vogal átona, a concluir a sílaba anterior:

— «delante mi az verdadera».

Outro octossílabo: de-lan-te-mi-az-ver-da-de-(ra) — porquanto não se aceita a fusão das sílabas 4.ª e 5.ª, já pela sua tonicidade, já pela importância de significação, que importará realçar e aclarar com a separação. O caminho para a contagem septissilábica estará em: *d'lan-te*.

v) O verso 4.º da estância LIII, que comporta os versos 386-393, do texto, talvez seja octossilábico: «no-ju--ga-van-a-o-tro-hi-(to)». Para o aceitarmos como septissílabo, a escansão deve seguir um destes caminhos: a preposição *a*, por ênclise, subordinar-se à sílaba final e nasal do verbo: «ju-ga-van a (vã a)»; a sílaba final do adjectivo *otro* fundir-se, em próclise, com a primeira do substantivo *hito*, isto é: «o-tro hi-to», ou seja: «o-tro i-to», com ditongo crescente *uí*. Votaremos na primeira saída.
Para o verso 5.º da mesma estrofe, o verso 390, não é lá muito preciso chamar a atenção do Leitor para a pronúncia paroxítona da palavra *espirito*.

x) A última estrofe do *Auto Pastoril Castelhano* é uma quadra, cujos primeiros três versos são, sem dúvida, septissílabos; o derradeiro verso será octossílabo, assim: «quen-e-sso-des-pues-se ha-bla-ra» —

se seguirmos, inclusivamente, a disposição tipográfica do texto da *Copilacam*. Há, contudo, meio para o considerar septissílabo também. Vejamo-lo:

— Ninguém há que ignore que a nasalidade da preposição *ẽ* (em, en), do latim *in*, junta às formas antigas do artigo *lo* (la, los, las), de *elo*, de *ello*, de *illu-* (ille, illa, illud), contaminou o *l-*, resultando daí *ẽno* (o *l* nasal é o *n*). De seguida, *eno* e *no* apareceram, sucessivamente. A mesma nasalação deu-se em *nõ lo, quẽ lo, dizẽ lo, sẽ lo, atẽ lo, cõ lo*, donde se passou a: *nõ no, quẽ no, dizẽ no, sẽ no, atẽ no, cõ no*. Os estádios *ẽno* e *eno* exemplificam a soldagem dos dois elementos: preposição e artigo (pronome). *No* é consequência da posição proclítica.
— Foneticamente, temos que *n* (de *no*) é o *l* de *lo* nasalado pela ressonância nasal de *ẽ*. Semanticamente, porém, em *n* está a ideia da preposição *em*. Isto explica que viesse a «tomar-se, falsamente, este (*n* de) *no* por aquele *em* e soldar-se (posteriormente, o mesmo *n*, já portador desse valor), a *num, neste, nesse, naquele, noutro, nalgum*» [38].
— No *Auto Pastoril Castelhano* encontram-se estes usos de *en*, expresso: huzia en Dios (II, 5); andas en bodas (V, 5); pierde en qualquer camino (VII, 3-4); repastando en la frescura (VIII, 6); canta y huelga enlas majadas (IX, 6); apartado en la montaña (X, 4); en tan amientes (XII, 7); pienso en cosas (XIII, 5); gano en (XIV, 3); estaa en (XVII, 8-9); estar en (XXIX, 4); enhel (XXXIV, 2 e 3; XXXVIII, 8); en grito (XL, 5); suene en (XLVIII, 6); en quien (XLIX, 6); en el templo (LI, 8); en tu fauor (LII, 7); en quanto (LV, 5, 7); en todo al (LV, 6); en el (LVII, 2); naciste en (LVIII, 2); quen esso (LVIII, 4).

— Na sua edição da *Tragicomedia de Don Duardos*, de Gil Vicente ([39]), Dámaso Alonso fala da influência leonesa, da imitação dos salmantinos (Encina e Lucas Fernández), para explicar formas como *nel, nesta*, etc.

— No *Auto Pastoril Castelhano* encontram-se estoutras formas: naquella (I, 4; XVI, 3); nesta (VII, 5); nel (XII, 1); nun (XVI, 6); nesso (XXI, 3); nora (XLV, 1; XLVI, 5).

— No seguimento destas anotações, é possível sugerir, em nótula, isto: que na expressão *quen esso* poderá ver-se *que nesso*; e aqui a junção *qu'ne* levar-nos-á ao heptassílabo: qu'ne-sso-des-pues-se ha-bla-ra.

z) Dois tipos de décimas: quadra e sextilha, com as rimas: *abba* e *cddcdd*, estância XVII, e duas quintilhas: *abbaa* e *cddcd*, estância XLIII.

aa) Pelo exame da rima, as estâncias III, a quadra, e IV, o dístico, podiam constituir uma sextilha: *abbaaa*. Isso, porém, não o permitirão a disposição gráfica da 1.ª edição, por um lado, e, do outro, a natural independência da canção, embora seja admissível que a palavra *sueño*, do verso 22, a tenha provocado, trazendo-a à lembrança de GIL TERRÓN.

bb) A estrofe XI é uma novena; sem embargo, a mancha tipográfica da *Copilacam* permite admitir que seja décima: duas quintilhas, a primeira, *abbab*; a segunda, *addcc*.

cc) Nenhum recurso tipográfico indica, com evidência, a separação das estrofes XVI e XVII; e esta, parece, talvez deva ser apontada, preferentemente, como sendo uma quadra e uma sextina, independentes: a quadra, constituída por oito chamadas de LUCAS pelos seus companheiros; a sextina, pelo diálogo: SILVESTRE, que pergunta, e LUCAS, que responde.

dd) É na estrofe XIX que aparece a primeira oitava, a que outras se juntam, umas, seguidamente, outras, salteadas.

ee) Os versos 160-174, agrupamo-los em: 1 terceto e 3 quadras, pela falta de qualquer indício divisório. Guiamo-nos pela rima e pela mancha tipográfica em conjunto. O terceto tem o primeiro verso fora da rima.

ff) As quadras mostram duas disposições de rimas: *abba e cdcd*, na oitava XXIV; a segunda quadra tem esta diferença: *cddc*, nas oitavas XIX, XXV, XLIV e LVII.

gg) Três oitavas (XXVI, XXVII e XXVIII) seguidas, com a ligação rimática entre as quadras, nos extremos. Mais uma correnteza de estâncias do mesmo molde: XLVIII-LIV.

hh) A estrofe XXX, versos 224-232, é uma novena, cuja quadra mostra este esquema de rima, insólito no *Auto: aaab* (daras, mas, Bras, mes). Poderá ser superada, em nótula, esta anomalia? No jogo do *abejon*, estão inseridos os três pastores: GIL, BRÁS e LUCAS. Na posição meã, ficou GIL; os dois restantes ocupam o seu lugar em cada banda, à esquerda e à direita. BRÁS dirige-se aos dois companheiros e diz-lhes: «He miedo que me daras», e é assim, porque, de qualquer dos lados, pode surgir a *pancada*, o objectivo do entretém. O valor plural é evidente, julgamos. Assim, *farás* não serve, mas *fareis* ou *farés*, saindo, daí, a normalidade. Falámos deste jogo nos nossos *Estudos Gil-Vicentinos* (40).

ii) Mais uma enfiada de 3 quadras: XXXII, XXXIII e XXXIV, aquelas, *abba*, e esta: *abca*.

jj) Cá temos a segunda canção do *Auto*. É formada de mote, o terceto, e de uma volta, a sétima. Nota-se o paralelismo, no primeiro: *vamos ver; aquel garçon; con debocion;* na segunda: *veremos*, repetido; *aquel niñito* e *aquel garçon; con hemencia y deuocion*. Tanto o mote como a volta apresentam iso-

metria de septissílabos. Seguindo a marcação da mancha tipográfica, dividimos a canção em duas estrofes, as XXXIX e XL. Apanham elas os versos 283-292.

ll) O *Auto* tem várias espécies de estrofes, como se viu: dísticos, tercetos, quadras, sextilhas, sétimas, oitavas, novenas e décimas. Algumas delas, como as últimas cinco, são juxtaposição de outras unidades: tercetos, quadras e tercetos, quadras, quadas e quintilhas, quadras e sextilhas, quintilhas. Pela rima, se vê que, nalguns casos, ficam entrelaçadas as duas partes: as novenas: XLII e XLVII, as oitavas: XXVI-XXVIII e XLVIII-LIV, e a sétima XL. A conexão rimática, algumas vezes, é mais íntima, por total: a sétima LVI e a oitava LV.

mm) Surge a 3.ª e última das canções do *Auto*, que separámos nas estrofes XLV e XLVI. O mote é um dístico; a volta, uma sextina, de dois tercetos, com as rimas, o primeiro, *aaa*, o segundo, *bbb*. O mote, na íntegra, está repetido no último terceto da volta. A canção é isométrica de heptassílabos.

O Prof. Paulo Quintela, no seu livro *Líricas Castelhanas de Gil Vicente em Versão Portuguesa*, Coimbra, 1966, pp. 73 e 74, traduziu as seguintes canções religiosas do *Auto Pastoril Castelhano*: «Deixemos esta malhada» (estrofes XXXIX-XL, versos 283-292) e «Em bon' hora fiques Menga» (estrofes XLV-XLVI, versos 329-336). Na p. 75, também traduziu aquela canção, que é «atribuída pelo pastor Gil a *Salamon*» (estrofes XLVIII-XLIX, versos 348-361). O fragmento da canção profana de GIL (estrofe IV, versos 23-24), encontramo-lo na p. 97. Leiam-se os comentários feitos pelo Mestre vicentista nas pp. 120, 121 e 123, de modo especial este (p. 121), que é precioso, alusivo aos versos 329-336: «canção dos pastores de despedida à Virgem. Esta *cançoneta* é, como se lê a p. 186 do *Cancionero* de Barbieri, adaptação *ao divino* do *villancico* de autor anónimo, de tema pas-

toril, que ali figura sob o n.º 369, cuja melodia, de compositor também anónimo, se pode ver a p. 538».

nn) As novenas, no *Auto*, são, na maioria, junções de quadra e quintilha, 23 exemplos; só num caso, invertem-se as posições: quintilha e quadra, conclusão esta, a que se chega, sem qualquer hesitação, pela mudança das falas intervenientes. É a XLVII. As quintilhas têm vários tipos de rimas: *cddcc* (I, II, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVIII, XXX, XXXVIII); *cdddc* (XXIX); *cddcd* (XXXI); *cddee* (XXXVII); *ccddc* (XLI); *accaa* (XLII e XLVII).

oo) Há alguns versos, que estão fora dos esquemas rimáticos das estrofes a que pertencem. São eles:

— o primeiro verso da estância XX;
— o quarto verso da estância XXX;
— os versos 2 e 3 da estância XXXIV;
— o verso 5 das estâncias XXXVI e XXXVII. É curioso anotar que elas são duas novenas seguidas, com a mesma estrutura;
— o verso 1 do terceto da estância XXXIX.

8.6. Damos, seguidamente, a lista alfabética das rimas do *Auto Pastoril Castelhano*. Na maioria dos casos, temos a rima consoante; mas há um bom punhado de exemplos de rima toante. Os algarismos romanos apontam a estrofe; os árabes, os versos dentro da estância:

a) RIMAS TOANTES

a — (aca, ha, XVIII, 2, 3; XLI, 2, 3); (vera, aqua, yra, XVI, 5, 8, 9); (estaa, ha, LVII, 5, 8);
an — (Bastian, Juan, XVII, 2, 3);
ayo — (Mayo, rayo, sayo, LVI, 1, 4, 5);
e — (pie, he, fue, XII, 5, 8, 9); (que, ve, XXXI, 5, 8);
ea — (dessea, mea, XLIX, 6, 7);

e e — (esse, este, XXXII, 2,3);
eo — (otheo, asseo, veo, VI, 5, 8, 9); (oteo, desseo, careo, X, 5, 8, 9);
i — (aqui, alli, I, 2, 3); (di, ahi, XI, 6, 7); (di, aqui, XVII, 5, 8); (aqui, talli, ansi, XXIX, 6, 7, 8); (dahi, ohi, XXXVI, 1, 4);
ia — (dezia, mia, XLVIII, 2, 3); (serrania, alegria, LVIII, 2, 3);
in — (roin, deprendi, llatin, florin, L, 1, 4, 5, 8);
io — (tio embio, poderio, mio, LI, 1, 4, 5, 8);
o — (dio, nho, yo, XVIII, 5, 8, 9); (yo, moluido, XXXIV, 1, 4); yo, ñascio, engendro, XLI, 5, 6, 9); (descendio, saparto, LVII, 1, 4);
on — (barracon, tizon, XVI, 6, 7); (terron, abejon, XXIX, 2, 3);
ue o — (sueño, duermo, IV, 1, 2);
yo — (yo, vio, XI, 2, 3);

b) RIMAS CONSOANTES

ablas — (ablas, cabras, XI, 1, 4);
aca — (flaca, vaca, XXVII, 6, 7);
acas — (vacas, sacas, V, 6, 7);
ada — (majada, abrigada, I, 1, 4); (majada, assomada, XVI, 2, 3); (damada, chapada, XX, 2, 3); (hõrrada, nada, preñada, hilada, XXVI, 1, 4, 5, 8); (majada, madrugada, XXVIII, 2, 3); (jugada, porrada, XXX, 6, 7); (posada, adorada, XLII, 6, 7); (plantada, hallada, cerrada, sagrada, XLIX, 1, 4, 5, 8);
adas — (majadas, aosadas, IX, 6,7);
ado — (abrigado, peccado, priado, I, 5, 8, 9); (apartado, peccado, V, 2, 3); (domado, ganado, VIII, 1, 4); (acompañado, peccado, priado, IX, 5, 8, 9); (picado, tresportado, XII, 1, 4); (priado, gasajado, abrigado, assombrado, XVII, 6, 7, 9, 10); (chapado, desposado, XIX, 1, 4); (ahijado, pelado, XXII, 1, 4); (rellatado, honrrado, XXVI, 2, 3); (priado, desposado, gasajado, loado, XXVIII, 1, 4, 5, 8); (peccado, passado, XXXII, 1, 4);
ados — (lleuantados, despelluzados, XXXVII, 1, 4);

adre — (madre, padre, XXII, 2, 3); (padre madre, LVII, 2, 3);
al — (real, zagal, corral, VIII, 5, 8, 9); (mal, animal mortal, XXXI, 6, 7, 9); (eternal, immortal, ygual, humanal, LV, 1, 3, 6, 7);
ales — (zagales, mortales, XVI, 1, 4); (bestiales, tales, XLIV, 6, 7);
ando — (añazcando, holgando, II, 2, 3); (ando, quando, VII, 6, 7); (baylando, oteando, XII, 2, 3); (temblando, llorando, XLIII, 2, 3); (prophetando, quando, LII, 2, 3);
ano — (verano, ufano, sano, II, 5, 8, 9); (gano, mano, VII, 2, 3); (hermano, verano, XIX, 2, 3); (templano, mano, XXIX, 5, 9);
aña — (compaña, montaña, X, 1, 4);
ar — (pesar, cantar, III, 2, 3); (canticar, lugar, VI, 1, 4); (prestar, buscar, XV, 2, 3); (lugar, dudar, XXI, 2, 3); (adiuinar, començar, XXXI, 1, 4); (acostar, santiguar, XXXIII, 1, 4); (llugar, dar, XXXVIII, 1, 4);
ara — (pensara, vara, callara, XLIII, 6, 9, 10);
as — (as, mas, V, 1, 4); (tras, Bras, estas, das, mas, XIV, 1, 4, 5, 8, 9); (daras, mas, Bras, XXX, 1, 2, 3);
ato — (hato, rato, II, 1, 4); (xauato, hato, siluato, XXXVIII, 5, 8, 9);
cer — (ñascer, padecer, XLII, 2, 3);
echo — (sospecho, prouecho, XIII, 1, 4);
ega — (pliega, vega, soniega, XI, 5, 8, 9); (pega, borrega, XVIII, 6, 7);
eis — (hazeis, traeis, XLIV, 1, 4);
eja — (peleja, ygreja, L, 2, 3);
ejos — (domingujos, vermejos, XXVII, 2, 3);
elos — (yelos, cielos, pañizuelos, XLIII, 1, 4, 5);
ella — (donzella, estrella, ella, aquella, della, XLVII, 1, 4, 5, 6, 9);
enas — (buenas, penas, agenas, XIII, 5, 8, 9);
encia — (hemencia, reuelencia, XLIV, 2, 3);
ende — (entiende, comprehende, XLI, 7, 8);
enga — (Menga, mantenga, XLV, 1, 2); (venga, Menga, mantenga, XLVI, 4, 5, 6);
enta — (plaguenta, parienta, XXV, 5, 8);

ente — (Vicente, Clemente, XVII, 1, 4); (Llorente, pariẽte, XXIV, 1, 4);
eño — (ceño, sueño, III, 1, 4); (menseño, sueño dueño, VII, 5, 8, 9);
er — (traer, hazer, XV, 6, 7); (plazer, llhouer, XXVIII, 6, 7); (hazer, ver, XXXVII, 2, 3); (plazer, saber, L, 6, 7); (plazer, ver, LIII, 6, 7);
era — (cabrera, bendizidera, XXV, 2, 3); (espetera, madera, XXVI, 6, 7); (supiera, truxera, XLIII, 7, 8); (carrera, verdadera, LI, 6, 7);
eres — (eres, poderes, estuuieres, quisieres, LII, 1, 4, 5, 8);
ero — (cõpañero, primero, XXXI, 2, 3); (cordero, primero, heredero, verdadero, LIV, 1, 4, 5, 8);
es — (veres, es, enues, es, LVI, 2, 3, 6, 7);
etas — (rosetas, chançonetas, II, 6, 7);
ias — (perfecias, Malachias, LI, 2, 3);
ible — (vesible, immouible, inuisible, impossible, LV, 2, 4, 5, 8);
ida — (vestida, llozida, parida, vendida, XXVII, 1, 4, 5, 8); (venida, parida, XXXVI, 2, 3); (prellozida, ñascida, XLVII, 2, 3);
ido — (perdido, sentido, XIV, 2, 3); (nhacido, prometido, XL, 2, 3);
ienes — (intrinsienes, tienes, XIX, 5, 8);
ientes — (vallientes, amientes, XII, 6, 7);
ieron — (comieron, murieron, perdieron, XV, 5, 8, 9);
igo — (digo, comigo, XIII, 6, 7); (comigo, amigo, castigo, XXX, 5, 8, 9);
illas — (ten caramillas, marauillas, LVIII, 6, 7);
illos — (caramillos, grillos, XXXVI, 6, 7); (prauillos, caramillos, XXXVIII, 6, 7);
ingo — (respingo, domingo, IX, 1, 4);
ino — (magino, camino, VII, 1, 4);
inos — (espinos, finos, XLIX, 2, 3);
ios — (mios, vazios, XXXVIII, 2, 3);
ita — (pobrezita, bendita, camazita, bendita, infinita, XLII, 1, 4, 5, 8, 9); (bendita, morenita, visita, XLVI, 1, 2, 3);

itas — (cabritas, benditas, VI, 2, 3); (cabritas, poquitas, XIV, 6, 7);
ito — (niñito, bendito, grito, XL, 1, 4, 5); (boñito, hito espirito, bendito, LIII, 1, 4, 5, 8);
medio — (remedio, medio, XXIX, 1, 4);
odas — (bodas, todas, tenlodas, V, 5, 8, 9);
on — (Crespellon, mamilon, XXIV, 2, 3); (debocion, garçon, XXXIX, 2, 3); (deuocion, garçon, XL, 6, 7);
ona — (mamona, gabona, XXIV, 5, 7);
onales — (bodonales, caronales, XXIII, 2, 3);
onda — (remonda, redonda, XXV, 1, 4);
ones — (saltijones, conuersaciones, XIII, 2, 3);
or — (pastor, mejor, X, 2, 3); (señoreador, fauor, LII, 6, 7);
ores — (pastores, flores, VIII, 2, 3); (señores, pastores, XXXVII, 6, 7);
oria — (gloria, vitoria, XLI, 1, 4);
os — (Dios, nos, XV, 1, 4; LIV, 6, 7); (nhos, Dios, XXXVI, 8, 9); (Dios, vos, XLIV, 5, 8);
osa — (cosa, hermosa, VI, 6, 7); (cosa, espantosa, XXXVII, 8, 9); (hermosa, esposa, XLVII, 7, 8); (desseosa, fermosa, olorosa, graciosa, XLVIII, 1, 4, 5, 8);
ra — (dira, hablara, LVIII, 1, 4);
rados — (lletrados, alumbrados, LIII, 2, 3);
ral — (mendral, natural, XXIV, 6, 8);
tio — (natio, tio, XXI, 1, 4);
tor — (pastor, redemptor, XXXV, 1, 2);
uça — (negruça, valmuça, XXV, 6, 7);
udo — (rodelludo, mudo, XXIII, 1, 4);
ueño — (sueño, demuño, XXXIII, 2, 3);
una — (fortuna, luna, I, 6, 7);
undo — (mundo, segundo, LIV, 2, 3);
uño — (torruño, Nuño, IX, 2, 3); (matrimuño, nuño, XIX, 6, 7);
ura — (frescura, ventura, VIII, 6, 7);
ydos — (oydos, gemidos, X, 6, 7); (oydos, sentidos, XLVIII, 6, 7);
zer — (plazer, hazer, XVIII, 1, 4).

8.7. Das 349 palavras de rima consoante, que o *Auto Pastoril Castelhano* tem, 318 mostram-na incompleta, e só 31, completa; a maioria, pois, vai para aquelas.

8.8. A seguir apontam-se os verbetes remissivos, com os quais se pretende facilitar o encontro das terminações rimadas. Nestes verbetes, atendeu-se ora à presença antecipada de vogais, ora a recursos gráficos, os empregos de *h* e de *u* por *v* e vice-versa (41), ora a diferenças rimáticas dentro da estrofe, ora, finalmente, à correspondência rimática pretónica. O verbete remissivo vai em itálico; ambos, o referenciado e o referenciante, ficam separados por vírgula. Assim:

aa, a; *abras*, ablas; *aeis*, eis; *aer*, er; *ahi*, i; *auato*, ato; *azer*, zer; *bendita*, ita; *cion*, on; *çon*, on; *dero*, ero; *eal*, al; *eando*, ando; *ehende*, ende; *eosa*, osa; *esse*, e e; *este*, e e; *ēte*, ente; *ha*, a; *hato*, ato; *hazer*, azer; *he*, e; *hende*, ende; *heo*, eo; *hi*, i; *hito*, ito; *ho*, o; *hos*, os; *i*, in; *iado*, ado; *iales*, ales; *ian*, an; *idos*, ydos; *ie*, e; *iega*, ega; *ielos*, elos; *iende*, ende; *ienta*, enta; *iera*, era; *ieres*, eres; *iēte*, ente; *io*, o; *io*, yo; *ion*, on; *iones*, ones; *ios*, os; *iosa*, osa; *lon*, on; *llon*, on; *mal*, al; *migo*, igo; *nal*, al; *nales*, onales; *nho*, ho; *nhos*, hos; *o*, ue o; *oado*, ado; *ouecho*, echo; *ohi*, i; *oin*, in; *ouer*, er; *ouible*, ible; *oydos*, ydos; *ra*, a; *ras*, as; *sible*, ible; *ssible*, ible; *ua*, a; *ual*, al; *uan*, an; *uando*, ando; *uar*, ar; *uato*, ato; *ue*, e; *ue*, ue o; *uecho*, echo; *uejos*, ejos; *uelos*, clos; *uella*, ella; *uenas*, enas; *uenta*, enta; *ueño*, ue o; *ueño*, eño; *uer*, er; *uer*, ue o; *uermo*, ue o; *ues*, es; *ui*, i; *uible*, ible; *uieres*, eres; *uillas*, illas; *uillos*, illos; *uitas*, itas; *uño*, ueño; *uor*, or; *uuieres*, eres; *yelos*, elos; *yo*, o; *zer*, azer; *zita*, ita.

8.9. Em algumas estrofes, poucas embora, encontra-se a mesma terminação, já em rima consoante completa, já em rima consoante incompleta, como na estrofe XXXI, 6, 7, 9: *mal, animal, mortal*. Dá-se isso também nestoutras: LV, 1, 3, 6, 7: *eternal, immortal, ygual, humanal*; XXXVIII, 5, 8, 9: *xauato, hato, siluato*; LIV, 1, 4, 5, 8: *cordero, primero, here-*

dero, verdadero; LVI, 2, 3, 6, 7: *veres, es, enues, es*; LV, 2, 4, 5, 8: *vesible, immouible, inuisible, impossible*; XXX, 5, 8, 9: *comigo, amigo, castigo*; XLII, 1, 4, 5, 8, 9: *pobrezita, bendita, camazita, bendita, infinita.*

8.10. Depararam-se-nos algumas dificuldades, no capítulo da Rima, além das que assinalámos atrás, para a agrupação que fizemos.

Nas estrofes XXIV, XXXIX e XL, classificámos de consoante, e incompleta, a rima *on* (e não toante, como também poderá ser, pelo menos o primeiro caso), por causa da consoante que participa da sílaba tónica: acolá, palatal (ll) com apical (l); nas últimas, palatais *c*, em *ci*, com *ç*.

Na estância LV, a rima consoante do verso 8 talvez se possa considerar completa com os versos 2 e 5, por causa das consoantes intervocálicas: *s* (vesible, inuisible) e *ss* (impossible). Mas é de supor que se observasse a distinção, ainda hoje verificada em português: *sonora* e *surda.*

8.11. Do ponto de vista da classificação da rima, através da categoria gramatical das palavras a que pertence a assonância, temos o seguinte quadro:

Advérbio + advérbio: I, 2-3;
Advérbio + advérbio + advérbio: XXIX, 6-7-8;
Advérbio + interjeição: XVIII, 2-3; XLI, 2-3;
Advérbio + nome: XXVIII, 1-4; XXIX, 5-9;
Advérbio + nome + nome: XXX, 5-8-9; XXXI, 6-7-9;
Advérbio + nome + nome + nome: XVII, 6-7-9-10;
Advérbio + verbo: XXXVI, 1-4;
Nome: XXX, 4; XXXIV, 2-3; XXXVI, 5; XXXIX, 1;
Nome + advérbio: II, 1-4; IX, 6-7; X, 2-3; XII, 6-7; XXIX, 1-4;
Nome + nome: I, 1-4; 6-7; II, 6-7; III, 1-4; V, 2-3; VI, 2-3; 6-7; VIII, 1-4; 2-3; 6-7; IX, 1-4; 2-3; X, 1-4; 6-7; XII, 1-4; XIII, 2-3; XIV, 2-3; 6-7; XVI, 1-4; 2-3; 6-7; XVII, 1-4; 2-3; XIX, 1-4; 2-3; 6-7; XX, 2-3; XXI, 1-4; XXII, 1-4; 2-3; XXIII, 1-4; 2-3; XXIV, 1-4; 2-3;

5-7; 6-8; XXV, 1-4; 2-3; 5-8; 6-7; XXVI, 1-4; 2-3; 5-8; 6-7; XXVII, 1-4; 2-3; 5-8; 6-7; XXVIII, 2-3; 5-8; XXIX, 2-3; XXX, 6-7; XXXI, 2-3; XXXII, 1-4; XXXIII, 2-3; XXXV, 1-2; XXXVI, 2-3; 6-7; XXXVII, 1-4; 6-7; 8-9; XXXVIII, 2-3; 6-7; XXXIX, 2-3; XL, 2-3; 6-7; XLI, 1-4; XLII, 1-4; 6-7; XLIV, 2-3; 6-7; XLVII, 2-3; 7-8; XLVIII, 1-4; 5-8; 6-7; XLIX, 1-4; 2-3; 5-8; L, 2-3; 5-8; LI, 2-3; 5-8; 6-7; LII, 6-7; LIII, 1-4; 2-3; 5-8; LIV, 1-4; LV, 1-3; 2-4; 5-8; 6-7; LVII, 2-3; LVIII, 2-3;

Nome + nome + advérbio: I, 5-8-9; IX, 5-8-9;

Nome + nome + nome: II, 5-8-9; VIII, 5-8-9; XIII, 5-8-9; XXXVIII, 5-8-9; XL, 1-4-5; XLII, 5-8-9; XLIII, 1-4-5; LVI, 1-4-5;

Nome + nome + pronome: XLVII, 1-4-5;

Nome + nome + verbo: V, 5-8-9; XII, 5-8-9; XLVI, 1-2-3;

Nome + pronome: XV, 1-4; XLIV, 5-8; LIV, 6-7;

Nome + verbo: III, 2-3; IV, 1-2; V, 6-7; XVIII, 1-4; XXI, 2-3; XXVIII, 6-7; XXXVIII, 1-4; XLV, 1-2; L, 1-4; 6-7; LI, 1-4; LIII, 6-7;

Onomatopeia + nome: XIV, 1-4;

Pronome + nome: XXXVI, 8-9;

Pronome + pronome: XXXII, 2-3; XLVII, 6-9;

Pronome + verbo: XI, 2-3; XXXI, 5-8; XXXIV, 1-4;

Pronome + verbo + verbo: XLI, 5-6-9;

Verbo: XX, 1; XXXVII, 5;

Verbo + advérbio: V, 1-4; VII, 6-7, XI, 6-7; XIII, 6-7; XVII, 5-8;

Verbo + advérbio + nome: XXX, 1-2-3;

Verbo + advérbio + pronome: XVIII, 5-8-9;

Verbo + advérbio + verbo: XVI, 5-8-9;

Verbo + conjunção: LII, 2-3;

Verbo + interjeição: LVII, 5-8;

Verbo + nome: VI, 1-4; VII, 1-4; 2-3; XI, 1-4; XIII, 1-4; XVIII, 6-7; XLVIII, 2-3; XLIX, 6-7; LII, 1-4; LVII, 6-7;

Verbo + nome + verbo: VI, 5-8-9; X, 5-8-9; XI, 5-8-9; XLIII, 6-9-10; XLVI, 4-5-6;

Verbo + verbo: II, 2-3; XII, 2-3; XV, 2-3; 6-7; XIX, 5-8; XXXI, 1-4; XXXIII, 1-4; XXXVII, 2-3; XLI, 7-8; XLII,

2-3; XLIII, 2-3; 7-8; XLIV, 1-4; LII, 5-8; LVII, 1-4; LVIII, 1-4;
Verbo + verbo + advérbio: XIV, 5-8-9;
Verbo + verbo + nome: VII, 5-8-9;
Verbo + verbo +nome + verbo: LVI, 2-3-6-7;
Verbo + verbo + verbo: XV, 5-8-9.

Em resumo: domínio total dos Nomes (substantivos, adjectivos e particípios passados) — 284; Verbos, 96; Advérbios, 29; Pronomes, 14; Interjeições, 3; Conjunções, 1; Onomatopeias, 1.

8.12. Damos a seguir o vocabulário rimado do *Auto Pastoril Castelhano* (à mesma, os números romanos mostram as estrofes; os árabes, os versos dentro da estrofe):

ablas (—, cabras), XI, 1-4;
abejon — Vid.: bejon;
abrigada (majada, —), I, 1-4;
abrigado (—, peccado, priado), I, 5-8-9; (priado, gasajado, —, assombrado), XVII, 6-7-9-10;
aca (—, ha), XVIII, 2-3; XLI, 2-3;
acompañado (—, peccado, priado), IX, 5-8-9;
acostar (—, santiguar), XXXIII, 1-4;
adiuinar (—, começar), XXXI, 1-4;
adorada (posada, —), XLII, 6-7;
agenas (buenas, penas, —), XIII, 5-8-9;
ahi (di, —), XI, 6, 7;
ahi — Vid.: dahi;
ahijado (—, pelado), XXII, 1-4;
alegria (serrania, —), LVIII, 2-3;
alumbrados (lletrados, —), LIII, 2-3;
alli (aqui, —), I, 2-3;
alli — Vid.: talli;
amientes (vallientes, —), XII, 6-7;
amigo (comigo, —, castigo), XXX, 5-8-9;
ando (—, quando), VII, 6-7;
animal (mal, —, mortal), XXXI, 6-7-9;

ansi (aqui, alli, —), XXIX, 6-7-8;
añazeando (—, holgando), II, 2-3;
aosadas (majadas, —), IX, 6-7;
apartado (—, peccado), V, 2-3;
aparto — Vid.: saparto;
aqua (vera, —, yra), XVI, 5-8-9;
aquella (donzella, estrella, ella, —, ella), XLVII, 1-4-5-6-9;
aqui (—, alli), I, 2, 3; (di, —), XVII, 5-8; (—, alli, ansi), XXIX, 6-7-8;
as (—, mas), V, 1-4;
asseo (otheo, —, veo), VI, 5-8-9;
assomada (majada, —), XVI, 2-3;
assombrado (priado, gasajado, abrigado, —), XVII, 6-7-9-10;
barrancon (—, tizon), XVI, 6-7;
Bastian (—, Juan), XVII, 2-3;
baylando (—, oteando), XII, 2-3;
bejon (terron, —), XXIX, 2-3;
bendita (pobrezita, —, camazita, —, infinita), XLII, 1-4-5-8-9; (—, morenita, visita), XLVI, 1-2-3;
benditas (cabritas, —), VI, 2-3;
bendito (niñito, —, grito), XL, 1-4-5; (bonito, hito, espirito, —), LIII, 1-4-5-8;
bendizidera (cabrera, —), XXV, 2-3;
bestiales (—, tales), XLIV, 6-7;
bodas (—, todas, tenlodas), V, 5-8-9;
bodonales (—, caronales), XXIII, 2-3;
bonito (—, hito, espirito, bendito), LIII, 1-4-5-8;
borrega (plega, —), XVIII, 6-7;
Bras (tras, —, estas, das, mas), XIV, 1-4-5-8-9; (daras, mas, —), XXX, 1-2-3;
buenas (—, penas, agenas), XIII, 5-8-9;
buscar (prestar, —), XV, 2-3;
cabras (ablas, —), XI, 1-4;
cabrera (—, bendizidera), XXV, 2-3;
cabritas (—, benditas), VI, 2-3; (—, poquitas), XIV, 6-7;
callara (pensara, vara, —), XLIII, 6-9-10;
camazita (pobrezita, bendita, —, bendita, infinita), XLII, 1-4-5-8-9;

camino (magino, —), VII, 1-4;
cantar (pesar, —), III, 2-3;
canticar (—, lugar), VI, 1-4;
caramillas — Vid. : encaramillas;
caramillos (—, grillos), XXXVI, 6-7; (prauillos), —, XXXVIII, 6-7;
careo (oteo, desseo, —), X, 5-8-9;
caronales (bodonales, —), XXIII, 2-3;
carrera (—, verdadera), LI, 6-7;
castigo (comigo, amigo, —), XXX, 5-8-9;
ceño (—, sueño), III, 1-4;
cerrada (plantada, hallada, —, sagrada), XLIX, 1-4-5-8;
cielos (yelos, —, pañizuelos), XLIII, 1-4-5;
Clemente (Vicente, —), XVII, 1-4;
començar (adiuinar, —), XXXI, 1-4;
comieron (—, murieron, perdieron), XV, 5-8-9;
comigo (digo, —), XIII, 6-7; (—, amigo, castigo), XXX, 5-8-9;
compaña (—, montaña), X, 1-4;
comprehende (—, entiende), XLI, 7-8;
conuersaciones (saltijones, —), XIII, 2-3;
cõpañero (—, primero), XXXI, 2-3;
cordero (—, primero, heredero, verdadero), LIV, 1-4-5-8;
corral (real, zagal, —), VIII, 5-8-9;
cosa (—, hermosa), VI, 6-7; (—, espantosa), XXXVII, 8-9;
crespellon (—, mamilon), XXIV, 2-3;
chançonetas (rosetas, —), II, 6-7;
chapada (damada, —), XX, 2-3;
chapado (—, desposado), XIX, 1-4;
dahi (—, ohi), XXXVI, 1-4;
damada (—, chapada), XX, 2-3;
dar (llugar, —), XXXVIII, 1-4;
daras (—, mas, Bras), XXX, 1-2-3;
das (tras, Bras, estas, —, mas), XIV, 1-4-5-8-9;
debocion (—, garçon), XXXIX, 2-3;
della (donzella, estrella, ella, aquella, —), XLVII, 1-4-5-6-9;
demuño (sueño, —), XXIII, 2-3;
deprendi (roin, —, llatin, florin), L, 1-4-5-6;
descendio (—, saparto), LVIII, 1-4;

despelluzados (lleuantados, —), XXXVI, 1-4;
desposado (chapado, —), XIX, 1-4; (priado, —, gasajado, loado), XXVIII, 1-4-5-8;
dessea (—, mea), XLIX, 6-7;
desseo (oteo, —, careo), X, 5-8-9;
desseosa (—, fermosa, olorosa, graciosa), XLVIII, 1-4-5-8;
deuocion (—, garçon), XXXIX, 6-7;
dezia (—, mia), XLVIII, 2-3;
di (—, ahi), XI, 6-7; (—, aqui), XVII, 5-8;
digo (—, comigo), XIII, 6-7;
dio (—, nho, yo), XVIII, 5-8-9;
Dios (—, nos), XV, 1-4; LIV, 6-7; (nhos, —), XXXVI, 8-9; (—, vos), XLIV, 5-8;
dira (—, hablara), LVIII, 1-4;
domado (—, ganado), VIII, 1-4;
domingo (respingo, —), IX, 1-4;
dominguejos (—, vermejos), XXVII, 2-3;
donzella (—, estrella, ella, aquella, della), XLVII, 1-4-5-6-9;
dudar (lugar, —), XXI, 2-3;
dueño (enseño, sueño, —), VII, 5-8-9;
duermo (sueño, —), IV, 1-2;
dygreja (peleja, —), L, 2-3;
ella (donzella, estrella, —, aquella, della), XLVII, 1-4-5-6-9;
embio (tio, —, poderio, mio), LI, 1-4-5-8;
encaramillas — Vid.: ten caramillas;
engendro (yo, ñascio, —), XLI, 5-6-9;
enlodas — Vid.: tenlodas;
enseño — Vid.: menseño;
entiende (—, comprehende), XLI, 7-8;
enues (veres, es, —, es), LVI, 2-3-6-7;
eres (—, poderes, estuuieres, quisieres), LII, 1-4-5-8;
es (veres, —, enues, —), LVI, 2-3-6-7;
espantosa (cosa, —), XXXVII, 8-9;
espetera (—, madera), XXVI, 6-7;
espinos (—, finos), XLIX, 2-3;
espirito (bonito, hito, —, bendito), LIII, 1-4-5-8;
esposa (hermosa, —), XLVII, 7-8;
esse (—, este), XXXII, 2-3;

esta (—, ha), LVII, 5-8;
estas (tras, Bras, —, das, mas), XIV, 1-4-5-8-9;
este (esse, —), XXXII, 2-3;
estrella (donzella, —, ella, aquella, della), XLVII, 1-4-5-6-9;
estuuieres (eres, poderes, —, quisieres), LII, 4-5-8;
eternal (—, immortal, ygual, humanal), LV, 1-3-6-7;
fauor (señoreador, —), LII, 6-7;
fermosa (desseosa, —, olorosa, graciosa), XLVIII, 1-4-5-8;
finos (espinos, —), XLIX, 2-3;
flaca (—, vaca), XXVII, 6-7;
flores (pastores, —), VIII, 2-3;
florin (roin, deprendi, llatin, —), L, 1-4-5-8;
fortuna (—, luna), I, 6-7;
frescura (—, ventura), VIII, 6-7;
fue (pie, he, —), XII, 5-8-9;
gabona (mamona, —), XXIV, 5-7;
ganado (domado, —), VIII, 1-4;
gano (—, mano), VII, 2-3;
garçon (debocion, —), XXXIX, 2-3; (deuocion, —), XL, 6-7;
gasajado (priado, —, abrigado, assombrado), XVII, 6-7-9-10; (priado, desposado, —, loado), XXVIII, 1-4-5-8;
gemidos (oydos, —), X, 6-7;
gloria (—, vitoria), XLI, 1-4;
graciosa (desseosa, fermosa, olorosa, —), XLVIII, 1-4-5-8;
grillos (caramillos, —), XXXVI, 6-7:
grito (niñito, bendito, —), XL, 1-4-5;
ha (aca, —), XVIII, 2-3; XLI, 2-3; (estaa, —), LVII, 5-8;
hablara (dira, —), LVIII, 2-3;
hablas — Vid.: ablas;
hallada (plantada, —, cerrada, sagrada), XLIX, 1-4-5-8;
has — Vid:. as;
hato (—, rato), II, 1-4; (xauato, —, siluato), XXXVIII, 5-8-9;
hazeis (—, traeis), XLIV, 1-4;
hazer (traer, —), XV, 6-7; (plazer, —), XVIII, 1-4; (—, ver), XXXVII, 2-3;
he (pie, —, fue), XII, 5-8-9;
hemencia (—, reuelencia), XLIV, 2-3;
heredero (cordero, primero, —, verdadero), LIV, 1-4-5-8;

hermano (—, verano), XIX, 2-3;
hermosa (cosa, —), VI, 6-7; (—, esposa), XLVII, 7-8;
hilada (hõrrada, nada, preñada, —), XXVI, 1-4-5-8;
hito (bonito, —, espirito, bendito), LIII, 1-4-5-8;
holgando (añazeando, —), II, 2-3;
honrrado (rellatado, —), XXVI, 2-3;
hõrrada (—, nada, preñada, hilada), XXVI, 1-4-5-8;
humanal (eternal, immortal, ygual, —), LV, 1-3-6-7;
immortal (eternal, —, ygual, humanal), LV, 1-3-6-7;
immouible (vesible, —, inuisible, impossible), LV, 2-4-5-8;
impossible (vesible, immouible, inuisible, —), LV, 2-4-5-8;
infinita (pobrezita, bendita, camazita, bendita, —), XLII, 1-4-5-8-9;
intrinsienes (—, tienes), XIX, 5-8;
inuisible (vesible, immouible, —, impossible), LV, 2-4-5-8;
Juan (Bastian, —), XVII, 2-3;
jugada (—, porrada), XXX, 6-7;
loado (priado, desposado, gasajado, —), XXVIII, 1-4-5-8;
lugar (canticar, —), VI, 1-4; (—, dudar), XXI, 2-3;
luna (fortuna, —), I, 6-7;
llatin (roin, deprendi, —, florin), L, 1-4-5-8;
lletrados (—, alumbrados), LIII, 2-3;
lleuantados (—, despelluzados), XXXVII, 1-4;
llhouer (plazer, —), XXVIII, 6-7;
llorando (temblando, —), XLIII, 2-3;
llorente (—, pariẽte), XXIV, 1-4;
llozida (vestida, —, parida, vendida), XXVII, 1-4-5-8;
llugar (—, dar), XXXVIII, 1-4;
madera (espetera, —), XXVI, 6-7;
madre (—, padre), XXII, 2-3; (padre, —), LVII, 2-3;
madrugada (majada, —), XXVIII, 2-3;
magino (—, camino), VII, 1-4;
majada (—, abrigada), I, 1-4; (—, assomada), XVI, 2-3; (—, madrugada), XXVIII, 2-3;
majadas (—, aosadas), IX, 6-7;
mal (—, animal, mortal), XXXI, 6-7-9;
Malachias (perfecias, —), LI, 2-3;
mamilon (crespellon, —), XXIV, 2-3;

mamona (—, gabona), XXIV, 5-7;
mano (gano, —), VII, 2-3; (templano, —), XXIX, 5-9;
mantenga (Menga, —), XLV, 1-2; (venga Menga, —), XLVI, 4-5-6;
marauillas (ten caramillas, —), LVII, 6-7;
mas (as, —), V, 1-4; (tras, Bras, estas, das, —), XIV, 1-4-5--8-9; (daras, —, Bras), XXX, 1-2-3;
matrimuño (—, nuño), XIX, 6-7;
mayo (—, rayo, sayo), LVI, 1-4-5;
mea (dessea —), XLIX, 6-7;
medio (remedio, —), XXIX, 1-4;
mejor (pastor, —), X, 2-3;
mendral (—, natural), XXIV, 6-8;
Menga (—, mantenga), XLV, 1-2; (venga, —, mantenga), XLVI, 4-5-6;
menseño (—, sueño, dueño), VII, 5-8-9;
mia (dezia, —), XLVIII, 2-3);
mio (tio, embio, poderio, —), LI, 1-4-5-8;
mios (—, vazios), XXXVIII, 2-3;
moluido (yo, —), XXXIV, 1-4;
montaña (compaña, —), X, 1-4;
morenita (bendita, —, visita), XLVI, 1-2-3;
mortal (mal, animal, —), XXXI, 6-7-9;
mortales (zagales, —), XVI, 1-4;
mudo (rodelludo, —), XXIII, 1-4;
mundo (—, segundo), LIV, 2-3;
murieron (comieron, —, perdieron), XV, 5-8-9;
nada (hõrrada, —, preñada, hilada), XXVI, 1-4-5-8;
natio (—, tio), XXI, 1-4;
natural (mendral, —), XXIV, 6-8;
negruça (—, valmuça), XXV, 6-7;
niñito (—, bendito, grito), XL, 1-4-5;
nos (Dios, —), XV, 1-4; LIV, 6-7;
Nuño (torruño, —), IX, 2-3; (matrimuño, —), XIX, 6-7;
ñascer (—, padecer), XLII, 2-3;
ñascida (prellozida, —), XLVII, 2-3;
ñascio (yo, —, engendro), XLI, 5-6-9;
nhacido (—, prometido), XL, 2-3;

nho (dio, —, yo), XVIII, 5-8-9;
nhos (—, Dios), XXXVI, 8-9;
ohi (dahi, —), XXXVI, 1-4;
olorosa (desseosa, fermosa, —, graciosa), XLVIII, 1-4-5-8;
oluido — Vid.: moluido;
oteando (baylando, —), XII, 2-3;
oteo (—, desseo, careo), X, 5-8-9;
otheo (—, asseo, veo), VI, 5-8-9;
oydos (—, gemidos), X, 6-7; (—, sentidos), XLVIII, 6-7;
padecer (ñascer, —), XLII, 2-3;
padre (madre, —), XXII, 2-3; (—, madre), LVII, 2-3;
pañizuelos (yelos, cielos, —), XLIII, 1-4-5;
parida (vestida, llozida, —, vendida), XXVII, 1-4-5-8; (venida, —), XXXVI, 2-3;
parienta (plaguenta, —), XXV, 5-8;
pariẽte (llorente, —), XXIV, 1-4;
passado (peccado, —), XXXII, 1-4;
pastor (—, mejor), X, 2-3; (—, redemptor), XXXV, 1-2;
pastores (—, flores), VIII, 2-3; (señores, —), XXXVII, 6-7;
peccado (abrigado, —, priado), I, 5-8-9; (apartado, —), V, 2-3; (acompañado, —, priado), IX, 5-8-9; (—, passado), XXXII, 1-4;
pega (—, borrega), XVIII, 6-7;
pelado (ahijado, —), XXII, 1-4;
peleja (—, dygreja), L, 2-3;
penas (buenas, —, agenas), XIII, 5-8-9;
pensara (—, vara, callara), XLIII, 6-9-10;
perdido (—, sentido), XIV, 2-3;
perdieron (comieron, murieron, —), XV, 5-8-9;
perfecias (—, Malachias), LI, 2-3;
pesar (—, cantar), III, 2-3;
picado (—, tresportado), XII, 1-4;
pie (—, he, fue), XII, 5-8-9;
plaguenta (—, parienta), XXV, 5-8;
plantada (—, hallada, cerrada, sagrada), XLIX, 1-4-5-8;
plazer (—, hazer), XVIII, 1-4; (—, llhouer), XXVIII, 6-7; (—, saber), L, 6-7; (—, ver), LIII, 6-7;
pliega (—, vega, soniega), XI, 5-8-9;

pobrezita (—, bendita, camazita, bendita, infinita), XLII, 1-4--5-8-9;
poderes (eres, —, estuuieres, quisieres), LII, 1-4-5-8;
poderio (tio, embio, —, mio), LI, 1-4-5-8;
poquitas (cabritas, —), XIV, 6-7;
porrada (jugada, —), XXX, 6-7;
posada (—, adorada), XLII, 6-7;
prauillos (—, caramillos), XXXVIII, 6-7;
prellozida (—, ñascida), XLVII, 2-3;
preñada (hõrrada, nada, —, hilada), XXVI, 1-4-5-8;
prestar (—, buscar), XV, 2-3;
priado (abrigado, peccado, —), I, 5-8-9; (acompañado, peccado, —), IX, 5-8-9; (—, gasajado, abrigado, assombrado), XVII, 6-7-9-10; (—, desposado, gasajado, loado), XXVIII, 1-4-5-8;
primero (cõpañero, —), XXXI, 2-3; (cordero, —, heredero, verdadero), LIV, 1-4-5-8;
prometido (nhacido, —), XXXIX, 2-3;
prophetando (—, quando), LII, 2-3;
prouecho (sospecho, —), XIII, 1-4;
quando (ando, —), VII, 6-7; (prophetando, —), LII, 2-3;
que (—, ve), XXXI, 5-8;
quisieres (eres, poderes, estuuieres, —), LII, 1-4-5-8;
rato (hato, —), II, 1-4;
rayo (Mayo, —, sayo), LVI, 1-4-5;
real (—, zagal, corral), VIII, 5-8-9;
redemptor (pastor, —), XXXV, 1-2;
redonda (remonda, —), XXV, 1-4;
rellatado (—, honrrado), XXVI, 2-3;
remedio (—, medio), XXIX, 1-4;
remonda (—, redonda), XXV, 1-4;
respingo (—, domingo), IX, 1-4;
reuelencia (hemencia, —), XLIV, 2-3;
rodelludo (—, mudo), XXIII, 1-4;
roin (—, deprendi, llatin, florin), L, 1-4-5-8;
rosetas (—, chançonetas), II, 6-7;
saber (plazer, —), L, 6-7;
sacas (vacas, —), V, 6-7;

sagrada (plantada, hallada, cerrada, —), XLIX, 1-4-5-8;
saltijones (—, conuersaciones), XIII, 2-3;
sano (verano, vfano, —), II, 5-8-9;
santiguar (acostar, —), XXXIII, 1-4;
saparto (descendio, —), LVIII, 1-4;
sayo (Mayo, rayo,—), LVI, 1-4-5;
segundo (mundo, —), LIV, 2-3;
sentido (perdido, —), XIV, 2-3;
sentidos (oydos, —), XLVIII, 6-7;
señoreador (—, fauor), LII, 6-7;
señores (—, pastores), XXXVII, 6-7;
serrania (—, alegria), LVIII, 2-3;
siluato (xauato, hato, —), XXXVIII, 5-8-9;
soniega (pliega, vega, —), XI, 5-8-9;
sospecho (—, prouccho), XIII, 1-4;
sueño (ceño, —), III, 1-4; (—, duermo), IV, 1-2; (menseño, —, dueño), VII, 5-8-9; (—, demuño), XXXIII, 2-3;
supiera (—, truxera), XLIII, 7-8;
tales (bestiales, —), XLIV, 6-7;
talli (aqui, —, ansi), XXIX, 6-7-8;
temblando (—, llorando), XLIII, 2-3;
templano (—, mano), XXIX, 5-9;
ten caramillas (—, marauillas), LVII, 6-7;
tenlodas (bodas, todas, —), V, 5-8-9;
terron (—, bejon), XXIX, 2-3;
tienes (intrinsienes, —), XIX, 5-8;
tio (natio, —), XXI, 1-4; (—, embio, poderio, mio), LI, 1-4-5-8;
tizon (barrancon, —), XVI, 6-7;
todas (bodas, —, tenlodas), V, 5-8-9;
torruño (—, Nuño), IX, 2-3;
traeis (hazeis, —), XLIV, 1-4;
traer (—, hazer), XV, 6-7;
tras (—, Bras, estas, das, mas), XIV, 1-4-5-8-9;
tresportado (picado, —), XII, 1-4;
truxera (supiera, —), XLIII, 7-8;
vaca (flaca, —), XXVII, 6-7;
vacas (—, sacas), V, 6-7;
valmuça (negruça, —), XXV, 6-7;

vallientes (—, amientes), XII, 6-7;
vara (pensara, —, callara), XLIII, 6-9-10;
vazios (mios,—), XXXVIII, 2-3;
ve (que, —), XXXI, 5-8;
vega (pliega, —, soniega), XI, 5-8-9;
vendida (vestida, llozida, parida, —), XXVII, 1-4-5-8;
venga (—, Menga, mantenga), XLVI, 4-5-6;
venida (—, parida), XXXVI, 2-3;
ventura (frescura, —), VIII, 6-7;
veo (otheo, asseo, —), VI, 5-8-9;
ver (hazer, —), XXXVII, 2-3; (plazer, —), LIII, 6-7;
vera (—, aqua, yra), XVI, 5-8-9;
verano (—, vfano, sano), II, 5-8-9; (hermano, —), XIX, 2-3;
verdadera (carrera, —), LI, 6-7;
verdadero (cordero, primero, heredero, —), LIV, 1-4-5-8;
veres (—, es, enues, es), LVI, 2-3-6-7;
vermejos (dominguejos, —), XXVII, 2-3;
vesible (—, immouible, inuisible, impossible), LV, 2-4-5-8;
vestida (—, llozida, parida, vendida), XXVII, 1-4-5-8;
vfano (verano, —, sano), II, 5-8-9;
Vicente (—, Clemente), XVII, 1-4;
vio (yo, —), XI, 2-3;
visita (bendita, morenita, —), XLVI, 1-2-3;
vitoria (gloria, —), XLI, 1-4;
vos (Dios, —), XLIV, 5-8;
xauato (—, hato, siluato), XXXVIII, 5-8-9;
yelos (—, cielos, pañizuelos), XLIII, 1-4-5;
ygreja — Vid.: dygreja;
ygual (eternal, immortal, —, humanal), IV, 1-3-6-7;
yo (—, vio), XI, 2-3; (dio, nho, —), XVIII, 5-8-9; (—, moluido), XXXIV, 1-4; (—, nascio, engendro), XLI, 5-6-9;
yra (vera, aqua, —), XVI, 5-8-9;
zagal (real, —, corral), VIII, 5-8-9;
zagales (—, mortales), XVI, 1-4.

8.13. Prosseguimos na recolha das sequências vocálicas (42), cuja importância é fundamental para a divisão silá-

bica do verso; aqui mostramos as encontradas no *Auto Pastoril Castelhano*:

a (< a e) > a (= ae)
al (= a el): al, IX, 1; XXIX, 3; XXXVIII, 1;

a (< e a) > a (= ea)
talli (= te alli): ta-lli, XXIX, 7; dagora (= de agora): da-go-ra, XL, 2; dachaque (= de achaque): da-cha-que, L, 3; saparto (= se apartó): sa-par-to, LVII, 4;

aa (= á)
estaa (= está): es-taa, I, 1; 7; XVII, 8; XXVI, 8; XXX, 3; XLIII, 2; LVII, 5; llooeraa (= lloverá): llo-ue-raa, I, 9; aparejaraa (= aparejará): a-pa-re-ja-raa, LI, 6;

a a > aa
naquella abrigada: na-que-llaa-bri-ga-da, I, 4; anda acompañado: an-daa-com-pa-ña-do, IX, 5; boca abierto: bo-caa-bier-to, XII, 4; naquella assomada: na-que-llaa-sso-ma-da, XVI, 3; nhunca alla (= nhunca allá): nhun-caa-lla, XVI, 9; a adiuinar (= a adivinar): aa-di-ui-nar, XXXI, 1; tonica acordada (= tónica acordada): to-ni-caa-cor-da-da, XXXVI, 5; mantenga a: man-ten-gaa, XLI, 1; comiença a· co-mien-çaa, XLII, 3; pulchra amica: pul-chraa-mi-ca, XLIX, 7;

a a > a a
alça alça: al-ça-al-ça, XXX, 2;

ã a (= an a) > ã a
tan amientes: tan-a-mien-tes, XII, 7; tan a: tan-a, L, 6;

ã a [= an (h)a] ([43]) > ã a
gran hato: gran-(h)a-to, VIII, 4;

a ã (= a an) > a ã
anda anda: an-da-an-da, IX, 5;

à ã (= an an) > ã ã
eran angeles (= eran ángeles): e-ran-an-ge-les, XXXVI, 9;

aa a (= á a) > aaa (= áa)
estaa aqui (= está aqui): es-taaa-qui, XVII, 8;

aa i (= á i) [= aa (h)i] > a i
estaa hilada: es-taa-hi-la-da, XXVI, 8;

ã a o (= an a o) > ã a o
jugavan a otro: ju-ga-van-a-o-tro, LIII, 4;

ae > a e
traer: tra-er, XV, 6; caere (= caeré): ca-e-re, XVI, 6; traed: tra-e-d, XXXVIII, 4; Disrael (= de Israel): Dis-ra-e-l, LII, 7;

a e > ae [44]
añublada estaa (= añublada está): a-ñu-bla-daes-taa, I, 7; la esposa: laes-po-sa, XX, 1; aora estas (= aora estás): a-o-raes-tas, XXVI, 3; vna espetera (= una espetera): v-naes-pe-te-ra, XXVI, 6;

a e > ae
debroca el: de-bro-cael, III, 4; XXXIII, 2; quita el: qui-tael, IV, 1; cara el: ca-rael, VI, 5; lleua este (= lleva este): lle-uaes-te, XVI, 7; parienta es: pa-rien-taes, XXIV, 8; alça el: al-çael, XXX, 2; nhueua es (= nhueva es): nhue-uaes, XXXVI, 2; para el: pa-rael, XXXVIII, 9; paja es: pa-jaes, XLII, 5; hecha el: he-chael, LVI, 1;

a e > a e [45]
pequeña eres: pe-que-ña-e-res, LII, 1;

a e > a e
podra esso (= podrá esso): po-dra-e-sso, XV, 2; sera esse (= será esse): se-ra-e-sse, XXXII, 2; vẽdra el (= vẽdrá el): vẽ-dra-el, II, 5;

a e [a (h)e] > a e
chapada hemencia: cha-pa-da-he-men-cia, XLIV, 2; zagala hermosa: za-ga-la-her-mosa, XLVII, 7;

-a e [-a (h)e] > -a e
ala he: a-la-he, XII, 8;

aẽ (= aen) > a ẽ (= a en)
traen: tra-en, XIII, 4;

a ẽ (= a en) > aẽ (= aen)
huelga en: huel-gaen, IX, 6;

aei > a ei
traeis: tra-eis, XLIV, 4;

ai > ai
vengais: ven-gai-s, XVII, 6;

ai [= a(h)i] > a i [= a (h)i]
es ahijado (= es a(h)ijado); e-sa-(h)i-ja-do, XXII, 1;

-ai (= aí), [= -a(h)i] > -a í [= -a (h)i]
por ahi (= por aí): po-ra-hi, XI, 7;

-ai (= aí), [= -a(h)i] < -e aí [= -e a(h)i] > -a í[=-a (h)i]
dahi (= de ahi): da-hi, XXXVI, 1;

ao > ao
aosadas: ao-sa-das, IX, 7;

ao [= (h)ao] > ao
hao: hao, XI, 1;

ao [= a(h)o] > a o [= a (h)o]
ahotas: a-ho-tas, XXV, 8;

ao > a o
cascaolhas: cas-ca-o-lhas, XXIV, 3; aora: a-o-ra, XXVI, 3; L, 4;

a o > ao
la oteando: lao-te-an-do, XII, 3;

a o > a o
nhunca otra: nhun-ca-o-tra, XLVII, 3;

au > au
autem: au-tem, XIX, 5;

aũ (= aun) > aũ
aun: aun, X, 1; LVII, 3;

ay > ay [46]
baylando: bay-lan-do, XII, 2; baylemos: bay-le-mos, XVIII, 7;

ay > ay [47]
baylas: bay-las, XVIII, 9; guayta: guay-ta, XXXVIII, 6;

a y > ay
esta y: es-tay, XXXVII, 9; graciosa y: gra-ci-o-say, XLVI, 2;

a y (= á y) > a y
alla yra: a-lla-y-ra, XVI, 9;

aya > ay a
cayado: cay-a-do, VIII, 5;

aya e > ay ae
vaya el: vay-ael, III, 1;

ayo > ay o
rayo: ray-o, LVI, 3;

-ayo > -ay-(o)
Mayo: May-(o), LVI, 1; rayo: ray-(o), LVI, 4; sayo: say-(o), LVI, 5;

ayo ẽ > ay oẽ
rayo ẽ: ray-oẽ, LVI, 1;

a y ue [= a y (h)ue] > ay ue [= ay (h)ue]
canta y huelga: can-tay-huel-ga, IX, 6;

e (< e e) > e (= ee) (48)
destar (= de estar): des-ta-r, XXIX, 4;

e (< e e) > e (= ee)
del (= de el): del, I, 6; VI, 4; IX, 2; XXI, 2; XXII, 2; XXIV, 2; XXIV, 6; XXXIII, 3; XXXIV, 2; XXXIV, 3; XLI, 9; LIV, 4; LVII, 4; dellas (= de ellas): de-llas, V, 8; ques (= que es): ques, XXXV, 2; XLVIII, 7; quel (= que el): quel, XLI, 6; XLIII, 10; desso (= de esso): de-sso, XLIV, 4; della (=de ella): de-lla, XLVII, 9;

ẽ (= en) < e ẽ (= e en) > ẽ
tentiende (= te entiende): ten-tien-de, V, 4; tenlodas (= te enlodas): ten-lo-das, V, 9; menseño (= me enseño): men-se-ño, VII, 5; tenseño (= te enseño): ten-se-ño, IX, 4; dende (= de ende): den-de, XLII, 4; tencaramillas (= te encaramillas): ten-ca-ra-mi-llas, LVII, 6;

ea > ea
señoreador: se-ño-rea-dor, LII, 6;

ea > e a (49)
sea: se-a, XXVIII, 8; ea: e-a, XXIX, 9; mea: me-a, XLVIII, 4; Micheas: Mi-che-as, LII, 2;

ea > e a
real: re-al, VIII, 5; dessearan: de-sse-a-ran, LIII, 7;

-ea > -e-(a)
dessea: de-sse-(a), XLIX, 6; mea: me-(a), XLIX, 7;

eã (= ean) > eã
añazeando: a-ña-zean-do, II, 2;

eã (= ean) > e ã
oteando: o-te-an-do, XII, 3;

e a > ea [50]
me aqui: mea-qui, II, 3; XXIX, 6; me acuerdo: mea-cuer-do, VI, 4; de asseo: dea-sse-o, VI, 8; conociste a: co-no-cis-tea, VIII, 1; me aparto: mea-par-to, XIII, 2; de adiuinar: dea-di-ui-nar, XXXI, 5; lleuantate amiga: lle-uan-ta-tea-mi-ga, XLVIII, 3; dulce a: dul-cea, XLVIII, 7; que aparejaraa: quea-pa-re-ja-raa, LI, 6; se hablara (=se hablará): se(h)a-bla-ra, LVIII, 4; que hazeis: que(h)a-zeis, XLIV, 1; que aues (= que havés): quea-ues, XXVI, 2; que auemos (= que havemos): quea-ue-mos, XVIII, 4; le auemos (= le havemos): lea-ue-mos, XXXVII, 2;

e a > e a [51]
de atillos: de-a-ti-llos, XXVII, 2;

e a [= e (h)a] > e a
que hazer: que-ha-zer, XV, 7; de hazer: de-ha-zer, XVIII, 4; XXXVII, 2;

e a [= e (h)a] > e a [= e (h)a]
que as (= que has): que-as, V, 1;

e a [= e (h)a] > e a
me hablo: me-ha-blo, XIII, 6; Siluestre ha (= Silvestre ha): Sil-ues-tre-ha, XVII, 1; Jarrete ha: Ja-rre-te-ha, XVII, 3;

ẽ a (= en a) > ẽ a [52]
en abrigado: en-a-bri-ga-do, XVII, 9;

e ã (= e am) > eã (= eam)
entre ambos: en-tream-bos, LVI, 5;

e ã (= e an) > eã (= ean)
siempre andas: siem-prean-das, V, 2; parate ansi: pa-ra-tean-si, XXIX, 8;

e ã (= e an) > e ã
que andas: que-an-das, V, 5; que ando: que-an-do, VII, 6;

e ao [= e a(h)o] > e a o [= e a (h)o]
que ahotas: que-a-ho-tas, XLIII, 10;

ea y a > e aya
sea y adorada: se-aya-do-ra-da, XLII, 7;

e ay ẽ e [=e (h)ay ẽ e] > eay ẽ e [= e(h)ay ẽ e]
que ay enel: queay-en-e-l, XXXVIII, 8;

ee (= é)
fee: fee, V, 3; see: see, LI, 3;

eẽ [= e(h)en] > eẽ
comprehende: com-prehen-de, XLI, 8;

e e > ee ([53])
cumpre estar: cum-prees-tar, II, 2; haze escuro: ha-zees--cu-ro, XVI, 5; q̃ estas (= que estás): q̃es-tas, XIX, 1; que estamos: quees-ta-mo-s, XLI, 2; se estaa: sees-taa, XLIII, 2; dize esposa: di-zees-po-sa, XLVII, 8; entre espinos: en-trees-pi-nos, XLIX, 2;

e e [= e (h)e] > ee [= e(h)e]
Syluestre hermano: Syl-ues-treher-ma-no, XIX, 2;

e e > ee
que era: quee-ra, VIII, 2; entre estas: en-trees-tas, VIII, 3; que este: quees-te, IX, 7; que el: queel, VII, 6; que es: quee-s, XIX, 2; XL, 3; viene el: vie-neel, XIX, 3; q̃ es (= que es): q̃es, XX, 3; XXVI, 1; porque el: por-quee-l, XXI, 4; que es: quees, XXIV, 4; XXV, 8; XXVII, 8; XXXVII, 5; L, 6; que eran: quee-ran, XXXVI, 9; suaue eres: su-a-uee-re-s, XLIX, 4; este es: es-tee-s, LIV, 1; 5; haze estas: ha-zees-tas, LXIII, 7;

-e e > -ee
se es: sees, LVI, 7;

e e > e e [54]
porque este: por-que-es-te, LIV, 1;

e e > e e
que es: que-es, XXXVI, 3; este es: es-te-e-s, LIV, 1;

e e [= e (h)e] > e e
parece hermosa: pa-re-ce-hermo-sa, VI, 7;

ẽ e (= en e) > ẽ e [55]
en el: en-el, LI, 8; en hel (= en el): en-(h)el, XXXIV, 2; 3;

ẽ e (= e ẽ e), (= e en e) > en e [56]
quen (= que en) esso: quen-e-sso, LVIII, 4;

e ẽ (= e en) > eẽ (= een)
siempre en: siem-preen, V, 5; me entiende: meen-tien-de, XLI, 7; se engendro: seen-gen-dro, XLI, 9; suene en: sue-neen, XLVIII, 6; grande en: gran-deen, LII, 4; naciste en: na-cis-teen, LVIII, 2;

e ẽ e (= e en e) > eẽ e (= een e) [57]
siempre en el: siem-preen-el, LVII, 2;

ei > ei
veis: veis, I, 3; XXIX, 6; XLI, 2; teneis: te-neis, XVIII, 2; hazeis: ha-zeis, XLIV, 1; mereceis: me-re-ceis, XLIV, 8;

e i [= e (h)i] > e i
se hizo: se-hi-zo, VIII, 9;

ẽ ĩ (= em in) > ẽ ĩ
autem intrinsienes: au-tem-in-trin-sie-nes, XIX, 5;

eo > e o [58]
veo: ve-o, VI, 6; XLII, 3; LVII, 8;

eo > e o
desseosa: de-sse-o-sa, XLVIII, 1;

-eo > -e-(o)

Otheo: o-the-(o), VI, 5; asseo: a-sse-(o), VI, 8; veo: ve-(o), VI, 9; oteo: o-te-(o), X, 5; desseo: de-sse-(o), X, 8; careo: ca-re-(o), X, 9;

e o > eo

siempre oteo: siem-preo-te-o, X, 5;

e oy [= e (h)oy] > eoy

que oy: queoy, XLI, 6;

e u (= e v) > eu (= ev) (59)

me vna (= me una): mev-na, XXVI, 5; XXVII, 5; de vna (= de una): dev-na, XLIII, 9;

e u (= e v) [= e (h)u] > eu (= ev)

que vuiste (= que huviste): quev-uis-te, XX, 1;

e u (= e v) > e u

dite vna: di-te-v-na, XXX, 4;

ẽ ũ (= en un), (= en vn) > ẽ ũ

daren vn: da-ren-vn, L, 8; visten vn: vis-ten-vn, LVI, 5;

e ũ ẽ (= e vn en) > eũ ẽ (= evn en)

de vn enues: devn-en-ues, LVI, 6;

e uyo [= e (h)uyo] > e u yo [= e (h)u yo]

que huyo: que-hu-yo, X, 1;

ey > ey

rey: rey, XXXVII, 6;

e y > ey

allegre y: a-lle-grey, XVII, 10; triste y: tris-tey, XXVII, 6; corre y: co-rrey, XXXI, 8 (repetido); padre y: pa-drey, LV, 6;

e y > e y

inuisible y: in-ui-si-ble-y, LV, 2;

e ya > e ya
que ya: que-ya, XXVIII, 7; XXXIII, 2;

e y ĩ (= e y im) > e y ĩ
mouible y immouible: mo-ui-ble-y-im-mo-ui-ble, LV, 4;

e yo > eyo
que yo: queyo, IX, 2; q̃ yo: q̃yo, XIII, 1;

e yo > e yo
que yo: que-yo, XV, 9;

-e yo > -e yo
que yo: que-yo, XVIII, 9;

eyo yo > ey o yo
creyo yo: crey-o-yo, XXXII, 2;

i (< e i) > i (= ei)
Disrael (= de Israel): Dis-ra-el, LII, 7;

ia > ia
mia: mia, XVIII, 8; rauia (= ravia): ra-uia, XXX, 6;

ia > ia
bestiales: bes-tia-les, XLIV, 6; preciasse: pre-cia-sse, L, 7;

ia > i a
criador: cri-a-dor, XLIII, 4;

ia > i a
Mexia: Me-xi-a, XL, 4; Mexias: Me-xi-as, LIV, 8;

ia > i a (60)
priado: pri-a-do, I, 9; IX, 9; XVII, 6; XXVIII, 1;

ia [= i(h)a] > i a [= i (h)a]
Papiharto: pa-pi-har-to, XXIII, 2; Papiharta: pa-pi-har-ta, XXV, 4;

-ia > -i-(a)

dezia: de-zi-(a), XLVIII, 2; mia: mi-(a), XLVIII, 3; perfecias: per-fe-ci-(as), LI, 2; Melachias: Me-la-chi-(as), LI, 3; serrania: se-rra-ni-(a), LVIII, 2; alegria: a-le-gri-(a), LVIII, 3;

iã (= ian) > i ã

serian: se-ri-an, XXXVI, 7;

-iã = -ian) > -iã

Bastian: Bas-tian, XVII, 2;

i a > ia

si alla: sia-lla, II, 9; si alguno: sial-gu-no, XI, 3; juri a: ju-ria, XIX, 1; XXXVI, 8; XLIII, 6;

i a > i a ([61])

mi az: mi-az, LI, 7; mi hato: mi-(h)a-to, II, 1;

i ã (= i an) > i ã

mi angel: mi-an-ge-l (ou: mi-an-g'l [=j'l]), LI, 4;

ia a > i aa

bia acostar: bi-aa-cos-tar, XXXIII, 1;

ia ẽ (= ia en) > iaẽ (= iaen)

huzia en: hu-ziaen, II, 5;

ia ĩ (=ia in) > iaĩ (= iain)

clemencia infinita: cle-men-ciain-fi-ni-ta, XLII, 9;

ia o > i ao

mi(a) olorosa: mi-(a)o-lo-ro-sa, XLVIII, 5;

ia y > iay

hemencia y: hem-en-ciay, XL, 6;

ie > ie

quiero: quie-ro, I, 2; II, 1; III, 2; VI, 1; X, 2; XIV, 1; XVI, 1; riedro: rie-dro, III, 1; 1; sierras: sie-rras, VI, 3;

cielo: cie-lo, VI, 5; pierde: pier-de, VII, 3; qualquier: qual-quier, VII, 4; pliega: plie-ga, XI, 5; XXX, 5; perdieron: per-die-ron, XI, 7; XV, 9; soniega: so-nie-ga, XI, 9; abierto: a-bier-to, XII, 4; tienes: tie-nes; XIV, 7; XIX, 8; comieron: co-mie-ron, XV, 5; murieron: mu-rie-ron, XV, 8; quieres: quie-res, XVII, 5; viene: vie-ne, XIX, 3; intrinsienes: in-trin-sie-nes, XIX, 5; nieta: nie-ta, XXIV, 1; vieja: vie-ja, XXV, 3; quieren: quie-ren, XXVII, 7; vienese: vie-ne-se, XXVIII, 3; quiere: quie-re, XXVIII, 7; miedo: mie-do, XXX, 1; pardiez: par-diez, XXXVII, 5; priesto: pries-to, XXXVIII, 2; cielos, cie-los, XLIII, 4; supiera: su-pie-ra, XLIII, 7; estuuieres: es-tu-uie-res, LII, 5; quisieres: qui-sie-res, LII, 8; viere: vie-re, LVIII, 1;

-ie > -ie

pie: pie, XII, 5;

iẽ (= iem) > iẽ

siempre: siem-pre, V, 2; 5; X, 5; XIII, 5; 7; XV, 4; LVII, 2;

iẽ (= ien) > iẽ

mientras: mien-tras, III, 4; tentiende: ten-tien-de, V, 4; corriendo: co-rrien-do, V, 6; batiendo: ba-tien-do, XII, 5; vallientes: va-llien-tes, XII, 6; en tan amientes: en-ta-na-mien-tes, XII, 7; pienso: pien-so, XIII, 5; XXIV, 4; encomiendalas: en-co-mien-da-la-s, XV, 1; quien: quien, XVI, 5; XIX, 6; XLIX, 6; rezien: re-zien, XIX, 4; XL, 2; parientes: pa-rien-tes, XIX, 8; bien: bien, XX, 3; XXV, 8; XXXIII, 1; tambien: tam-bien, XXIV, 4; XXIX, 7; pariẽte: pa-riẽ-te, XXIV, 4; parienta: pa-rien-ta, XXIV, 8; XXV, 8; tiengo: tien-go, XXIX, 4; consientes: con-sien-tes, XXX, 9; comience: co-mien-ce, XXXI, 3; viento; vien-to, XXXII, 1; entiendo: en-tien-do, XLI, 7; entiende: en-tien-de, XLI, 7; comiença: co-mien-ça, XLII, 3; nhacimiento: nha-ci-mien-to, LIII, 8;

i e > ie

aqui estaa: a-quies-taa, I, 1; aqui estoy: a-quies-toy, I, 5;

i e > i e
ansi este: an-si-es-te, LVII, 1;

i ẽ (= i en) > i ẽ
vi entre: vi-en-tre, VIII, 3;

iẽ a (= ien a) > iẽ a
bien assombrado: bien-a-ssom-bra-do, XVII, 10;

iẽ a (= ien a) < iẽ a e (= ien a e) > iẽ a
quien al (= quien a el): quien-al, XVIII, 5;

iẽ a [= iẽ (h)a], (= ien a) > iẽ a
quiẽ ablas (= quien hablas): quiẽ-a-blas, XI, 1;

iẽ e (ien e) > iẽ e
quien es: quien-es, XX, 1; quien es: quien-e-s, XLVII, 6; tambien es: tam-bien-es, LVI, 4;

iẽ õ [= ien (h)õ] > iẽ õ ([62])
bien hõrrada: bien-hõ-rra-da, XXVI, 1; bien honrrado: bien-hon-rra-do, XXVI, 3;

io > io ([63])
descluzio: des-clu-zio, IX, 2; lilio: li-lio, XLIX, 1; remedio: re-me-dio, LIV, 4;

io > io
Dios: Dios, II, 5; XI, 5; XV, 6; XX, 3; XXVI, 1; XXVIII, 8; XXX, 5; XLI, 1; XLIV, 5; XLV, 2; XLVI, 6; XLIX, 6; L, 1; conuersaciones: con-uer-sa-cio-nes, XIII, 3; escogio: es-co-gio, XLII, 2; Dios: Dio-s, LV, 5; LVII, 7; graciosa: gra-cio-sa, XLVIII, 8;

io > i o ([64])
tio: ti-o, XIX, 7; frio: fri-o, XLIII, 3;

io > i o
graciosa: gra-ci-o-sa, XLVI, 2;

-io > -io ([65])

dio: dio, XVIII, 5; Dios: Dios, XV, 1; XXXVI, 9; LIV, 6; vio: vio, XI, 3; ñascio: ñas-cio, XLI, 6; descendio: des--cen-dio, LVII, 1;

-io > -i-(o)

natio: na-ti-(o), XXI, 1; tio: ti-(o), XXI, 4; LI, 1; mios: mi-(os), XXXVIII, 2; vazios: va-zi-(os), XXXVIII, 3; em-bio: em-bi-(o), LI, 4; poderio: po-de-ri-(o), LI, 5; mio: mi-(o), LI, 8;

-iõ (= -ion) > -iõ

debocion: de-bo-cion, XXXIX, 2; deuocion: de-uo-cion, XL, 6;

i o [= i (h)o] > i o

aqui holgando: a-qui-hol-gan-do, II, 3;

i yo > iyo

nhi yo: nhiyo, XI, 5;

o (< e o) > o (= eo)

dotro (= de otro): do-tro, VII, 9; moluido (= me oluido): mol-ui-do, XXXIV, 4;

õ (< e õ), (= e on) > õ (= on)

donde (= de onde): don-de, XII, 9;

oa > o a

loado: lo-a-do, XXVIII, 8; loada: lo-a-da, XLII, 7;

o a > oa

lo alli: loa-lli, I, 3; quiero aqui: quie-roa-qui, II, 1; rato a rato: ra-toa-ra-to, II, 4; dalo aqua: da-loa-qua, XVI, 8; vino a: vi-noa, LVII, 3;

o a > o a ([66])

lo a ver: lo-a-ver, XXXVII, 3; nuestro Adan: nues-tro-A--dan, LIV, 3; dado a: da-do-a, LIV, 7; do a: do-a, XXX, 6;

o a > o a [67]

asmo asmo: as-mo-as-mo, V, 9; o algun: o-al-gun, XI, 9; sabello as: sa-be-llo-as, XXXI, 6; Pedruelo ha: Pe-druc--lo-(h)a, XVII, 2; conesso hablas: con-e-sso-(h)a-blas, L, 5;

o a (o a e) > oa (=oae)

esso al (= esso a el): e-ssoal, IX, 4; traxo al (= traxo a el): tra-xoal, XIX, 6; todo al (= todo a el): to-doal, LV, 6;

õ a (= on a) > õ a

con alegria: con-a-le-gri-a, LVIII, 3;

o ay [= o (h)ay] > o ay

no ay: no ay, XXI, 3;

o e > oe [68]

quiero el: quie-roel, III, 2; batiendo el: ba-tien-doel, XII, 5; perdido es: per-di-does, XIV, 2; herrero es: he--rre-roes, XXI, 4; jurado es: ju-ra-does, XXII, 1; nacido el: na-ci-doel, XXXV, 2; niño es: ni-ñoe-s, LV, 1;

o e > oe

quiero estar: quie-roes-tar, XIV, 1; perezoso estas: pe-re--zo-soes-tas, XIV, 5; no estaa: noes-taa, XXVI, 8; como estaa: co-moes-taa, XXX, 3; cuydo estuuieres: cuy-does--tu-uie-res, LII, 5; ahincado espirito: ahin-ca-does-pi-ri-to, LIII, 5; lletrudo estaa: lle-tru-does-taa, LVII, 5;

o e [= o (h)e] > oe [= o(h)e]

hijo heredero: hi-johe-re-de-ro, LIV, 5;

o e > o e [69]

como el: co-mo-el, XLIX, 1; juego este: jue-go-es-te, XXXII, 3;

o e > o e

nho es: nho-es, XXXII, 3; nho es: nho-e-s, XLVII, 2; sino

ella: si-no-e-lla, XLVII, 5; no es: no-e-s, LV, 8; tenseño esso: ten-se-ño-e-sso, IX, 4;

o e > o e
nuestro eterno: nues-tro-e-ter-no, LIV, 6;

o ẽ (= o en) > oẽ (= oen)
repastando en: re-pas-tan-doen, VIII, 6; apartado en: a-par-ta-doen, X, 4; ganado en: ga-na-doen, XII, 7; pienso en: pien-soen, XIII, 5; gano en: ga-noen, XIV, 3;

o ẽ (= o en) > o ẽ
nho entiendo: nho-en-tien-do, XLI, 7; florecido entre: flo-re-ci-do-en-tre, XLIX, 2;

õ e (= on e) > õ e ([70])
con ella: con-e-lla, XXVI, 4; con estos: con-es-to-s, XLIII, 1; con el: con-el, L, 1; con esso: con-e-sso, L, 5;

ô e (= on e) > õ e
terron estaa: te-rron-es-taa, XVII, 8; con hemencia: con-(h)e-men-cia, XL, 6;

oi > o i
roiz: ro-iz, XXIV, 5;

-oĩ (= -oin) > -o in
roin: ro-in, L, 1;

o i [= o (h)i] > o (h)i
otro hito: o-tro-(h)i-to, LIII, 4;

o o > oo
cielo Otheo: cie-loO-the-o, VI, 5;

-o oi [= -o o(h)i] > -oo i [= -oo (h)i]
lo ohi: loo-(h)i, XXXVI, 4;

o u [= o (h)u] > ou [= o(h)u]
quanto humanal: quan-to(h)u-ma-nal, LV, 7;

o ũ (= o vn) > oũ (= ovn)
niño vn: ni-ñovn, XXXVIII 9;

oy > oy
foy: foy, XIX, 4;

oy > o y
oydos: o-y-dos, X, 6; XLVIII, 6;

o y > oy
biuo y sano: bi-uoy-sa-no, II, 9; Papiharto y: Pa-pi-har-toy, XXIII, 2;

oy a > oy a
estoy abrigado: es-toy-a-bri-ga-do, I, 5;

o yo > o yo
hablo yo: ha-blo-yo XIII, 6;

-o yo > -o yo
digo yo: di-go-yo, XI, 2; XLI, 5; como yo: co-mo-yo, XXXIX, 1;

ua > ua
qualquier: qual-quier, VII, 4; qual: qua-l, XXXI, 7; santiguar: san-ti-guar, XXXIII, 4; qual: qual, LIV, 7;

ua > u a
suaue: su-a-ue, XLIX, 4;

-ua > -ua
ygual: y-gual, LV, 6;

uã (= uan) > uã
quando: quan-do, VI, 5; VII, 7; XLVII, 9; LII, 3; 5;

quantas: quan-tas, VI, 9; Juan: Juan, VIII, 1; XXXVIII, 5; quanto: quan-to, LII, 8; LV, 5; 7;

-uã̃ (= -uan) > -uã
Juan: Juan, XVII, 3;

u a > u a
tu amigo: tu-a-mi-go, XXX, 8;

uao > ua o
santiguaos: san-ti-gua-os, XXXIII, 3;

ue > ue
fuerte: fuer-te, I, 1; LI, 5; sueño: sue-ño, III, 4; IV, 1; VII, 8; XXXIII, 2; duermo: duer-mo, IV, 2; acuerdo: a-cuer-do, VI, 4; buena: bue-na, VI, 6; XLV, 1; XLVI, 5; dueño: due-ño, VII, 9; buenas: bue-nas, XIII, 5; Pedruelo: Pe-drue-lo, XVII, 2; pues: pues, XVIII, 4; XLVII, 6; Teresuela: Te-re-sue-la, XX, 2; aguelo: a-gue-lo, XXII, 2; Saquituerto: Sa-qui-tuer-to, XXIII, 1; puerca: puer-ca, XXVII, 5; juego: jue-go, XXXII, 3; nhueua: nhue-ua, XXXVI, 2; XXXVII, 8; fuertes: fuer-tes, XXXVI, 6; pues: pue-s, XXXVII, 6; nhuestro: nhues-tro, XL, 4; vuestra (= vr̃a): vues-tra, XLI, 1; vuestra: vues-tra, XLI, 4; XLIV, 3; nhueble: nhue-ble, XLI, 4; pañizuelos: pa-ñi-zue-los, XLIII, 5; nuestro: nues-tro, XLVI, 3; LIV, 3; 6; fue: fue, XLVII, 3; LIV, 7; fuesse: fue-sse, XLVII, 4; suene: sue-ne, XLVIII, 6; huerta: huer-ta, XLIX, 5; despues: des-pues, LVIII, 4;

-ue > -ue
fue: fue, XII, 9;

uẽ (= uen) > uẽ
buen: buen, XXI, 1; XXXII, 3;

u e > u e
tu eres: tu-e-re-s, XLIX, 5;

u o > u o
tu o: tu-o, V, 7;

uy > uy
cuydo: cuy-do, V, 3; LII, 5; muy: muy, IX, 9; XIV, 5; 7; XXVII, 4; 6; XXXI, 6; XXXVIII, 2; XLIV, 2; XLVIII, 1; 7; 8; XLIX, 4;

uy a > uy a
muy allegres: muy-a-lle-gres, XLI, 3;

uy aĩ [= uy a(h)in] > uy aĩ
muy ahincado: muy-ahin-ca-do, LIII, 5;

uy e > uy e
muy espantosa: muy-es-pan-to-sa, XXXVII, 9;

uy õ [=uy (h)on] > uy õ
muy hondo: muy-hon-do, LVII, 6;

uy u [= uy v] > uy u
muy vfano: muy-v-fa-no, II, 8;

y (= e y) > y (= ey)
dygreja (= de ygreja): dy-gre-ja, L, 3;

ya > ya
ya: ya, XIV, 2; XXVIII, 8; XXX, 9; XLI, 2; XLII, 3; LVII, 8;

y a > y a
y alfarda: y-al-far-da, XXVII, 4;

y a < y a e
y al (= y a el): y-al, XII, 5;

y ã (= y an) > y ã
y andar: y-an-dar, II, 3; y ansi: y-an-si, XXXVII, 4;

y aũ (= y aun) > ya un
y aun: ya-un, XIII, 1;

y aũ e (= y aun e) > ya ũ e
y aun es: ya-un-es, XXI, 1;

ye > ye
yelos: ye-los, XLIII, 1;

y e > ye (71)
y estrella: yes-tre-lla, XLVII, 4;

y e > ye
y el: yel, XXII, 1; XXXVIII, 5; y esto: yes-to, LV, 8;

y e > y e
y establo: y-es-ta-blo, XLII, 6; y el: y-el, LVI, 4;

y ĩ (= y im) > y im
y immortal: y-im-mor-tal, LV, 3;

yo > yo
yo: yo, VIII, 3; XI, 5; XIII, 6; XXXIII, 4;

yo a > yo a
yo aqui: yo-a-qui, I, 5; yo aprisco: yo-a-pris-co, X, 3;

yo e > yo e
yo estuuela: yo-es-tu-ue-la, XII, 3;

y u (= y v) > yu (= yv)
y vna (= y una): yv-na, LVI, 7.

8.14. Dalgumas consoantes, as quais, para efeito de escansão, podem participar de uma ou outra sílaba, anterior ou posterior, trataremos agora: *d, l, n, r, s, x* e *z*.

a) Em todo o texto do *Auto Pastoril Castelhano*, a consoante dental, como final, *-d*, apresenta-se em três

posições: antes de vogal, antes de outra consoante e antes de outro *d-*. Assim: traed algo, XXXVIII, 4; soledad menseño, VII, 5; perdonad señor, XLIV, 5; virgindad sagrada, XLIX, 8; dezid todos, XXXIV, 1; hid vosotros, XXXVIII, 1; comẽçad de, XXXI, 5.

Em contacto com a vogal, poderá fazer-se ouvir: tra-e-dal-go; junto a consoante diferente, não é perceptível: so-le-da(d)-men-se-ño; per-do-na(d)-se-ñor; vir-gin-da(d)-sa-gra-da; de-zi(d)-to-dos; hi(d)-vo-so-tro-s; ao pé de *d-*, o *-d* some-se naquele: co-mẽ-ça(d)-de ([72]).

b) A consoante lateral, como se sabe, pode ser velar, pre-palatal, alveolar, dental e interdental ([73]). No *Auto Pastoril Castelhano* aparece-nos ela na posição de fim de sílaba (velar): Gil aosadas, IX, 7; mal a, X, 2; nel hato, XII, 1; Gil e, XIV, 4; passiual ho, XVII, 4; el herrero, XXI, 4; del aguelo, XXII, 2; qual es, XXXI, 7; aquel animal, XXXI, 7; enel hato, XXXVIII, 8; angel os, LI, 4; Disrael en, LII, 7; el hijo, LIV, 5; mortal y, LV, 3; sol es, LVI, 3.

Na escansão, o *-l* pode unificar-se à vogal seguinte: Gi-lao-sa-das; ma-la; ne-l(h)a-to; Gi-le; pa-ssi-ua-l(h)o; e-l(h)e-rre-ro; de-la-gue-lo; que-les; a-que-la-ni-mal; en-e-l(h)a-to; an-ge-lo-s; Dis-ra-e-len; e-l(h)i-jo; mor-ta-ly; so-les — mudando em *l-*. Uma só vez, figura a forma *ll* (ellotro — XXXIV, 4) ([74]). Na escansão, já palatizado, junta-se à sílaba posterior: ellotro (= ell otro): e-llo-tro.

Junto a *l-*, o *-l* aparece por duas vezes: del lugar, VI, 4; el lilio, XLIX, 1; nesta ocorrência, opera-se a separação: del-lu-gar; el-li-lio.

Mais dois exemplos de *-l*, junto, desta vez, ao palatal *ll-*, em *Gil Llorente*, XXIV, 1, e em: *al llugar*, XXXVIII, 1 (neste último, houve, pela certa, lapso de composição gráfica, para o que se recorda o paralelo de VI, 4, já visto). A separação é a mesma: Gil-Llo-rente.

c) Com o símbolo *n*, indica-se a nasalidade duma vogal, *ã*, por exemplo, ou a consoante apical (alveolar), *n*, como: *mano*. Já dissemos, atrás, alguma coisa sobre ele ([75]). Em contacto com vogal, admissível é que a consoante surja: *con esso: co-ne-sso*, L, 5; *tan a: ta-na*, L, 6. Preferimos, porém, considerar o valor de sinal diacrítico: *cõ-e-sso; tã-a*. Encontrando-se *-n* e *n-: buen natio*, XXI, 1, segue-se o mesmo critério: buẽ-na-tí-(o).

d) O *-r*, quando seguido de sílaba, que começa por vogal, desliga-se da sílaba anterior e articula com aquela: repastar aqui: re-pas-ta-ra-qui, I, 2; estar añazeando: es-ta-ra-ña-zean-do, II, 2; por estas: po-res-tas, VI, 3; por ahi: po-ra-(h)i, XI, 7; por esso: po-re-sso, XIII, 1; vasar vna: va-sa-rv-na, XXVI, 6; destar en: des-ta--ren, XXIX, 4; ver aquel: ve-ra-quel, XXXIX, 3; muger y estrella: mu-ge-ryes-tre-lla, XLVII, 4; menor en: me-no-ren, LV, 7.

e) A fricativa surda final de sílaba, *-s*, seguindo-se-lhe uma vogal, sonoriza-se e liga-se a esta, participando da sua unidade silábica; são muitos os exemplos: flores y: flo-re-sy, II, 6; andas apartado: an-da-sa--par-ta-do, V, 2; toros y: to-ro-sy, V, 6; soncas en: son-ca-sen, VII, 4; Bras al: Bra-sal, IX, 1; mas yo: ma-syo, X, 3; los oydos: lo-so-y-dos, X, 6; carillos a: ca-ri-llo-sa, XI, 1; vos otros: vo-so-tros, XI, 2; XLIV, 1; perdidas vnas: per-di-da-sv-nas, XI, 4; dos horas: do-s(h)o-ras, XII, 6; cosas agenas: co-sa-sa-ge-nas, XIII, 9; encomiendalas a: en-co-mien-da-la-sa, XV, 1; las yra: la-sy-ra, XV, 3; vengais aca: ven-gai-sa-ca, XVII, 6; vos otros aca: vo-so-tro-sa-ca, XVIII, 2; soncas ha: son-ca-s(h)a, XVIII, 3; XLI, 3; LVII, 8; baylemos vna: bay-le-mo-sv-na, XVIII, 7; es esto: e-ses-to, XIX, 2; Jesus autem: Je-su-sau-tem, XIX, 5; mas honrrada: ma-s(h)on-rra-da, XXI, 2; es ahijado: e-sa--(h)i-ja-do, XXII, 1; mas anda: ma-san-da, XXVII, 6; tres años: tre-sa-ños, XXVII, 8; sus alto: su-sal-to, XXVIII, 1; dexemos el: de-xe-mo-sel, XXVIII, 4; de-

monos a: de-mo-no-sa, XXVIII, 5; tengamos algun: ten-ga-mo-sal-gun, XXIX, 1; juguemos al: jugue-mo-sal, XXIX, 3; Bras hermano: Bra-s(h)er-ma-no, XXIX, 8; juguemos a: ju-gue-mo-sa, XXX, 1; es aquel: e-sa-quel, XXXI, 7; es el: e-sel, XXXI, 9; XL, 3; LIV, 1; mas el: ma-sel, XXXII, 1; demos esto: de-mo-ses-to, XXXII, 4; alos angeles: a-lo-san-ge-les, XXXVI, 4; nos aqui: no-sa-qui. XXXVII, 1; pues el: pue-sel, XXXVII, 6; es esta: e-ses-ta, XXXVII, 9; vosotros al: vo-so-tro-sal, XXXVIII, 1; veremos aquel: ve-re-mo-sa-quel, XL, 1; 7; cantemos a: can-te-mo-sa, XL, 5; estamos aca: es-ta-mo-sa-ca, XLI, 2; estos yelos: es-to-sye-los, XLIII, 1; es harto: e-s(h)ar-to, XLVII, 2; es aquella: e-sa-que-lla, XLVII, 6; mis oydos: mi-so-y-dos, XLVIII, 6; los olores: lo-so-lo-res, XLIX, 3; eres hallada: e-re-s(h)a-lla-da, XLIX, 4; eres huerta: e-re-s(h)uer-ta, XLIX, 5; os embio: o-sem-bi-o, LI, 4; ternas el: ter-na-sel, LII, 6; prophetas alumbrados: pro-phe-ta-sa-lum-bra-dos, LIII, 3; es el: e-se-l, LIV, 5; es eternal: e-se-ter-nal, LV, 1; Dios inuisible: Dio-sin-ui-si-ble, LV, 5; es en: e-sen, LV, 6; es impossible: e-sim-po-ssi-ble, LV, 8; Dios haze: Dio-s(h)a-ze, LVII, 7.

A mesma separação se verifica com a interdental *z*, como: boz en: bo-zen, XL, 5.

A ligação não se verifica, se não há vogal em posição posterior; separam-se as consoantes, surdas ambas elas, como: andas siempre: an-das-siem-pre, V, 5; estas sierras: es-tas-sie-rras, VI, 3; las soniega: las-so-nie-ga, XI, 9; tenemos soncas: te-ne-mos-son-ca-s, XVIII, 3; es su: es-su, XXI, 4; XLII, 5; sus sus: sus-sus, XXIX, 6; mes se: mes-se, XXXIV, 4; allegres soncas: a-lle-gres-son-cas, XLI, 3; pues sabes: pues-sa-bes, XLVII, 6; mis sentidos: mis-sen-ti-dos, XLVIII, 7; boz suene: boz-sue-ne, XLVIII, 6.

f) Quer-nos parecer que a letra *x*, em *ex*, é de influência latinizante ([76]). Vale *cs*, ligando-se à vogal seguinte, assim — ex el: e-xel, LI, 4.

g) Na escansão dos versos do *Auto Pastoril Castelhano*, encontraram-se alguns fenómenos fonéticos, apontados na altura própria: crase, diérese, sinérese, próclise, ênclise, síncope, apócope. Restam-nos estes dois exemplos de metátese: dalde (< dad le): dal-de, XLIV, 4; ternas (< tendras): ter-nas, LII, 6 ([77]).

8.15. É curioso saber como os 428 versos do *Auto Pastoril Castelhano* estão distribuídos pelas suas figuras: GIL, 258; LUCAS, 59; BRÁS, 46; SILVESTRE, 35; MATEUS, 6; ANJO, 2; TODOS, 18 (são os versos das canções entoadas). Além disto, há um verso tripartido: é o 83.º (nele aparecem, sucessivamente, intervenções de GIL, BRÁS e LUCAS); e há três versos bipartidos; são estes: o 79.º (chamada de LUCAS e pergunta de GIL); o 234.º (opiniões de LUCAS e BRÁS); o 237.º (recomendação de GIL e dúvida de LUCAS).

Como se vê, o pastor GIL leva a palma, no número de versos, de tal modo, que, só ele, profere mais de metade do total e, em comparação com cada um dos seus parceiros, deixa-os a todos reduzidos à insignificância. GIL é, pois, o protagonista, e não só por isto, como também pela importância do seu papel na evolução da «tradición heredada de los salamantinos». Como observa Hart ([78]), «Gil Vicente le (a Lucas Fernández) aventaja, al estabelecer una oposición entre GIL y sus compañeros: ya no es cuestión de erudición ni de clase social, sino de temperamento».

Vejamos os versos de cada personagem:

a) GIL — 1-24, 27-62, 70-78, 84, 97-105, 110-115, 117-118, 130, 152-53, 156-157, 159-160, 165-190, 214, 217-218, 220--223, 225-227, 236, 238-240, 246-248, 250-253, 256-261, 263-264, 267, 269-282, 293-301, 311-324, 337-338, 342-361, 365, 372-385, 388-420 e 423;

b) BRÁS — 25-26, 63-69, 126-127, 145-148, 150-151, 162-164, 193-194, 205, 211-213, 224, 228-230, 233, 241, 262, 268, 304-305, 308-310, 370-371, 421-422 e 424-426;

c) LUCAS — 80-82, 85-96, 106-109, 116, 119-125, 128-129, 131-132, 133-136, 138-142, 191-192, 215-216, 219, 231-232, 235, 244-245, 265-266, 302-303, 307, 386-387 e 427-428;
d) SILVESTRE — 137, 143-144, 149, 154-155, 158, 161, 195-204, 206, 249, 306, 325-328, 339-341, 362-364 e 366-369;
e) MATEUS — 207-210 e 242-243;
f) ANJO — 254-255;
g) TODOS (as canções) — 283-292 e 329-336.

Importa apontar esta discrepância: antes de principiar o *Auto Pastoril Castelhano*, citam-se as figuras, por esta ordem: GIL, BRÁS, LUCAS, SILVESTRE, LLORENTE, GREGÓRIO, 6, na totalidade. Por outro lado, LUCAS grita por estes pastores (versos 133-136 e cota intercalada entre os versos 142-143): SILVESTRE, VICENTE, PEDRUELO, BASTIAN, JARRETE, BRÁS JUAN, PASSIVAL e CLEMENTE — mais 7, com a exclusão de SILVESTRE, porque está repetido, no quadro e na chamada. Sucede que nem LLORENTE, nem GREGÓRIO, nem VICENTE, nem PEDRUELO, nem BASTIAN, nem JARRETE, nem BRÁS JUAN, nem PASSIVAL, nem CLEMENTE aparecem no texto, excepção feita das canções, em que, possivelmente, estarão também incluídos na rubrica TODOS, rubrica esta deduzida da pluralidade das cotas, que não especificam e nada restrigem. Há, porém, o pastor MATEUS e o ANJO, que aparecem e intervêm, embora Gil Vicente (ou os Editores da COPILACAM, de 1562) deles se tenha esquecido.

h) Mais algumas observações:

— a entrada do pastor MATEUS, que vai cortar o fio da conversa, havida entre SILVESTRE, BRÁS, GIL e LUCAS, a propósito de TERESUELA, desposada com o primeiro, e entretecida, toda ela, de princípio ao fim, com o parentesco, em minúcia, da cachopa, primeiro, depois, com o bragal, tim-tim-por-tim-tim, que levara consigo, não tem preparação nenhuma, quer no contexto e, fora dele, nas cotas;

— até que ponto se poderá pensar que o pastor GREGÓRIO, do *Auto Pastoril Castelhano*, que se não faz ouvir nunca no decurso da acção, não é filho da confusão com aqueloutro GREGÓRIO, do *Auto dos Reis Magos*, o terceiro *Auto* na cronologia vicentina?

A primeira edição, em que aparece, no quadro das personagens, o nome do pastor MATEUS, é a de Hamburgo, 1834, imitada por todas as seguintes: 1852, 1914, 1942, 1946 e 1965; as edições de 1933, de Pimpão e de 1966 — excluem-no, como o faz a *Copilacam* (1562); a edição de Hart, o que, aliás, foi critério respeitado em todos os Autos castelhanos nela compilados, não aponta nenhuma lista de figurantes.

A segunda, e última, entrada individual do pastor MATEUS vem na estrofe XXXII, na altura em que ele opina a respeito da adivinha posta por GIL aos seus parceiros. É uma quadra e a intervenção apanha os dois primeiros versos.

NOTAS DA INTRODUÇÃO

(1) *Copilacam de todalas obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1562, folha 1, verso, linha 2. Em Lisboa e em 1928, fez-se uma «reimpressão fac-similada», pela Biblioteca Nacional; é o 3.º vol. das suas «Reimpressões».

(2) *Ibidem*, folha 2, frente, *in fine*; respeitam-se pontuação e grafia.

(3) No trabalho «O *Auto da Visitação*, de Gil Vicente», publicado pela Universidade de La Laguna, Tenerife, 1970, p. 3, anotação n.º 5, aproximámos comentários ao assunto, feitos por Eduardo Antonino Pestana, Costa Pimpão e Thomas Hart, sendo os mais válidos os deste último.

(4) É o da *Copilacam*, de 1562, já citada, folhas 2, frente, *in fine*, e todo o verso, 3 e 4, frente e verso, e 5, frente.

(5) Veja-se a nota n.º 3.

(6) Vejam-se as notas 1 e 4. A Inspecção Superior das Bibliotecas e Arquivos de Portugal publicou o texto do *Auto*, com a seguinte legenda: «Do *Auto Pastoril Castelhano*, de Gil Vicente, impresso em 1562 por António Álvares e representado pela primeira vez nas *matinas do Natal* de 1502, *endereçado ao nacimento do Redemptor* se fez esta reprodução para ser oferecida, com desejos de Boas Festas, no Natal de 1961».

(7) De Barreto Feio e Gomes Monteiro, Hamburgo, 1834, 1 vol. pp. 6-21.

(8) Edição da *Biblioteca Portuguesa*, Lisboa, 1852, 1 tomo, pp. 7-21.

(9) De Mendes dos Remédios, vols. XI, XV e XVII da colecção *Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa*, tomo III, Coimbra, 1914, pp. 14-25.

(10) Coimbra, 1933, da *Biblioteca de Escritores Portugueses*, vol. I (o único que foi publicado), edição de Marques Braga, pp. 9-28.

(11) Da *Colecção de Clássicos Sá da Costa*, vol. I, Lisboa, 1942, pp. 9-31.

(12) De Concha de Salamanca, vol. n.º 155, da *Colección Crisol*, Madrid, 1946, pp. 39-68.

(13) Edição de Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Barcelos, 1962, pp. 21-26. Em 1962, publicaram-se as edições de Pimpão e Hart; por isso, ambas são referenciadas sempre com estes nomes e não pela data. Veja-se a nota 14.

(14) Vol. n.º 156 dos *Clásicos Castellanos*, Madrid, 1962, de Thomas R. Hart, pp. 7-24.

(15) Livraria Lello, Porto, 1965, pp. 7-24.

(16) Edição de Reis Brasil. Estão já publicados os vols. I-III. O texto do *Auto* está no vol. I, pp. 25-70.

(17) Leia-se «O elemento pastoril no Teatro de Gil Vicente», de Neil Miller, Porto, 1970, vol. n.º 6, da *Colecção Civilização Portuguesa*, Editorial Inova, pp. 45-67.

(18) Hart, *Opus laudatum*, pp. XXII-XXIII.

(19) *Copilacam*, folha, 2, frente, *in fine*.

(20) Cap. XIV, dos nossos *Estudos Gil-Vicentinos*, na *Revista de Portugal*, série A, *Língua Portuguesa*, vol. XXI, pp. 121-126.

(21) Verso n.º 102.

(22) Versos 67 e 69.

(23) Horácio, *Odes*, Les Belles Lettres, I, 11, versos 7-8: «Dum loquimur, fugerit inuida/ Aetas; carpe diem quam minimum credula postero». Tradução de José Agostinho de Macedo, *Obras de Horácio, traduzidas em verso*, tomo I, Lisboa, 1806, p. 18: «Enquanto assim discorro, a Idade foge: aproveita o presente e não confies, crédula, no Futuro».

(24) Versos 29-30.

(25) Reveste-se de muito interesse recordar, nos *Autos* de Gil Vicente, o comportamento humano (das figuras chãs) com a Divin-

dade, popular ainda hoje e mesmo até entre pessoas de responsabilidades culturais (e quando deixará de o ser?...), como que obedecendo a um código de normas e regras do mais rasteiro pragmatismo, tu-cá-tu-la, a cobrir uma programação de reciprocidade exigente. Lembremo-nos, por exemplo, das palavras de *João Mortinheira* (António José Saraiva, *Teatro de Gil Vicente*, Lisboa, 1959, p. 311).

(26) Alude-se ao verso 52: «Conociste a Juan domado», para cuja compreensão importa ter presente a nota marginal, que reza assim: «Ioã domado dezia, por: el rey dõ Ioã segũdo». Carolina Michaelis de Vasconcelos, *Notas Vicentinas*, 1.ª ed., Coimbra, 1912, p. 294; 2.ª ed., Lisboa, 1949, p. 399.

(27) Versos 59-60.

(28) Gil Vicente, *Auto da Embarcação da Glória*, da Colecção «Universitas», Introdução, p. XXXIII.

(29) O Prof. Paulo Quintela alude ao que dissera nas páginas anteriores, XXXI-XXXII — «a estupenda elegia de Jorge Manrique, *Recuerde el Alma Dormida*, o poema do Condestável D. Pedro, *De Contempto del Mundo*, e essa outra bela poesia de Francisco Mendes de Vasconcelos» —; estes textos podem ser lidos em: Clásicos Castellanos, n.º 94, Jorge Manrique, *Cancionero*, pp. 89-110, Madrid, 1952; *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, II, Coimbra, 1910, pp. 229-267; *De Frãçisco mẽdez de vasconçelos hyndose meter frade a hũ seu amiguo que lhe mandou preguntar onde hya*, no mesmo *Cancioneiro* de Resende, V, Coimbra, 1917, pp. 140-149. Quanto ao primeiro, cuja bibliografia é vasta, pode ler-se o formosíssimo livro de Pedro Salinas, *Jorge Manrique, o tradicón y originalidad*, Buenos Aires, 1962.

(30) J. Huizinga, 2.ª ed., Revista de Occidente, Madrid, 1945, cap. XI, p. 195.

(31) *Qué se hizo?* — verso 60 — é a horripilante e tétrica interrogação de *Gil Terrón*, eco de tantas outras, que soaram repetidamente, e sempre dolorosamente em vão, na lira plangente de Poetas e Poetas, como Jorge Manrique: *Cuál se pára?; Qué se hizo el rey don Joan?; Qué fué de tanto galán?; Qué se hyzieron las damas?; Dónde yremos a buscallos?/ Qué fueron sino rocíos/ de los prados?; Qué le fueron sino lloros?; Dó los escondes/ e traspones?; Qué aprouecha?* — *Ibidem*, pp. 92-101. E estas perguntas, todas elas e todas as similares, são tonalidades da mesma opressão, da mesma tortura, que levou àquele grito longínquo (e repetido no decurso das idades e jamais respondido!): *Ubi sunt?* — soltado também por Tiro Próspero, Poeta de Século V (Menéndez Pelayo, *Antología de Poetas Líricos Castellanos*, II, Madrid, 1944, p. 404, nota 1), e que talvez tenha sido mais divulgado por Boécio, que, por sua vez, também perguntou: «Ubi nunc fidelis ossa

Fabricii jacent?»; «Quid Brutus aut rigidus Cato?» — Augusto Meyer, *Camões, o Bruxo, e outros estudos*, Rio de Janeiro, 1958, p. 89.

(32) *Ibidem*, pp. 194-196.

(33) *Opus laudatum*, p. XXXI.

(34) Concha de Salamanca (1946) tem o verso 3.º da 1.ª estrofe como um octossílabo, pois escreve-o assim: «mi ganado; veíslo allí», cuja escansão não pode ser outra: «mi-ga-na-do-ve-ís-lo a-lli». Deve tratar-se de erro de composição, que escapou a revisão de provas. Em castelhano é *veis* e, assim, teremos *veislo* e a divisão: «mi-ga-na-do--veis-lo a-lli», um septissílabo com a acentuação nas 3.ª, 5.ª e 7.ª sílabas. Em português: *vedes*, ambos do latim *videtis*.

(35) *La Langue de Gil Vicente*, Paris, 1959, p. 71.

(36) Se *sueño* corresponde ao português *sonho* (soño), vai um passo para chegar a imaginar que a *demoño* (embora castelhano), bifurcação de *demuño*, podia corresponder *demueño*. De algum modo, este tipo de rima enfilará com aqueles exemplos, a que Paul Teyssier (*Ibidem*, p. 320), subordinou à classificação de: *Rimes imparfaites considérées comme suffisantes parce que les mots espagnols rimeraient si certains d'entre eux étaient traduits en portugais*, como *fuentes-montes, corte-muerte*. Importa saber que o *Diccionario de la Lengua Española*, da Real Academia Española, 16.ª ed., Madrid, 1936, regista: *demoñejo* e *demoñuelo*, assentes em *demoño*.

(37) Vol, I, Sá da Bandeira, 1972, cap. I, p. 8, a anotação n.º 1, da p. 181, e os «addenda» das pp. 220 e 222.

(38) José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 6.ª ed., Lisboa, 1960, pp. 255-256; José Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, 1959, pp. 55-58; Ramon Menéndez Pidal, *Manual de Gramática Histórica Española*, 10.ª ed., Madrid, 1958, pp. 259-262.

(39) Madrid, 1942, pp. 124-127 e 183.

(40) Vol. II, Angola, 1975, pp. 159-162.

(41) O uso de *u* com valor de *v* encontra-se aqui: llouera, I, 9; biuo, II, 9; fauor, VIII, 7; LII, 7; andaua, XII, 2; estuuela, XII, 3; estuue, XII, 6; conuersaciones, XIII, 3; prouecho, XIII, 4; lleua, XVI, 7; Siluestre, XVII, 1; XIX, 2; Passiual, XVII, 4; auemos, XVIII, 4; XXXVII, 2; vuiste, XX, 1; aues, XXVI, 2; llhouer, XXVIII, 7; rauia, XXX, 6; adiuinar, XXXI, 1; 5; oluido, XXXIV, 4; lleuantar, XXXVI, 1; nhueua, XXXVI, 2; XXXVII, 8; lleuantados, XXXVII, 1; sirue, XXXVII, 7; xauato, XXXVIII, 5; prauillos, XXXVIII, 6; siluato, XXXVIII, 9; deuo-

cion, XL, 6; reuelencia, XLIV, 3; canticaua, XLVII, 9; lleuantate, XLVIII, 3; suaue, XLIX, 4; estuuieres, LII, 5; hablauan, LIII, 2; inuisible, LV, 2; 5; mouible, LV, 4; immouible, LV, 4; enues, LVI, 6; marauillas, LVII, 7; o contrário, ou seja: o *v* com o valor de *u*, temos em: vfano, II, 8; vnas, XI, 4; vna, XVIII, 7; XXVI, 5; 6; 7; XXVII, 5; XXX, 4; XLIII, 9; vuiste, XX, 1; vn, XXVI, 6; XXXVIII, 9; XLIII, 8; L, 8.

(42) Dedicámos ao assunto largas páginas da nossa edição «O *Pranto de Maria Parda*, de Gil Vicente», Sá da Bandeira, Angola, 1975, pp. 154-156 e 167-181. E já havíamos tratado deste aspecto da Métrica Gil-Vicentina, na edição «O *Auto da Visitação*, de Gil Vicente», La Laguna de Tenerife, 1970.

São de fácil interpretação os sinais usados: > (deu origem a); < (provém de); = (equivalente a); - (hífen, quando anteposto) final; (quando posposto) inicial: a escansão é precedida de dois pontos (:).

(43) O parêntese, aqui e sempre, significa que o conteúdo não tem valor fonético. O segundo *a*, nos dois verbetes, este e o anterior, é distinto; daí a divisão.

(44) São diversas, foneticamente, esta rubrica e a seguinte, o que justifica a separação. Na verdade, a vogal *e*- tem diferente timbre, num e noutro caso.

(45) Esta rubrica e a seguinte são diferentes, para o que basta atentar no valor da vogal *-a*, em ambos os verbetes: no segundo é tónico.

(46) A sílaba *bay*, neste verbete e no seguinte, é diferente: aqui, átona; depois, tónica.

(47) No verso 279, figura o único exemplo, no *Auto*, da representação gráfica da gutural sonora por *gu*; também uma só vez se representa a gutural surda por *qu* (aqua), no verso 131.

(48) Não é o mesmo, o valor da vogal *e* deste verbete e a do verbete que segue: embora, nos dois casos, proveniente da crase *e e*, este último não tem idêntico valor nas duas condições.

(49) Com a mesma evolução, a separação, seguem-se dois verbetes com a sequência *ea*, cada qual com o seu valor: em primeiro lugar, a tonicidade recai no *e*; no segundo, no *a*. Ainda que na posição final, o terceiro verbete faz parelha com o primeiro, pela tonicidade e evolução.

(50) Na exemplificação desta sequência vocálica, na parte final, colocam-se os segmentos frásicos em que figuram uma forma de *hablar* e de *hazer* e duas formas de *auer*, sem *h*, uma delas repetida. A sequência *e a* pode, por isso, ter origem em: e (h)a.

(51) Quatro conjuntos vocálicos, que têm igual separação. Eles, a fio, duas parelhas: na primeira, as vogais são átonas; na segunda, a vogal *a* é tónica. Em qualquer caso, pode aparecer a variante: e (h)a.

(52) Não se nos afigura aceitável, caminhar da decomposição da preposição *en*, conseguindo-se a ligação da nasalação com a vogal seguinte: *ẽ-a* e não *e-na*. Do aspecto da divisão silábica, pode não ter importância a escolha da solução.

(53) Aqui ficam 4 sequências vocálicas com a mesma fusão: *e e* > *ee*. Os últimos dois verbetes são diversos na tonicidade, porquanto o segundo *e* é tónico.

(54) As três fichas seguintes mostram outra evolução da mesma sequência vocálica: *e e* > *e e*. Entre eles há, foneticamente, matizes que, para a escansão, pouco importam.

(55) Os exemplos deste verbete são paralelos, porquanto o *h* é mera fantasia gráfica.

(56) O *ẽ* representa a contracção de *e ẽ*. Veja-se o verbete *e ẽ e*, que é paralelo, até na evolução final.

(57) Veja-se o verbete *ẽ e*.

(58) Este verbete e o seguinte, embora sofram separação idêntica, têm a diferença fundamental: agora, a tónica *e*; depois, *o*. Na terceira rubrica, a posição final da sequência leva ao corte na vogal tónica. O primeiro e o terceiro verbetes são, no resto, iguais.

(59) Nesta rubrica e na seguinte, a mesma sequência vocálica *e u*, com duas diferenças: na primeira, o *u* é tónico; na segunda, átono. Nesta última, pode aparecer a variante *e (h)u*.

(60) Este verbete pode ficar ao lado do seguinte, não obstante a variante gráfica: i(h)a.

(61) Juntam-se os dois exemplos, que ilustram o verbete, até porque ambos, em rigor, podem ter a mesma sequência gráfica: *i (h)a*, etimologicamente.

(62) A nasalidade pode ser apontada, como se nota nos exemplos, por *til* (hõ) e por *n* (hon).

(63) A diferença entre a rubrica deste verbete e a do que se lhe segue vem da tonicidade: átono é o *-io* do primeiro; tónico, o do segundo, um ditongo crescente.

(64) Não são iguais as sequências de vogais deste verbete e do posterior, não obstante a evolução sofrida ser idêntica: no primeiro caso, temos a tonicidade em *i*; no segundo, no *o*.

(65) Este verbete e o seguinte, pese a mesma posição final e a junção das mesmas duas vogais, diferem entre si: aqui, a tonicidade

está no *o*; no outro, no *i*, ou seja: num, sentido ascendente; noutro, descendente.

(66) As vogais *o a*, com mais abertura na primeira, permanecem separadas, na escansão.

(67) Nesta sequência vocálica, a vogal tónica, verdadeiramente, é a segunda. Na escansão, a separação permanece. Pode apresentar, como se vê, a variante: *o (h)a*.

(68) A sequência vocálica *o e*, nestes três verbetes, tem a mesma evolução na escansão: *oe*; no primeiro caso, o *e* é tónico e, no segundo, átono. Este pode apresentar a variante *o he*.

(69) Temos três situações para o grupo *o e*, provenientes do valor das vogais: átona e tónica, ambas tónicas, ambas átonas. Na escansão são separadas.

(70) Temos duas posições das vogais *õ e*, com evolução semelhante na escansão: *õ e*; há diferença entre elas: o *õ* é sempre tónico; o *e* ora é tónico, ora átono. Quando átono, pode mostrar a variante *he*.

(71) As duas vogais, separadas, podem, na escansão, agrupar-se em ditongo crescente, se a segunda vogal é tónica, *ye*, como no verbete seguinte, ou fundir-se, se ambas são átonas, *yi*, como nesta rubrica. Na terceira ficha, há dois exemplos que contrariam estas situações.

(72) R. Menéndez Pidal, *Manual de Gramática Histórica Española*, 10.ª ed., Madrid, 1958, pp. 99-102.

(73) R. Menéndez Pidal, *Opus laudatum*, p. 96.

(74) R. Menéndez Pidal, *Opus laudatum*, p. 261, afirma: «en lo antiguo *ell* ante vocal, mantenida la *-ll-* como medial de palabra».

(75) Veja-se, atrás, em 7, 5, x).

(76) Hart, p. 21, adopta a leitura e grafia *eis* e observa, na anotação 373: «*Eis* es lusismo, igual a la fórmula castellana *he aquí*». Preferimos a opinião de José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2.º vol., 2.ª ed., Lisboa, 1967, s. v.: «a grafia usada nos antigos documentos portugueses para este advérbio de demonstração *ex*» mostra que é possível tirá-lo do latim *ex*, com o valor de *ecce*. Ver também: A. A. Cortesão, *Subsídios para um Dicionário, Histórico-Etimológico, da Língua Portuguesa*, Coimbra, 1900, s.v.

(77) R. Menéndez Pidal, *Opus laudatum*, pp. 324-326. Real Academia Española, *Gramática de la Lengua Española*, Madrid, 1931, pp. 98 e 128. Dámaso Alonso, na sua edição da *Tragicomedia de Don Duardos*, de Gil Vicente, Madrid, 1942, p. 235.

(78) Pp. XXIV-XXV.

TEXTO FAC-SIMILADO DA «COPILACAM» (1562)

Edição Príncipe deste texto

¶Entra primeyramente hum pastor inclinado à vida contemplatiua, & anda sempre solitario. Entra outro que o reprende disso. E porque a obra em si, dali a diante vay muy declarada, nam serue mais argumento.

¶Figuras do auto.

¶Gil, Bras, Lucas, Syluestre, Llorente. Gregorio.

Gil.

AQui estaa fuerte majada
quiero repastar aqui
mi ganado veis lo alli
soncas naquella abrigada,
yo aqui estoy abrigado
del tempero de fortuna,
añublada estaa la luna
mal peccado
lloueraa soncas priado.

¶Quiero aqui poner mi hato
que cumpre estar añazeando
y andarme aqui holgando
canticando rato a rato,
huzia en Dios vẽdra el verano
con sus flores y rosetas
cantare mil chançonetas
muy vfano
si alla llego biuo y sano.

¶Riedro, riedro, vaya el ceño
aborrir quiero el pesar
començare de cantar
mientras me debroca el sueño.

Cantando.

¶Menga Gil me quita el sueño
que nho duermo.

Bras.

¶Di Gil terron, tu que as
que siempre andas apartado.

Gil. Mi fee cuydo mal peccado
que nho se tentiende mas,
tu que andas siempre en bodas
corriendo toros y vacas,
que ganas tu, o que sacas
dellas todas,
asmo, asmo que tenlodas.

¶Solo quiero canticar
repastando mis cabritas
por estas sierras benditas
nho me acuerdo del lugar
quando cara el cielo Otheo,
y veo tan buena cosa
nho me parece hermosa
nhi de asseo
zagala de quantas veo.

¶Andando solo magino
que la soldada que gano
se me pierde dela mano.
soncas en qualquier camino
nesta soledad menseño
que el ganado con que ando
nho sabre como ni quando
segun sueño,
quiça sera dotro dueño.

Ioã domado dezia por el rey dõ Ioã segũdo.

¶Conociste a Juan domado
que era pastor de pastores,
yo lo vi entre estas flores
con gran hato de ganado,
con su cayado Real
repastando en la frescura
con fauor dela ventura,
di zagal
que se hizo su corral.

¶Uete tu bras al respingo
que yo descluzio del torruño.

Bras. El crego de bico nuño

tenseño esso al domingo
anda, anda, acompañado
canta y huelga enlas majadas
que este mundo Gil aosadas
mal peccado
se dehroca muy priado.

Gil.

¶ Aun que huyo la compaña
nho quiero mal a pastor
mas yo aprisco mejor.
Apartado en la montaña
de contino siempre oteo
ingrillando los oydos
si daran soncas gemidos
de desseo
los corderos que careo.

¶ Diz outro pastor per nome Lucas, de longe.

¶ Hao carillos / Gil / a quiẽ ablas
Lucas. A vos otros digo yo
si alguno de vos me vio
perdidas vnas dos cabras.
Gil. Yo nho / Bras / nhi yo.
Lucas. Ha Dios pliega.
Gil. Como las perdisti, di
Lucas. Perdieron se por ahi
por la vega
o algun me las soniega.

¶ Al hato de Bras picado
andaua Marta baylando
yo estuuela oteando
boca abierto tresportado
y al son batiendo el pie,
estuue dos horas vallientes
el ganado en tan amientes
ala he
no se para donde fue.

Gil.

¶ Y aun por esso q̃ yo sospecho
me aparto de saltijones
que vanas conuersaciones
no traen ningun prouecho,
siempre pienso en cosas buenas
yo me hablo, yo me digo
tengo paz siempre comigo
sin las penas
que dan las cosas agenas.

Lucas.

¶ Nho me quiero estar tras, tras
ya perdido es lo perdido
que gano en tomar sentido
que dizes Gil, ꝛ tu Bras.
Gil. Tu muy perezoso estas
busca, busca las cabritas
tras que tienes muy poquitas
nho te das
de perder cada vez mas.

¶ Encomiendalas a Dios.
Lucas. Que podra esso prestar,
Gil. El te las yra buscar,
que siempre mira por nos.
Lucas. Si los lobos las comieron
hame las Dios de traer
harto terna que hazer,
y si murieron
mucho mas que yo perdieron.

¶ Mas quiero llamar zagales
tengamos todos majada.
Bras. Sube naquella assomada
y dales gritos mortales.
Lucas. Haze escuro, quien vera
caere nun barrancon.
Gil. Toma, lleua este tizon.
Lucas. Dalo aqua.
esten hunca alla yra.
chama de longe. Ha Syluestre / Ha Vicente.
Ha Pedruelo / Ha Bastian.
Ha Jarrete / Ha Bras Juan
Ha passiual / Ho Clemente.

Syluestre de longe.

¶ Ha Lucas q̃ nhos quieres. di.

Lucas. Que vengais aca priado
tomaremos gasajado
que Gil terron estaa aqui
en abrigado
allegre y bien asombrado.

¶ Vemos pastores, & diz
Sylvestre.

¶ Ora terrible plazer
tenelo vos otros aca
Bras. Si tenemos soncas ha
pues que auemos de bazer
quien al cordojo se dio
mas cordojoso se le pega.
Syl. Baylemos vna borrega.
Bras. Mia fe nho.
que tu baylas mas que yo.
Gil.
¶ Jurla nbos q̃ estas chapado
que es esto Sylvestre bermano
Syl. Nho ves que viene el verano
y soy rezien desposado.
Gil. Jesus autem intrinsicnes
quien te traxo al matrimuño.
Syl. Ditio Malasco nuño.
Gil. Chapados parientes tienes.

¶ Quien es la esposa que vuiste.
Syl. Teresuela mi damada.
Bras. Dios q̃ es moça biẽchapada
y aun es de buen natio
mas bonrrada del lugar.
Gil. Nesso no ay que dudar
porque el herrero es sutio
y el jurado es abijado
del aguelo de su madre,
y de parte de su padre
es prima de Bras pelado
Saquituerto rodelludo
Papibarto y bodonales
son sus primos caronales
de parte de Brisco mudo.

¶ Es nieta de Gil Llorente
sobrina del Crespellon
Calcaolbas mamilon
pienso que es tambien pariẽte,
Martroyz la mamona
Torebilla del mendral
y Teresa la gabona
su parienta es naturel.

¶ Marica dela remonda
Espulgazorras cabrera
y la vieja bendizidera,
¶ Apiarta la redonda
la ceñuda, la plaguenta,
Borracalles, la negruça,
la partera de valmuça
a botas que es bien parienta.
Lucas.
¶ Dios q̃ es casta bien bõrrada
esa que aues rellatado.
Bras. Mora estas bien bonrrado
nho te dan con ella nada
Syl. Dam me vna burra preñada
vn vasar, vna esperera,
vna cama de madera
la ropa no estaa bilada,
dam me la moça vestida
de atillos domingujos
con sus manguitos ver mejos
y alfarda muy llozida,
dam me vna puerca parida
mas anda muy triste y flaca.
Bras. Nho te quiere dar la vaca.
Syl. Ya tres años que es vendida.
Mateus.
¶ Sus alto toste priado
respingue mos la majada
viene se la madrugada
dexemos el desposado
Bras. Demonos a gasajado
tomemos todos plazer
que ya nbo quiere llouer.
Gil. Y anbo Dios sea loado.

Lucas.

¶ Tengamos algun remedio
que juguemos Gil terren.

Gil. Juguemos ala bejen.
mas tiengo de ſtar en medio.

Bras. Tu naciſte mas templano.

Gil. Bras ſus ſus, veis me aqui
tu tambien paſſa tali
Bras bermano, pai ate anſi
ca ſus para la mano.

Bras.

¶ Me miedo que me daras.

Gil. Alça, alça el braço mas
tu nbo ves como eſtaa Bras
dite vna de mal mes.

Bras. Ma Dios te pliega ce migo
do a rauia la jugada,
ora viſtes que porrada.

Lu. Tu amigo
ya nbo conſientes caſtigo.

Bras.

¶ Juguemos a adiuinar

Lu. q̃ me plaz / Bras / di cõpañero

Lu. Mas comience Gil primero.

Gil. Que me plaz de ce mençar
começad de adiuinar / Lu / que

Gil. Sabello as tu muy mal,
qual es aquel animal
que corre y corre y no ſe ve.

Bras. Es el peccado mortal.

Mateus.

¶ Mas el viento mal peccado
creyo yo que ſera eſſe.

Lu. Que nbo es buen juego eſte,
demos eſto por paſſado.

Gil. Bien ſera bia acoſtar
que ya me debroca el ſueño
ſantiguaos del demuño.

Syl. Yo nbo me ſe ſantiguar.

Gil. Dezid todos ce mo yo,
enbel mes del padre
enbel mes del ſijo
ellotro mes ſe moluido.

¶ Dormem & o Anjoos cha-
ma cantando.

¶ Ma paſtor
ques nacido el redemptor.

Gil.

¶ Zagales lleuantar va bi
que grande nbueua es venida
que es la virgen parida,
alos angeles lo obi.
O que tonica acordada
de tan fuertes caramillos.

Bras. Cata que ſerian grillos.

Gil. Juri a nbes
que eran angeles de Dios.

Lucas.

¶ E nos aqui lleuantados
que le auemos de bazer.

Gil. Mi ſe vamos lo a ver.

Bras. Y anſi deſpelluzados.

Gil. Pardiez que es para nbotar
pues el rey delos ſeñores
ſe ſirue delos paſtores
nbueua coſa
es eſta y muy eſpantoſa.

¶ Mid voſotros al llugar
muy priesto carillos mios
y nbo vamos tan vazios,
traed algo que le dar
y el rabe de Juan zanato
y la guayta de praullos
y todos los caramillos
que ay enel bato
y para el niño vn ſiluato.

¶ Partem ſe pera o preſepio
cantando.

¶ Aburremos la maſada,
y todos con debocion

vamos ver aquel garçon.

¶ Veremos aquel niñito
dagora rezien nhacido
asino que es el prometido
nhuestro Mexia bendito,
cantemos a boz en grito
con hemencia y deuocion
veremos aquel garçon.

¶ E chegando ao presepio
diz Gil.

¶ Dios mantenga a vra gloria
ya veis que estamos aca
muy allegres soncas ha
de vuestra nhueble vitoria.
A vos virgen digo yo
quel mochacho que oy ñascio
nho entiendo que me entiende
mas si, que todo comprehende
del punto que se engendro.
Lucas.
¶ Que casa tan pobrezita
escogio para ñascer.
Bras. Ya comiença a padecer
dende su niñez bendita.
Syl. De paja, es su camazita.
Lu. Y establo su posada.
Bras. Loada sea y adorada
y bendita
la su clemencia infinita.
Gil.
¶ Señora con estos yelos
el niño se estaa temblando
de frio vcollorando
el criador delos cielos
por falta de pañizuelos,
juri a san si tal pensara
o por dicha tal supiera
vn çamarro le truxera
de vna vara
que ahotas quel callara.

Gil.
¶ Ora vos otros que hazeis
con muy chapada hemencia
y con vuestra reuelencia
dalde desso que traeis.
Syl. Perdonad señor por Dios
que como somos bestiales
los presentes no son tales
como los mereceis vos.

¶ Com tágeres & baylos offerecem,
& aa despedida cantam esta
chançoneta.

¶ Nora buena quedes Menga
ala fe que Dios mantenga.

¶ Zagala sancta bendita
graciosa y morenita
nuestro ganado visita
que nengun mal no le venga,
nora buena quedes Menga
ala fe que Dios mantenga.
Gil.
¶ Que dezis dela donzella
nho es harto prellozida.
Syl. Nbunca otra fue ñascida
que fuesse muger y estrella
sino ella.
Gil. Pues sabes quien es aquella
es la zagala hermosa
que Salamon dize esposa
quando canticaua della.

¶ Con su boz muy desseosa
en su canticar dezia,
lleuantate amiga mia
columba mea fermosa,
amiga mi olorosa
tu boz suene en mis oydos
ques muy dulce a mis sentidos
y tu cara muy graciosa.

¶Como el lilio plantada
florecido entre espinos
como los olores finos
muy suaue eres hallada,
tu eres huerta cerrada
en quien Dios venir desea.
tota pulchra amica mea
flor de virginidad sagrada.

Sylvestre.

¶Hya Dios plaga conel rotu
mudando vas la peleja,
sabes vachaque vygreja.

Gil. Aora lo veprendi.

Syl. Conesso hablas latin
tan a punto, que es plazer,
mas lo preciasse saber
que me daren vn florin.

Bras.

¶Di por vida de tu tio
tu sabes de perfectas.

Gil. See que dixo Malachias
ex el mi angel os embio
con tan fuerte poderio
que apareiara a la carrera
delante mi az verdadera
enel sancto templo mio.

¶Tu Bethlen pequeña eres
dix Micheas propbetando
mas no te cataras quando,
seras grande en tus poderes
quando sin cuydo estuvieres
ternas el señoreador
Israel en tu fauor
para quanto tu quisieres.

Lucas.

¶De neñito tan bonito
hablauan soncas letrados.

Gil. Los propbetas alumbrados
no sugauan a otro bito
con muy abincado espirito
y con gozoso plazer,
todos dessearan ver
su nbacimiento bendito.

¶Por que este es el cordero
qui tolis peccata mundo
el nuestro Adan segundo
y remedio del primero,
este es el bijo beredero
de nuestro eterno Dios
el qual fue dado a nos
por Merias verdadero.

¶Aquel niño es eternal
inuisible y vesible,
es mortal y immortal,
mouible y immouible,
en quanto Dios inuisible
es en todo al padre ygual
menor en quanto humanal
y esto no es impossible.

¶Hecha el sol su rayo ẽ Mayo
como mil vezes veres
el mismo rayo sol es
y el sol tambien es rayo,
entre ambos visten vn sayo
de vn cnues
y vna cosa misma se es

¶Anssi este descendio
quedando siempre enel padre
aun que vino a tomar madre
del padre no sparto.

Bras. Gil cerron lletrudo estaa
muy bondo, ten caramillas

Gil. Dios baze estas marauillas.

Bras. Ya lo veo soncas ba.

¶Quien te viere no dira
que naciste en serrania

Lu. Cantemos con alegria
quen esso, despues se hablara.

¶Vanse cantando.

Laus Deo.

TEXTO FIXADO

ARGUMENTO

Entra, primeiramente, um pastor, inclinado à vida contemplativa, e anda sempre solitário. Entra outro, que o reprende disso. E, porque a obra, em si, dali a diante, vai mui declarada, nam serve mais argumento.

FIGURAS DO AUTO:

GIL

BRÁS

LUCAS

SILVESTRE

LLORENTE

GREGÓRIO

I

GIL

Aquí está fuerte majada.
Quiero repastar aquí
mi ganado; veislo allí,
soncas, naquella abrigada.
Yo aquí estoy abrigado
del tempero de Fortuna.
Añublada está la luna;
— ¡mal pecado! —
lloverá, soncas, priado.

II

Quiero aquí poner mi hato,
que cumpre estar añaccando
y andarme aquí holgando,
canticando, rato a rato.
¡Hucia en Dios! ¡Vendrá el verano
con sus flores y rosetas!
Cantaré mil chançonetas,
muy ufano,
si allá llego bivo y sano.

III

¡Riedro, riedro, vaya el ceño!
¡Aborrir quiero el pesar!
Començaré de cantar,
mientras me debroca el sueño.

(Cantado:)

IV

«Menga Gil me quita el sueño,
que nho duermo.»

V

BRÁS Di, Gil Terrón: tú ¿qué has,
que siempre andas apartado?

GIL ¡Mi fé! Cuido — ¡mal pecado! —
que nho se tentiende más.
Tú, que andas siempre en bodas,
corriendo toros y vacas,
¿qué ganas tú o qué sacas
dellas todas?...
¡Asmo, asmo que tenlodas!

VI

Solo quiero canticar,
repastando mis cabritas
por estas sierras benditas.
Nho me acuerdo del lugar.
Cuando cara el cielo oteo
y veo tan buena cosa,
nho me parece hermosa,
nhi de aseo,
zagala de cuantas veo.

VII

Andando solo, magino
que la soldada, que gano,
se me pierde de la mano,
soncas, en cualquier camino.
Nesta soledad menseño,
que el ganado, con que ando,
— nho sabré cómo ni cuándo —,
según sueño,
quiçá será dotro dueño.

VIII

¿Conociste a Juan Domado,
que era pastor de pastores?
Yo lo vi entre estas flores,
con gran hato de ganado,
con su cayado real,
repastando en la frescura,
con favor de la Ventura.
Di, Zagal:
¿Qué se hizo su corral?

IX

Vete tú, Bras, al respingo,
que yo desclucio del torruño.

BRÁS El crego de Bico Nuño
tenseñó eso al domingo...
Anda, anda acompañado,
canta y huelga en las majadas,
que este mundo, Gil, aosadas,
— ¡mal pecado! —
se debroca muy priado.

X

GIL — Aunque huyo la compaña,
nho quiero mal a pastor;
mas yo aprisco mejor,
apartado en la montaña.
De contino, siempre oteo,
ingrillando los oídos,
si darán, soncas, gemidos
de deseo,
los corderos que careo.

(Diz outro pastor per nome LUCAS, de longe:)

XI

LUCAS — ¡Hao carillos!
GIL — ¿A quién hablas?
LUCAS — A vosotros digo yo,
¿si alguno de vos me vió,
perdidas, unas dos cabras?
GIL — Yo nho.
BRÁS — Nhi yo.
LUCAS — ¡A Dios pliega!
GIL — ¿Cómo las perdiste? Di.
LUCAS — Perdiéronse por ahí,
por la vega,
o algún me las soniega.

XII

Nel hato de Bras Picado,
andava Marta bailando;
yo estúvela oteando,
boca abierto, tresportado,
y, al son batiendo el pie,

estuve dos horas vallientes;
el ganado, entanamientes,
— ¡a la he! —
no sé para dónde fue.

XIII

GIL Y aun por eso que yo — sospecho —
me aparto de saltijones,
que vanas conversaciones
no traen ningún provecho.
Siempre pienso en cosas buenas;
yo me hablo; yo me digo;
tengo paz siempre comigo,
sin las penas,
que dan las cosas ajenas.

XIV

LUCAS Nho me quiero estar tras, tras;
ya perdido es lo perdido.
¿Qué gano en tomar sentido?
¿Qué dices, Gil? ¿Y tú, Bras?
GIL ¡Tú muy perezoso estás! ...
¡Busca, busca las cabritas!
Tras que tienes muy poquitas,
¿nho te das
de perder cada vez más?

XV

¡Encomiéndalas a Dios!
LUCAS ¿Qué podrá eso prestar?
GIL ¡Él te las irá buscar,
que siempre mira por nos!

LUCAS Si los lobos las comieron,
¿hámelas Dios de traer?
¡Harto terná que hacer!
Y, si murieron,
mucho más que yo perdieron.

XVI

Mas quiero llamar zagales.
¡Tengamos todos majada!
BRÁS Sube naquella asomada
y dales gritos mortales.
LUCAS Hace escuro... ¿Quién verá?
Caeré nun barrancón.
GIL ¡Toma! Lleva este tizón.
LUCAS Dalo acá.
Éste nhunca allá irá...

(Chama de longe:)

XVII

LUCAS ¡Ah, Silvestre! ¡Ah, Vicente!
¡Ah, Pedruelo! ¡Ah, Bastián!
¡Ah, Jarrete! ¡Ah, Bras Juan!
¡Ah, Pasival! ¡Oh, Clemente!

(SILVESTRE, de longe:)

SILVESTRE ¡Ah, Lucas! ¿Qué nhos quieres? Di.
LUCAS ¡Que vengais acá priado!
Tomaremos gasajado,
que Gil Terrón está aquí,
en abrigado,
allegre y bien asombrado.

(Vêm os pastores e diz SILVESTRE:)

XVIII

SILVESTRE Ora, ¡terrible placer
tenéis vosotros acá!
BRÁS ¡Sí, tenemos, soncas ha!
Pues, ¿qué havemos de hacer?
Quien al cordojo se dió,
más cordojo se le pega...
SILVESTRE Bailemos una borrega.
BRÁS Mía fe, nho,
que tú bailas más que yo.

XIX

GIL ¡Juri a nhos que estás chapado!
¿Qué es esto, Silvestre hermano?...
SILVESTRE ¿Nho ves que viene el verano
y soy recién desposado?
GIL *¡Jesus autem intrinsienes!*
¿Quién te traxo al matrimuño?
SILVESTRE Mi tío Valasco Nuño.
GIL ¡Chapados parientes tienes!

XX

¿Quien es la esposa que huviste?
SILVESTRE Teresuela, ¡mi damada!
BRÁS ¡Dios! ¡Que es moça bien chapada

XXI

y aun es de buen natío,
más honrada del lugar!
GIL Neso no hay que dudar,
porque el herrero es su tío

XXII

y el jurado es ahijado
del agüelo de su madre
y, de parte de su padre,
es prima de Bras Pelado.

XXIII

Saquituerto, Rodelludo,
Papiharto y Bodonales
son sus primos caronales,
de partes de Brisco Mudo.

XXIV

Es nieta de Gil Llorente,
sobrina del Crespellón;
Cascaollas Mamilón,
pienso que es también pariente;
Mari Roiz, la Mamona,
Torebilla del Mendral,
y Teresa, la Gabona,
su parienta es natural.

XXV

Marica de la Remonda,
Espulgazorras Cabrera
y la vieja bendizidera,
Rapiarta, la Redonda,
la Ceñuda, la Plaguenta,
Borracalles, la Negruça,
la partera de Valmuça
ahotas que es bien parienta.

XXVI

LUCAS ¡Dios! ¡Que es casta bien honrada
esa, que havés rellatado!
BRÁS ¡Ahora estás bien honrado!
¿Nho te dan con ella nada?
SILVESTRE Danme una burra preñada,
un vasar, una espetera,
una cama de madera;
la ropa no está hilada.

XXVII

Danme la moça vestida
de hatillos dominguejos,
con sus manguitos vermejos
y alfarda muy llozida.
Danme una puerca parida,
mas anda muy triste y flaca.
BRÁS ¿Nho te quieren dar la vaca?
SILVESTRE Ha tres años que es vendida.

XXVIII

MATEUS ¡Sus! ¡Alto! ¡Toste priado!
Respiguemos la majada.
Viénese la madrugada;
dexemos el desposado.
BRÁS Démonos a gasajado;
tomemos todos placer,
que ya nho quiere llover.
GIL Ya nho, ¡Dios sea loado!

XXIX

LUCAS Tengamos algún remedio:
que juguemos, ¡Gil Terrón!
GIL Juguemos al abejón,
mas tiengo destar en medio...
BRÁS Tú naciste más templano...
GIL Ora — ¡sus, sus! — véisme aquí.
Tú, también, pásat' allí.
Bras hermano, párate ansí.
¡Ea, sus, pára la mano!

XXX

BRÁS He miedo que me darás...
GIL ¡Alça, alça el braço más!
¿Tú nho ves cómo está Bras?...
¡Dite una de mal mes!
BRÁS ¡Ah, Dios te pliega comigo!
¡Do, a ravia, la jugada!
¡Ora! ¿¡Vistes qué porrada?!
LUCAS ¿Tú, amigo,
ya nho consientes castigo?

XXXI

BRÁS Juguemos a adivinar.
LUCAS Que me plaz.
BRÁS Di, compañero...
LUCAS Mas comience Gil primero.
GIL Que me plaz de començar.
Començad de adivinar.
LUCAS ¿Qué?
GIL Sabello has tú muy mal:
¿Cuál es aquel animal,
Que corre y corre y no se ve?
BRÁS Es el Pecado mortal.

XXXII

MATEUS Mas el viento — ¡mal pecado! —,
creyo yo que será ése.
LUCAS ¡Que nho es buen juego éste!
Demos esto por pasado.

XXXIII

GIL Bien será, bía, acostar,
que ya me debroca el sueño.
Santíguaos del demuño.
SILVESTRE Yo nho me sé santiguar.

XXXIV

GIL Dezid todos, como yo:
enhel mes del Padre,
enhel mes del Fijo,
... ellotro mes se molvidó.

(Dormem e o ANJO os chama cantando:)

XXXV

ANJO «¡Ah, pastor,
ques nacido el Redentor! »

XXXVI

GIL ¡Zagales! Llevantar dahí,
que grande nhueva es venida:
¡que es la Virgen parida!
— a los ángeles lo oí.

¡Oh qué tónica acordada
de tan fuertes caramillos!

BRÁS Cata que serían grillos...

GIL ¡Juri a nhos
que eran ángeles de Dios!

XXXVII

LUCAS Y nos, aquí, llevantados,
¿que Le havemos de hacer?

GIL ¡Mi fe, vamosLo a ver!

BRÁS ¿Y ansí despelluzados?

GIL ¡Pardiez!, que es para nhotar,
pues el Rey de los señores,
se sirve de los pastores.
¡Nhueva cosa
es ésta y muy espantosa!

XXXVIII

Id vosotros al llugar
muy priesto, carillos míos,
y nho vamos tan vacíos.
Traed algo que le dar
y el rabé de Juan Xavato
y la gaita de Pravillos
y todos los caramillos,
que hay en el hato,
y, para el Niño, un silvato.

(Partem-se pera o Presépio, cantando:)

XXXIX

«Aburremos la majada
y, todos, con deboción,
vamos ver aquel Garçón.»

XL

«Veremos aquel Niñito,
dagora recién nhacido.
Asmo que es el prometido,
nhuestro Mexía bendito,
Cantemos, a boz en grito:
— ¡Con hemencia y devoción,
veremos aquel Garçón!»

(E, chegando ao Presépio, diz GIL:)

XLI

GIL ¡Dios mantenga a Vuestra Gloria!
Ya veis que estamos acá,
muy allegres, ¡soncas ha!
de Vuestra nhueble vitoria.
A Vos, Virgen, digo yo
quel Mochacho, que hoy ñasció,
nho entiendo que me entiende,
mas sí que todo comprehende,
del punto que se engendró.

XLII

LUCAS ¡Qué casa tan pobrecita,
escogió para ñascer!
BRÁS ¡Ya comiença a padecer
dende Su niñez bendita!
SILVESTRE ¡De paja, es Su camacita!
LUCAS ¡Y establo Su posada!
BRÁS ¡Loada sea y adorada
y bendita
la Su clemencia infinita!

XLIII

GIL ¡Señora! Con estos yelos,
el Niño se está temblando.
De frío, veo, llorando,
el Criador de los Cielos,
por falta de pañizuelos.
¡Juri a San!: si tal pensara
o, por dicha, tal supiera,
un çamarro le truxera,
de una vara,
¡que ahotas quÉl callara!

XLIV

¿Ora, vosotros, qué haceis?
Con muy chapada hemencia
y con vuestra revelencia,
dalde deso que traéis.
SILVESTRE Perdonad, Señor, ¡por Dios!
que, como somos bestiales,
los presentes no son tales,
como los merecéis Vos.

(Com tangeres e bailos, oferecem e, à despedida, cantam esta chançoneta:)

XLV

«¡Norabuena quedes, Menga!
¡A la fe, que Dios mantenga! »

XLVI

«Zagala santa, bendita,
graciosa y morenita,
nuestro ganado visita,

que nengún mal no le venga.
¡Norabuena quedes, Menga!
¡A la fe, que Dios mantenga!»

XLVII

GIL ¿Qué decís de la Doncella?
¿Nho es harto prellocida?
SILVESTRE Nhunca otra fué ñascida,
que fuese mujer y estrella,
sino Ella.
GIL Pues, ¿sabes quién es Aquélla?
Es la zagala hermosa,
que Salamon dice Esposa,
cuando canticava dElla.

XLVIII

Con su boz muy deseosa,
en su canticar decía:
«¡Llevántate, Amiga mía,
Columba mea fermosa!
¡Amiga mi olorosa!
¡Tu boz suene en mis oídos,
ques muy dulce a mis sentidos
y tu cara muy graciosa!

XLIX

¡Como el lilio, plantada,
florecido entre espinos,
como los olores finos,
muy suave eres hallada!
¡Tú eres Huerta cerrada,
en Quien Dios venir desea,
tota pulchra, Amica mea,
Flor de virgindad sagrada!»

L

SILVESTRE ¡A Dios plaga con el ruin!
Mudando vas la peleja:
¡sabes dachaque dygreja!
GIL Ahora lo deprendí.
SILVESTRE Con eso hablas llatín,
tan a punto, que es placer;
más lo preciasse saber,
que me daren un florín.

LI

BRÁS Di, por vida de tu tío:
¿tú sabes de perfecías?
GIL Sé que dixo Malaquías:
«Ex el mi ángel os embío,
con tan fuerte poderío,
que aparejará la carrera
delante mi haz verdadera,
en el santo templo mío.»

LII

«Tú, Belén, pequeña eres,»
— diz Miqueas profetando —,
«mas no te catarás, cuando
serás grande en tus poderes.
Cuando sin cuido estuvieres,
ternás el Señoreador
d' Israel en tu favor,
para cuanto tú quisieres.»

LIII

LUCAS ¿De Neñito tan boñito,
hablavan, soncas, lletrados?
GIL Los Profetas alumbrados
no jugavan a otro hito;
con muy ahincado espirito
y con gozoso placer,
todos desearan ver
Su nhacimiento bendito.

LIV

Porque Éste es el Cordero,
qui tollis peccata mundo,
el nuestro Adán segundo
y remedio del primero,
Éste es el Hijo heredero
de nuestro eterno Dios,
el cual fué dado a nos
por Mexías verdadero.

LV

Aquel Niño es eternal,
invisible y vesible,
es mortal y immortal,
movible y immovible;
en cuanto Dios, invisible;
es, en todo, al Padre igual,
menor, en cuanto humanal:
y esto no es imposible.

LVI

Echa el sol su rayo en Mayo,
como mil veces verés;
el mismo rayo sol es
y el sol también es rayo;
entre ambos visten un sayo,
de un envés,
y una cosa misma se es;

LVII

ansí Éste descendió,
quedando siempre en el Padre;
aunque vino a tomar Madre,
del Padre no sapartó.

BRÁS Gil Terrón lletrudo está;
¡muy hondo tencaramillas!

GIL Dios hace estas maravillas.

BRÁS ¡Ya lo veo, soncas ha!

LVIII

Quien te viere, ¡no dirá
que naciste en serranía!

LUCAS Cantemos, con alegría,
Quen eso, despues, se hablará.

(Vão-se, cantando.)

LAUS DEO.

VARIANTES E SUA RESPONSABILIDADE

Paga a pena encarar, embora circunscritas ao ponto de vista do texto do *Auto Pastoril Castelhano*, e dizer alguma coisa acerca delas, as edições de que nos servimos:

— De entrada (e que confirmem, os pobres e coitados alfarrabistas, que, por algumas, pedem coiro e cabelo...), figuram entre as menos vulgares, as mais caras e as pouco inspiradoras de confiança, o que briga com o preço que atingem.

— A influência da edição de Hamburgo, de 1834, é evidente em muitas das posteriores, incluindo uma das mais modernas, a de 1965, que se ressente também da edição de 1914.

É lamentável e é reprovável que à edição de 1965 (a última que inclui todas as obras da *Copilacam*), se não lhe tenha juntado uma nota esclarecedora do abusivo critério de utilizar, principalmente, a edição de 1914, e de tal modo, que se foi ao descoco de lhe aditar, anonimamente (!!), sem mais aquelas, as «contribuições para o conhecimento das obras de Gil Vicente» (na edição de Mendes dos Remédios: pp. 259-405, vol. III, Coimbra, 1914; na edição, datada de 1965, dos Editores Lello & Irmão, 144, Rua das Carmelitas, Porto, pp. 1327-1465). Com uma agravante inacreditável, o fizeram: cata-

ram-se quase todas as localizações das referências às obras de Gil Vicente — a única actividade da casa editora; disso, e desta vez, o facto redundou em prejuízo do Leitor, e mais: em desprezo pelo Leitor.

Mendes dos Remédios, na sua edição, declarou (III, pp. 261-262) a autoria desse trabalho: Júlio de Castilho.

Esta edição das «Obras de Gil Vicente», Porto, 1965, é uma vergonha para a «cultura deste país» e macula a actividade editorial duma empresa de tradições meritórias.

— Das duas edições espanholas, as de 1946 e de Hart, esta é a melhor, por mais segura e por enriquecida de proveitosas anotações.

— De entre todas, a edição verdadeiramente luxuosa é a que teve «coordenação de texto, introdução, notas e glossário do Doutor Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra», e também «ilustrações, vinhetas e iluminuras de Mestre Joaquim Lopes», preparada em Barcelos, na Companhia Editora do Minho. O que é inacreditável é que, para ela, se tenha adoptado, para a vogal *i*, tónica ou não tónica, o tipo que se apresenta sempre (mas sempre, é verdade!) com acento agudo, assim: *í*. Olhem-me cá para isto: quíero (verso 2), ríedro (verso 19), íntrínsíenes (verso 156), paríentes tíenes (verso 159), Níñíto (verso 286), ínfíníta (verso 310), exemplos tirados ao acaso e a eito! Como foi possível que se não tenha reparado, e procurado para ela remédio, nesta coisa singular: todos os *ii*, estejam onde estiverem, tenham o valor que tiverem, são grafados com acento: *í* —? (é caso para, legitimamente, perguntar). Foi uma notável e generalizada desatenção: compôs-se a obra, viram-se provas (repetidamente, pela certa), ordenou-se a impressão, e nunca se notou, nem ninguém por tal deu, que todo o texto gil-vicentino, páginas e páginas adiante, desde a 19.ª à 522.ª, apresentava a vogal *i* com o diacrítico de acento agudo. Compreende-se, por isto, que se não invoque

o testemunho da edição Pimpão para as palavras, em cuja composição figure a vogal *i*, que, em toda a parte se mostra *í*: nunca se sabe se é tónica, se é átona ou o que seja.

— Como se verá, as lacunas mais graves aparecem nas didascálias, principalmente na indicação da entrada das personagens.

— É desnecessário dizer que, nas duas edições espanholas, as cotas estão traduzidas para castelhano.

— Da nossa edição d' *O «Auto da Visitação», de Gil Vicente*, tiram-se estes elementos (1):

> «As primeiras produções de Gil Vicente — o *Monólogo do Vaqueiro*, o *Auto Pastoril Castelhano* e o *Auto dos Reis Magos* — e, talvez, menos a primeira que as duas últimas (2), mostram larga influência (3), na temática e na linguagem, dos poetas salmanticenses Juan del Encina e Lucas Fernández»; «Essa linguagem era, então, conhecida pelas designações de *estilo, lengua* e *lenguaje pastoril* e é costume indicar as *Coplas de Mingo Revulgo* (4), de data anterior a 1464 (5), como o primeiro texto que documenta tal expressão. Só muito mais tarde, já adiantado o século XVI, se começou a chamar *sayagués, «ce castillan rustique, le style pastoral de l'ancien théâtre espagnol»* (6); «Ao lado de vocábulos e expressões, tomam importância particular algumas características foné-

(1) Pp. 13-15.
(2) Hart, p. XXII.
(3) Teyssier, *Lang.*, p. 35.
(4) Frida Weber de Kurlat, pp. 43-50. Esta malograda e muito ilustre Autora «cita e comenta, com agudeza, um passo de *Quijote*, parte II, cap. XIX» e «um pouco mais adiante faz sobressair os termos com que Joseph E. Gillet formula o problema, que para si constitui o *sayagués*».
(5) Teyssier, *Lang.*, p. 25.
(6) Teyssier, *Lang.*, pp. 23-24.

ticas e, entre estas, sobressai a palatização do *l* e do *n*. Diz Teyssier (7): «*la palatisation est notée d'une façon très générale, mais non systématique*»; «Por isso, o Prof. Costa Pimpão (8) deu este esclarecimento: *Desde a edição de 1562 até às mais recentes tem havido o maior descuido no tratamento do texto dos primeiros Autos. Inspirando-se na linguagem dos pastores de Lucas Fernández e Juan del Encina, Gil Vicente empregou certas palatizações próprias do dialecto de Salamanca, que o compositor nem sempre respeitou. Este facto constituiu para nós um problema grave, que decidimos, harmonizando o texto onde o exemplo o autorizava*»; «Quer-nos parecer que o intento do ilustre Professor não foi literalmente atingido, porquanto, pelo menos nalgumas palavras, era de esperar a indicação da palatização.»

O Prof. Juan Régulo Pérez, no seu livro *El habla de La Palma*, La Laguna de Tenerife, 1970, p. 45, diz:

«Este fenómeno (la palatización de *N*-), típico del catalán y de los dialectos marginales del castellano, ha dejado algunas huellas en La Palma, como arcaísmo importado, pues se da en palabras que ofrecen igual fenómeno en el habla popular de muchas regiones hispánicas: *ñúnko*, nudillo, *ñúdu*, nudo, *ñiño*, niño, *ñerbóso*, nervioso.»

E acrescenta:

«*Ñudo*, nudo — documentado por Nebrija y muy usado en numerosos dialectos y en América» — p. 97.

No capítulo *Indigenismos* (p. 123), com o subtítulo *Indigenismos hispánicos* (p. 127), arquiva e define estas formas (pp. 150-151); *ñáñaras* e *ñañas, narices*, e *ñunco, nudillo de las manos*.

(7) *Lang.*, p. 69.
(8) Pimpão, p. 530.

1 — estaa (1562); está (1834);
3 — veis lo (1562); veislo (1834); veíslo (1946); véislo (Pimpão);
4 — naquella (1562); n' aquella (1946); nhaquella (Pimpão); 'n aquella (Hart);
8 — peccado (1562); pecado (1834);
9 — lloueraa (1562); lloverá (1834); lhoverá (1942);
11 — añazeando (1562); añaceando (1834);
13 — a (1562); á (1834);
14 — huzia (1562); hucia (1834); vẽdra (1562); vendrá (1834);
16 — chançonetas (1562); chanzonetas (1834);
18 — biuo (1562); vivo (1834); bivo (Pimpão);
21 — començare (1562); comenzaré (1834); començaré (1914);
23 — sueño (1562); sueno (1834);
24 — nho (1562); no (1834); ño (Hart);
24-25 — Hart põe a cota: «*Entra* Bras», o que é de aceitar.
25 — as (1562); has (1834);
27 — fee (1562); fe (1834); cuydo (1562); cuido (1834); peccado (1562); pecado (1834);
28 — nho (1562); no (1834); ño (Hart); tentiende (1562); te entiende (1834); t' entiende (Pimpão);
29 — que (1562); qui (1852);
30 — y (1562); e (1933);
31 — o (1562); ó (1834);
32 — dellas (1562); d' ellas (1946); de ellas (Hart);
33 — tenlodas (1562); te enlodas (1834); t'enlodas (Pimpão);
37 — nho (1562); no (1834); ño (Hart);
38 — quando (1562); cuando (1834); el (1562); al (1834);
40 — nho (1562); no (1834); ño (Hart);
41 — nhi (1562); ni (1834); ñi (Hart); de asseo (1562); deseo (1834); de aseo (1965); deasseo (1966); Marques Braga, na edição de 1942, adoptou: deseo; na de 1968: de asseo;
42 — quantas (1562); cuantas (1834);
46 — qualquier (1562); cualquier (1946);
47 — nesta (1562); n' esta (1946); nhesta (Pimpão); 'n esta (Hart); menseño (1562); me enseno (1834); me enseño (1914); m' enseño (Pimpão);

48 — con (1562); com (1942; e também na de 1968, do mesmo Prof. Marques Braga);
49 — nho (1562); no (1834); ño (Hart); ni (1562); nhi (Pimpão); quando (1562); cuando (1834); cuándo (1946); quándo (Hart);
51 — quiça (1562); quizá (1834); quiçá (Pimpão); dotro (1562); de otro (1834); d' otro (Pimpão);
52 — a (1562); á (1834);
55 — con (1562); com (1942; o mesmo na ed. de 1968, da mesma colecção);
62 — descluzio (1562); desclucio (1834); torruño (1562); terruño (1834);
63 — bico nuño (1562); Vico-Nuño (1834); Bico Nuño (Pimpão);
64 — tenseño (1562); te enseñó (1834); te enseño (1942); t' enseñó (Pimpão); esso (1562); eso (1834); al (1562); el (1946);
67 — aosadas (1562); a osadas (Hart);
68 — peccado (1562); pecado (1834);
70 — aun que (1562); aunque (1834);
71 — nho (1562); no (1834); ño (Hart); a (1562); á (1934);
75 — oydos (1562); oidos (1834); oídos (1946);
77 — desseo (1562); deseo (1834);
79 — hao (1562); ah oh (1946); a (1562); á (1834); quiẽ (1562); quien (1834); quiê (1933); quién (1946); ablas (1562); hablas (1834);
80 — a (1562); á (1834); vos otros (1562); vosotros (1834);
83 — nho (1562); no (1834); ño (Hart); nhi (1562); ni (1834); ñi (Hart); ha (1562); á (1834); a (1946);
84 — perdisti (1562); perdiste (1834);
85 — perdieron se (1562); perdiéronse (1834); perdieronse (1966);
87 — o (1562); ó (1834); me las (1562); melas (1933);
88 — nel (1562); n' el (1946); nhel (Pimpão); 'n el (Hart);
89 — andaua (1562); andava (1834); andaba (1946); baylando (1562); bailando (1834);
90 — estuuela (1562); estúvela (1834);

91 — boca abierto (1562); boquiabierto (1834); tresportado (1562); trasportado (1834); transportado (1946);
93 — estuue (1562); estuve (1834); vallientes (1562); valientes (1834);
94 — el ganado (1562); en ganado (1914); en tan amientes (1562); entanamientes (1834); en tan amientes (1933);
95 — ala (1562); á la (1834); a la (1946); he (1562); fe (1834); he (1942); hé (Hart);
96 — no (1562); nho (Pimpão);
97 — esso (1562); eso (1834); q̃ (1562); que (1834); as edições de Marques Braga (a de 1942 e a de 1968) omitem este *que* (*q̃*); sospecho (1562); suspecho (1852);
100 — no (1562); nho (Pimpão);
103 — comigo (1562); conmigo (1946);
105 — agenas (1562); ajenas (1946);
106 — nho (1562); no (1834); ño (Hart); tras tras (1562); trastras (Hart);
109 — dizes (1562); dices (1834); e (1562); y (1834);
113 — nho (1562); no (1834); ño (Hart);
115 — encomiendalas (1562); encomiéndalas (1834); encomiéndelas (1946); a (1562); á (1834);
116 — esso (1562); eso (1834);
117 — yra (1562); irá (1834); yrá (Pimpão); a edição de 1946 adopta a sintaxe seguinte: *irá a*;
118 — nos (1562); nhos (Pimpão);
120 — hamelas (1562); hámelas (1934); hame las (1933);
121 — hazer (1562); hacer (1834);
126 — naquella (1562); n'aquella (1946); nhaquella (Pimpão); 'n aquella (Hart); assomada (1562); asomada (1834);
128 — haze (1562); hace (1834);
129 — nun (1562); n' un (1946); 'n un (Hart);
130 — este tizon (1562); estetizon (1933);
131 — aqua (1562); acá (1834); aquá (Pimpão);
132 — nhunca (1562); nunca (1834); ñunca (Hart); yra (1562); irá (1834); yrá (Pimpão);
133 — ha... ha (1562); ah... ah (1946); Syluestre (1562); Silvestre (1834); Svlvestre (Pimpão); Vicente (1562); Uicente (1933);

134 — ha ... ha (1562); ah ... ah (1946);
135 — ha ... ha (1562); ah ... ah (1946);
136 — ha (1562); ah (1946); passiual (1562); Pasival (1834); Passival (1942); ho (1562); oh (1942);
137 — ha (1562); ah (1946); q̃ (1562); qué (1834); nhos (1562); nos (1834); ños (Hart);
142 — allegre (1562); alegre (1834); assombrado (1562); asombrado (1834);
143 — plazer (1562); placer (1834);
144 — vos otros (1562); vosotros (1834);
146 — auemos (1562); habemos (1834); havemos (Hart); hazer (1562); hacer (1834);
149 — baylemos (1562); bailemos (1834);
150 — mia (1562); mi (1834); nho (1562); no (1834); ño (Hart);
151 — baylas (1562); bailas (1834);
152 — juria (1562); juri (1834); á (1834); a (1946); nhos (1562); nos (1834); ños (Hart); q̃ (1562); que (1834);
153 — Syluestre (1562); Silvestre (1834); Sylvestre (Pimpão);
154 — nho (1562); no (1834); ño (Hart);
155 — soy (1562); foy (1933); rezien (1562); recien (1834); recién (1946); rezién (Pimpão);
157 — traxo (1562); trajo (1834);
158 — Valasco (1562); Velasco (1834); Ualasco (1933); nuño (1562); Nuño (1834);
160 — vuiste (1562); hubiste (1834); huviste (Pimpão);
162 — q̃ (1562); que (1834); moça (1562); moza (1834); biẽ (1562); bien (1834);
163 — natio (1562); natío (1834); nhatío (Pimpão);
164 — honrrada (1562); honrada (1834);
165 — nesso (1562); neso (1834); n' eso (1946); nhesso (Pimpão); 'n esso (Hart); no (1562); nho (Pimpão); ay (1562); hay (1834); bay (Pimpão);
168 — aguelo (1562); agüelo (1946);
173 — caronales (1562); coronales (1946);
174 — partes (1562); parte (1834);

176 — sobrina (1562); sobrinha (1942; vem o mesmo na edição de 1968); Crespellon (1562); Crespillon (1834); Crespillón (1946); Crespellón (Pimpão);
177 — Cascaolhas (1562); Casaollas (1834); Cascaollas (1914);
178 — pariẽte (1562); pariente (1834);
179 — Mariroiz (1562); Mari (1834); Roiz (1834); Royz (Pimpão);
180 — Torebilla (1562); Toribilla (1834);
183 — Marica (1562); Mauricia (1946); dela (1562); de la (1834);
184 — Espulgazorras (1562); Espugazorras (1946);
185 — y (1562); e (1942; a edição de 1968 segue o mesmo caminho); bendizidera (1562); bendicidiera (1834);
186 — Rapiharta (1562); Papiarta (1933); Papiharta (1942);
187 — la ceñuda (1562); laceñuda (1933);
188 — negruça (1562); Negruza (1834); Negruzca (1946); Negruça (Pimpão);
189 — valmuça (1562); Valmuza (1834); Valmuça (Pimpão);
191 — q̃ (1562); que (1834); hõrrada (1562); honrada (1834); honrrada (Pimpão); hõnrada (1966);
192 — essa (1562); esa (1834); ésa (1946); aues (1562); habeis (1834); habéis (1946); haves (Pimpão); havés (Hart); rellatado (1562); relatado (1834);
193 — aora (1562); ahora (1834); honrrado (1562); honrado (1834);
194 — nho (1562); no (1834); ño (Hart);
195 — dam me (1562); danme (1834); damme (Pimpão);
198 — no (1562); nho (Pimpão);
199 — dam me (1562); danme (1834); damme (1942); moça 1562); moza (1834);
200 — atillos (1562); hatillos (1934);
201 — vermejos (1562); bermejos (1946);
202 — llozida (1562); lucida (1834);
203 — dam me (1562); danme (1834); damme (1942);
205 — nho (1562); no (1834); ño (Hart);
208 — respinguemos (1562); respiguemos (Hart);
209 — madrugada (1562); madruga (1834);
210 — dexemos (1562); dejemos (1834);

211 — demonos (1562); démosnos (1834); démonos (1942); demonhos (Pimpão); a (1562); á (1834); gasajado (1562); agasajado (1966);
212 — todos (1562); todo (1946); plazer (1562); placer (1834);
213 — nho (1562); no (1834); ño (Hart); llhouer (1562); llover (1834);
214 — ya nho (1562); ya no (1834); y anho (1933); ya ño (Hart);
215 — algun (1562); algum (1852); algún (1946);
216 — juguemos (1562); jugamos (1834);
217 — ala bejon (1562); al abejon (1834); al obejón (1946);
218 — tiengo (1562); tengo (1834); destar (1562); de estar (1834); d' estar (Pimpão);
219 — naciste (1562); nhaciste (Pimpão); templano (1562); temprano (1834);
220 — veis me (1562); veisme (1834); véisme (Pimpão);
221 — passa talli (1562); pásate allí (1834); pássat' alli (Pimpão); pássat' allí (Hart);
223-224 e 224-225 — As edições de 1834, 1852 e 1946 não atribuem o verso 224 ao pastor BRÁS e, em consequência deste lapso, nelas, a fala de GIL começa no verso 220 e termina no verso 227, prescindindo, assim, como o fizeram (o que denota deficiente interpretação do passo), de indicar, de novo, a intervenção deste pastor entre os verso 224-225.
225 — alça, alça (1562); alza, alza, (1834); braço (1562); brazo (1834);
226 — nho (1562); no (1834); ño (Hart);
228 — ha (1562); ah (1946);
229 — a (1562); á (1834); rauia (1562); rabia (1834); ravia (Pimpão);
230 — vistes (1562); viste (1834);
232 — nho (1562); no (1834); ño (Hart);
233 — a (1562); á (1834);
234 — q̃ (1562); que (1834); cõpañero (1562); compañero (1834);

234-235 — As edições de 1834, 1852 e 1946 não indicam a entrada de LUCAS; a edição de 1562 fá-lo com a abreviatura: *Lu.*, pelo que ela se torna indispensável.
236 — começar (1562); comenzar (1834);
237 — comẽçad (1562); comenzad (1834); começad (Pimpão), começado (1966);
238 — sabello as (1562): sabello has (1834); sabellohas (Pimpão);
239 — qual (1562); cuál (1946); quál (Hart); aquel (1562); aquelle (1834);
240 — no (1562); nho ((Pimpão);
241 — peccado (1562); pecado (1834); Pecado (1946);
242 — peccado (1562); pecado (1834);
243 — creyo (1562); creo (1834); esse (1562); ese (1834); ése (1946); ésse (Pimpão);
244 — nho (1562); no (834); nho (Pimpão); ño (Hart);
245 — esto (1562); este (1834); éste (1946); passado (1562); pasado (1834);
246 — bia (1562); via (1834); vía (1946); bía (Hart);
248 — santiguaos (1562); santiaguaos (1852); santíguaos (Hart); demuño (1562); demueño (1834);
249 — nho (1562); no (1834); ño (Hart);
249-250 — Na edição de 1933, não está apontada a entrada de GIL, como o faz a edição príncipe, o que é uma falta grave;
250 — Dezid (1562); decid (1834);
251 — enhel (1562); en el (1834); eñ el (Hart);
252 — enhel (1562); en el (1834); eñ el (Hart); fijo (1562); hijo (1834); Hijo (1946);
253 — ellotro (1562); el otro (1834); ell otro (Hart); moluido (1562); me olvidó (1834); m' olvidó (Pimpão);
254 — ha (1562); ah (Hart);
255 — ques (1562); que es (1834); a edição de 1946 não tem: *el*; redemptor (1562); Redentor (1834); Redemptor (1946);
256 — zagales (1562); zagalles (1933); lleuantar (1562); levantar (1834); levantad (1946); llevantar (Pimpão); dahi (1562); de ahí (1834); d'ahi (Pimpão); d'ahí (Hart);

257 — nhueua (1562); nueva (1834); nhueva (Pimpão); ñueva (Hart);
259 — alos (1562); á los (1834); a los (1946). Esta edição de 1946 omite o pronome *lo* (lo ohí), que figura na edição de 1562. Ohí (1562); oí (1834); ohi (1933);
260 — o (1562); oh (1834);
263 — a (1562); á (1834); nhos (1562); nos (1834); ños (Hart);
265 — e (1562); y (1834); nos (1562); nhos (Pimpão); lleuantados (1562); levantados (1834); llevantados (Pimpão);
266 — auemos (1562); hablemos (1834); havemos (Pimpão); hazer (1562); hacer (1834);
267 — vamos lo (1562); vamoslo (1834); vámoslo (1946); a (1562); á (1834);
268 — despelluzados (1562); despeluzados (1834);
269 — nhotar (1562); notar (1834); ñotar (Hart);
270 — elrey (1562); el Rey (1834); el rey (Hart); delos (1562); de los (1834);
272 — nhueua (1562); nueva (1834); nhueva (Pimpão); ñueva (Hart);
274 — hid (1562); id (1834); llugar (1562); lugar (1834);
275 — priesto (1562); presto (1946);
276 — nho (1562); no (1834); ño (Hart); vazios (1562); vacíos (1834); vazíos (Hart);
278 — rabe (1562); rabel (1834); rabé (Pimpão); xauato (1562); Javato (1834); Xavato (Pimpão); jauato (1966);
279 — guayta (1562); gaita (1834); guaita (Hart);
281 — ay (1562); hay (1834); enel (1562); en el (1834); enhel (Pimpão);
282 — siluato (1562); silbato (1834); silvato (Pimpão);
282-283 — Algumas edições, imitando a de 1834, colocam, depois da didascália, o pronome *Todos*. A edição príncipe não o permite; o verbo, no plural, dispensa isso;
283 — aburremos (1562); aburramos (1834);
284 — debocion (1562); devocion (1834); devoción (1946); deboción (Pimpão);
285 — garçon (1562); garzon (1834); garzón (1946); Garçón (Pimpão);

287 — dagora (1562); de agora (1834); d' agora (Pimpão); rezien (1562); recien (1834); recién (1946); rezién (Pimpão); nhacido (1562); nacido (1834); ñacido (Hart);
288 — es el (1562); es le (1914); curioso é ver que a edição de 1965 segue na esteira de Remédios;
289 — nhuestro (1562); nuestro (1834); ñuestro (Hart); Mexia (1562); Mesias (1834); Mexía (1946); Mexias (1965);
290 — cantemoz (1562); cantemos (1834); a (1562); á (1834); boz (1562); voz (1834);
291 — deuocion (1562); devocion (1834); devoción (1946);
292 — garçon (1562); garzon (1834); garzón (1946); Garçón (Pimpão);
293 — É de suspeitar que alguns Editores menos avisados tomem *a* por artigo definido, à portuguesa; aqui é a preposição *a*. Vŕa (1562); vuestra (1834); Vuestra Gloria (Pimpão);
295 — allegres (1562); alegres (1834);
296 — nhueble (1562); nueble (1834); ñueble (Hart); vitoria (1562); victoria (1946);
297 — a (1562); á (1834);
298 — quel (1562); que el (1834); qu' el (Pimpão); mochacho (1562); muchacho (1834); oy (1562); hoy (1834); ñascio (1562); nació (1834); nhasció (Pimpão); nasció (Hart);
299 — nho (1562); no (1834); ño (Hart); entiendo que (1562); entiende que (1914);
300 — comprehende (1562); comprende (Hart);
302 — pobrezita (1562); pobrecita (1834); pobrecica (1946);
303 — ñascer (1562); nacer (1834); nhascer (Pimpão);
304 — comiença (1562); comienza (1834); a (1562) á (1834);
306 — camazita (1562); camacita (1834);
307 — Antes de *establo*, colocaram o artigo indefinido *un*, as edições de 1834, 1914, 1942, 1946, 1965; a edição de 1852 juntou o artigo à portuguesa: *um*. Pode pensar-se que tenha sido por causa da medida do verso. Mas não é preciso isso. A escansão do septissílabo ficará: y-es-ta-blo-su-po-sa-(da);
311 — estos (1562); estes (1834); yelos (1562); hielos (1834);

312 — estaa (1562); está (1834);
316 — a (1562); á (1834);
317 — o (1562); ó (1834);
318 — çamarro (1562); zamarro (1834); truxera (1562); trujera (1834);
320 — quel (1562); que el (1834); que él (1946); qu' Él (Pimpão);
321 — hazeis (1562); haceis (1834); hacéis (1946); hazéis (Pimpão);
323 — reuelencia (1562); reverencia (1834); revelencia (Pimpão);
324 — dalde (1562); dadle (1946); desso (1562); de eso (1834); d' esso (Pimpão); de esso (Hart);
327 — no (1562); nho (Pimpão);
329 — nora buena (1562); norabuena (1834); 'n orabuena (Hart);
330 — ala (1562); á la (1834); a la (1946); a edição de 1966 adoptou a seguinte troca: «a la fe Dios que», por: «a la fe que Dios»;
331 — sancta (1562); santa (1834);
334 — nengun (1562); ningun (1834); nengún (1946);
335 — nora buena (1562); norabuena (1834); 'n orabuena (Hart);
336 — ala (1562); á la (1834); a la (1946);
337 — dezis (1562); decis (1834); decís (1946); dezís (Hart); donzella (1562); doncella (1834); Donzella (Pimpão); concella (1965);
338 — nho (1562); no (1834); ño (Hart); prellozida (1562); prelucida (1834);
339 — nhunca (1562); nunca (1834); ñascida (1562); nacida (1834); nhascida (Pimpão);
340 — fuesse (1562); fuese (1834); muger (1562); mujer (1946);
344 — Salamon (1562); Salomon (1834); Salomón (1946); Salamón (Pimpão); dize (1562); dice (1834); esposa (1562); espoza (Pimpão);
345 — quando (1562); cuando (1834); canticaua (1562); canticava (1834); canticaba (1946); della (1562); d' ella (1946); de ella (Hart);

346 — boz (1562); voz (1834); desseosa (1562); deseosa (1834);
347 — dezia (1562); decia (1834); dezía (Hart);
348 — lleuantate (1562); levántate (1834); llevántate (Pimpão); lévantate (1965);
349 — fermosa (1562); formosa (1834);
350 — mi (1562); mia (1834); mía (1946);
351 — boz (1562); voz (1834); oydos (1562); oidos (1834); oídos (1946);
352 — ques (1562); que es (1834); qu' es (Pimpão); a (1562); á (1834);
359 — quien (1562); que (1946); venir (1562); veuir (1933); dessea (1562); desea (1834);
362 — ha (1562); á (1834); a (1946); plaga (1562); plegue (1834); conel (1562); con el (1834); conhel (Pimpão); roin (1562); ruin (1834); roín (Hart);
363 — peleja (1562); pelleja (1834);
364 — dachaque (1562); de achaque (1834); d' achaque (Pimpão); dygreja (1562); de ygreja (1834); d' ygreja (Pimpão); d' igreja (Hart); a edição de 1946 preferiu esta forma: «sabes de achaque y de ygreja»;
365 — aora (1562); ahora (1834); deprendi (1562); deprendí (1834); comprendí (1946);
366 — conesso (1562); con eso (1834); conhesso (Pimpão); con esso (Hart); llatin (1562); latin (1834); latín (1946); llatín (Hart);
367 — a (1562); á (1834); plazer (1562); placer (1834);
368 — preciasse (1562); preciára (1834); preciara (1946);
371 — perfecias (1562); profecias (1834); perfecías (Hart);
372 — see (1562); sé (1834); dixo (1562); dijo (1834); Malachias (1562); Malaquias (1834); Malaquías (1946);
373 — ex (1562); eis (1834); eís (1946); ej (1966); embio (1562); envío (1946); embío (Hart);
375 — aparejaraa (1562), aparejará (1834);
376 — mi az (1562); haz (1834); miaz (1933);
377 — en el (1562); enhel (Pimpão); sancto (1562); santo (1834);
379 — Micheas (1562); Miqueas (1834); prophetando (1562); profetando (1834);

380 — no (1562); nho (Pimpão); quando (1562); cuando (1834);
382 — quando (1562); cuando (1834); cuydo (1562); cuido (1834);
384 — Disrael (1562); de Israel (1834); d' Israel (Pimpão);
385 — quanto (1562); cuanto (1834);
386 — neñito (1562); niñito (1834); Niñito (1946); Neñito (Pimpão); boñito (1562); bonito (1834); bonhito (Pimpão);
387 — hablauan (1562); hablaban (1834); hablavan (Pimpão); lletrados (1562); letrados (1834);
388 — prophetas (1562); Profetas (1834); Prophetas (1914);
389 — no (1562); nho (Pimpão); jugauan (1562); jugaban (1834); jugavan (Pimpão); a (1562); á (1834);
390 — espirito (1562); esprito (1834);
391 — plazer (1562); placer (1834);
392 — dessearan (1562); desearan (1834); desearon (1946);
393 — nhacimiento (1562); nacimiento (1834); ñacimiento (Hart);
395 — tolis (1562); tollis (1834);
396 — nuestro (1562); nhuestro (Pimpão);
399 — nuestro (1562); nhuestro (Pimpão);
400 — qual (1562); cual (1834); a (1562); á (1834); nos (1562); nhos (Pimpão);
401 — Mexias (1562); Mejías (1834); Mexías (1942);
403 — vesible (1562); visible (1834);
404 — immortal (1562); inmortal (1834);
405 — mouible (1562); mobible (1834); movible (1946); immouible (1562); inmobible (1834); inmovible (1946); immobible (1942); immovible (Pimpão);
406 — quanto (1562); cuanto (1834); inuisible (1562); invisible (1834);
407 — ygual (1562); igual (1834);
408 — quanto (1562); cuanto (1834);
409 — no (1562); nho (Pimpão); impossible (1562); imposible (1834);
410 — hecha (1562); echa (1946); ẽ (1562); en (1834);
411 — vezes (1562); veces (1834);

414 — entre ambos (1562); entrambos (1834); a edição de Pimpão não tem este verso.
418 — enel (1562); en el (1834); enhel (Pimpão);
419 — aun que (1562); aunque (1834); a (1562); á (1834);
420 — no (1562); nho (Pimpão); saparto (1562); se apartó (1834); s' apartó (Pimpão);
421 — estaa (1562); está (1834);
422 — ten caramillas (1562); te encaramillas (1834); tencaramillas (1933); t' encaramillas (Pimpão);
423 — haze (1562); hace (1834);
424 — ya (1562); yo (1834);
425 — viere (1562); viera (1946); no (1562); nho (Pimpão);
426 — naciste (1562); nhaciste (Pimpão);
427 — alegria (1562); alegría (1834); allegria (Pimpão);
428 — quen esso (1562); que en eso (1834); qu' enhesso (Pimpão);

VOCABULÁRIO DO AUTO

A

a — vid.: ala; ala fe; haber.

a (prep.) — conociste a Juan, 52; nho quiero mal a pastor, 71; a quiẽ, 79; a vos outros digo, 80; encomiendalas a Dios, 115; demonos a, 211; do a rauia, 229; juguemos a, 233; vamos lo a ver, 267; cantemos a boz en grito, 290; mantenga a, 293; a vos, 297; comiença a, 304; dulce a, 352; tan a punto, 367; no jugauan a, 389; fue dado a, 400; vino a, 419; vete al, 61; al domingo, 64; al son, 92; al cordojo se dio, 147; traxo al, 157; juguemos ala bejon, 217; alos angeles, 259; al llugar, 274; al padre, 407; *ha* — ha Dios pliega, 83. Do latim *ad*; em português: *a*. Leiam-se as judiciosas observações de Machado, *Dic.*, s. v.: *a* (3) e *a* (4). Veja-se o verbete *ha*.

a (juri — ños); (juri — nhos); (juri — san); (— la he); (— osadas); (rato — rato).

á (juri — nos).

abejon (s.) — a bejon — juguemos ala bejon, 217. Tratámos disto no cap. 32, dos *Estudos gil-vicentinos*, 2.º vol., Sá da Bandeira, 1975, p. 160. Citando o *Dic.*, da Academia: «juego entre tres sujetos, uno de los cuales, puesto en

medio con las manos juntas de la boca, hace un ruido semejante al del *abejón* (aumentativo de *abeja; zángano*) y entreteniendo así a los otros dos, procura darles bofetadas y evitar las de ellos», acrescentámos: «Temos, pois, que são três os intervenientes, com o que está de acordo a locução adverbial do verso 218: *en medio*. Um deles é GIL (versos 218-220, 224-227). BRÁS é o segundo (versos 222 e 226). LUCAS é o terceiro, conforme se tira dos versos 215, 221, 225-226 e 231. *Abejon* assenta em *abeja* e *abeja* vem do latim: *apicula*. Em português: *abelha*.

a bejon — vid.: abejon.

aber — vid.: haber.

abierto — vid.: abrir.

ablar (v.) — ablas — a quiẽ ablas, 79. Do latim: *fabulare* (lo, as), o espanhol *hablar* (veja-se este verbete) e o português: *falar*. É uma variante gráfica.

ablas — vid.: ablar.

aborrir (v.) — aborrir — aborrir quiero, 20; aburremos — aburremos la majada, 283. Corominas, *Dic.* s. v.: *aburrir*, abona a grafia *aborrir* com Berceo. O castelhano usa *aburrir*, do latim *abhorrere* (eo, es, ui), «tener aversión a». Quanto ao verso 283, *aburremos*, por *aburramos*, deve ser lapso de composição tipográfica; (Hart propõe a emenda); Marques Braga traduz o verso: abandonemos o curral.

abrigada (s.) — naquella abrigada, 4. Paralelo do português *abrigada*, de *abrigar*, de *apricari* (cor, caris), *aquecer-se ao sol*, donde *abrigar-se do frio* (Machado, *Dic.*, s. v.: *abrigada* e *abrigar*). Vejam-se os verbetes: *abrigar* e *abrigado*.

abrigado (s.) — en abrigado, 141. Vejam-se os verbetes: *abrigada* e *abrigar.*

abrigar (v.) — abrigado — estoy abrigado, 5. Corominas, *Dic.*, s. v.: «Do latín *apricare* (por: apricari): «calentar con el calor del sol»; «La acepción *proteger contra el viento* ya se halla en el latín de Paladio». Vejam-se os verbetes: *abrigada* e *abrigado.*

abrir (v.) — abierto — boca abierto, 91. Adjectivação do particípio passado do verbo *abrir*, do latim *aperire* (rio, ris, aperui, apertum); *apertu-* (us, a, um) originou o castelhano *abierto* e o português *aberto* (Menéndez Pidal, *Man.*, p. 323).

abuelo — vid.: aguelo.

aburremos — vid.: aborrir.

aburrir — vid.: aborrir.

aca (adv.) — vengais aca, 138; teneis vos otros aca, 144; estamos aca, 294. Veja-se o verbete: *aqua.*

acompañado — vid.: acompañar.

acompañar (v.) — acompañado — anda acompañado, 65. Do lat. **accompaniare*, de **compania* (Machado, *Dic.*, s. v). Em português: acompanhar.

acordada — vid.: acordar.

acordar (v.) — acordada — tónica acordada, 260; acuerdo — nho me acuerdo del, 37. O castelhano e o português *acordar* assentam no latim **accordare*, por *concordare*, com troca de prefixo: *con-* e *ac-*. O verbo *cordare* tem por base *cor* (dis). O *Dic.*, da Ac. Ciências, admite, naquela acepção, influência de *corda.* Será o mesmo que *harmo-*

niosa. É a adjectivação do Particípio Passado. Para o significado do verso 37, leia-se Viana, *Apostilas*, s. v.: *decorar*.

acostar (v.) — bien sera acostar, 246. Serve esta acepção dada por Corominas, *Dic.*, s. v.: cuesta: «tender o poner de espaldas... en posición yacente». Vem do latim *costa-* (a, ae), donde *cuesta* e o alótropo *costa*. Em português, o verbo *encostar* (vou-me encostar) pode ter um sentido aproximado. Quanto ao substantivo, em português: *costa* e *costas*.

acuerdo — vid.: acordar.

achaque (s.) — sabes dachaque, 364. *Dachaque*, isto é, *de achaque*, é uma locução adverbial de modo, respeitante a *saber*, constituída pela preposição *de* (d) e o substantivo *achaque*. Relativamente ao seu étimo, leiam-se Corominas, *Dic.*, s. v.: *achacar*, e Machado, *Dic.*, s. v.: *achaque*. Se, entre as significações usadas, figurava a de *doença* (que ainda hoje prevalece e com força), poderá supor-se que *de achaque* valesse: *doentiamente* e, depois: *profundamente, muitíssimo*, que serve ao pasmo e ao passo de espanto do pastor *Silvestre*.

Adan (s.) — Adan segundo, 396. Em português, *Adão* e *Adam*. Em castelhano: *Adan*. «Do hebreu: homem, homem feito de terra (barro)» — Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 45.

adiuinar (v.) — juguemos a adiuinar, 233; comẽçad de adiuinar, 237. Em português, *adivinhar*, do latim **addivinare*, de *divinare*. Machado, *Dic.*, s. v., regista variantes arcaicas. Consulte-se o *Dic.*, de Corominas, s. v.: *Diós*. Presta-se a ilustrar o jogo dos pastores, este passo de Júlio Dinis, *Pupilas*, p. 189, consignado no *Dic.*, da Ac. Ciências: «Ora vamos lá a uma adivinha ... diga lá o que é esta: altos castelos, verdes e amarelos. — É uma laranjeira».

adivinar — vid.: adiuinar.

adorada — vid.: adorar.

adorar (v.) — adorada — y adorada, 308. Do latim *adorare* (ro, as, avi, atum), português e castelhano: adorar. É o Particípio passado.

afincar — vid.: ahincar.

agasajar —vid.: gasajado.

agenas — Vid.: ageno.

ageno (adj.) — agenas — cosas agenas, 105. Corominas, *Dic.*, s. v.: *ajeno*: «del lat. *alienu-* (us, a, um), derivado de *alius*, otro»; regista a variante *alyeno*. Em português: alheio.

agora (adv.) — dagora, 287. Como em português, também o castelhano usou de *agora*, do ablativo latino *hac hora*, nesta hora — Menéndez Pidal, *Man.*, p. 337.

aguelo (s.) — del aguelo, 168. Para designar a «mãe do pai ou da mãe» e o «pai do pai ou da mãe», a língua do Lácio teve as palavras *avia* (ae) e *avus* (i). De *avia* se formou o diminutivo *aviola* (ae) e, nestes moldes, o latim popular *aviolus* (i); (o *Dic.*, da Ac. Ciências, por lapso de composição, traz: *avoilus*). Aqui está a origem do castelhano *abuela* e *abuelo*, irmãos dos nossos *avó* e *avô*. Machado, *Dic.*, s. v., regista as formas intermédias: avolo, auola, avoo, avoa — regista, abona e data-as. Gil Vicente, na *Visitação*, verso 82, pôs na boca do *Vaqueiro:* «Oh, qué aguela y qué agüelos» (Hart), formas que Corominas, *Dic.*, s. v.: *abuela*, não regista, ao contrário do que faz a Academia, *Dic.*, s. v.; Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 133 e 147. Cortesão, *Dic.*, s. v.: *avó* e *avô*, documenta os romances: auola, auolo, abolo, avolus e auuo, que são estádios anteriores das formas lusas.

ah — vid.: ha.

ahi — vid.: dahi; d' ahi.

ahi (adv.) — dahi, 256; por ahi, 85. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 336; em português: aí. É o latim: ad hic.

ahijado (s.) — es ahijado, 167. O português *afilhado* é paralelo do castelhano *ahijado*. Pertencem ao tronco de *filho* e *hijo*, ambos do latim *filiu-* (ius, ii). Corominas, *Dic.*, s. v: *hijo*. A Ac. Ciências, *Dic.*, s. v.: *afilhado*, dá-o como resultante dum hipotético *ad-filiatus*, «adoptado como filho».

ahincado — vid.: ahincar.

ahincar (v.) — ahincado — ahincado espirito, 390. Corominas, *Dic.*, s. v.: *hincar*, regista *ahincar* e *ahincado*. É formado de *hincar*, «del lat. vg. *figicare*, derivado del lat. *figere* (go, gis, ixi, ixum), clavar». Ver a rubrica *fito*. Em português: *afincar* e *fincar* (recorde-se a locução adverbial: com afinco). O *Dic.*, da Ac. Ciências, s. v.: *afincar*, dá o mesmo étimo, mas chama a atenção para o seguinte, que também vale para o espanhol: «com um *n* inexplicado».

ahora — vid.: aora.

ahotas (adv.) — a hotas — a hotas que, 190; que ahotas quel callara, 320. Teyssier, *Lang.*, pp. 38-39: «cet adverbe signifie *en vérité, pour sûr*»; «*ahotas* se rattache à *ahotado*, ptg. *afoitado* et à l' ancien cast. *hoto*, confiance, — qui remonte au latin *fautu-* (favere, lat. — veo, ves, favi, fautum, favorecer). Leia-se Corominas, *Dic.*, s. v.: *hoto*.

a hotas — vid.: ahotas.

ajeno — vid.: ageno.

al — vid.: a; l.

ala — vid.: a la he.

ala (— bejon); (— fe); (— he).

ala bejon — vid.: al; abejon.

ala fe —ala fe, 330; 336. O mesmo que *a la he*; ambos concorrem neste Auto. Consulte-se Teyssier, *Lang.*, pp. 63-64, para *f-* e *h-*. Veja-se a rubrica: *ala he*.

ala he — vid.: a la he.

a la he — ala he, 95. É uma fórmula de juramento, com que se reforça o que se afirmou ou se vai afirmar de seguida. Veja-se o verbete *fee*. «*He* por *fe* es tipicamente sayagués» — Hart. Vejam-se os verbetes: mi fee; a la he; ala fe. Consulte-se Teyssier, *Lang.*, pp. 63-64.

alça — vid.: alçar.

alçar (v.) — alça, alça, 225. Corominas, *Dic.*, s. v.: *alzar*: «del lat. vg. **altiare*, derivado del lat. *altus* (a, um), alto». Em português *alçar*. Leia-se o bem documentado verbete *alçar*, do *Dic.*, de Machado.

alegre — vid.: allegre.

alegria (s.) — con alegria, 427. Veja-se o verbete: *allegre*.

alfarda (s.) — y alfarda, 202. Machado, *Dic.*, s. v.: «vestuário. Do árabe *al-fardâ*, nome de unidade de *fard*, metade, uma das partes de um par; só; isolado; depois: aquilo que é só um; em certos dialectos, *al-fardâ* é: veste de mulher, tanga».

algo (pron. indef.) — traed algo, 277. *Algo* é castelhano e é português; ambos do latim: *aliquod* (aliquis, aliqua, aliquid ou aliquod). Valem: alguma coisa. Machado (*Dic.*, s. v.) documenta a forma portuguesa do Século IX.

algun — vid.: alguno.

alguno — algun — algun remedio, 215; o algun melas soniega, 87; alguno — si alguno de vos, 81. Comentários: De *alguno*, por próclise [Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 157 e 218: aliqu' unu- (aliquis unus)]. Academia, *Gram.*, p. 38. Funções de adjectivo e pronome indefinido. Em português: algum.

alos — vid.: a; los.

alto (interj.) — sus alto, 207. Corominas, *Dic.*, s. v.: *alto*, II, tem que a interjeição é de origem germânica; Machado (*Dic.*, s. v.). Poderá ver-se, na junção, das duas interjeições (sus, alto), um pouco de contradição, sim, mas também pode lá estar um reforço da última pela primeira; tenha-se presente que a conversa, travada entre GIL, SILVESTRE, BRÁS e LUCAS, ja vai longa e desviada e que surge novo motivo de interesse apontado por MATEUS.

alumbrado — vid.: alumbrar.

alumbrados — vid.: alumbrado.

alumbrar (v.) — alumbrados — prophetas alumbrados, 388. Corominas, *Dic.*, s. v.: *lumbre*, «del lat. *lumen* (luminis), cuerpo que despide luz». Regista a variante *lumne*, como antropónimo. Na secção de derivados, lá está o verbo *alumbrar* e o particípio *alumbrado*. Por outras vias, chegaram até nós *lume* e *iluminado*.

alzar — vid.: alçar.

alla (adv.) — si alla llego, 18; nhunca alla yra, 132. De: *ad illac*, Menéndez Pidal, *Man.*, p. 167. Em português: *alá* (arcaico) e *lá* (moderno). Nunes, *Comp.*, p. 343, informa que *alá* perdura no galego.

allegre (adj.) — allegre — allegre y bien assombrado, 142; allegres — estamos muy allegres, 294-295.
Comentários: aqui temos a palatização do -l-; esta palatização pode provir de confusão com outras palavras, como *estrella, bella.* Em português *alegre.* Do latim «*alacrem* o vulgar *alécrem*» — Menéndez Pidal, *Man.*, p. 219. De par com a forma *alegre*, temos *álacre.* Teyssier, *Lang.*, pp. 66, 68 e 369. O latim clássico *alacre-* (cer, cris, cre), não explica qualquer das formas hispânicas. Machado, *Dic.*, s. v., tem que a forma portuguesa é de origem provençal. Corominas, *Dic.*, s. v., apoia a opinião da proveniência catalã para o castelhano. *Alegria*, castelhano e português, é um derivado de *alegre.* Veja-se o verbete *alegria.* Tanto *alegre* como *alegria* estão abonados com o *Cid*, em Corominas.

allegres — vid.: allegre.

alli (adv.) — veis lo alli, 3; passa talli, 221. *Alli*, castelhano, e *ali*, português, representam o latim: *ad illic.*

ambos — entre ambos, 414. Do latim *ambos* (ambo, ae, o); também o português *ambos.*

amica — amica mea, 360. Veja-se o verbete: *tota.*

amientes (en tan —).

amigo (s.) — amigo — tu amigo ya nho consientes, 231-232; amiga — amiga mia, 348; amiga mi olorosa, 350. Veja-se a rubrica *amica.* Do latim *amicu-* (us, i), como o português *amigo.* No 1.º exemplo, faz parte dum vocativo e pode mostrar-se impregnado dum cariz de censura. Quanto a *amiga*, feminino, ou se explica pelo latim *amica-* (a, ae), ou pela feminização de *amigo.* Nestes dois exemplos últimos, referidos à *Virgem*, pode ver-se o perfume de enlevo que a palavra *amiga* teve na vasta poesia galaico-portuguesa.

tira o português *nuvem* do latim *nubine-* em vez do clássico *nubes* (is), o que tem ainda a vantagem de poder explicar o mirandês *nubre* (também existente no crioulo cabo-verdiano)». E conclui o ilustre Autor: «tenho ainda notícia das seguintes palavras dialectais relacionadas com o mesmo tipo inicial de formação», e cita-as: *nuvre* (transmontano), *nuvrejão, nuvrezia* e *nuvrina* (estas do Alentejo).

aora (adv.) — aora estas, 193; aora lo deprendi, 365. Do latim: *hac hora*, donde o nosso *agora* e o espanhol moderno *aora*. Veja-se o verbete: *ora*.

aosadas (adv.) — este mundo aosadas se debroca, 67-69. Corominas, *Dic.*, s. v.: *osar*: «De *osado* (verbo *osar*, de *ausare*, frequentativo de *audere*, lat.: audeo, es, ausus sum) viene la locución adverbial: *a osadas*, con resolución, sin miedo, ciertamente».

a osadas — vid. aosadas.

aparejar (v.) — aparejaraa — aparejaraa la carrera, 375. Corominas, *Dic.*, s. v.: *par*, aponta *aparejar*. Em português: *aparelhar*. Como são palavras irmãs, a informação de Machado, (*Dic.*, s. v.) pode servir para aquela: «do latim **appariculare*, de *apparare* (o, as), preparar».

aparejaraa — vid.: aparejar.

apartado — vid:. apartar.

apartar (v.) — apartado — andas apartado, 26; apartado en, 73; aparto — me aparto de, 98; aparto — no saparto, 420. Comentários: de *aparte*. Corominas, *Dic.*, s. v.: *parte*. A base está no latim *parte-* (pars, tis), donde os substantivos *parte*, português, e *parte*, castelhano. Corominas documenta o verbo com o *Poema do Cid*. Em português *apartar*, que, Machado, *Dic.*, s. v., pode ser datado do

Século XIV. Em castelhano, há o advérbio: *aparte*, que, em português, é *à parte*. A nossa língua tem *apartar* e *apartar-se*, a que o *Dic.* da Academia das Ciências dá como étimo: «*à parte* ou *parte*, conforme as acepções».

aparto — vid.: apartar.

apriscar (v.) — aprisco — aprisco mejor, 72. Corominas, *Dic.*, s. v., define assim: «recorrer el ganado en lugar protegido contra la intemperie» — e aventa, como étimo, **apressicare*, de *apprimere* (mo, is, essi essum), apertar.

aprisco — vid.: apriscar.

a punto — vid.: a; punto.

aqua (adv.) — dalo aqua, 131. Variante gráfica de *acá*; é o latim *eccum hac*. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 336; o português tem *cá* e variantes: acá, acaa, aaca (Machado, *Dic.*, s. v). Veja-se a ficha: *aca*.

aquel — aquel — aquel animal, 239; aquel garçon, 285; 292; aquel niñito, 286; aquel niño, 402; aquella — naquella abrigada, 4; naquella assomada, 126; quien es aquella, 342. Temos as categorias morfológicas de adjectivo e pronome, fáceis de destrinçar. Em português: *aquele* e *aquela*. Do latim: *eccu*(m) *ille* e *illa* (ille illa illud).

aquella — vid.: aquel.

aqui (adv.) — aqui estaa, 1; repastar aqui, 2; aqui estoy, 5; aqui poner, 10; andarme aqui holgando, 12; estaa aqui, 140; veis me aqui, 220; e nos aqui, 265. Em português: aqui. Do latim «*eccum* (arcaico y vulgar por *ecce eum*) e *hic*» — Menéndez Pidal, *Man.*, p. 336.

arredro — vid.: riedro.

arta — vid.: Papiarta la redonda.

as — vid.: haber.

as (sabel —); (sabello —).

aseo — vid.: asseo.

asmar (v.) — asmo — asmo asmo que, 33; asmo que, 288. Teyssier, *Lang.*, p. 40: «signifie *penser, estimer*»; «il représente de latin **adaestimare* et correpond à l' anc. fr. *esmer* et à l' anc. ptg. *asmar — esmar, osmar*». Repare-se no valor da duplicação da forma verbal.

asmo — vid.: asmar.

asomada — vid.: — assomada.

asombrar — vid.: assombrado.

asseo (s.) — nhi de asseo, 41. O verso 41 apresenta duas leituras: «nhi de asseo» (edição de 1562), «ni deseo» (edição de 1834). É claro que a significação transmitida é diversa, conforme o texto:

— *asseo* ou *aseo*, paralelo do português *asseio*, por metáfora; *assear* < *assediare*, lat.; este assenta no substantivo *sedes* (is), donde o nosso *sede* e *see* (sé); em espanhol: *sede*; *de* é a preposição, do latim *de*.

— *deseo* é o verbo *desear*, do substantivo *deseo*, do latim *desidiu-* (ium, ii), de valor erótico, origem do nosso *desejo*. Corominas, *Dic.*, s. v.: *deseo* e *asear*.

Salvo melhor opinião, embora se deva respeitar a edição príncipe, melhor parece a lição de 1834. Pelo menos, aparentemente, tem visos de aceitação.

assomada (s.) — naquella assomada, 126. É paralelo do português *assomada*, a respeito do qual, Machado, *Dic.*, s. v., diz: « de assomar», abonando com Bernardim Ribeiro, *Écloga III*, vv. 423-424: «Por ver a casa em que mora, subo-me em ũa assomada» — (o mesmo verbo e a mesma construção: subir em). Corominas, *Dic.*, s. v.: *somo*, dá *somada*, de *somo*, e este do latim *summu-* (us, a, um), superlativo: o mais alto. Em português: *sumo*.

assombrado (adj.) — bien assombrado, 142. A base está em *sombra*, do latim *umbra*; Corominas, *Dic.*, s. v.: *sombra:* «la *s-*, agregada sólo en portugués y en castellano, es probable que se deba al influjo de *sol* y sus derivados, por ser *sol* y *sombra*, *solano* y *sombrío*, *solear* y *sombrear*, conceptos correlativos, opuestos y acoplados constantemente». Se dermos um sentido neutro a *assombrado*, o advérbio condu-lo a um valor positivo, como o contexto requere; se lhe atribuirmos o preço de *aprazível, alegre,* o advérbio aponta para um superlativo. Em espanhol: *asombrar*, e, em português: *assombrar*. Silva, *Dicionário*, 1813, s. v.: *assombrado*, abona o adjectivo com Prestes (*Mouro Encantado*, p. 128, frente, 1.ª coluna, in *Autos e Comedias*): «casas muy bẽ assombradas».

atillo (s.) — atillos — atillos dominguejos, 200. É um derivado de *hato*. Veja-se esta ficha. Do contexto se tira que é o mesmo que *vestes*. Em português há o homófono *atilho*, que Figueiredo, *Dic.*, s. v., define como *fita, cordão, fio* (para atar). Pressupõe um substantivo *ato*, de *atar*, donde o diminutivo *atilho*, muito usado na Madeira.

atillos — vid.: atillo.

auemos — vid.: haber.

auer — vid.: haber.

aues — vid.: haber.

aun (adv.) — y aun por esso, 97; y aun es, 163. Corominas (*Dic.*, s. v.): «aún, del antiguo *ahú* y éste del lat. *adhuc*, hasta ahora».

aun (— que).

aunque (conj. conc.) — aun que — aun que huyo, 70; aun que vino, 419. Academia, *Gram.*, pp. 398-399.

aun que — vid.: aunque.

autem (Jesus — intrinsienes).

avejon — vid.: abejon.

aver — vid.: haber.

ay — vid.: a; y.

az (s.) — mi az verdadera, 376. Academia, *Dic.*, regista: «*haz*, *cara* o *rostro*, de *faz*, del lat. *facies* (ei)». Em português; *face*, que, para Machado, *Dic.*, s. v.: provém «do francês *face* e este do lat. pop. *facia*, por *facie-* (no lat. tardio, *facia* aparece com o sentido de *retrato* — acrescenta o Autor, em nota)».

B

bailar — vid.: baylar (v.).

barrancon (s) — nun barrancon, 129. De *barranco*, acrescido do sufixo *-on* (Academia, *Gram.*, pp. 141-142). *Barranco*, em castelhano e em português, é de origem pre-romana (Corominas, *Dic.*, s. v.). Vale: «despeñadero, precipicio».

Talvez o afixo não tenha finalidade semântica. Machado (*Dic.*, s. v.) data *barramcos* do Século XV. A Academia, *Dic.*, não regista.

Bastian (s.) — Bastian, 134; «forma hipocorística (entre outras) antiga» de *Sebastian*, castelhano, e de *Sebastião*, português, entre nós: *Bastião*, como ensina Vasconcelos, *Antroponímia*, pp. 475, 62 e 59.

batiendo — vid.: batir (v.).

batir (v.) — batiendo — al son batiendo el pie, 92. Do latim *battuere*, Corominas, *Dic.*, s. v.; em português, *bater*. São de admitir as formas hipotéticas: *battere*, para o português; *battire*, para o castelhano.

baylando — vid.: baylar (v.).

baylar (v.) — baylando — andaua baylando, 89; baylas — tu baylas, 151; baylemos — baylemos vna borrega, 149. É o castelhano *bailar*, para conhecimento de cuja história é proveitosa a leitura do respectivo verbete do *Dic.*, de Corominas. Lá se admite o cruzamento de dois verbos para explicar a sílaba inicial. Machado, *Dic.*, s. v., tem uma contribuição talvez firme para o étimo do nosso *bailar*, paralelo ao castelhano: documenta, com Santo Agostinho (apoiado em Henry François Miller), o latim *balare*; admite influência da forma castelhana e abona as seguintes variantes portuguesas: *baylar*, *bailhar*, *balhar*.

baylas — vid.: baylar (v.).

baylemos — vid.: baylar (v.).

bejon (a —); (ala —).

Belén — vid.: Bethlen (s.).

bendecir — vid.: bendizidero (adj.).

bendecir (v.) — bendito — Mexia bendito, 289; nhacimiento bendito, 393; bendita — sea... bendita, 308-309; niñez bendita, 305; zagala bendita, 331; benditas — sierras benditas, 36. Do verbo latino *benedicere*, temos o espanhol *bendecir* e o português *bendizer*. *Bendito* pode usar-se como forma participial, como adjectivo e até como substantivo. Outras formas do castelhano *bendito*: benito, beneíto, bendicho (Corominas, *Dic.*, s. v.: *decir*).

bendita — vid.: bendecir (v.).

benditas — vid.: bendecir (v.).

bendito — vid.: bendecir (v.).

bendizidera — vid. bendizidero (adj.).

bendizidero (adj.) — bendizidera — vieja bendizidera, 185; *bendizidera* é o feminino de *bendizidero*, do verbo *bendecir*, do latim *benedicere*. Daqui veio o português *benzer*; paralelo do castelhano *bendizidera*, na forma e sentido, o português usa: *benzedeira* (Figueiredo, *Dic.*, s. v.). Repare-se em como se bem acasalam as palavras *vieja bendizidera*.

bestial (adj.) — bestiales — somos bestiales, 326; Corominas, *Dic.*, s. v.: *bestia*, diz: «*bestia*, tomado del lat. *bestia*»; «*bestial*, tomado del lat. eclesiástico *bestialis*.» Machado, *Dic.*, s. v., tem que *bestial* vem do latim *bestiale-* (lis, e), «de animal». É de aceitar esta opinião de Hart: «Probablemente no significa *brutal, irracional*, sino *rústico, zafio*».

bestiales — vid.: bestial (adj.).

Bethlen (s.) — Bethlen, 378; Carolina Michaëlis de Vasconcelos, nas suas *Notas Vicentinas*, 2.ª ed., Lisboa, 1949, p. 382, não inclui o *Auto Pastoril Castelhano*, como um dos textos vicentinos em que aparece a palavra *Bethlen*.

Em português: Belém ou Betleem. *Enciclopédia*, s. v.: «o seu nome oficial é *Beit Lahm*»; «a palavra hebraica quer dizer *casa do pão*».

bía — vid.: bia (interj.).

bia (interj.) — bia acostar, 246; Hart: «Según Corominas, s. v.: *vía* (IV, p. 720, 1.ª coluna), se empleaba mucho en la Edad Media con valor exclamativo, sea para exhortar elípticamente a ir a un lugar..., sea para indicar, con un infinitivo narrativo, una acción que empieza intensamente.» Vem do latim *via-* (a, ae), caminho. A meta interjeccional atingiu-se a partir do valor de *caminho: ir sua vía*, isto é: irse por su camino. Alguns exemplos registados por Gillet, *Torres Naharro*, III, p. 190, nota n.º 475, mostram a transição.

Bico Nuño (top.) — crego de bico nuño, 63; Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Notas*, p. 464, s. v.: *Vico Nuño*, elucida: «localidade (da província de Salamanca?) mencionada pelo pastor Brás no *Auto Pastoril Castelhano*. O verso inteiro: el crego de Vico Nuño — é de Lucas Fernandez, p. 28».

biẽ — vid.: bien (adv.).

bien (adv.) — biẽ — biẽ chapada, 162; bien — bien assombrado, 142; es bien parienta, 190; bien hõrrada, 191; bien honrrado, 193; bien sera, 246. Do latim *bene*. Em português: *bẽe* > *bẽ* (ben, bem). Veja-se a variante *biẽ*. Já na língua do Lácio se usava para a superlativação: *bene ante*, muito antes; *bene mane*, muito cedo; *bene longe*, muito longe; *bene diu*, por muito tempo (Torrinha, *Dic. Lat.-Port.*, s. v.: *bene*.

biuo — vid.: bivo (adj.).

bivo (adj.) — biuo — biuo y sano, 18. Do latim *vivu-* (us, a, um). Corominas, *Dic.*, s. v.: vivo: «la grafia *bivo* es segu-

ramente la más general en la Edad Media». Na poesia trovadoresca galaico-portuguesa foi usado: *vivo e sano*, com as variantes: sano e vivo, vivo e são, são e vivo (Nunes, *Am.*, II, pp. 20 e 422). Pode ver-se aqui uma reminiscência da Idade Média.

boca (s.) — boca, 91; do latim: *bucca-* (a, ae), Menéndez Pidal, *Man.*, p. 134. Veja-se o verbete: *boca abierto*.

boca abierto — yo estuvela oteando boca abierto tresportado, 90-91. A expressão *boca abierto*, equivalente a um atributo, merece a nossa atenção. O particípio concorda com o género de BRÁS, não com o feminino de *boca*. Talvez devamos escrever as duas palavras com um hífen: boca-abierto. Traduz-se, perfeitamente, o pasmo, com que se postou, especado, o pastor femeeiro, olhando as graças e as artes da moçoila. Estonteado, cresce-lhe a água nas goelas, abre-se-lhe a boca e assim fica largo espaço, cobiçando. E para que serve o *tresportado*? *Se* boca *abierto* tem seu quê se sexual, de desejo carnal, agora ergue-se um lampejo de espiritualidade, vem a alusão do enlevo, ela mesma centro único da sua atenção embevecida e devaneio, que o põe fora de si e o alheia do tempo e dos seus cuidados. No *Dic.* da Academia, s. v.: *boca*, não figura esta designação, mas duas que lhe são cercanas, na forma, de alguma maneira, sim, todavia distantes, na intensidade significante: «con la boca abierta; con tanta boca abierta», com o valor: «suspenso o admirado de alguna cosa que se ve o se oye». Curiosa esta anotação sintática: «úsase con los verbos *estar, quedarse*». Em compensação, o mesmo *Diccionario*, s. v., consigna o adjectivo *boquiabierto*, valendo, já: «que tiene la boca abierta»; já em valor figurado: «que está embobado mirando alguna cosa». Talvez por isto mesmo, Marques Braga (1942) alterou duplamente o verso: «boquiabierto trasportado»; Silva, *Dic.*, 10.ª ed., s. v., regista *boca aberta* (anote-se a concordância) e define-a: pessoa abobada, pateta, que se admira e se espanta.

boda (s.) — bodas — andas en bodas, 29; do latim *vota-* (tum, i). Braga: «Festas» (1942).

bodas — vid.: boda (s.).

bodonales — bodonales, 172. Reis Brasil, edição de 1966, p. 41, linha 25, interpreta: «os Bodonais». Corominas, *Dic.*, s. v.: *bodón*, junta elementos interessantes. O *Dic.* da Academia define: *bodonal* — «terreno encenagado»; e *bobon* — «charca o laguna invernal que se seca en verano». A ser isto, temos paralelismo nos nossos apelidos geográficos, como *Lamas, Lameiro, Lagoa.*

bonito — vid.: boñito (adj.).

boñito (adj.) — tan boñito, 386. Corominas, *Dic.*, s. v.: *bueno*, regista *bonito*, datando-o de 1517 e dele dizendo: «el significado *lindo* presenta un processo semántico paralelo al del lat. *bellus, lindo*, originariamente diminutivo de *bonus*». Mostra a palatização do *-ñ-*. Em português: bonito.

Borracalles la negruça — Borracalles, la negruça, 188. *Borracalles* parece mostrar a junção das palavras *borra*, do verbo *borrar*, de que fala Corominas, *Dic.*, s. v., e *calles*, plural de *calle*, do latim: *callis* (is), caminho. *Negruça* assenta em *negra*, feminino de *negro*, do latim *nigru-* (ger, gra, grum), que originou o português *negro*. Machado, *Dic.*, s. v.: *negro*, arquiva o português *negruza*, paralelo do castelhano. Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 192, documenta e data o antropónimo *Martim Negro*, dos Séculos XIII-XIV.

borrega (s.) — vna borrega, 149. Do contexto se tira que é uma *dança*, cujas características não se apontam. A palavra deve ser (dentro do âmbito pastoril, de que se não pode sair) a mesma *borrega*, feminino de *borrego*, «cordero de uno a dos años» — Corominas (*Dic.*, s. v.). No

burra — vid.: burro (s.).

burro (s.) — burra — vna burra, 195. Castelhano e português: burro. Pelo que respeita à forma portuguesa, transcreve-se o que dissemos no cap. 10, p. 48, 1.ª coluna, dos *Estudos Gil-Vicentinos*, Sá da Bandeira, 1975: «Como se sabe, *asno* representa o latim *asinu(s)*, pela síncope da vogal postónica, e tem, como próximos, *asneira* (substantivo e adjectivo), *asinino* (adjectivo), cada qual com sua feição própria. Ninguém desconhece que, da combinação *asinus burrus*, em que *burrus* é adjectivo, brotou o nome *burro*, perdida que foi a consciência do agrupamento vocabular e distinguida, mais e mais, a importância do qualificativo, do que resultou que o segundo elemento assumiu o valor semântico do primeiro».

busca — vid.: buscar (v.).

buscar (v.) — busca — busca, busca, 111; buscar — el telas yra buscar, 117. Tanto o português *buscar* como o castelhano *buscar* são de «origem obscura» — informa Machado, *Dic.*, s. v.; este Autor data a forma lusa do Século XI. Corominas, *Dic.*, s. v., diz: «vocablo propio del español y el portugués, de origen incierto»; e observa: «es muy común en el idioma antiguo la ac. *procurar*».

C

cabra (s.) — cabras — vnas dos cabras, 82. Do latim *capra-* (a, ae). Em português, também *cabra*. Vejam-se as fichas: *cabrita* (s.); *cabrera* (Espulgazorras —).

cabras — vid.: cabra (s.).

cabrera (Espulgazorras —).

cabrita (s.) — cabritas — mis cabritas, 35; las cabritas, 111; de *cabra*, de *capra-* (a, ae), latim. O sufixo *-ita* deve exprimir mais depressa carinho, estima (recorde-se a importância dos animais na vida da pastorícia), que pequenez, tamanho. Academia, *Gram.*, pp. 24 e 131. Este significado de carinho, repare-se nisso, estende-se a *poquitas*, do verso 112. É de salientar que *cabras* (veja-se a ficha *cabra*) sai da boca de LUCAS; a palavra *cabritas*, dos lábios de GIL, o que bem se casa com o seu temperamento.

cabritas — vid.: cabrita (s.).

cada (adj.) — cada vez, 114. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 264: «En vez de *quisque* se dijo *cata*, usado en la *Vulgata* (do grego *katá*) *cada, cada uno*». Nunes, *Comp.*, p. 264: «Da preposição grega κατα, de sentido distributivo, a qual parece ter sido vulgarizada nas regiões limítrofes do Mediterrâneo pelos mercadores gregos a ponto tal que chegou a ser adoptada pelos literatos, figurando na *Vulgata* (cf. *cata mane, mane*, em Ezequiel, 46, 14).»

caer (v.) — caere — caere nun, 129. Do latim *cadere* saiu o castelhano *caer*, que pressupõe a forma hipotética *cadére*, e o português *cair*, que admite a forma *cadire*.

caere — vid.: caer (v.).

callar (v.) — callara — quel callara, 320. Corominas, *Dic.*, s. v., diz: «del lat. vg. **callare*, bajar (especializado en el sentido de *bajar la voz*)»; cita o português *calar* e o catalão *callar* e diz que a documentação ascende ao *Cid*. Consulte-se o importante verbete *calar*, no *Dic.*, de Machado, importante pela rica documentação, que apresenta.

callara — vid.: callar (v.).

cama (s.) — vna cama de, 197. Machado, *Dic.*, s. v.: «Do lat. tardio *cama* (atestado somente em S. Isidoro, *Etymolo-*

giae, XIX, cap. 22), leito baixo e estreito; trata-se provavelmente de vocábulo ibérico conservado na Hispânia»; «só se regista em espanhol, catalão e português». Veja-se o vocábulo: *camazita*.

çamarro (s.) — vn çamarro, 318. Corominas, *Dic.*, s. v.: *zamarra*: «probablemente del vasco *zamar* (com artículo: zamarra), *vellón del ganado lanar, pellico*, o de la palabra ibérica correspondiente». E, mais adiante: «También es antiguo el masculino *çamarro*». De seguida, consigna este belo provérbio: «malo es el zamarro de espulgar y el viejo de castigar», e transcreve: «refrán que enseña es mui difícil el arrancar los vicios de la persona que se ha endurecido en ellos». Em português, por intermédio da língua espanhola, *çamarro*, e as variantes *samarra* e *samarro* (Machado, *Dic.*, s. v.: samarra).

camazita (s.) — su camazita, 306. Diminutivo de *cama*. Veja-se este vocábulo. Em português, talvez seja mais frequente *camita*.

camino (s.) — en qualquier camino, 46. «Do latim popular **camminu-*, voc. de origem céltica», Machado, *Dic.*, s. v.: *caminho*, sairam *camino*, castelhano, e o português *caminho*.

canta — vid.: cantar (v.).

cantar (v.) — canta — canta y huelga, 66; cantar — começare de cantar, 21; cantare — cantare chançonetas, 16; cantemos — cantemoz a boz en grito, 290; cantemos con alegria, 427; na edição de 1562, no verso 290, figura, como se respeitou, a grafia *cantemoz*, por evidente lapso de composição tipográfica. Do latim *cantare*, frequentativo de *canere* (cano, is, cecini, cantum). Veja-se o verbete: *canticar* (v.).

cantare — vid.: cantar (v.).

cantemos — vid.: cantar (v.).

cantemoz — vid.: cantar (v.).

canticando — vid.: canticar (v.).

canticar (v.) — canticando — canticando rato a rato, 13; canticar — quiero canticar, 34; en su canticar, 347; canticaua — quando canticaua, 345; da família de *cantar* (veja-se este termo). Assentará em *cántico*. Pode-se concluir por um significado mais delicado que o de *cantar*. É o sufixo *-ar*. Academia, *Gram.*, § 184. No verso 347, o infinitivo *canticar* tem valor nominal.

canticaua — vid.: canticar (v.).

canticava — vid.: canticar (v.).

cara (prep.) — cara el cielo, 38. A *editio princeps* traz, assim, o verso 38: «quando *cara el* cielo Otheo». Ao que parece, foi a edição de Hamburgo a responsável pela alteração de *cara el* para *cara al*, no que, depois, foi seguida por outros, por Marques Braga (1942), por exemplo. O Prof. Joseph M. Piel, *Miscelânea*, pp. 9-10, deve ter resolvido o assunto: *a*) — não é legítimo interpretar *cara*, como sendo o nosso substantivo *cara* (Machado, *Dic.*, s. v.: «do grego *Kára*, cabeça, cimo de árvore ou de montanha; rosto, aspecto — pelo lat. *cara*, mesmos sentidos»); *b*) — é «uma preposição que existe ainda hoje no galego e que significa *até*»; *c*) — «o significado literal é *cara a*, em face de»; *d*) — é de emparceirar estoutras locuções: «o catal. *al car de*, na direcção de»; o português «*a carão de* (a carel de), ao rés de»; o «galego *acaron*, o mais perto possível, *acaroar*, lavrar um terreno até as extremidades»; *e*) — têm interesse estes exemplos, tirados de Cortesão, *Dic.*, s. v.: *carão*: «vestio hũa saya de malha ao carão da carne»; «pareceu o cilicio, de que andava vestido, a carom da carne».

No 2.º vol. dos nossos *Estudos Gil-Vicentinos*, Sá da Bandeira, 1975, cap. 4, pp. 22-23, apoiados em material recolhido pelo Prof. Doutor Paulo Quintela, tratámos do passo da *Embarcação do Inferno*, o 3.º verso, que foi tão discutido entre especialistas de grande nomeada.
Hart, na fixação do texto, adopta *cara el cielo*; nas anotações, *cara al cielo*, como o faz Marques Braga (1942), Concha Salamanca (1946). Gillet, *Torres Naharro*, reune alguns exemplos: «vámonos cara elle aldea»; «amaneciendo/ cara el día»; «de cara el mançano» — I, p. 288, II, 403 e 517, III, 215. Resta observar que *al*, no caso de ser essa a lição conveniente, vale tanto como *a el*, ou seja: *a* (preposição) e *el* (artigo).

cara (s.) — tu cara, 353. Em castelhano e em português: *cara*. Leiam-se as rubricas *cara* do *Dic.*, de Corominas, e do *Dic.*, de Machado. Leia-se o verbete *carear*.

caramillas (ten —).

caramillo (s.) — caramillos — fuertes caramillos, 261; todos los caramillos, 280. Corominas, *Dic.*, s. v.: «del lat. *calamellus*, diminutivo de *calamus*, caña — por la materia con que se hacía el caramillo». Vale: *flautilla*. O *Dic.*, da Academia, regista, como 5.ª signicação: «chisme, enredo, embuste». Com este preço depreciativo, o castelhano *caramillo* originou o nosso *caramilho*, que Silva, *Dic.*, 10.ª ed., abona com Diogo do Couto: *ninharia*; J. Ferreira de Vasconcelos: *acusação*; Diogo Bernardes: *intriga*.

caramillos — vid.: caramillo (s.).

carear (v.) — careo — corderos que careo, 78. Assenta em *cara*, substantivo, «pelo latim *cara*» — Machado, *Dic.*, s. v.: *cara*. Veja-se esta palavra. José Pedro Machado regista o português *carear*. O *Dic.*, da Academia, define assim: dirigir el ganado hacia alguna parte.

careo — vid.: carear (v.).

carillo (s.) — carillos — hao carillos, 79; carillos mios, 275. Teyssier, *Lang.*, p. 41: «Ce diminutif de *caro* est employé par les bergers vicentins au sens de *l'ami, mon ami*, quand ils s' adressent l' un à l' autre»; mas «sans valeur diminutive particulière». *Caro* é o latim *caru-* (us, a, um), de que saiu o português *caro*, querido. *Carillo* é um misto de substantivo e adjectivo; uma fórmula de tratamento.

carillos — vid.: carillo (s.).

caronal (adj.) — caronales — primos caronales, 173. Corominas, *Dic.*, s. v.: carona: «*carnal*, hablando de parientes». No cap. 4, dos nossos *Estudos Gil-Vicentinos*, 2.º vol., Sá da Bandeira, 1975, falámos de *acaroado* e *acaroar*. Assenta em *caro* (caronis), hipotético de *caro* (carnis), carne.

caronales — vid.: caronal (adj.).

carrera (s.) — la carrera, 375. *Carrera*, em castelhano, e *carreira*, em português, são formas paralelas. Machado, *Dic.*, s. v., arquiva um importante passo datado do Século X, que documenta a forma latina, que está na origem destes substantivos: *karraria* e *carraria*. Vale: caminho.

casa (s.) — que casa tan, 302. O latim *casa-* (a, ae), choupana — deu em castelhano e em português *casa*. Machado, *Dic.*, s. v., data a grafia *cassa*, do Século X, e diz que aparece no Século XIII e em «épocas tardias» (Crónica do Condestabre). Veja-se Corominas, *Dic.*, s. v.

Cascaolhas mamilon — Cascaolhas mamilon, 177. O vocábulo *Cascaolhas* deve-se ter formado destes dois elementos: de *casca* (verbo *cascar*, do latim *quassicare*, suposto derivado de *quassare* (o, as, avi, atum), *sacudir*, frequentativo de *quatere* (tio, is, quassi, quassum) — Corominas, *Dic.*, s. v.; em português, também *cascar*. Machado, *Dic.*, apro-

xima o francês *casser* e abona o significado de *partir aos bocados*: «comiã por pão cocos, que antes fossem maduros os cascauã, metiã nos debaixo d area»; de *olhas*, ou, melhor, *ollas*, plural de *olla*, do latim *olla* (ae), *panela* (Corominas, *Dic.*, s. v.). A grafia *olhas* é influência do português (Machado, *Dic.*, s. v.: *ola*, abona o português *olha* com D. Francisco Manuel de Melo, *Feira de anexins*, I, 4, § 5, p. 120, ed. de 1916: pois havia de haver olha sem chouriço?»; a evolução semasiológica que se vê aqui, é a mesma que se encontra em *panela de carne* — Viana, *Apostilas*, II, 193 e 217). A palavra *mamilon* assentará em *mama* (português *mama*, ambos do latim *mamma*, teta). Consultem-se Corominas, *Dic.*, s. v.: *mama*; Machado, *Dic.*, s. v.: *mama*. Veja-se *mamona*.

casta (s.) — es casta — 191. Sinónimo de *natio* (verso 163), este substantivo é comum ao português e ao castelhano. Leiam-se as páginas de Corominas, *Dic.*, s. v.: *casta*, e de Machado, *Dic.*, s. v.: *casto*.

castigo (s.) — consientes castigo, 232. Braga, 1942, interpreta como «ensino», o que briga com o contexto: a *pancada* é própria do jogo. Em português: castigo. Ambos, de *castigar*, como substantivos regressivos. *Castigar*, do latim *castigare*, censurar.

cata — vid.: catar (v.).

catar (v.) — cata — cata que, 262; cataras — no te cataras quando, 380. No verso 262, é um imperativo de tratamento, paralelo ao *mira, mire; oye, oyga*. Para o verso 380, serve o valor dado por Brasil (1966): «no te aperceberás de quando». Corominas, *Dic.*, s. v.: «del latín *captare* (to, tas, tavi, tatum) tratar de coger — frecuentativo de *capere* (pio, pis, cepi, captum), coger». Em português, temos *catar*, que pode usar-se com o valor de *procurar* e *apanhar bichos* (parasitas). O *Dic.*, da Academia, s. v., traz este aviso, bom para todos: «el que adelante no cata, atrás se halla».

cataras — vid.: catar (v.).

cayado (s.) — con su cayado Real, 56. O castelhano *cayado* está a par do português *cajado*. Recordemos os *Dicionários* de Machado e de Corominas: «del lat. vg. hispánico **cajatus*, abreviado de *baculus cajatus*, que derivava del lat. tardío *caja*», pau, cacete — registado por Santo Isidoro. Machado data a forma portuguesa do Século XIV.

ceño (s.) — el ceño, 19. Corominas, *Dic.*, s. v.: «del latín tardío *cinnus*, señal que se hace con los ojos»; «todos los ejemlos antiguos del castellano *ceño* y del portugués *cenho*, coinciden em tener el significado: aspecto severo del rostro, expresado por las cejas o la frente». Veja-se o verbete: *la ceñuda*.

ceñuda (la —);

cerrada — vid.: cerrar (v.).

cerrar (v.) — cerrada — huerta cerrada, 358. Corominas, *Dic.*, s. v.: *cerrar*: «del lat. tardío *serare* (ro, as, avi, atum), derivado de *sera* (ae), cerrojo, cerradura». Leia-se o *Dic.*, de Machado, s. v.: cerrar.

cielo (s.) — el cielo, 38: cielos — delos cielos, 314. Do latim *caelu-* (lum i). Menéndez Pidal, *Man.*, p. 55; em português: céu.

cielos — vid.: cielo (s.).

clemencia (s.) — su clemencia, 310. Do latim *clementia-* (a, ae), donde o português: clemência.

Clemente (s. pr.) — Clemente, 136. Do latim *Clemente-* (mens, tis). Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 55: «*Clemens*, cognome romano, tornado nome de um papa e de um santo» (Século X). Em português: *Clemente*.

clérigo — vid.: crego (s.).

co — vid.: comigo (pron.).

columba (s.) — columba — columba mea fermosa, 349. *Collumba mea fermosa* constitui o verso 349, do *Auto Pastoril Castelhano*. São três palavras latinas: *columba* (ae), a pomba; *mea* (meus, ea, eum), minha; *formosa* (sus, sa, sum), formosa, ou seja: *Minha pomba formosa*. A palavra vicentina *fermosa* apresenta uma dissimilação *o-o, e-o*, que hoje ainda se ouve. Nogueira, *Elementos*, pp. 146 e segs. Explica Michaëlis, *Notas*, IV, p. 123: «(Gil Vicente), juntando *columba mea* a *formosa mea* (segmentos frásicos do *Cântico dos Cânticos*, cap. II, versículo 10) faz uma só fórmula: *columba mea formosa*».

comẽçad — vid.: comẽçar (v.);

começar — vid.: começar (v.).

comẽçar — vid.: começar (v.).

começar (v.) — comẽçad — comẽçad de, 237; começar — plaz de começar, 236; começare — começare de, 21; comiença — ya comiença a, 304; comience — mas comience, 235. Do latim: *cominitiare* (Menéndez Pidal, *Man.*, p. 74), derivado de *initiare*, «que en autores cristianos ya significa *empezar*» — Corominas, *Dic.*, s. v.: *comenzar*. Observa Teyssier (*Lang.*, p. 390): «Gil Vicente dit régulièrement *começar* en espagnol, sauf 3 exceptions: *começemos* (no *Auto dos Quatro Tempos* e no *Auto da Festa*) e *comieça* (no Prólogo do *Dom Duardos*)». *Comẽçar* é uma variante.

começare — vid.: começar (v.).

comenzar — vid.: começar (v.).

comer (v.) — comieron — si los lobos las comieron, 119. *Comer* é castelhano e é português. Representam ambos o latim *comedere*, derivado de *edere* (edo, edis ou es, edit ou est, edi, esum, edere ou esse), (comedo, is ou es, edit ou est, edi, esum ou comestum, comedere ou comesse). Machado, *Dic.*, s. v., registou o valor substantivo de *comer*, documentando-o com as *Leges*. Corominas, *Dic.*, s. v., documenta o mesmo fenómeno com o *Cid*.

comiença — vid.: começar (v.).

comience — vid.: começar (v.).

comieron — vid.: comer (v.).

comigo (pron.) — tengo comigo, 103; te pliega comigo, 228. Na palavra *comigo*, temos: *co*, que é evolução da preposição latina *cum*; *mi*, que é o latim *me*, pronome pessoal, em ablativo; *go*, que é a referida preposição *cum*. Primitivamente, bastou dizer-se: *mego* e *migo*. Com a perda da consciência de que em *-go* estava a preposição, veio a necessidade de lhe juntarmos *com*, donde: *comigo*. Em português se passou o mesmo; em português escreve-se e pronuncia-se *comigo*; em castelhano: *conmigo*. Veja-se a rubrica: *con*. Consulte-se o verbete *comigo*, no *Dic.*, de Machado.

como (conj.; adv.) — nho sabre como, 49; nho ves como, 226; Dezid como yo, 250; son tales como, 327-328; como el lilio, 354; como los olores, 356; como veres, 411; como las perdisti, 84; que, como somos, 326. É uma partícula castelhana, que pode ser conjunção e também advérbio. Tentámos separar os exemplos das duas funções: em primeiro lugar, a de conjunção; depois a de advérbio. Representam, ela e o português *como*, o latim *quomodo*. Veja-se Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 128 e 340.

compaña (s.) — la compaña, 70. Corominas, *Dic.*, s. v.: *compañero*: «*compaña*, compañía — que supone un lat. vg.

compania». Em português: *companha*. Machado, *Dic.*, s. v.: *companha*, observa que «hoje, este vocábulo em português quase só se usa em linguagem marítima; com tal uso já se documenta em it. no Século XIII». Repare-se no valor colectivo. Maria Alexandra Tavares Carbonell Pico, em *A terminologia naval portuguesa anterior a 1460*, Lisboa, s/d., pp. 379-380 e 458-459, juntou muito abundante documentação e após esta limitação, muito usada na linguagem dos pescadores do meu Câmara de Lobos (Ilha da Madeira): «hoje só se emprega *companha* para tripulação de barco de pesca». Veja-se: compañero.

compañero — vid.: cõpañero (s.).

compreender — vid.: comprender (v.).

comprehende — vid.: comprehender (v.).

comprehender (v.) — comprehende — todo comprehende, 300. Corominas, *Dic.*, s. v.: *prender*: «de *comprehendere*, abarcar, coger, concebir (una idea)». *Comprehendere* (do, dis, endi, ensum). Em português: compreender. Em castelhano moderno (e o mesmo se passa, um pouco, em português), usa-se *comprender*.

comprender — vid.: comprehender (v.).

con (prep.) — vẽdra con sus, 14-15; ganado con que, 48; con gran hato, 55; con su cayado, 56; con fauor dela ventura, 58; con ella, 194; con sus manguitos, 201; con debocion, 284; con hemencia y deuocion, 291; con estos yelos, 311; con muy, 332; 390; con vuestra, 323; con su boz, 346; con tan fuerte, 374; con gozoso, 391; con alegria, 427; conel roin, 362; conesso, 366. No latim *cum*, está a origem do castelhano *con* e do português *com*. Para a forma divergente portuguesa *co* (e: go), procure-se o verbete *comigo*.

conel — vid.: con; el.

conesso — vid.: con; esso.

conocer (v.) — conociste — conociste a Juan, 52. Do latim *cognoscere* (sco, scis, gnovi, gnitum). Em português: conhecer.

conociste — vid.: conocer (v.).

consentir (v.) — consientes — nho consientes, 232. *Consentir*, em castelhano, e *consentir*, em português, ambos do latim *consentire* (tio, tis, sensi, sensum).

consientes — vid.: consentir (v.).

contino (adj.) — de contino, 74; do latim: *continuu-* (uus, ua, uum). Em português, também *contino*. Variante literária, em castelhano e em português: *continuo* e *contínuo*. Com a anteposição da preposição *de*, formou-se a locução adverbial de modo: *de contino*.

conuersaciones — vid.: conversacion (s.).

conversacion (s.) — conuersaciones — vanas conuersaciones, 99. Assenta no verbo *verter*, do latim *vertere*, donde se originou *convertir*. Em português, *conversação*, que, para Machado, *Dic.*, s. v., tanto pode ter saído do verbo *conversar* (do latim: conversari), como do latim *conversatione-* (tio, tionis). Marques Braga (1942) interpreta o verso 99.º assim (e parece-nos que bem): «que frívolas convivências».

cõpañero (s.) — di cõpañero, 234: *cõpañero*, em castelhano, e *companheiro*, em português. Fórmula de tratamento. Leia-se Corominas, *Dic.*, s. v.: *compañero*; Machado, *Dic.*, s. v.: *companheiro*. Ambos têm origem em *compaña* e *companha*, respectivamente. Veja-se o verbete: compaña.

cordero — *el cordero*, 394; corderos — los corderos, 78; Corominas, *Dic.*, s. v.: «de un vocablo **cordarius*, del latín vulgar, derivado del lat. *cordus* (a, um), tardío — aplicado especialmente a los corderos». Em português: cordeiro. Veja-se o verbete: qui.

corderos — vid.: cordero (s.).

cordojo (s.) — quien al cordojo se dio, 147; mas cordojo, 148. Hart: «tristeza»; Braga (1942): «angústia». Corominas, *Dic.*, s. v.: *corazon*, fala do latim *cordoliu-* (um, ii), do substantivo *cor* (cordis), que Ernout, *Dictionnaire*, s. v.: *cor*, (cordis) define: «peine de coeur» e o classifica de «mot plautinien». Teyssier chama a atenção do Leitor para a oposição: plazer (verso 143) — cordojo (versos 147-148). Destes dois versos, pode-se tirar um provérbio: *quien al cordojo se dio, mas cordojo se le pega.* De notar é o modo dos verbos: *dió* (Pretérito Perfeito — acção totalmente acabada) e *pega* (Presente do Indicativo — com a ideia de que o contágio se deu, se dá e continua).

corral (s.) — que se hizo su corral, 60; é proveitosa a leitura do verbete *corral*, no *Dic.*, de Corominas; Machado, *Dic.*, s. v.: *curral*, aproxima as duas formas: *corral*, castelhano, e *curral*, português, e admite, vagamente, a etimologia «de um lat. *currale*». Com valor simbólico, pode aceitar-se a significação de *corte*, para o passo vicentino.

corre — vid.: correr (v.).

correr (v.) — corre — corre y corre, 240; corriendo — corriendo toros y vacas, 30; do latim *currere* (o, is, cucurri, cursum). Em português: correr. Talvez tenha interesse aproximar do verso vicentino a expressão *corrida de touros*, em português.

corriendo — vid.: correr (v.).

cosa (s.) — tan buena cosa, 39; nhueua cosa, 272; vna cosa, 416; cosas — cosas buenas, 101; las cosas, 105. Do latim

causa- (a, ae). Em português: *cousa* e *coisa*. Divergente: *causa*, nos dois idiomas ibéricos. Para a história semasiológica do vocábulo, Corominas, *Dic.*, s. v.: *cosa* e *causa*. Trata-se de uma palavra pansémica, em resultado do seu carácter vicário. Veja-se *O Eufemismo e o Disfemismo na Língua e na Literatura Portuguesa*, Lisboa, 1927, pp. 486-492, do saudoso Mestre que foi o Doutor João da Silva Correia.

cosas — vid.: cosa (s.).

creer (v.) — creyo — creyo que, 243. Do latim *credére*, o português arcaico e o castelhano *creer*. Latim: *credere* (do, dis, didi, ditum). A forma lusitana evoluiu para *crer*. A *Gram.*, da Academia, § 386, tem uma observação a respeito da construção sintática de *creer*: «creo que hay» e «creo que te agrade», a que se pode juntar estoutra: «creyo que será», de Gil Vicente. O português ainda hoje usa a ditongação da tónica *e: credo, creo, creio*, ao contrário do que sucede em espanhol, que usa de *creo*.

crego (s.) — el crego, 63. Teyssier, *Lang.*, p. 44: «*crego* est un léonisme pour *clérigo*»; este vem de *clericu-*, lat. (clericus, i). Em português: *clérigo* e o arcaico *crérigo*.

creo — vid.: creyo.

Crespellon — Crespellon, 176. De *crespo*, ensortijado, rizado, ondulado, do latim *crispu-* (us, a, um), como o português *crespo*. Corominas, *Dic.*, s. v., documenta o uso de *crespo* como apodo, já no *Cid*, 3112. Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 194, aponta, entre outras, a alcunha *Crespa* (alcunha e depois apelido).

creyo — vid.: creer (v.).

criador (s.) — el criador, 314. Em castelhano, há *criar* e *crear*. A este respeito, Corominas, *Dic.*, s. v.: *criar*: «la distin-

ción actual entre *criar* y el cultismo *crear* es muy tardía. Aplicado a la Divinidad, predomina todavía *criar* en el Siglo de Oro y aún hoy se emplea en el lenguaje arcaizante de las oraciones y la predicación». A fonte está no latim *creare* (o, as, avi, atum). Em português: *criar*, somente. *Criador*, castelhano e português, é formado pelo tema *cria* (de: criar) e o sufixa *-dor*, do sufixo latino *-tore-*, sufixo de agente. Em português: *-dor*.

cual — vid.: qual.

cualquier — vid.: qualquier.

cuando — vid.: quando.

cuantas — vid.: quantas.

cuanto — vid.: quanto.

cuidar — vid.: cuydar (v.).

cuido — vid.: cuydo.

cumplir — vid.: cumprir (v.).

cumpre — vid.: cumprir (v.).

cumprir (v.) — cumpre — cumpre estar, 11; do latim *complere*, sairam o castelhano *cumplir* (Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 298-299) e o português *comprir* (cumprir). Teyssier, *Lang.*, p. 359, atribui o *r* de *cumprir*, no castelhano de Gil Vicente, a influência portuguesa. Machado, *Dic.*, s. v.: *cumprir*, regista as formas portuguesas: complir (Século XV), comprir (Século XIII); sobre a pronúncia e grafia *com-* e *cum-*, ensina que o *u* «se explica como influência das formas não rizotónicas». O Prof. Rodrigo de Sá Nogueira, no seu *Dicionário de verbos portugueses conjugados*, Lisboa, 1945, não incluiu este verbo. Nunes, *Comp.*, p. 330, fala da flexão deste verbo.

cuydar (v.) — cuydo — cuydo que, 27-28. Do latim *cogitare*, vieram os vocábulos castelhanos e portugueses: *cuidar* e *cudar*. Machado, *Dic.*, s. v.: *cuidar*, arquiva e documenta a variante *coidar*. Veja-se o verbete *cuydo*, como substantivo.

cuydo — vid.: cuydar (v.).

cuydo (s.) — sin cuydo, 382. Corominas, *Dic.*, s. v.: *cuidar*, regista os substantivos paralelos deste: *cuida* e *cuda*. Devem ser, todos três, na origem, substantivos deverbais de *cuydar*, *cuidar* e *cudar*. Estes são alótropos do latim *cogitare*. Em português: cuidar. O *Dic.*, da Academia, arquiva e define os substantivos *cuido* e *cuida*. Figueiredo, *Dic.*, com a indicação de «pouco usado», regista o português *cuido*, acto de cuidar, cuidado — e abona-o com este passo da *Eufrosina*, p. 163; «nem me lembrava por cuido nem por penso.»

CH

chançoneta (s.) — chançonetas — mil chançonetas, 16; Corominas, *Dic.*, s. v.: *canción*, aproxima *chanzoneta*, do francês *chansonnette*, «cancioncita». Teyssier, *Lang.*, pp. 42-43; na p. 42, por lapso evidente, atribui-se o verso ao *Auto Pastoril Português*; a evidência salta da localização que o ilustrado Professor aponta em abreviatura: «APC, 16». Albert Dauzat, no *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*, Paris, 1938, s. v.: *chanson*, data este substantivo do Século XII e di-lo saído do latim *cantione-* (cantio, cantionis); dá o derivado *chansonnette* do mesmo Século, abonando-o com Chrestien de Troyes. Do latim: *cantione-* vieram os *canción*, castelhano, e *canção*, português.

chançonetas — vid.: chançoneta (s).

chanzoneta — vid.: chançoneta (s.).

chapa — vid.: chapado (adj.).

chapada — vid.: chapado (adj.).

chapado (adj.) — q̃ estas chapado, 152; chapada — biẽ chapada, 162; muy chapada, 322; chapados — chapados parientes, 159. Teyssier, *Lang.*, p. 43: «*chapado* est un terme laudatif qui peut s' appliquer aux personnes ou aux objects les plus divers et correspond à *beau, joli, élégant, réussi*». Saído de *chapa*, sobre cuja origem e história se pode ler Corominas (*Dic.*, s. v.). Na rubrica *Deriv.* (Derivados, vol. II, pp. 20, 2.ª col., e 21, 1.ª col.), J. Corominas fala de *chapado* e dá esta explicação de muito interesse: «aplicado en son elogioso a las personas, viene de la locución *ser persona de chapa*, comparación pintoresca con el arnés ricamente chapado». E diz que *ser persona de chapa* já se encontra em Torres Naharro.

chapados — vid.: chapado (adj.).

D

d — vid.: de (prep.).

d' — vid.: d'agora; d' ahi.

da — vid.: dar (v.).

dachaque — vid.: d; achaque.

dad — vid.: dar (v.).

dado — vid.: dar (v.).

dagora — vid.: d; agora.

d' agora — vid.: dagora.

dahi — vid.: d; ahi.

d' ahí — vid.: dahi.

dalde — vid.: dad; le.

dales — vid.: da; les.

dalo — vid.: da; lo.

dam — vid.: dar (v.).

damada (s.) — mi damada, 161. No cap. 4 do IV vol. dos *Estudos Gil-Vicentinos* (ainda não publicado), tratámos, com algum desenvolvimento, deste assunto, citando vários Autores, entre os quais Teyssier, *Lang.*, pp. 45 e 65. *Damada* é forma aferética de *adamada*, particípio passado, substantivado, de *adamar*, do latim *adamare*, amar apaixonadamente. O mesmo que: amada, querida.

damado — vid.: damada (s.).

dan — vid.: dar (v.).

dar (v.) — da — dales gritos, 127; dalo aqua, 131; dad — dalde desso, 324; dado — fue dado a, 400; dam — dam me, 195; 199; 203; dan— que dan, 105; nho te dan nada, 194; dar — nho te quieren dar, 205; le dar, 277; daran — si daran gemidos, 76; daras — me daras, 224; daren — que me daren vn, 369; das — nho te das de, 113-114; demo — demonos, 211; demos — demos esto, 245; di — dite vna de mal mes, 227; dio — al cordojo se dio, 147; do — do a rauia, 229. Façamos os comentários: *a*) — a grafia *dam*

(versos: 195, 199, 203) ressente-se da influência da grafia portuguesa; a forma castelhana: *dan* aparece em 105 e 194; *b*) — no verso 224, não se expressa o complemento de objecto. Ainda hoje é usada a elipse; subentende-se *palmada, pancada*: olha que eu dou-te! — é ameaça vulgaríssima no boca de mulheres do povo, no trato dos filhos; *c*) — comentando o verso 369, Hart diz: «Es el infinitivo conjugado português». Leia-se, sobre o assunto, Dámaso Alonso, *Duardos*, anotação 449. Chama ele, e dá as suas razões, *Infinitivo conjugado*, de preferência a *Infinitivo personal*. Hart estabelece esta equivalência: «preferiría saberlo a que me dieran un florín». Vale o mesmo que Pretérito mais que Perfeito do Indicativo ou Pretérito Imperfeito do Conjuntivo: más (yo) preciaría saber (lo) que (preciaría) que me diesen (ou: dieran) un florín;

d) — Menéndez Pidal, *Man.*, p. 306, regista a forma *do*, do verbo *dar*, que aparece no verso 229, e diz que ela foi ainda usada no Século XVI. Em Lucas Fernández: «dóile á rabia», a que Cañete deu o valor de: dar al Diablo (*Farsas y églogas al modo y estilo pastoril y castellano*, Madrid, 1867, p. 16); *e*) — o verbo castelhano *dar* e o português *dar* são rebentos do mesmo tronco, o latim *dare* (do, das, dedi, datum). É dos verbos cujo número de flexões é mais abundante no *Auto Pastoril Castelhano*: nada menos que 15 (duas são variantes); o verbo *ser*, na variedade, fica-lhe atrás: 13, embora, e isso compreende-se, se tivermos em conta as suas especiais funções, como a de ligação predicativa e a de expressão da voz passiva, algumas delas surjam, repetidas, muito mais vezes, por exemplo, a forma *es*, que, só ela e visível, figura em 38 versos; *f*) — paga a pena determo-nos um pouco mais na observação da sintaxe do verbo *dar*, neste *Auto*:

1 — Na voz activa, está ele, em geral, precisamente em 15 versos: 127, 131; 324; 195, 199, 203; 105, 194; 277; 76; 224; 369; 245; 227 e 229; na voz passiva, uma só

vez, no verso 400; como verbo reflexo, por três vezes: 113-114, 211 e 147, como auxiliar de conjugação perifrástica, mostra-se no verso 205.

2 — Quanto aos complementos, o panorama tem aspectos mais complexos:

3 — O complemento indirecto, antolha-se-nos, aparece frequentemente, claro ou subentendido: expresso e pronominal — les (127); le (324, 277); me (195, 199, 203, 224, 369); te (194, 205, 227); expresso e preposicionado — a nos (400); a (211, 147, 229); elíptico (é facílimo, porém, admiti-lo) — (105); não tem complemento indirecto, nem dele carece, como: (76, 245).

4 — Há um caso particular, que justifica mais atenção: no verso 131, o advérbio de lugar *aqua* (acá) está em lugar do pronome pessoal da primeira pessoa, *me*, de complemento indirecto. Hoje ainda, ouvem-se frases como estas, que são equivalentes: dá-me cá isso — dá cá isso (o advérbio é vicário do pronome).

5 — O complemento de objecto também é frequentemente figurado: com nome apenas — 127, 194, 76; com nome e artigo indefinido — 195, 203, 369, com o nome subentendido e a expressão do artigo indefinido (o nome salta facilmente do contexto) — 227; com nome e artigo definido — 199, 205, 229; com pronome — 131, 105, 277, 245; o pronome reflexo é sempre complemento de objecto e está expresso em — (tu), te — 113-114; (nos), nos — 211; (quien), se — 147; há um caso de complemento directo elíptico: no 224, como já vimos, atrás.

6 — O verso 105 tem omisso o complemento indirecto; sendo fácil subentendê-lo, verifica-se, na verdade, que mais que uma hipótese é admissível: me, nos (a nós), às pessoas.

7 — Outros complementos: pode ver-se a ideia de partitivo no verso 324 (leia-se *Sintaxe histórica portuguesa*, de Augusto Epifânio da Silva Dias, 2.ª ed., Lisboa, 1933, pp. 138 e 102-103); no verso 194, estará a circunstância de companhia (veja-se Epifânio, *Opus*

laudatum, pp. 147 e segs.); no verso 245, há a regência *dar por* (acrescido de particípio passado), a que se pode aplicar esta opinião de Epifânio, *Opus laudatum*, pág. 156: «*por* emprega-se apositivamente ou predicativamente». O notabilíssimo filólogo aduz um exemplo de Vieira, XI, 187; nos versos 113-114, há um complemento precedido da preposição *de*; talvez exprima a ideia de causa; Epifânio Dias, *Opus laudatum*, pp. 227-228, parece optar por o classificar de complemento circunstancial de fim; no verso 227, o complemento de objecto é esclarecido por outro complemento determinativo, precedido d a preposição *de*.

daran — vid.: dar (v.).

daras — vid.: dar (v.).

daren — vid. dar (v.).

das — vid.: dar (v.).

de (prep.) — d — dahi, 256; dagora, 287; dachaque, 364; abrigado del tempero, 5-6; que sacas dellas, 31-32; acuerdo del lugar 37; descluzio del torruño, 62; mas honrrada del lugar, 164; del aguelo, 168; sobrina del Crespellon, 176; tiengo destar, 218; mes del padre, 251; mes del fijo, 252; del punto que, 301; desso, 324; canticaua della, 345; del primero, 397; del padre, 420; Disrael, 384; dotro dueño, 51; dygreja, 364; de — tempero de Fortuna, 6; começare de, 21; de asseo, 41; zagala de quantas veo, 42; pastor de pastores, 53; hato de ganado, 55; crego de, 63; de contino, 74; gemidos de deseo, 76-77; alguno de vos, 81; nel hato de, 88; me aparto de, 98; nho te das de, 113-114; hame las de traer, 120; que auemos de hazer, 146; 266; es de buen natio, 163; aguelo de su madre, 168; de parte de, 169; prima de , 170; de partes de, 174; nieta de, 175; partera de, 189; vestida de, 199-

-200; de mal mes, 227; plaz de, 236; comẽçad de, 237; acordada de, 260-261; angeles de Dios, 264; rabe de, 278; guayta de, 279; allegres de, 295-296; de paja, 306; de frio, 313; por falta de, 315; de vna vara, 319; flor de, 361; vida de, 370; sabes de, 371; de neñito, 386; de nuestro Dios, 399; de vn enues, 415; pierde dela mano, 45; con fauor dela ventura, 58; delos señores, 270; delos pastores, 271; delos cielos, 314; dela donzella, 337. A preposição castelhana e portuguesa *de* vem do latim *de*; para se conhecerem as «relações que exprime», consulte-se Epifânio Dias, *Opus laudatum*, pp. 123-142.

deblocar — vid.: debrocar (v.).

debocion (s.) — con debocion, 284; do latim *devotione-* (tio, tionis). Em português, *devoção*. Machado, *Dic.*, s. v., regista as variantes: *devaçom* e *devação*. Veja-se o verbete: *deuocion* (s.).

debroca — vir.: debrocar (v.).

debrocar (v.) — debroca — me debroca el sueño, 22, 247; se debroca, 69; Teyssier, *Lang.*, p. 46: «L' étymologie la plus vraisemblable est de voir dans tous ces mots (debrocar, deblocar, debrocarse, embrocar, emborcar, de borco) des dérivés du latin *broccus*»; «Mot typiquement sayagais, dont les diverses acceptions se rattachent au sens de *renverser*»; Gil Vicente também usa *deblocar*, que é, para Teyssier, «une ultracorrection». Leia-se Corominas, *Dic.*, s. v.: *bruces* (de —). Familiar destes, é, em português: *de bruços*. *Emborcar*, no dialecto madeirense, alude, com ironia, ao vício de *beber vinho, aguardente*. Eduardo Antonino Pestana, no seu livro *Ilha da Madeira*, II vol., Estudos madeirenses, Lisboa, 1970, edição da Câmara Municipal do Funchal, p. 84, 2.ª coluna, regista a pronúncia: imbrucar. O adjectivo latino: *broccus* (a, um) significa «que tem a boca e os dentes salientes» (Torrinha, *Dic.*

Lat.-Port., s. v.). Não são exactamente os mesmos, os valores de *debrocar* nestes três passos de Gil Vicente: o último, principalmente. Brasil (1966), p. 29, não terá sido feliz na tradução do verso 22: «enquanto o sono não (sic!) conseguir derrubar-me». O que lá está é isto e só isto: «durante (o tempo em que) o sono me faz dobrar, cabecear»; no mesmo sentido ou paralelamente, vai o verso 247. O verso 69 ressente-se da maneira de ser de *Brás*, da sua concepção da vida, antepassado quinhentista dos «modernos materialistas».

decid — vid.: dezid.

decir (v) — dezid — dezid todos, 250; di — di, 25, 59, 84, 137, 234, 370; digo — digo yo si, 80-81; yo me digo, 102; digo yo quel, 297-298; dira — no dira que, 425-426; dixo — dixo Malachias, 372; diz — diz Micheas, 379; dize — Salamon dize, 344; dizes — que dizes Gil, 109. Do latim *dicere* (dico, cis, xi, ctum), vieram as formas *decir*, em castelhano, e *dizer*, em português. *Di* e *dezid* são formas do Imperativo (Academia, *Gram.*, pp. 60 e 84). A respeito da forma verbal *diz*, oiça-se a *Gram.*, da Academia, p. 83: «En lo antiguo se usó *diz* por *dice*, que hoy sólo se emplea impersonalmente y en estilo familiar, con la significación de *dicen*; v. gr.: diz que habrá guerra; diz que ese labrador es rico — frases equivalentes a: dicen que habrá guerra; dicen que ese labrador es rico». Em português, há a mesma prática: *diz* com o valor de *dizem*. Vejam-se: *dezir; dicha.*

del — vid.: d; el.

del (Torebilla — mendral).

dela — vid.: de; la.

dela (Marica — remonda).

delante (adv.) — delante mi az, 376. Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 181 e 336, indica a origem: «*de-in-ante*, pop. *denantes*, cast. *delante*»; «*deinante, denantes*, (ital. *dinanzi*, prov. *denan*), *delante, adelante*». Nunes, *Comp.*, p. 343, fala dos advérbios de lugar: *dante* ou *diante*, (originados em) *de ante* ou (em) *de in ante*».

delos — vid.: de; los.

dellas — vid.: d; ellas.

demientra — vid.: entanamientes (adv.).

demientras — vid.: mientras (adv.).

demientre — vid.: entanamientes (adv.); mientras (adv.).

demo — vid.: dar (v.).

demonos — vid.: demo; nos.

demos — vid.: dar (v.).

demuño (s.) — del demuño, 248; Teyssier, *Lang.*, p. 71: «*demuño* (au lieu de *demonio, demoño*)». Em português: *demónio*. Veja-se o verbete: *matrimuño*.

dende (adv.) — dende su niñez, 305. Corominas, *Dic.*, s. v.: *desde*, pensa que resultou do cruzamento «de *desende* con *desde*». É o ponto de partida, como o português *desde*.

deprender (v.) — deprendi — lo deprendi, 365. Corominas, *Dic.*, s. v.: *prender*, diz: «Con el mismo sentido que *aprender* se ha empleado *deprender*». Em português arcaico, também *deprender*, ambos do latim *deprendere* (do, dis, di, sum). Consulte-se no *Dic.*, de Machado, o verbete *prender*. O uso moderno do português, parece, só conhece *depreender*, com sentido ligeiramente diferente.

deprendi — vid.: deprender (v.).

descender (v.) — descendio — este descendio, 417. Corominas, *Dic.*, s. v.: «tomado del lat. *descendere* (do, dis, di, censum), (descer), derivado de *scandere* (scando, is), subir, escalar». Abona-o com Berceo. Em português: descender.

descendio — vid.: descender (v.).

descluziar (v.) — descluzio — yo descluzio del, 62. Veja-se, por um lado, Teyssier, *Lang.*, p. 47, c, por outro lado: o verbete *respingo*. Preferimos o significado de *afastar-se*.

descluzio — vid.: descluziar (v.).

descruciar — vid.: descluziar (v.).

desea — vid.: dessea.

desear — vid.: asseo; dessear.

desearan — vid.: dessearan.

deseo — vid.: asseo; desseo (s.).

deseosa — vid.: desseosa.

despeluzar — vid.: despelluzar (v.).

despelluzados — vid.: despelluzar (v.).

despelluzar (v.) — despelluzados — ansi despelluzados, 268. Aqui temos o verbo *despeluzar*, com a palatização do *-l-*, característica do saiagués. Corominas, *Dic.*, s. v.: *pelo*, regista-o entre os seus derivados. *Despelluzados* poderá justificar a palavra *vazios* (verso 276); sendo assim, significaria *desprevenidos*, sem *lembranças*, sem *oferendas*. O latim *pilus* (i) usava-se com o valor de *coisa de nada*

(Torrinha, *Dic. Lat.-Port.*, s. v.) e entrava em construções de negação. Em português: *pêlo* deve ser de origem castelhana (Machado, *Dic.*, s. v.). Reis Brasil (1966), interpreta o verso: «com o cabelo eriçado, desgrenhado»; Marques Braga (1942): «eriçados os cabelos...», a caminho do significado que regista o *Dic.*, da Academia. *Pelado* (como apelido: Brás pelado, do verso 170) é o particípio do verbo *pelar*, do latim *pilare*, «sacar el pelo». Em português: pelar, pelada.

desposado — vid.: desposar (v.).

desposar (v.) — desposado — rezien desposado, 155; el desposado, 210. Do latim: *desponsare*. Corominas (*Dic.*, s. v.) diz que, em Berceo, aparece *esposo*, significando *marido*. Machado (*Dic.*, s. v.) regista em português: *desposar* < < *esposar* < *esposo* < *sponsu-* (us, i). Substantivo, no verso 210. Vid.: verbete *esposa*.

despues (adv.) — despues se hablara, 428. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 336, traz: «*depost* ant. *depués*; *de ex post, después*». Em português: *depois*, corrente; *despois* (popular). Formas dialectais: adepois, adespois, com *a* prostético. Veja-se Eduardo Antonino Pestana, *Ilha da Madeira*, II vol., *Estudos madeirenses*, edição de 1970, da Câmara Municipal do Funchal, s. v.

dessea — vid.: dessear (v.).

dessear (v.) — dessea — venir dessea, 359; desscaran — dessearan ver, 392. Corominas, *Dic.*, s. v.: *deseo*, regista este substantivo, dá-lhe o étimo: «lat. vg. *desidium, deseo erótico*, forma neutra correspondiente a la feminina clásica *desidia, indolencia, pereza*, que ya en la Antigüedad tomó el significado de *libertinaje, voluptuosidad*, conforme a la doctrina moral de que la ociosidad es el incentivo de la lujuria». De seguida, fala do português *desejar* e do castelhano *desear*. Em ambos os verbos, vê-se o sufixo

-ar. Consulte-se Machado, no seu *Dic.*, s. v.: *desejo* e *desejar*, que regista e abona as variantes: *deseiar*, *deseio* e *deseyo*.

dessearan — vid.: dessear (v.).

desseo (s.) — gemidos de desseo, 76-77. Vejam-se as rubricas: *asseo* e *dessear*.

desseosa — vid.: desseoso (adj.).

desseoso (adj.) — desseosa — boz muy desseosa, 346. Assenta no substantivo *deseo* (vejam-se as fichas *asseo* e *desseo*) e o sufixo *-osu-*. Em português: *desejoso*, com o mesmo processo de formação.

desso — vid.: d; esso.

destar — vid.: d; estar.

deuocion (s.) — con deuocion, 291. Ver: debocion (s.); devocion (s.).

devocion — vid.: debocion (s.); deuocion (s.).

dexar (v.) — dexemos — dexemos el desposado, 210. Na edição (Pestana, *Magos*, pp. 54 e 88), anotámos o seguinte: «São paralelos do castelhano *dexar*, o português *deixar* e o catalão *dexar*. O espanhol usa hoje *dejar*. Pela România, há outras formas, mas provenientes de *laxare*, *laisser* (francês), *leixar* (português), por exemplo. Curioso é que *leixar* tem documentação mais antiga (Machado, *Dic.*, s. v.: *deixar*): Século XI, ano de 1091: (Et non leixe te pro alia mulier nec sine mulier). A par de *deixar*, que aparece já no Século XIV, o português arcaico conheceu *dexar*, Século XIII. Quanto à etimologia das formas com *d-*, Machado diz (*Ibidem, ibidem*): «apesar das muitas

tentativas até agora verificadas, ainda não se conseguiu uma explicação satisfatória (para elas), nem para a relação: leixar-deixar».

dexemos — vid.: dexar (v.).

dezia — vid.: dezir (v.).

dezid — vid.: decir (v.).

dezir (v.) — dezia — en su canticar dezia, 347; dezis — que dezis, 337; vid.: decir.

dezis — vid.: dezir (v.).

di — vid.: dar (v.); decir (v.).

dice — vid.: dize.

dicha (s.) — por dicha, 317. Corominas, *Dic.*, s. v.: «*suerte feliz*, del lat. *dicta*, cosas dichas (dicere, o, cis, xi, ctum), al cual se trasfundió en el lenguaje vulgar el sentido del clássico *fatum* (i), suerte, destino (participio da *fari* — for, faris, fatus sum — *decir, hablar*, acepción basada en la creencia pagana de que la suerte individual se debía a unas palabras que pronunciaban los Dioses o las Parcas al nacer el niño». Em português e da mesma origem: *dita* (ter a dita). Corominas regista e documenta a locução adverbial *por dicha*, a que dá a equivalência de *por ventura, por casualidad, seguramente.*

digo — vid.: decir (v.).

dio — vid.: dar (v.).

Dios (s.) — huzia en Dios, 14; ha Dios pliega, 83; encomiendalas a Dios, 115; hame las Dios de, 120; Dios q̃ es moça, 162; Dios q̃ es casta, 191; Dios sea loado, 214; ha Dios te pliega comigo, 228; angeles de Dios, 264; Dios man-

tenga, 293, 330, 336; por Dios, 325; Dios dessea, 359; ha Dios plaga, 362; eterno Dios, 399; en quanto Dios, 406; Dios haze, 423. Tanto o castelhano *Diós* como o português *Deus* representam o nominativo latino *Deus* (dei). É dos nomes mais repetidos no *Auto Pastoril Castelhano*, o que resulta da figuração desta palavra em expressões de exclamação. Poderá ver-se nesse facto uma consequência da religiosidade desta primeira obra de *devaçam*, de Gil Vicente. Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 39 e 57: «en español antiguo se acentuaba *Dios* (Déus)»; «en época posterior ocurrió... dislocación del acento».

dira — vid.: decir (v.).

Disrael — vid.: d; Israel.

dite — vid.: di; te.

dixo — vid.: decir (v.).

diz — vid.: decir (v.).

dize — vid.: decir (v.).

dizes — vid.: decir (v.).

do — vid.: dar (v.).

domado (Juan —).

domientre — vid.: entanamientes (adv.); mientras (adv.).

Domingo (s.) — al domingo, 64. Do latim: *Dominicu-* (us, a, um), através da expressão *dies dominicus* (Menéndez Pidal, *Man.*, p. 156). Veja-se a palavra *dominguejo*.

dominguejo (adj.) — dominguejos — atillos dominguejos, 200. *Dominguejo* vem de *Domingo* (veja-se esta ficha), do latim

Dominicu- (us, a, um). Machado, *Dic.*, s. v.: *dom*, ensina: «Na Hispânia este vocábulo latino acabou por tomar o sentido de: (dia) consagrado ao Senhor». *Dominguejos* é paralelo do nosso *domingueiros*, próprios de *Domingos* (dia). Na Madeira, corre a expressão curiosa: fato de ver a Deus.

dominguejos — vid.: dominguejo (adj.).

doncella — vid.: donzella (s.).

donde (adv.) — no se para donde fue, 96. Basta que atentemos na preposição *para* e concluiremos que o advérbio vale o mesmo que o português *onde*. A preposição nada acrescenta a *unde*, no valor de *ubi*. Em português: *onde* (repouso); *donde* (movimento de). Leiam-se: Corominas, *Dic.*, s. v.; Machado, *Dic.*, s. v.: *onde* e *adonde*; Academia, *Dic.*, s. v.; Menéndez Pidal, *Cantar*, II, s. v.: *dond;* Pestana, *Magos*, s. v.: *dond*; Amaral, *Dic.*, s. v.: *onde; para onde*; *aonde*; Amaral, *Glossário*, s. v.: *adonde*.

donzella (s.) — dela donzella, 337. Corominas, *Dic.*, s. v.: *dueño*: «*doncella*, del lat. vg. **domnicilla*, diminutivo de *domna*, por *domina*, señora». Em português: donzela. Refer-se à *Virgem*.

dormir (v.) — duermo — que nho duermo, 24. *Dormir*, castelhano e português, representa transformação do latim: *dormire* (io, is, ivi, itum). Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 275 e 300.

dos (num.) — vnas dos cabras, 82; dos horas, 93. Do latim: duos > doos > dos; duas > duas. Em português: *dois* (dous) e *duas*. Para a uniformidade que o castelhano conhece, leia-se Menéndez Pidal, *Man.*, p. 242: «pero a partir de los (documentos) de Alfonso X se usa para ambos géneros el masculino *dos*». No verso 82, linguagem numérica indeterminada com recurso do artigo indefinido.

dotro — vid.: d; otro.

dudar (v.) — dudar — no hay que dudar, 165. Corominas, *Dic.*, s. v.: «tomado en fecha antigua del lat. *dubitare*, vacilar; derivado de *dubius*, vacilante, duvidoso; a sua vez lo es de *duo*, dos (por las dos alternativas que causan la duda)». Em português: duvidar.

dueño (s.) — dotro dueño, 51. «Del lat. vg. *domnus*, lat. *dominus*, dueño, señor; 1.ª doc. *donno*» — Corominas, *Dic.*, s. v. Em português: dono.

duermo — vid.: dormir (v.).

dulce (adj.) — muy dulce, 352. Do latim *dulce-* (cis, e). Em português: doce.

dygreja — vid.: d; ygreja.

E

e (conj.) — e tu, 109; e nos, 265. Vid.: y (conj.).

ẽ (prep.) — ẽ Mayo, 410. Vid.: *en* (prep.).

ea (interj.) — ea sus, 223. É uma interjeição de incitamento; em português: *eia*.

echa — vid.: hecha.

echar — vid.: hechar (v.).

eis — vid.: ex.

ej — vid.: ex.

el (art.) — el — el verano, 14, 154; el ceño, 19; el pesar, 20; el sueño, 22, 23, 247; el cielo, 38; el ganado, 48, 94; el crego, 63; el pie, 92; el herrero, 166; el jurado, 167; el desposado, 210; el braço, 225; el peccado, 241; el viento, 242; el redemptor, 255; el rabe, 278; el niño, 282, 312; el prometido, 288; el criador, 314; el lilio, 354; el mi angel, 373; el tempo, 377; el señoreador, 383; el cordero, 394; el Adan, 396; el hijo, 398; el qual, 400; el sol, 410, 413; el rayo, 412; elrey, 270; conel roin, 362; del tempero, 6; del lugar, 37, 164; del torruño, 62; del aguelo, 168; sobrina del Crespellon, 176; del padre, 251, 420; del fijo, 252; del punto, 301; del primeiro, 397; enhel mes, 251, 252; enel hato, 281; enel padre, 418; nel hato, 88; quel mochacho, 298; l — vete al, 61; al domingo, 64; al son, 92; al cordojo se dio, 147; al matrimuño, 157; juguemos ala bejon, 217; al llugar, 274; al padre, 407; la — la luna, 7; la soldada, 44; la frescura, 57; la compaña, 70; la montaña, 73; la vega, 86; la esposa, 160; la vieja, 185; la partera, 189; la ropa, 198; la moça, 199; la vaca, 205; la majada, 208, 283; la madrugada, 209; la mano, 223; la jugada, 229; la virgen, 258; la guayta, 279; la su clemencia, 310; la zagala, 343; la peleja, 363; la carrera, 375; dela mano, 45; dela ventura, 58; dela donzella, 337; los — los oydos, 75; los corderos, 78; los lobos, 119; los caramillos, 280; los presentes, 327; los olores, 356; los prophetas, 388; alos angeles, 259; delos señores, 270; delos pastores, 271; delos cielos, 314; las — las penas, 104; las cosas 105; las cabritas, 111; enlas majadas, 66; ell — ellotro, 253. Veja-se o verbete *ell*. Façamos alguns comentários:

a) Para a abonação do verso 377, veja-se a rubrica *templo*.

b) As grafias de palatização *nh* (versos 251 e 252) e *ll* (verso 253), se não foram erro de composição tipográfica, podem levar a supor que a pronúncia imitadora do saiaguês seria *e-nel* (e-nhel), *e-llo-tro*, ou, acolá, *ẽ-ñel*. Hart adopta: *eñ el* e *ell otro*. Lapesa,

Hist., p. 132: «el castellano adopta *el* (do latim: ille) y rechaza *lo* (do latim: illu-)»; as formas *la, los, las* permaneceram. Em português: o, a, os, as; as formas arcaicas foram: lo, la, los, las. Veja-se: ell.

c) A propósito do verso 270, para abonar a expressão *elrey*, é pertinente recordar o uso, em português de *el-rei*. Leia-se Machado, *Dic.*, s. v.: *el-*, que aponta bibliografia importante. Tem-no como paralelo do galego e do asturiano: *el*, com exclusão do leonês, «pois que, neste dialecto, o artigo era *llo*, palatizado». É originado no nominativo *ille*. Ao lado de *el-rei*, em português também se usou: *el-conde, el-reino, el-alcaide*.

el (pron. pes.) — el — el yra, 117; quel callara, 320; ella — con ella, 194; sino ella, 341; canticaua della, 345; ellas — dellas todas, 32. Em português: ele, ela, eles, elas. Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 251-252: «El latín no tenía pronombre especial para la tercera persona; cuando necesitaba de él, empleaba cualquiera de los demostrativos, pero el romance escogió *ille*». «En singular el nominativo sirve para el caso sujeto, y para el caso régimen con preposición».

elrey — vid.: el; rey.

ell — vid.: el (art.).

ella — vid.: el (pron. pes.).

ellas — vid.: el (pron. pes.).

ellotro — vid.: ell; otro.

embiar (v.) — embio — os embio, 373; Corominas, *Dic.*, s. v.: *vía*, diz: «la grafía más corriente parece ser *embiar* en toda la E. Media, desde el *Cid* y Berceo»; «del lat. tardío *inviare*». Assenta no substantivo *via* (ae), caminho. Em

português: enviar. Machado, *Dic.*, s. v., documenta com «texto escrito entre 1188-1230» a forma: enuiauerit.

embio — vid.: embiar.

en (prep.) — en Dios, 14; andas en bodas, 29; en qualquier camino, 46; repastando en la, 57; apartado en la montaña, 73; pienso en, 101; gano en, 108; estaa aqui en, 141; en medio, 218; en grito, 290; en su canticar, 347; suene en, 351; en quien, 359; en el, 377; grande en, 381; en tu, 384; en todo, 407; en serrania, 426; enel hato, 281; enel padre, 418; enhel mes, 251, 252; enlas majadas, 66; quen esso, 428; n — naquella abrigada, 4; naquella assomada, 126; nesta soledad, 47; nel hato, 88; nesso, 165; caere nun barrancon, 129. Comentários:

1 — o castelhano *en* e o português *em* representam o latim *in*;
2 — para a abonação do verso 377, veja-se a rubrica *templo*;
3 — Hart representa por *'n*, separando o vestígio da preposição da palavra adjunta, por exemplo: 'n esta.

Veja-se a expressão das circunstâncias de lugar onde e para onde: veis naquella, 3-4; sube naquella, 126. Vejam-se os verbetes: *ẽ*; *el* (art.); *nora buena*.

en (— quanto); (— tan amientes).

encaramillar (v.) — encaramillas — ten caramillas, 422. Corominas, *Dic.*, s. v.: *encaramar*, diz, deste, o seguinte: «parece ser metátesis de **encamarar*, hermano del b. lat. *incamarare*, desnaturalizar, adulterar». O latim *camerare* (ro, ras), «construir en forma de bóveda», de *camera* (ae), *bóveda*. Significa: «levantar hasta la cumbre». Corominas diz que *encaramillarse*, «elevarse, ensalzarse», está em Gil Vicente. O *Dic.*, da Academia, não regista este verbo, mas tão-somente: *encaramar* e *encaramillotar*.

A este, Corominas classifica de «villanesco». O substantivo *encaramillo* significa, «en Cuba», «aglomeración de objetos unos encima de los otros». Está na base do verbo.

encaramillas — vid.: encaramillar (v.).

encomendar (v.) — encomienda — encomiendalas a, 115. Em castelhano e em português: *encomendar*, ambos «do latim **incommendare*, deduzido do adj. *incommendatu-* (us, a, um), recomendado a, posto à mercê de» — Machado, *Dic.*, s. v.; data-o do Século XIII, quanto ao português, e consigna esta frase paralela: «que me encomẽdẽ sempre a Deos». Leia-se Corominas, *Dic.*, s. v.: *mandar*, Menéndez Pidal, *Man.*, p. 332.

encomienda — vid.: encomendar (v.).

encomiendalas — vid.: encomienda; las.

enel — vid.: en; el (art.).

engendrar (v.) — engendro — que se engendro, 301. Corominas, *Dic.*, s. v.: «descendiente semiculto del lat. *ingenerare* (o, as, avi, atum), derivado de *genus* (neris), que viene a su vez de *gignere*» (gno, is, genui, genitum), gerar. Em português *engendrar*, que Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, *Apostilas aos dicionários portugueses*, Lisboa, 1906, s. v.: *enjendrar*, tem por «galicismo antigo». Diz assim: «Em francês, de *ingen(e)rare* fez-se *engendrer*, como de *gener* (generis), *genro*, se fez *gendre*, com *d* intercalar entre o *n* e o *r*, que a supressão do *e*, que os separava, pôs em contacto. Tal *d* eufónico não pertence à fonologia portuguesa (cf.: genro), e portanto *enjendrar* não é português, a não ser como plebeísmo, no sentido de: engenhar, fabricar mal e sem preceito». Por fim, faz este desconto: «Não é porém sem exemplo o emprego de tal verbo, em passos de autores antigos».

engendro — vid.: engendrar(v.).

engrillar — vid.: ingrillar (v.).

enlas — vid.: en; las.

enlodar (v.) — enlodas — asmo que tenlodas, 33. Teyssier, *Lang.*, p. 220: «Verbe dérivé (de *lodo*), synonyme de *pôr de lodo, couvrir de boue*, c' est-à-dire: *salir, tromper, séduire, déshonorer. Enlodar-se:* être dans le malheur».

enlodas — vid.: enlodar (v.).

en quanto — en quanto Dios, 406; en quanto humanal, 408. É uma locução adverbial, expressiva de relação, equivalente a *en cuanto a*; formada da preposição *en* e o advérbio relativo *quanto*. Em português, *enquanto*, em certos casos, pode corresponder ao modo de dizer espanhol.

enseñar (v.) — enseño — nesta soledad menseño que, 47-48; enseño (= enseñó) — tenseño esso, 64. O verbo *enseñar* assenta em *seña*, de *signa-* (plural de *signum*, por influência da declinação em *-a*). Corominas, *Dic.*, s. v.: *seña*, regista, e abona, o seguinte valor: «*enseñarse* para *aprender* está en los (escritores) castellanos», José de Acosta, Lope, Tirso.

enseño, I; *enseño*, II (= enseñó) — vid.: enseñar (v.).

entanamientes (adv.) — en tan amientes no se, 94-96. Hart prefere escrever: *entanamientes*, a que dá valor de *mientras tanto*. A *Copilacam* adopta a composição: en tan amientes. A base está no latim *dum interim* (Corominas, *Dic.*, s. v.: mientras). Formas do castelhano arcaico: domientre, demientre, demientra, demientras que. Entre as formas derivadas, Corominas cita *entanamientes*. Pestana, *Madeira*, p. 84, regista a forma, muito corrente

entre o povo da Ilha, *īmentes*, enquanto. Veja-se Machado, *Dic.*, s. v.: *dentro*, regista: entrementes, dementre, entramentre. Vid.: mientras (adv.).

en tan amientes — vid.: entanamientes (adv.).

entender (v.) — entiende — que me entiende, 299; nho se tentiende mas, 28; entiendo —nho entiendo que, 299. Do latim *intendere* (do, dis, di, tentum, tensum), de *tendere*. Em português, a mesma forma: entender.

entiende — vid.: entender (v.).

entiendo — vid.: entender (v.).

entre (prep.) — entre estas flores, 54; entre espinos, 355; entre ambos, 414. O castelhano e português *entre* é evolução do latim *inter*.

enues (s.) — de vn enues, 415. O *Dic.*, da Academia, s. v.: *envés*, dá-lhe a etimologia: latim *inversum*, e, como sinónimo, *revés*, que define assim (s. v): «espalda o parte opuesta de una cosa». O latim *inversum* é o particípio passivo de verbo *invertere* (to, tis, ti, sum) voltar. Há também o advérbio *inverse*. O português tem: *invés* e *envés*. Nas locuções *ao invés, do invés,* teremos advérbio; no exemplo do *Auto* tem a mesma categoria; nesta frase de Rui de Pina: «encobrysem ao mundo o enves do verdadeiro abatimento», é substantivo (consulte-se o *Dic.*, de Machado, s. v.: invés). Em castelhano, parece, será só substantivo. Aceita-se esta anotação de Brasil (p. 70): «de vn enues — entenda-se: um de um lado e o outro do outro lado do saio, mas o saio é sempre o mesmo».

envés — vid.: enues (s.).

enviar — vid.: embiar (v.).

eñ — vid.: enh.

enh — vid.: en.

enhel — vid.: enh; el.

era — vid.: ser (v.).

eran — vid.: ser (v.).

eres — vid.: ser (v.).

es — vid.: ser (v.).

esa — vid.: essa.

escoger (v.) — escogio — escogio para, 303. Do verbo latino *legere* (go, gis, gi, lectum), *ajuntar*, se formou *colligere* (go, gis legi, lectum), *reunir*, e, deste, teria saído, em vulgar, *excolligere*, étimo do espanhol *escoger* e do português *escolher*. (Corominas, *Dic.*, s. v.: *coger*, põe, a par destes, o catalão *escollir*, e documenta aqueloutro com o *Cid*; Machado, *Dic.*, s. v.: *colecção*, *eis* e *escol*, data o verbo português do Século XIII, com passos trovadorescos de D. Dinis e de Martim Soarez).

escogio — vid.: escoger (v.).

escuro (s.) — haze escuro, 128. É a substantivação do adjectivo *escuro*; este saiu do latim *obscuru-* (us, a, um). Em castelhano, também *oscuro*. Em português, como substantivo e adjectivo, *escuro*. Em ambas as línguas, *obscuro* é de importação literária.

ese — vid.: esse.

eso — vid.: esso (pron.).

espantosa — vid.: espantoso (adj.).

espantoso (adj.) — espantosa — muy espantosa, 273. Do verbo *espantar*, castelhano e português, «del lat. vg. **expaventare*, derivado de *expavere*, temer, que a su vez lo es de *pavere*» — Corominas, s. v.: *espantar*. *Espanto*, nos dois idiomas, é derivado do infinitivo (substantivo deverbal). Juntou-se-lhe o sufixo *-oso*, indicativo de abundância.

espetera (s.) — vna espetera, 196. Reis Brasil (edição de 1966, p. 43, linha 15) dá-lhe a equivalência de *cabide*. Vem de *espeto*. Corominas, *Dic.*, s. v.: *espeto*, define este por *asador* e documenta *espetera* dos princípios do Século XVII, com Ribera e Lope. Em português também *espeto*. Machado, *Dic.*, fala do gótico hipotético *spitus*, e abona aquele com este passo de Fernão Lopes: «e fora estavom ao fogo vacas emteiras em espetos a assar» — passo este, na verdade curioso, da *Crónica de D. Pedro I*, cap. 14, p. 43, ed. de 1932, porquanto nos traz à lembrança as famosas e apreciadas *espetadas*, dos arraiais madeirenses. De *espeto* vem o verbo *espetar*, no valor de *ter relações sexuais*. Fontecha, *Glosario*, s. v.: *espetera*, regista a expressão *estar en espetera*, definindo-a: «se dice de las muchachas que en un baile están esperando a que las saquen a bailar». No *Dic.*, da Academia, diz-se: «tabla con garfios en que se cuelgan carnes, aves y utensilios de cocina, como cazos, sartenes».

espino (s.) — espinos — entre espinos, 355. Corominas, *Dic.*, s. v.: *espina*, regista *espino* e *spino*, este datado do Século XI, e di-lo originário de *spinus*. O latim tinha *spina*, donde *espina*. Paralelos dos castelhanos *espino* e *espina* são os portugueses *espinho* e *espinha*.

espinos — vid.: espino (s.).

espirito (s.) — ahincado espirito, 390. Do latim *spiritu-* (us, us), da família do verbo *spirare* (o, as, avi, atum), soprar.

Hart: «La acentuación llana, garantizada por la rima (boñito, hito, espirito, bendito), es usual en el castelhano vicentino». Em português *espírito*, que, em Gil Vicente e por vezes, aparece empregado com pronúncia paroxítona.

esposa (s.) — la esposa, 160; dize esposa, 344. *Esposa* é o feminino de *esposo*. Vid.: *desposar*. O latim *sponsus* (a, um) é o particípio passado do verbo *spondere* (deo, des, spopondi, sponsum), prometer. Em português: *esposo* e *esposa*. Houve substantivação.

Espulgazorras cabrera — 184. Reis Brasil (edição de 1966, p. 43, linha 4) traduz por: «Cabreira, a Cataraposas». Em *espulgazorras* teremos: *espulga* (verbo *espulgar*, do latim *expulicare*, de *pulica*, por *pulex* [icis], donde o português *pulga*; Corominas, *Dic.*, s. v.: pulga) e *zorras*, plural de *zorra*, raposa. Sobre *zorra*, que tanto é português como castelhano, leiam-se os *Dic.*, de Machado, e *Dic.*, de Corominas, s. v. Para *cabrera*, que tem a base em *cabra*, vejam-se os verbetes *cabra* e *cabrita*, tira-se que o sufixo *-era* (em português: -eira) indica o ofício, no caso vertente, pastora de cabras. As palavras *zorra* e *raposa*, na comparação, têm sentido ofensivo: manhoso como a zorra; «F. é raposa matreira, é raposa velha» — Vasconcelos, *Antroponímia*, pp. 210-211.

essa — vid.: ese.

esse (pron.) — esse — sera esse, 243; essa — essa que, 192. Menéndez Pidal, *Manual*, p. 142: «ya en los primeros tiempos del Imperio romano *ipse* (ipsa, ipsum — donde saiu também o português *esse*) era pronunciado *isse* de donde el antigo *esse*, moderno *ese*».

esso (pron.) — tenseño esso, 64; que podra esso prestar, 116; quen esso, 428; conesso, 366; desso, 324; nesso, 165; poresso, 97. O mesmo que *eso* (Academia, *Gram.*, p. 36);

Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 259-260: latim *ipsum* (ipse, ipsa, ipsum). Em português: *isso.*

esta — vid.: este (adj.); este (pron.).

está — vid.: estaa.

estaa —vid.: estar (v.).

establo (s.) — y establo, 307. Do latim *stabulu-* (lum, li), da raiz do verbo *stare*, que originou *estar*. Em português: *estábulo* e *estar*.

estamos — vid.: estar (v.).

estar (v.) — estaa — aqui estaa, 1; añublada estaa, 7; estaa aqui, 140; estaa hilada, 198; como estaa, 226; estaa temblando, 312; lletrudo estaa, 421; estamos — estamos aca, 294; estar — estar añazeando, 11; estar tras tras, 106; tiengo destar, 218; estas — muy perezoso estas, 110; estas chapado, 152; estas bien honrrado, 193; estoy — estoy abrigado, 5; estuue — estuue dos horas, 93; yo estuuela oteando, 90; estuuieres — quando estuuieres, 382. Do latim *stare* (sto, as, teti, tatum) com a forma *istare* («en las inscriptiones se halla escrito *istare*» — Menéndez Pidal, *Man.*, p. 127).

estas — vid.: estar (v.).

estas — vid.: este (adj).

este (adj.) — este — este mundo, 67; este tizon, 130; buen juego este, 244; ésta — nesta soledad, 47; estos — estos yelos, 311; estas — estas sierras, 36; estas flores, 54; estas marauillas, 423. Do latim *iste* (iste, ista, istud), como o português: este. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 260.

este (pron.) — este — este yra, 132; este es, 394, 398; este descendio, 417; esta — es esta, 273; esto — que es esto, 153; demos esto, 245; y esto, 409. É a mesma, a origem de *este*, adjectivo, e *este*, pronome. A forma *esto* (neutro,

como o seu étimo: istud) precisa de ser esclarecida. Tentemo-lo. À luz da ribalta, veem-se, em grupo, os primeiros pastores do *Auto:* BRÁS, LUCAS e GIL. SILVESTRE foi um dos pastores chamados, à distância, por LUCAS (verso 133), e foi quem lhe respondeu, também de longe, (verso 137). Ao convite de LUCAS (verso 138), SILVESTRE e os seus 7 companheiros (didascália, que está entre os versos 142-143, e os versos 133-136) dirigem-se à boca da cena. E começa uma curta fala entre SILVESTRE e BRÁS, a que se junta, pouco depois, a intervenção de GIL: que, na verdade, há, entre os zagais (os já citados primeiros) motivos de festa; que isso não é de espantar, porquanto o pior é um dar-se à tristeza; sugere-se uma dança, na continuação do ambiente de jovialidade; repele-se a ideia, visto que o proponente tem mais técnica. O pastor GIL mete-se na conversa em direcção de SILVESTRE: acha-o de boa disposição para a folgança e daí a pergunta: (que es esto?). *Esto* alude, pela certa, a esse estado de espírito, propenso a manifestações de alegria. No verso 245, alude-se, com o pronome, ao *juego*. Em português: *isto*.

estos — vid.: este (adj.).

estoy — vid.: estar (v.).

estrella (s.) — muger y estrella, 340. Representa o latim *stella* (ae) e é paralela do português *estrela*. Consulte-se Machado, *Dic.*, s. v.: *estrela*. *Estela* é nome próprio.

estuue — vid.: estar (v.).

estuuela — vid.: estuue; la.

estuuieres — vid.: estar (v.).

estuve — vid.: estar (v.).

estuvieres — vid.: estar (v.).

eternal (adj.) — es eternal, 402. Do latim *aeternale-*, (lis, e); também em português: eternal.

eterno (adj.) — eterno Dios, 399. Do latim *aeternu-* (us, a, um), donde também o português *eterno*.

ex (adv.) — ex el mi, 373. Veja-se *supra*, a anotação 76. Brasil, p. 58, escreve, sem nada dizer, *ej*.

F

falta (s.) — por falta de, 315. Corominas, *Dic.*, s. v., diz: «del lat. vg. **fallita*, feminino del participio **fallitus*, faltado, de *fallere* (fallo, llis, fefelli falsum)». Documenta-o com Berceo. Leia-se o verbete *falecer*, no *Dic.*, de Machado. Em português: *falta*.

fauor (s.) — con fauor de, 58; en tu fauor, 384. Variante gráfica é *favor*. Do latim *favore-* (vor, voris), da família do verbo *favere* (veo, ves, vi, fautum), favorecer. Em português: favor.

favor — vid.: fauor (s.).

faz — vid.: az.

fe — vid.: ala fe; fee.

fe (ala —); (mi —); (mia —).

fed — vid.: fee.

fee — vid.: a la he.

fee (mi —).

fees — vid.: fee.

fermosa (adj.) — columba mea fermosa, 349. Veja-se a rubrica: *columba.*

femencia — vid.: hemencia.

fet — vid.: fee.

fijo (s.) — del fijo, 252. Do latim *filiu-* (ius, ii), vieram vários divergentes: «*filio*, 2.ª mitad del Siglo X, Glosas Silenses, 80; *filgo*, doc. arag. de 1062; *fijo*, Cid» — Corominas, *Dic.*, s. v.: *hijo.* Em castelhano *hijo* (veja-se este verbete) e em português *filho.*

fino (adj.) — finos — olores finos, 356. Corominas, *Dic.*, s. v., diz: «adjectivo desarrollado por los varios romances de Occidente a base del sustantivo *fin*, en el sentido de *lo sumo, lo perfecto*, y después *sutil*». Documenta tal valor com *Disputa del Alma y el Cuerpo* e Berceo. O mesmo em português, para o que se deve ler o verbete *fim*, do *Dic.*, de Machado, que admite ser importação italiana.

finos — vid.: fino.

flaca — vid.: flaco.

flaco (adj.) — flaca — triste y flaca, 204. Do latim *flaccu-* (us, a, um), «pendente, caído, mole». Em português: *fraco.* Um sinónimo está, por vezes, em *flojo*, do latim: *fluxu-* (us, a, um — particípio passado de *fluere* — uo, uis, uxi, uxum — correr). Da mesma fonte, o português *frouxo*; Machado, *Dic.*, s. v., regista as variantes: *froxo, froixo* e *floxo.*

flor (s.) — flor de virgindad, 361; flores — con sus flores, 15; entre estas flores, 54. Do latim *flore-* (flos, floris), o castelhano *flor*, e, em português, *flor* e os alóptropos: *fror* e *chor.*

florecer (v.) — florecido — florecido entre, 355. O particípio passivo é atributo de *lilio*. *Florecer* provém de *florescere* (sco, cis), incoativo de *florere* (reo, res, rui). Aqui nasceram o castelhano e o português *florir*. Veja-se Corominas, *Dic.*, s. v.: *flor*.

florecido — vid.: florecer.

flores — vid.: flor.

florin (s.) — vn florin, 369. Em castelhano: *florin* e em português: *florim*; ambos do italiano *fiorino*, «porque se entendeu a presença de *flor*, se é que o voc. não (veio) por via do fr. *florin*» — Machado, *Dic.*, s. v., que regista variantes: floriins, frorim. O mesmo Autor: «a moeda era de Florença, primeiramente cunhada em prata e, depois, em ouro (1257), ornamentada com *flores de lis*». Veja-se também Corominas, *Dic.*, s. v.: flor.

formosa — vid.: fermosa.

Fortuna (s.) — del tempero de Fortuna, 6. Corominas, *Dic.*, s. v.: del latín *fortuna*, suerte, azar». Em português: fortuna. Machado, *Dic.*, s. v., regista a variante gráfica: ffortuna. A 10.ª ed. do *Dic.*, de Morais, mostra ao leitor um bom punhado de abonações literárias e algumas locuções; lá ver-se-ão os matizes de sentido.

frescura (s.) — en la frecura, 57. *Frescura* é português e é castelhano. Assenta em *fresco*, adjectivo de origem germânica (Machado, *Dic.*, Corominas, *Dic.*, s. v.). Sentido alegórico.

frio (s.) — de frio, 313. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 94: «en una inscripción de Pompeya se halla *fridum*, por *frigidum*»; *Ibidem*, p. 130: «ant. frido, mod. frío». Em português: frio.

fue — vid.: ir (v.); ser (v.).

fuerte (adj.) — fuerte majada, 1; fuerte poderio, 374; fuertes — fuertes caramillos, 261. Do latim *forte-* (fortis, e). Repare-se no valor superlativo que dá ao substantivo, a que se junta. Para o português: forte. O valor de *mucho*, apontado por Corominas, *Dic.*, s. v., deve ser aceite, para o verso 261.

fuertes — vid.: fuerte.

fuese — vid.: fuesse.

fuesse — vid.: ser.

G

gabona (Teresa la —).

gaita — vid.: guayta.

ganado (s.) — mi ganado, 3; el ganado, 48; 94; hato de ganado, 55; nuestro ganado, 333. Veja-se o verbete: *ganar*.

ganar (v.) — ganas — que ganas tu, 31; gano — la soldada que gano, 44; que gano en, 108. O castelhano *ganar* é paralelo do português *ganhar*. Para conhecermos a história da etimologia destes dois verbos, basta que leiamos os: *Dic.*, de Corominas, s. v.: *ganar*, e *Dic.*, de Machado, s. v.: *gado* e *ganhar*. Machado diz: «Do frâncico **waidanjan*, abastecer-se de alimentos, saquear, etc., aparentado com o al. *Weide*, pastagem, *weide*, pastar; o ant. alto al. *weida* ainda significava: procurar alimentação pela caça ou pela pesca, pastagem. Houve, como intermediário, um latim *guadaniare*, de que são restos o ital.

guadagnare, o esp. *guadañar*, o prov. *gazangar*, o fr. *gagner*, o ant. cat. *guaanyar*, o mod. cat. *guanyar*, o ant. port. *gaanhar*, *guanhar*, depois *ganhar*», e documenta, datando-as, estas formas: *ganare*, Século IX, *ganiastes*, Século XI, *gaanhare* e *guaanhar*, Século XIII, *gainhar*, Século XV. *Ganado*, na origem, é a substantivação do particípio passado. Veja-se Corominas, *Opus laudatum*, s. v.: *ganar*. Para o português *gado* (variantes: *gãado* e *gaado*), consulte-se o *Dic.*, de Machado, s. v. Veja-se a ficha: ganado.

ganas — vid.: ganar (v.).

gano — vid.: ganar (v.).

garçon (s.) — aquel garçon, 285; 292. Corominas, *Dic.*, s.v.: *garzón*, diz: «tomado del fr. *garçon*, muchacho». Leia-se o artigo *garçon*, do *Dictionnaire*, de Bloch. Em português, *garçon* (Machado, *Dic.*, s. v.) é aportugesamento do francês. O mesmo Autor documenta o português *garçon* do Século XIII. Sinónimos: *niño* (verso 282) e *niñito* (verso 286).

garzon — vid.: garçon (s.).

gasajado (s.) — tomaremos gasajado, 139; demonos a gasajado, 211. Corominas, *Dic.*, s. v.: *agasajar*, junta este verbo ao antigo *gasajo*, *placer*, do gótico: *gasalja*; mais adiante, informa que em Berceo aparece com a acepção de *compañía*. E, depois: «Mas pronto se especializó nuestra familia de vocablos en el sentido de reunión o compañía para divertirse». Machado (*Dic.*, s. v.) consignou o português *gasalhado*, abonando-o com este passo de Afonso X, o Sábio, *Cantigas*, I, p. 34, versos 19-22: «cada noyt' en drudaria/ a hũa sa druda ya/ con ela tẽer/ seu gasallado». No *Glossário* (vol. IV, s. v.: gasallado), Walter Mettmann dá-lhe também a categoria morfológica de substantivo e esclarece-o assim: «prazer (que se tem em conmpanhia)».

Do contexto se tira que *Lucas* chamou, de lá além, os 8 pastores, para, juntos aos 3 de cá, passarem o tempo numa reunião de folganças e de jogos.

gemido (s.) — gemidos — daran gemidos, 76. O verbo é *gemir*, do latim *gemere* (gemo, is, ui, itum), de que saiu, em português, *gemer*. Em latim: *gemitu-* (us, us). Em português: *gemido*, cuja acentuação paroxítona, segundo pensa Machado, *Dic.*, s. v., é devida a influência de igual pronúncia das palavras em *-ido*. Para as formas castelhanas arcaicas: *yemdo* (yemdos) e *gémito*, que respeitam a prosódia latina, veja-se Corominas, *Dic.*, s. v.: *gemir*.

gemidos — vid.: gemido.

gemir — vid.: gemido.

gémito — vid.: gemido.

Gil (s. pr.) — 67; 109; 235.

Gil (Menga —); (— terron).

Gill Llorente — 175.

Gil Terron (s. pr.) — Gil terron, 25; 140; 216; 421. *Terrón*, como apelido, da família de *tierra*, do latim *terra* (ae). Em português: terra, terrão e torrão. O Padre António Mourinho, *Dialectologia portuguesa, Expansão literária do Mirandês*, no Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, n.º de Janeiro-Março de 1977, p. 23, registou isto, a propósito do mesmo apelido: «Manuel Turrão — Maria Turrona; Torröu é hoje muito empregado como apelido de várias famílias, em toda a Terra de Miranda por Terrão».

gloria (s.) — mantenga a vra gloria, 293. Do latim *gloria* (ae), Em português: *glória*.

go — vid.: comigo (pron.).

gozoso (adj.) — gozoso plazer, 391. Formado de *gozo*, do latim *gaudiu-* (ium, ii), como pensa Corominas, *Dic.*, s. v.: *gozo*, embora admita como étimo *gaudiosu-* (us, a, um). Berceo usou-o. Em português: *gozo*. Os derivados *gozoso*, *gozão* têm, muitas vezes, sentido irónico e contundente.

graciosa — vid.: gracioso.

gracioso (adj.) — graciosa — zagala graciosa, 331-332; muy graciosa, 353. Do latim *gratiosu-* (us, a, um); português: *gracioso*. Assenta em *gratia* (ae), donde o português *graça* e o castelhano *gracias*.

gran — vid.: grande (adj.).

grande (adj.) — gran — con gran hato, 55; grande — grande nhueua, 257; seras grande, 381. Do latim *grande-* (is, e), vieram as formas hispânicas: *grande*, português, e *grande*, castelhano. A forma *gran* é devida à próclise; ao mesmo fenómeno, se deve o português *gran* (grã, gram) de que surgiu, depois, a biformidade: *grã* (fem.) e *grão* (masc.).

grillo (s.) — grillos — serian grillos, 262. Do latin *gryllu-* (us i). Em português, *grilho*, talvez de origem espanhola. Vid.: o verbete *ingrillar*.

grillos — vid.: grilo (s.).

grito (s.) — en grito, 290; gritos — dales gritos, 127. Em português e em castelhano: *grito*; em ambas as línguas, de formação regressiva. *Gritar* é o latim *quiritare*. Temos uma locução adverbial de modo e a expressão do meio de chamada.

gritos — vid.: grito (s.).

guayta (s.) — la guayta, 279. Leiam-se os verbetes *gaita*, do *Dic.*, de Corominas, e do *Dic.*, de Machado. Em português: *gaita*.

H

ha — vid.: a (prep.); haber (v.).

ha (interj.) — ha — 137; 228; 254; 362; ha ... ha, 133; 134; 135; ha ... ho, 136. Esta interjeição serve para chamar. Em português, usa-se muito mais, para tal fim, de *oh*. Academia, *Gram.*, p. 126. Pondo, a par, os versos 83 e 362, Marques Braga (1942 e 1968) pode dar a entender que em ambos *á* tem o mesmo valor, o que pode não estar certo: no primeiro, é preposição; no segundo, interjeição.

ha (soncas —).

haber (v.) — as — tu que as, 25; auemos — que auemos de, 146; 266; aues — aues rellatado, 192; ay — no ay que dudar, 165; que ay enel, 281; ha — ha tres años, 206; hame las Dios de, 120; he — he miedo que, 224; vuiste — esposa que vuiste, 160. É o latim *habere* (beo, es, bui, bitum). Academia, *Gram.*, p. 48; Menéndez Pidal, *Man.*, p. 305. Quanto à forma deste verbo, acompanhada do advérbio de lugar *y*: Teyssier, *Lang.*, pp. 381-383, estudou este problema no castelhano vicentino. Para a sua formação, «on sait que *hay* (il y a) résulte de la soudure en une seule syllabe de *ha* et de l' ancien adverbe de lieu *hi*, qui existait comme mot indépendant dans la langue médiévale (cf. fr. *y*, provençal *i*, italien *ivi*)». Quer-nos parecer que se não aplicarão, a estes passos de Gil Vicente, as muito curiosas observações do Prof. Teyssier. Em português: *haver* (Machado, *Dic.*, s. v., traz as variantes: *aver* e *auer*).

hablaban — vid.: hablauan.

hablar (v.) — hablara — despues se hablara, 428; hablas — hablas llatin, 366; hablauan — hablauan lletrados, 387; hablo — yo me hablo, 102. Veja-se o verbete: *ablar* (v.).

hablara — vid.: hablar (v.).

hablas — vid.: hablar (v.); ablas.

hablauan — vid. hablar (v.).

hablo — vid.: hablar (v.).

haceis — vid.: hazeis.

hacer — vid.: hazer (v.).

hallada — vid.: hallar (v.).

hallar (v.) — hallada — eres hallada, 357. Corominas, *Dic.*, s. v.: «*hallar*, voz común al castellano con el portugués *achar*, rum. *aflà*, y varias hablas romances de la periferia itálica, procedente del latín *afflare* (soplar hacia algo, rozar algo con el aliento — que de ahí pasaría a significar: oler la pista de algo — y finalmente: dar con algo, hallarlo)». Junta esta informação de notável importância: que *aflare*, nas *Glosas Emilianenses*, traduz o latim *invenire*. Para o português *achar*, leia-se o *Dic.*, de Machado, s. v. Quanto ao passo do *Auto de los Reyes Magos*, citado no artigo de Corominas, veja-se a anotação n.º 53, pp. 95-96, da nossa edição: Pestana, *Magos*.

hame — vid.: ha; me.

hao (interj.) — hao carillos, 79. O *Dic.*, da Academia, s. v.: «interj. ant. que se usaba para llamar a uno que estuviese distante».

harta — vid.: Papiarta la redonda.

harto (adv.) — harto terna que hazer, 121; harto prellozida, 338. De *fartus* (ou: farctus, a, um), particípio passivo de *farcire* (cio, is, farsi, fartum), engordar, encher —podem ter saído o adjectivo biforme *harto* e o advérvio *harto* (Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 146 e 225). Pode participar da expressão do superlativo. Em português, o adjectivo biforme *farto* usa-se para tradução da saturação. Vid.: *harta.*

has — vid.: as.

has (sabello —).

hatillos — vid.: atillos.

hato (s.) — mi hato, 10; con gran hato 55; nel hato, 88; enel hato, 281. Significa *rebanho.* Leia-se a exposição de Machado, *Dic.*, s. v.: *fato.* Convém notar que não é precisamente idêntico o valor do verso 88: não é tanto o *rebanho*, como o local ocupado por ele ou a ele destinado. Veja-se o verbete *atillo.*

havemos — vid.: haber (v.).

haz — vid.: az.

haze — vid.: hazer (v.).

hazeis — vid.: hazer (v.).

hazer (v.) — haze — haze escuro, 128; Dios haze, 423; hazeis — que hazeis, 321; hazer — terna que hazer, 121; que auemos de hazer, 146; 266; hizo — que se hizo su corral, 60. Academia, *Gram.*, p. 87; do latim *facere* (cio, is, eci, actum), donde saiu o português *fazer.*

he — vid.: a la fe; haber (v.).

he (ala —); (a la —).

hecha — vid.: hechar (v.).

hechar (v.) — hecha — hecha el sol, 410. Corominas, *Dic.*, s. v.: *echar*, diz o que segue: «del lat. *jactare* (cto, as, avi, atum), arrojar, lanzar, agitar; frecuentativo de *jacere* (ceo, es, cui, citum); mas exactamente: de **jectare*, variante vulgar de aquel». Paralelo, em português, é *deitar*, para o qual se deve ler o artigo respectivo do *Dic.*, de Machado. A origem é outro ramo, embora do mesmo tronco: *dejectare* (cto, as), formado de *jactare*, frequentativo de *dejicere* (cio, is, eci, ectum).

hemencia (s.) — con hemencia, 291; 322. Academia, *Dic.*, s. v., depois de o ter como substantivo feminino antiquado, define-o: vehemencia, eficacia, actividad. Teyssier, *Lang.*, pp. 51 e 52, comenta: «vieux mot castillan souvent attesté dans la langue médiévale sous la forme *femencia*». No final das suas observações, diz: «Sur les problèmes posés par l'étymologie: *vehementia-* > *femencia*, cfr. Malkiel, in *Romanic Review*, XXXV, 1945, pp. 307-323». Em português: *femença*. Consulte-se o *Dic.*, de Machado, s. v., e também Nunes, *Comp.*, p. 91. Por via erudita: *vehemencia*, castelhano; *veemência*, português.

heredero (adj.) — hijo heredero, 398. Corominas, *Dic.*, s. v.: *heredad*, no local dos derivados, regista *heredero* (variante documentada: ereṭero), dizendo dele: «frecuente desde Berceo». Em português, *herdeiro* (a consoante vibrante remata a sílaba anterior: here- > her-). Ambos, do latim *hereditarius* (a, um). Por via literária, em ambos os idiomas: *hereditario* e *hereditário*.

hermano (adj.) — Syluestre hermano, 153; Bras hermano, 222. Fórmula de tratamento divulgada entre os Cristãos. Do latim *germanu-* (us, a, um). Em português: *irmão*.

hermosa — vid.: hermoso (adj.).

hermoso (adj.) — hermosa — nho me parece hermosa, 40; zagala hermosa, 343. Do latim *formosu-* (us, a, um); Menéndez Pidal, *Man.*, p. 72. Em português, conheceram-se estas variantes: fremoso, fromoso, fermoso — Machado, *Dic.*, s. v.: formoso; este, por via culta.

herrero (s.) — el herrero, 166. O latim *ferrariu-* (ius, ii) originou o castelhano *herrero* (Corominas, *Dic.*, s. v.: hierro; com a inicial *f-*, documenta-a do Século X). Machado, *Dic.*, tira o português *ferreiro*, de *ferro*, do latim *ferrum* (i), origem do castelhano *hierro*, datando-o do Século XII.

hid — vid.: hir.

hielos — vid.: yelos.

hijo (s.) — hijo heredero, 398. Do latim *filiu-* (ius, ii), donde o português *filho*. Em castelhano, também *fijo* (veja-se este verbete).

hilada — vid.: hilar (v.).

hilar (v.) — hilada — estaa hilada, 198. *Hilar*, em castelhano, *fiar*, em português, ambos originados no latim *filare*, de *filum* (i), donde: *hilo* e *fio*. É de crer que seja a melhor, esta interpretação de Reis Brasil, mostrando bem uma graça, uma ironia, que o passo contém: «Quanto à roupa, dizem-me que ainda não está fiado o linho para a tecer» — (edição de 1966, p. 43, linhas 16-17) — índice de consolação, em face da pobreza franciscana do bragal.

hir — vid.: ir (v.).

hito (s.) — a otro hito, 389. Corominas, *Dic.*, s. v., di-lo saído «del lat. arcaico y vulgar *fictus* (a, um), participio passivo

de *figere* (go, is, ixi, fixum, fictum), clavar». Já está aqui substantivado. Em português: *fito*, da mesma origem e com o mesmo preço. Machado, *Dic.*, s. v.: *fixo*, traz a variante *ffito*. Ver a ficha: *ahincar*.

hizo — vid.: hazer (v.).

ho (interj.) — Veja-se o verbete: *ha* (interj.).

holgando — vid.: holgar (v.).

holgar (v.) — huelga — huelga enlas, 66; holgando — andarme holgando, 12. *Holgar*, em castelhano, e *folgar*, em português, são formas saídas do latim *follicare* (co, cas); Menéndez Pidal, *Man.*, p. 122.

hondo (adj.) — muy hondo, 422. Corominas, *Dic.*, s. v.: «del antiguo *fondo*, y éste probablemente sacado de un preliterario **perfondo*, procedente del lat. *profundus* (us, a, um), en el cual el prefijo *per-* fué entendido como aumentativo (como en *perdañoso*, *perfeo*)». É paralelo do português *fundo* (variantes: fondo, fomdo). Machado, *Dic.*, s. v.: *fundo*, tem uma explicação de muito interesse: *fundo*, substantivo, e *fundo*, adjectivo, serão a mesma palavra, havendo entre eles divergência semântica. Começaria por existir o substantivo, saído do latim *fundu-* (us, i); apareceria o adjectivo, depois, por influência semasiológica: da ideia de fundo (substantivo) «(passaria) a designar a qualidade de *ter fundo*».

honrar — vid.: honrrar (v.).

honrrada — vid.: honrrar (v.).

honrrado — vid.: honrrar (v.).

honrrar (v.) — honrrado — estas bien honrrado, 193; honrrada — mas honrrada, 164; hõrrada — casta bien hõrrada,

191. Do latim *honorare* (ro, ras, ravi, ratum), donde saiu o português *honrar*. Corominas, *Dic.*, s. v.: *honor*, informa: «son conocidas en la Edad Media las acs. *ilustre, rico*»; documenta-as com Berceo. O substantivo castelhano *honor* representa o latim *honore-* (honor, noris); o substantivo paralelo em português, *honra*, é deverbal: nasceu do infinitivo *honrar*. Entre as evoluções do latim *honorare* para o castelhano *honrar*, figuram estas *ondrar, onrar, ornar*. Nunes, *Comp.*, p. 140, obs. III, regista o nosso arcaico *ondrar* e tem-no como de influência castelhana. Veja-se Machado, *Dic.*, s. v.

hora (s.) — horas — dos horas, 93. É o latim: hora- (a, ae). Em português: *hora*. Vid.: ora (conj.).

horas — vid.: hora (s.).

hõrrada — vid.: honrrar (v.).

hõrrar — vid.: honrrar (v.).

hotas (a —).

hoto — vid.: ahotas.

hoy — vid.: oy (adv.).

hubiste — vid.: vuiste.

huelga — vid.: holgar (v.).

huerta (s.) — huerta cerrada, 358. Corominas, *Dic.*, s. v.: *huerto*, documenta *huerta* com o *Cid.*, e dá este como feminização daquele. Em português: *horta* e *horto* (Machado, *Dic.*, s. v.).

huir (v.) — huyo — aun que huyo la compaña, 70. Do latim *fugire* (gio, is, fugi, fugitum). Em português *fugir*. Repare-se no complemento de objecto. Academia, *Gram.*, p. 78.

humanal (adj.) — en quanto humanal, 408. Assenta em *humano*, do latim *humanu-* (us, a, um), relativo ao homem. Corominas, *Dic.*, s. v.: *humano*, tem esta observação: «en la Edad Media es más frecuente *humanal*, que envejece después del siglo XV».

huviste — vid.: vuiste.

huyo — vid.: huir (v.).

huzia (s.) — huzia en, 14. «Confiance» — Teyssier, *Lang.*, p. 52; do latim *fiducia-* (a, ae). Em português: *fiuza* (locução: às fiuzas).

I

iglesia — vid.: ygreja (s.).

igual — vid.: ygual.

imaginar — vid.: maginar (v.).

immortal (adj.) — 404. Do prefixo negativo *in-* e o adjectivo *mortal* (veja-se este verbete). Na grafia portuguesa, o prefixo toma a forma *im-*.

immouible (adj.) — 405. Do adjectivo *mouible* (queira ver esta ficha) e o prefixo *in-* ou *im-*.

immovible — vid.: immouible.

imposible — vid.: impossible.

impossible (adj.) — es impossible, 409. Do adjectivo *possible* e o prefixo negativo *in-* ou *im*, por causa da bilabial.

Possible vem do latim *possibile-* (lis, le), da família de *posse* (sum, tes, tui); (do hipotético *potere* saiu *poder*, castelhano e português). Em português: *possível*, da mesma fonte.

infinita — vid.: infinito.

infinito (adj.) — infinita — clemencia infinita, 310. Do latim *infinitu-* (us, a, um), que tem a base em *finis* (is), origem do português *fim* (fĭi) e do castelhano *fin*.

ingrillando — vid.: ingrillar (v.).

ingrillar (v.) — ingrillando — ingrillando los oydos, 75. Enquanto para Hart, «*ingrillando los oídos*, escuchando atentamente» é lusismo (e cita Caldas Aulete, s. v.: *engrilar*: endireitar [engrilou as orelhas]), Corominas, *Dic.*, p. 286, do II vol., 1.ª coluna, antes do verbete *engrudo*, citando *engrillar, engrillarse, engrilletar*, remete a leitura para a palavra *grillo*. Sucede que a ficha *grillo* não se refere a nenhuma dessa palavras. O *Dic.*, da Academia, regista *engrillar*. Machado, *Dic.*, s. v., consigna *engrilar*, dá-lhe, como étimo, o substantivo *grilo* e data-o, com base em Morais, do Século XVIII. *Grilho* representa o latim *grillu-* (us, i). A palatização da forma portuguesa é devida à presença da palatal *i*.

inmobible — vid.: immouible.

inmortal — vid.: immortal.

intrinsienes (Jesus autem —).

inuisible (adj.) — 403; 406. Com o prefixo de negação *in-* e o adjectivo *visible* (veja-se este verbete). Em português: *invisível*.

invisible — vid.: inuisible.

ir (v.) — fue — no se para donde fue, 96; hid — hid vosotros, 274; vamos — vamos lo a ver, 267; nho vamos tan vazios, 276; vamos ver, 285; vas — mudando vas, 363; vaya — riedro vaya el ceño, 19; ve — vete tu, 61; yra — el telas yra buscar, 117; nhunca alla yra, 132. A origem está no latim *ire* (eo, is, ivi, itum), donde o português *ir*. Nos versos 267 e 276 — *vamos* — é imperativo-conjuntivo. No verso 285, ao contrário do que sucede no verso 267, a preposição *a* está omitida. Hart chamou a atenção para o comentário de Dámaso Alonso, *Duardos*, p. 191, nota 421-422, alusivo a esta sintaxe (não: 401-402): «No se puede, pues, hablar en este caso de un lusismo vicentino, aunque es indudable que el poeta se sentía más cómodo en un giro, tolerado aun en aquel tiempo por el castellano, que lo iba pronto a desechar, mientras que el portugués continuaría aferrado a él». Veja-se: Menéndez Pidal, *Man.*, p. 293; também: Academia, *Gram.*, p. 88. O verbo *ir* pode desempenhar funções de verbo auxiliar, como no verso 117; noutros casos, como no verso 132, é verbo independente.

irá — vid.: yra.

Israel (s.) — Israel — Disrael, 384. Vasconcelos, *Antroponimia*, p. 418, s. v., elucida: «*Israel*. Na origem, *pugnator, miles Dei*; nome próprio dado por Deus a Jacob, e depois usado como sinónimo de *povo israelita*. Em português: *Israel*.

J

Jarrete (s.) — 135.

Javato — vid.: xauato.

Jesus autem intrinsienes — 156. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, ajudada pelo Doutor António de Vasconcelos.

como o declara, (*Notas*, 1.ª ed., IV, p. 147; 2.ª ed., pp. 270-271), estudou o assunto: é um passo do *Evangelho* (São Lucas, IV, 30). «Textualmente diz: Ipse autem, transiens per medium illorum ibat». E, para encaixar o excerpto, a excelsa Mestra explanou: «Quando Jesus, vencedor na tentação com que o Diabo O acometera após os quarenta dias de jejum no deserto, principiou a doutrinar os Judeus na Sinagoga de Nazaré, Sua pátria, onde não O reconheciam, como profeta, os fariseus e escribas indignaram-se contra a Sua palavra, mais do que nunca de antes, prontos a lapidá-Lo. Mas Jesus, sem fazer caso das vaias e ameaças com que O perseguiam caminhou calmo através da multidão. *Não façamos caso; deixemos isso; vamos adiante,* — eis o que significava a fórmula abreviada *Jesus autem transiens*, na boca dos fiéis de 1500. E o vulgo, que a acolheu de ouvido, partiu o vocábulo *transiens* em dois: *trans, siens*, ligou à primeira sílaba a ideia de *intrans* (de: *intrare*) e de *siens* fez *sienes*, para que os poetas lhe pudessem encontrar rimas como *tienes, vienes*, sem lhe ligar ideia alguma». E, prosseguindo: «Gil Vicente escreveu *intrinsienes* em 1502, como vulgarismo de *Gil Terron*, que tendo deprendido algo de latim com o padre-cura e ocupando-se de coisas de igreja, era capaz de ensinar doutrina aos companheiros. Mas fora precedido (em quase um decénio) pelo pastor BRÁS, de Juan del Encina (p. 173, do *Teatro Completo*) que pronunciava *entransienes*. Posteriormente, em 1539, o particípio presente reaparece no belo refazimento da *Barca do Inferno*, composto por um poeta castelhano que em Lisboa havia assistido a uma representação do Auto vicentino. Nessa *Tragicomedia alegórica del Parayso y del Infierno* é a *Velha* finória, espécie de *Celestina*, que replica ao Diabo:

> — Y esso dela barca, es fuego?
> *Autem transiens*, enemigo;
> hermano, no voy contigo. —»;

(veja-se a edição do *Auto de Moralidade da Embarcação do Inferno*, do Prof. Doutor Paulo Quintela, Coimbra, 1946; o texto da *Tragicomedia alegórica* constitui o Apêndice I, pp. 193-243; o passo encontra-se na p. 226 e nos versos 966-969).
Hart tem que «el texto bíblico, sin embargo, no parece venir muy al caso; Gil emplea la frase sólo como exclamación de sorpresa, sin significación precisa». Mas não é verdade que é de espantar o que a Bíblia nos narra, dum lado, a ingratidão dos conterrâneos de Cristo, os intentos dessa gentalha, e, doutra banda, a saída do Messias, por entre todos, reprovando tão baixo sentimento? GIL, parece, ficou admirado com a notícia do casamento de SILVESTRE...

jogar — vid.: jugar (v.).

Juan (Bras —).

Juan domado (s. pr.) — O verso 52 do *Auto Pastoril Castelhano* diz isto: «Conociste a Juan domado». À margem e do lado esquerdo (na *Copilacam*), tem a seguinte cota: «Ioã domado dezia por el rey dõ Ioã segũdo», disposta em sete curtíssimas linhas, que, agora, separamos por barras oblíquas, assim: «Ioã do/ mado/ dezia/ por el/ rey dõ/ Ioã se-/ gũdo.» A eles, isto é, ao verso e à nota, nos referimos, vagamente, no § 7 da *Introdução*, na sua anotação n.º 27 e no *Vocabulário do Auto*, s. v.: *damada* e *domado* (Juan —). Entretanto, reunido que foi algum material (opiniões de: Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Anselmo Braamcamp Freire, Paul Teyssier, Júlio de Castilho, Aubrey F. G. Bell, Agostinho de Campos, Costa Pimpão, Gonçalves Viana e José de Vasconcelos), dedicámos ao assunto o cap. IV, do IV volume dos *Estudos Gil-Vicentinos*, ainda inédito. Teyssier, cremos, resolveu o problema: «*domado* correspond à *adomado* comme *damada* (veja-se este verbete) à *adamada* (aphérèse)» — *La*

Langue de Gil Vicente, Paris, 1959, pp. 45, 64 e 65, com o valor de *muito amado*. Quanto à interpretação de Braamcamp, leia-se o cap. 4, do I vol. dos nossos *Estudos Gil-Vicentinos*, Sá da Bandeira, 1972. Não será despiciendo, supomos, ter em conta que o texto castelhano *Juan domado* corresponde ao português da cota *Ioã domado*, o que pode-nos levar a pensar que *domado* também pode ser vocábulo nosso. Machado, *Dic.*, s. v., regista e define *adamar*, do latim *adamare*, amar intensamente; tem-no como de importação culta.

Juan xauato (s.) — 278.

juego (s.) — buen juego, 244. Do latim *jocu-* (us, ci), vieram o português *jogo* e o castelhano *juego*.

jugada (s.) — la jugada, 229. É a substantivação do particípio passivo de *jugar*, sobre cuja origem se pode ler Corominas, *Dic.*, s. v.: *juego*. Em português, *jogar* (veja-se Machado, *Dic.*, s. v.). Dentro do contexto, pode-se pensar em valor depreciativo, na boca do arreliado pastor BRÁS. Veja-se a ficha do verbo *jugar*.

jugaban — vid.: jugauan.

jugar (v.) — jugauan — no jugauan a, 389; juguemos — que juguemos, 216; juguemos ala, 217; juguemos a, 233. Corominas, *Dic.*, s. v.: *juego*, regista as variantes *jugar* e *jogar*, documentando-as. Lembra o latim «*jocari*, bromear». Em português, *jogar*, sobre cuja origem, Machado (*Dic.*, s. v.: *jogo*) diz: «de *jogo* (do latim *jocu-*, gracejo) ou, talvez antes, do latim *jocare*, por *jocari*, brincar», (jocor, aris, catus sum). No cap. 32, dos nossos *Estudos Gil-Vicentinos*, 2.º vol., Sá da Bandeira, 1975, aceitámos, com uma restrição, a opinião de Hart (1962), sobre a interpretação de *juguemos*, do verso 216. No verso 389, *jugar* tem sentido figurado. Veja-se o verbete: *jugada*.

jugauan — vid.: jugar (v.).

juguemos — vid.: jugar (v.).

jurado (s.) — el jurado, 167. É a substantivação do particípio passado de *jurar*, do latim *jurare* (ro, ras, avi, ou: atus sum), que assenta em *jus* (juris), direito, jurisdição. Corominas, *Dic.*, s. v.: *juro*. Em português, formas paralelas: jurado, jurar, juro, jur (Machado, *Dic.*, s. v.). Veja-se o verbete: *jurar*.

jurar (v.) — vejam-se o verbete: *jurado* e os verbetes que começam com a palavra: *juri*.

juri (— á nos); (— a ños); (— a nhos).

juria (— nhos).

juri á nos — vid.: juri a nhos.

juri a ños — vid.: juri a nhos.

juria nhos — vid.: juri a nhos.

juri a nhos — 152; 263. Hart: «juri a ños»; Marques Braga (1942): «juri á nos»; Teyssier (*Lang.*, p. 53) diz: «formule populaire de serment que Gil Vicente met dans la bouche des bergers sayagais». Regista e abona a variante *jure a nhos* e aceita a hipótese de Gillet (*Torres Naharro*, III, p. 570, n.º 239) de que *juri a* se ressente da analogia com *pese a*, pronunciado *pesi a*. E remata com esta observação: «Sans doute la tendance à défigurer les formules de serment a-t-elle joué ici un certain rôle».

juri a san — 316. É uma *fórmula de juramento* — Marques Braga. Por motivo de superstição, omitia-se o nome do *Santo* ou saía ele deturpado. *San* é a primeira sílaba de *Santo*, do latim *Sanctus* (us). Em português: *santo* e *são* (e também: sã).

L

l — vid.: el (art.).

la — vid.: el (art.); ala; ala fe; lo (pron.).

la (a — he); (Borracalles — negruça); (Mariroiz — mamona); (Papiarta — redonda); (Teresa — gabona).

la ceñuda — 187. *Ceñuda* é um derivado de *ceño*, português: *cenho*. Corominas, *Dic.*, s. v., define *ceño*, assim: «expresión severa del rostro, que se toma dejando caer el sobrecejo o arrugando la frente». Aponta o latim tardio *cinnus*, «señal que se hace con los ojos». Machado, *Dic.*, s. v.: *cenho*, invoca o parecer de Nascentes, *Dic.*, s. v., a favor de étimo ainda tido e havido por obscuro. Corominas documenta o masculino *ceñudo* e data-o de 1438.

la plaguenta — 187. Do latim *plaga* (ae), golpe, pancada, de *plangere* (go, is, planxi, planctum), sairam para português: *chaga*, *praga* e *plaga*, todas abonadas por Machado (*Dic.*, s. v.: *chaga*). Para castelhano: *llaga*. Corominas, *Dic.*, s. v.: *llaga*, regista, define e abona *plagar*, de *plagare* (go, gas, gavi, gatum).

las — vid.: el (art.); lo (pron.).

latín — vid.: llatin.

le (pron. pes.) — se le pega, 148; le hazer, 266; le dar, 277; le truxera, 318; no le venga, 334; dalde desso, 324; les — dales gritos, 127. Veja-se a *Gram.*, Academia, p. 34. A propósito do verso 324, Hart, em nota, p. 19, escreve: «Ya Valdés, *Diálogo de la Lengua*, Colección Austral, n.° 216, Buenos Aires, p. 47), prefería las formas sin metátesis que habían de triunfar en el castellano moderno: yo, aunque todo se puede dezir, sin condenar ni reprehender

nada, todavía tengo por mejor que el verbo vaya por sí y el pronombre por sí, y por esto digo: al moço malo, ponedle la mesa y embiadlo al mandado». Em português, temos *lhe* e *lhes*; a base está no dativo *illi* e *illis* (ille, illa, illud) — Menéndez Pidal, *Man.*, p. 253.

les — vid.: le (pron. pes.).

letrado — vid.: lletrado.

letrudo — vid.: lletrudo.

levanta — vid.: lleuanta.

levantar — vid.: lleuantar.

levar — vid.: llevar.

lilio (s.) — el lilio, 354. Corominas, *Dic.*, s. v.: *lirio*: «del antiguo *lilio* y éste tomado del latín *lilium*». Documenta a forma *lilio* com Berceo, e *lirio* com *Glos. del Escorial*. Em português: *lírio*.

lo (pron.) — lo — veis lo, 3; yo lo vi, 54; lo perdido, 107; lo ohi, 259; vamos lo a ver, 267; lo deprendi, 365; lo preciasse, 368; lo veo, 424; dalo aqua, 131; la — yo estuuela oteando, 90; los — los mereceis, 328; las — como las perdisti, 84; las comieron, 119; hame las Dios, 120; melas soniega, 87: encomiendalas a, 115; el telas yra buscar, 117. Em português arcaico: lo, la, los, las; em português moderno: o, a, os, as. São evolução das formas latinas: *illu-, illa-, illos, illas* (ille, illa, illud). Menéndez Pidal, *Man.*, p. 253. Vejam-se os verbetes *el* (art.); *sabello as*.

loada — vid.: loar (v.).

loado — vid.: loar (v.).

loar (v.) — loado — sea loado, 214; loada — loada sea, 308, Corominas, *Dic.*, s. v., pensa: «que el castellano tomó esta forma (loar) del fr. ant. *loer* (hoy: louer) o del cat. ant. *loar* (hoy: lloar)»; as razões desta sua opinião são: «el vocablo mas castizo fué *alabar*, desde los orígenes del idioma, y en la misma época su sinónimo aparece en la forma latinizante *laudar* (Cid)»; «no es muy probable que el latinismo *laudar* se hubiera introduzido en un vocabulario tan estrictamente romance como el del *Cid*, si *loar* fuese corriente». Este é o verso do *Cantar de Mio Cid* (Menéndez Pidal, Cantar, III, p. 919, 335): «Pastores te glorifficaron, ouieron te a laudare». Menéndez Pidal (*Ibidem*, II, p. 730): «El verbo *laudar* es de frecuente uso»; «de *laudare*». Machado, *Dic.*, s. v.: *louvar*, tem que «a forma directamente oriunda deste vocábulo latino (laudare) e mais antiga em Português é *loar*; no Século XIII, se bem que tudo o indique como anterior». Carvalho, *Evolução*, p. 226, julga que o português *loar* é uma (forma particularmente galega, embora tenha sido usada) — «e largamente! — por trovadores portugueses». Para a história do nosso verbo *loar*, recordem-se estas ramificações: *loa*, *loável* (loavell) e *loor* e registem-se estas palavras de Machado: «notar, porém, que o mesmo *loar* conseguiu subsisitir em falares populares, de Portugal e do Brasil». E cita este passo abonatório de Martins Fontes: «o consolo que me deste loando o meu padecer». O português de hoje está limitado a *louvar*.

É importante esta observação de Corominas, para o castelhano *loar*: «Nunca fué palabra muy corriente, aunque pertenecía al lenguaje noble, y aun podía salir en algun proverbio de estilo elevado; J. de Valdés cita uno (que, diga-se já, é de aconselhar e seguir) y al mismo tiempo observa que no es palabra del todo desusada: *loar*, por *alabar*, es vocablo tolerable y assi dezimos: cierra tu puerta y loa tus vezinos (*Diál. de la Lengua*, 112, 15).

lobo (s.) — lobos — los lobos, 119. *Lobo*, português e castelhano, representa o latim: *lupu-* (us, i).

lobos — vid.: lobo.

los — vid.: el (art.); lo (pron.)

Lucas (s.) — 137. Veja-se: Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 61.

lucida — vid.: llozida.

lucir — vid.: llozir.

lugar (s.) — del lugar, 37; 164; llugar — al llugar, 274. Do latim: *locale-* (lis, le), adjectivo, sairam as formas *logar* e *lugar*, ambas hispânicas. Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 72 e 182. Machado, *Dic.*, s. v.: *lugar*, diz: «Não há dúvida sobre a maior frequência em português arcaico da grafia *logar*». Vid.: Michaëlis, *Lições*, p. 429. No verso 274, a variante apresenta a palatização do *l-* (ll-).

luna (s.) — la luna, 7. Do latim: *luna-* (ae), que, para português, passou a *lũa* e *lua*.

LL

llamar (v.) — queiro llamar, 124. Em português, *chamar*, em castelhano, *llamar*, ambos do latim: *clamare* (mo, as, avi, atum).

llatin (s.) — hablas llatin, 366. Em castelhano: *latín*, em português: *latim*, ambos do advérbio *latine* (loqui latine). Leia-se o verbete *latim*, do *Dic.*, de Machado. Palatização do *l-*.

llegar (v.) — llego — si alla lego, 18. Do mesmo modo que o português *chegar*, o castelhano *llegar* representa o latim *plicare* (o, as, avi, atum).

llego — vid.: llegar (v.).

lletrado (s.) — lletrados — hablauan lletrados, 387. Em português: *letrado*; em castelhano: *letrado*. No passo vicentino, há a característica palatização do *l-*. Ambos representam o latim *litteratu-* (us, a, um), assente em *littera* (ae), donde *letra*, em ambas as línguas. Temos substantivação do adjectivo *letrado*. Veja-se o verbete *lletrudo*.

lletrados — vid.: lletrado.

lletrudo (adj.) — lletrudo estaa, 421. Mostra a palatização do *l-*. O *Dic.*, da Academia, regista-o como antigo e ainda hoje usado, como substantivo, no Chile. A base está em *letra*, do latim: *littera* (ae). Veja-se o verbete *lletrado*. Pode pensar-se que, em *lletrudo*, houvesse um propósito pejorativo, na boca de BRÁS, para comentar os conhecimentos de GIL.

lleua — vid.: llevar.

lleuanta — vid.: lleuantar.

lleuantados — vid.: lleuantar.

lleuantar (v.) — lleuanta — lleuantate, 348; lleuantados — aqui lleuantados, 265; lleuantar — lleuantar dahi, 256. Como *levar* (veja-se a rubrica: *llevar*), *levantar* também tem a base em *leve-* (levis, e). Em português, *levantar*, e o popular: *alevantar*. Repare-se no valor de Imperativo que tem este Infinitivo; tal uso, como que dá mais força e, ao mesmo tempo, generaliza a acção.

lleuantate — vid.: lleuanta; te.

lleuar — vid.: lleua.

lleva — vid.: lleua.

llevanta — vid.: lleuanta.

llevar (v.) — lleua — lleua este tizon, 130. Do latim: *levare*, sairam o português *levar* e o castelhano *llevar*, que começou por ser *levar* (Corominas, *Dic.*, s. v.: *llevar*), naturalmente. A palatização *ll-* é posterior e consequência da analogia: «*levare* en la Edad Media se conjugaba etimologicamente: lievo, liévas, liéva, levámos, levádes; *ly-* se pronunció *ll-* y se extendió a todo el verbo: llevo, llevamos, llevar» — Menéndez Pidal, *Man.*, p. 291.

llhouer — vid.: llouer.

llorando — vid.: llorar.

llorar (v.) — llorando — de frio llorando, 313. Do latim: *plorare* (ro, as, avi, atum), temos *llorar*, castelhano, e *chorar*, português.

Llorente (Gil —).

llouer — vid.: llover.

llouеraa — vid.: llover.

llover (v.) — llouеraa — llouеraa priado, 9; llhouer — nho quiere llhouer, 213. Corominas, *Dic.*, s. v.: «del lat. vg. *plovere* que sustituyó el clássico *pluere* (uo, uis, ui)». Citando Meyer-Lübke, Nunes, *Comp.*, p. 95, informa que «em Petrónio, 44, ocorre mesmo a grafia *plovebat*». Para português: *chover*. A palatização representada no verso 213 (llh-) pode-se ressentir do recurso gráfico castelhano (ll-), cruzado com o português (lh). De qualquer maneira, deve-se adoptar: *llouer* (llover), pelo menos em nota. Vid.: *llouer*.

lloverá — vid.: llouеraa.

llozida — vid.: llozir.

llozir (v.) — llozida — muy llozida, 202. Do latim *lucere* (eo, es, luxi), brilhar. Menéndez Pidal, *Manual*, pp. 289 e 291. *Lucir* é forma de hoje. Português: luzir. Registe-se a palatização do *l-*.

llugar — vid.: lugar.

M

m — vid.: me.

madera (s.) — cama de madera, 197. No latim *materia-* (a, ae), se originaram o português *madeira* e o espanhol *madera*.

madre (s.) — de su madre, 168; tomar madre, 419. Do latim *matre-* (ter, tris). Em português: *madre* («desaparecido... no Século XVI, no sentido de mãe» — Machado, *Dic.*, s. v.: *madre*) e *mãe*, da mesma fonte.

madrugada (s.) — la madrugada, 209. É substantivação do particípio passado do verbo *madrugar*, de *madurgar*, de *maturicare*, por *maturare*, amadurecer. Corominas, *Dic.*, s. v., diz que da acepção *darse prisa*, que *maturare* comporta, «se pasó a levantarse temprano». Machado, *Dic.*, s. v.: *maduro*, diz que, em português, «a mais antiga forma era *madurgada*, no Século XIII». Valor de advérbio, em Afonso X, o Sábio, *Cantigas*, vol. IV, s. v.: «Jesu, que vẽes buscar, resurgiu madurgada».

maginar (v.) — magino — andando magino, 43. Hart pensa que «puede ser lusismo (lo emplea Gil Vicente alguna vez en portugués), pero nótese que se encuentra también en Juan del Encina». Corominas, *Dic.*, s. v.: *imagen*,

documenta este verbo com varios Autores. A origem está em *imaginar*, de *imaginare*, latim. Em português: *maginar* e *imaginar*.

magino — vid.: maginar.

majada (s.) — majada — fuerte majada, 1; tengamos todos majada, 125; respinguemos la majada, 208; aburremos la majada, 283; majadas — enlas majadas, 66. Corominas, *Dic.*, s. v.: «probablemente de un *maculata*, derivado en el romance hispánico del latín *macula, malla de una red, tejido de mallas*, en el sentido de lugar donde pernocta el ganado rodeado de redes». No verso 66 — canta y huelga enlas majadas — e no verso 125 — tengamos todos majada —, há evolução semântica: festa, folguedo; no verso 208, valerá *rebanho*. O português tem *malhada*, de *malha*, choça. Machado, *Dic.*, s. v.: malha.

majadas — vid.: majada.

mal — mal (adj.) — mal peccado, 8; 27; 68; 242; de mal mes, 227; mal (adv.) — muy mal, 238; mal (s.) — nho quiero mal a, 71; nengun mal, 334. *Mal* vem de *malo*, sujeito «a apócope en proclisis» (Menéndez Pidal, *Man.*, p. 218), do latim *malu-* (us, a, um). Em português, também *mal pecado*. O étimo é o mesmo, não obstante o que pensa Nunes, *Am.*, III, 639. Exemplos em Nunes, *Am.* II, pp. 169-170, 184; III, p. 658. Valem ambos: *infelizmente*. De *malu-*, o português possui *mau*; de *mala-*, *maa, má*. Para a forma adverbial, leia-se a *Gram.*, Academia, p. 121. Como substantivo, representa o latim *malu-* (malum, i). Em português: mal. Em latim, da mesma família: *malus* (a, um), *male*, *malum* (i).

Malachias (s.) — dixo Malachias, 372. Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 75: «*Malaquias* ou *Malachias*; origem hebraica: mensageiro de Jeovah». Um dos profetas (Michaëlis, *Notas*, p. 427).

Malaquias — vid.: Malachias.

malo — vid.: mal.

mama — vid.: mamilon.

mamilon (Cascaolhas —).

mamona (Mariroiz la —).

manguito (s.) — manguitos — manguitos vermejos, 201. O substantivo *manguito* é um derivado de *manga*, do latim *manica-* (*a, ae,* ou, melhor: *ae, arum,* de *manus*). Em português *manga* (mangas) e *manguito*. Com esta palavra, designa-se também o gesto obtido com a mão esquerda a segurar a curva interna do braço direito, o qual, erguido e com o punho fechado, oscila para baixo e para cima, initando um *falo*. Será obsceno, será...; o que ninguém lhe pode negar é o vigor de expressão de raiva e de desprezo! Esse gesto pode ser conseguido sem intervenção do braço esquerdo: o braço direito, dobrado pelo cotovelo, agita-se no mesmo sentido e com o punho fechado.

manguitos — vid.: manguito.

mano (s.) — de la mano, 45; para la mano, 223. Do latim *manu-* (us, us) sairam *mão*, português, *mano*, castelhano.

mantener (v.) — mantenga — Dios mantenga a vĩa gloria, 293; que Dios mantenga, 330; 336. Teyssier, *Lang.*, p. 48: «Formule de salutation populaire»; «a noter que l'équivalent portugais de cette salutation est également populaire» — e cita, documentando-as: Deos vos mantenha; Mantenha Deos vossa mercê; Deos mantenha; Mantenha-vos Deos. Curiosa esta explicação para a fórmula: *Dios mantenga*: «résulte d'une aplologie: *Dios os mantenga* (Dios vos mantenga) — -os + os = -os. O castelhano *mantener* e o português *manter* assentam no latim *manutenere*

(de: *manus, us, mão*, em português, *mano*, em castelhano, e *tenere, tener*, em espanhol, e *tēer, teer, ter*, em português).

mantenga — vid.: mantener.

marauilla (s.) — marauillas — estas marauillas, 423. Corominas, *Dic.*, s. v.: *mirar*, «del lat. *mirari* (miror, aris, miratus sum) assombrarse, extrañar», consigna *maravilla* (e as variantes: maravella, mjrabilla, maravila)»; «del lat. *mirabilia*, del adjectivo *mirabilis*, extraño». *Mirabilia*, i. e., coisas admiráveis — é o acusativo neutro do plural. Perdidas as noções de neutro e plural, a terminação impôs o nome como feminino e singular.

marauillas — vid.: marauilla.

maravillas — vid.: marauillas.

María — vid.: Marica; Mariroiz.

Marica dela remonda — 183. Reis Brasil (edição de 1966, p. 43, linha 4) entende: «Mariquinhas da Raimunda». *Marica* é um hipocorístico de *Maria*, como, em português (Vasconcelos, *Antroponímia*, pp. 470-471): Maricas, Mariquinhas, Mariquita, Marquitas, Quitas, Maricota. Em galego: Mariquiña, Maruxiña, Mariquitiña. O antropónimo *Remonda* está a par do português *Remondo* (*Idem, ibidem*, pp. 51, 129 e 450), *Reimão, Reymon, Reimondo* e *Reymondo*, e, «em textos mais antigos: *Reimundus*, do tema de *ragins*, conselho, e *mund*, protecção» (de origem germânica) — como esclarece Mestre Leite de Vasconcelos, na p. 51. Talvez seja legítimo pensar-se em que, neste caso, se tenha querido dizer: *Marica* (a filha) *dela* (da) *Remonda* (Raimunda), uma das maneiras de apontar a ideia patronímica (*Idem, Ibidem*, p. 135).

Mariroiz la mamona — 179. Reis Brasil (ed. de 1966, p. 43, linha 2) tem que é o mesmo em português: «Maria Ruiz,

a Mamona». Para *mamona* bastará recordar o que se disse no verbete *Cascaolhas mamilon*, acrescentando-se que *mamilon*, por um lado, e *mamona*, por outro, se referirão, depreciativamente, talvez, a *mamilos* e a *mamas* disformes. *Roiz* e *Ruiz* são abreviaturas do patronímico medieval *Ruderici* (Rodríguez, Rodrigues) — Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 120.

Marta (s.) — 89. É nome próprio e também pode ser apelido de família. É tido como de origem germânica. Veja-se: *Dic.*, de Corominas, s. v.; *Dic.*, de Machado, s. v.

mas — nho se tentiende mas, 28; cada vez mas, 114; mucho mas que, 123; mas cordojo, 148; mas que yo, 151; mas honrrada, 164; mas templano, 219; alça mas, 225; mas preciasse, 368; mas no, 380; mas yo aprisco mejor, 72; mas quiero, 124; mas anda, 204; mas tiengo, 218; mas comience, 235; mas el viento, 242; mas si, 300. O valor adverbial, pareceu-nos, encontra-se no primeiro punhado de exemplos, desde o do verso 28 até o verso 380; o preço da conjunção adversativa, na segunda parte, desde o verso 72, até o verso 300. A origem está no latim *magis*. Em português *mais* e *mas*. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 335, falando da documentação de *mas*, diz: «cuyo primer ejemplo ocurre ya en el primer texto romance, las *Glosas Emilianenses*, del Siglo X». Consulte-se o *Dic.*, de Machado, s. v.: *mais* e *mas*, quanto à origem e quanto à evolução semântica.

matrimuño (s.) — te trajo al matrimuño, 157. Teyssier, *Lang.*, p. 71: «au lieu de *matrimonio*, *matrimoño*»; Hart aproxima de *matrimuño*, estoutro substantivo: *demuño* (verso 248), e diz: «Estas formas excepcionales en el castellano vicentino, fueron sugeridas sin duda por la rima»: matrimuño — nuño (versos 157-158); sueño — demuño (versos 247-248); releia-se a opinião de Teyssier, a que nos referimos no § 8, 3, c). Não deixa, porém, Hart de verificar

que *demuño* «aparece una vez al interior de un verso», no *Auto dos Reis Magos:* «sin tener/ al demuño por contrario». Veja-se o verbete: demuño.

Mayo (s.) — ẽ Mayo, 410. Do latim *maiu-* (ii). Em português: Maio.

me — a forma pronominal pessoal *me* aparece, no texto do *Auto Pastoril Castelhano,* ao que se julga, com estas duas funções sintáticas, principalmente: complemento indirecto e complemento de objecto (que também inclui o pronome reflexo, pois, fundamentalmente, ele representa uma das suas modalidades). Vejamos os segmentos de frase:

1 — *a)* com a forma *m* (colada a uma palavra iniciada por vogal) — se moluido, 253;
b) com a forma *me* (separada, graficamente, do verbo) — me quita el sueño, 23; nho me parece hermosa, 40; se me pierde de la mano, 45; yo me hablo yo me digo, 102; dam me vna, 195; dam me la moça, 199; dam me vna puerca, 203; que me daras, 224; q̃ me plaz, 234; me plaz, 236; me daren un, 369;
c) com a forma *me* (junta, graficamente — em posição proclítica ou enclítica —, a outra palavra): melas soniega, 87; hamelas Dios de, 120;

2 — *a)* com a forma *me* isolada: me debroca el sueño, 22; 247; veis me aqui, 220; que me entiende, 299;
b) com a forma *m,* antes de palavra, começada por vogal: menseño, 47;
c) com a forma *me* independente: nho me acuerdo del, 37; me aparto, 98; nho me se santiguar, 249;
d) com a forma *me* subjacente: andarme holgando, 12.

Dois casos talvez devam sair desta classificação:

a) verso 81 — si alguno me vio (dativo ético);
b) verso 106 — nho me quiero estar — (pode ver-se em *me* o sujeito do *Infinitivo* Presente; corresponderá, assim, a *me*, acusativo latino.

A origem está no latim *mihi* e *me* (dativo e acusativo do pronome pessoal: ego). Em português: *mi* (também com preposição: a mim, para mim) e *me*.

mea (adj.) — columba mea, 349; amica mea, 360. Vejam-se as rubricas: *columba* e *tota*.

medio (s.) — en medio, 218. Com a preposição *en*, formou-se a locução adverbial: *en medio*; em português: *no meio, no meio de*. O substantivo vem do latim: *mediu-* (um, ii). Consulte-se o verbete *abejon*.

mejor (adv.) — aprisco mejor, 72. Do latim: *meliore-* (ior, ius). Em português: *melhor*.

melas — vid.: me; las.

mendral (Torebilla del —).

Menga (s.) — 329; 335. É o latim *Dominica-*, origem dos divergentes *Domengas* e *Domingas*. Dirige-se à *Virgem* (Brasil, p. 64). É uma forma hipocorística.

Menga Gil (s. pr.) — 23.

menor (adj.) — menor en quanto, 408. Do latim *minore-* (minor, minus), comparativo de inferioridade de *parvus* (a, um), pequeno. Em português: menor.

menseño — vid.: m; enseño.

mereceis — vid.: merecer.

merecer (v.) — mereceis — los mereceis, 328. Corominas, *Dic.*, s. v.: «del hispano-latino: **merescere*, derivado del lat. *merere* (mereo, es rui, itum)». Em português: *merecer* e *meresçer*, que, graficamente, se ressente, por inteiro, da formação incoativa.

mes (s.) — de mal mes, 227; enhel mes, 251; 252; ellotro mes, 253. Do latim *mense-* (is, is) — Menéndez Pidal, *Man.*, p. 63. Em português: *mês*. Da boca do pastor Gil (versos: 251, 252 e 253) — não é de esperar que a prática do benzer-se ele con a palavra *mes*, tenha algum propósito de mofa. Deve estar no seguimento de qualquer uso popular. Ainda hoje se usam expressões, que podem ter paralelismo: Mês do Rosário, mês de Maria.

Mesías — vid.: Mexia.

Mexia (s.) — 289. Castelhano moderno: *Mesías*. Em português: *Mexias* e *Messias*. Machado, *Dic.*, s. v.: «do aramaico *mexiha* (hebreu: maxiah), *o ungido*, pelo grego *Messias* e deste pelo lat. *Messias*». Veja-se a ficha: Mexias.

Mexias (s.) — por Mexias, 401. Ver a ficha: *Mexia*.

mi — vid.: comigo; mio.

mia — vid.: mi fee; mio.

mia fe — mia fe nho, 150. Braga (1942) adopta, para o verso 150, *mia he no*, com dois desvios, portanto, sem nada dizer; no verso 27, outra alteração, em relação ao texto príncipe: *mi fe*. Vejam-se as fichas: *mi fe*; *mi fee*.

mias — vid.: mio.

Micheas (s.) — 379. *Enciclopedia*, s. v.: *Miqueias*: «um dos doze profetas menores, nascido em Moreseth, pequena aldeia da Palestina».

miedo (s.) — he miedo que, 224. Castelhano *miedo*, português *medo*, ambos do latim *metu-* (us, us).

mientras (adv.) — mientras me debroca el sueño, 22. Corominas, *Dic.*, s. v.: «abreviación del medieval *demientras* o *demientre*, que procede del más antiguo *domientre*, y éste del lat. *dum interim*, combinación usual en el latín hablado, de *dum*, mientras, e *interim*, entretanto». Veja-se o verbete: *entanamientes*.

mi fe — 267. Vejam-se as fichas: *mia fe; mi fee*.

mi fee — mi fee cuydo, 27. *Fee*, do latim *fide-* (es, ei). Menéndez Pidal regista as formas arcaicas *fed* (fet), *fee* e o plural *fees* (*Man.*, pp. 58, 167, 212). Hoje *fe*. Em português, a mesma evolução: *fide-* > *fee* > *fé*. Marques Braga (1942) diz: «modo de asseverar, espécie de juramento». *Mi* < *mia*, por próclise, do lat. *mea-* (meus, ea, eum). Teyssier, *Lang.*, p. 54. Vejam-se os verbetes: *a la he; mia fe; mi fe*. Vasconcelos, *Lições*, p. 51, dá conta do português *minha fé*, do *Cancioneiro do Vaticano*. Variante, quer no substantivo (fe), quer no adjectivo, com a forma plena (mia), está no verso 150. Hart: «fórmula de juramento muy frecuente en el teatro pastoril».

mil (num.) — mil chançonetas, 16; mil vezes, 411. Do latim: *mille*. Reparar no valor indeterminado. Em português: *mil*.

mio (adj.) — mi (mio) — mi ganado, 3; mi hato, 10; mi tio, 158; mi angel, 373; mio — templo mio, 377; mi (mia) — mi damada, 161; amiga mi olorosa, 350; mi az, 376; mia — amiga mia, 348; mis (mios) — en mis oydos, 351; a mis sentidos, 352; mios — carillos mios, 275; mis (mias) — mis cabritas, 35. Do latim *meu-* (us, a, um) saíram as formas *mio* e *mi* (Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 256-257). A *Gram.*, da Academia, pp. 34-35: «Cuando *mío, mía, tuyo, tuya* y *suyo, suya* van antepuestos al nombre, pierden, por apócope, así en singular como en plural, el primero, las vocales *o, a*, y los otros las sílabas *yo, ya;* ... habrá, pues, que decir: mi padre, tus advertencias, su for-

tuna». Em português, sempre: meu, minha, meus, minhas. Para o verso 377, veja-se a rubrica *templo*. Quanto ao verso 350: a edição princeps, neste verso, apresenta a forma *mi*. Marques Braga (1942 e 1968 — não na ed. de 1933) adopta *mia*; Hart segue caminho semelhante: *mi(a)*. Talvez estejamos em frente dum lapso de composição: a falta involuntária, do *a*, visto que a hipótese do advérbio *muy* não tem vias de admissibilidade, por causa do *i* e não *y*. No entanto, levados pelo desejo de respeitar o texto primeiro, é possível que pensemos que, por ênclise ou pela cadência (acentuação nas 2.ª, 4.ª e 7.ª sílabas), o adjectivo *mia* sofresse apócope do *a*, ficando assim a escansão do verso: a-mi-ga-mi'-o-lo-ro-(-sa). Ver os verbetes: mia fe; mi fee.

mios — vid.: mio.

Miqueas — vid.: Micheas.

mira — vid.: mirar.

mirar (v.) — mira — siempre mira por, 118. Em português, também *mirar*, ambos do latim *mirare*, que (Machado, *Dic.*, s. v.) é «documentável no fragmento (*Menippearum*, de Terêncio Varrão)»; «*mirare* foi um dos substitutos em latim vulgar de *spectare*, tendo mostrado por ele preferência os romances hispânicos». Corominas, *Dic.*, s. v., documenta a construção *mirar por* (que é a do Auto) e dá-lhe o significado que serve aqui: de «cuidar de una persona».

mis — vid.: mio.

misma — vid.: mismo.

mismo (adj.) — mismo — el mismo rayo, 412; misma — cosa misma, 416. Do latim «*metipsissimus*, que fué en vulgar **medipsimus*, de donde ant. *meismo*, mod. *mismo*» — Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 182 e 259. Em português, com

igual origem: *mesmo* e, no período arcaico, *meesmo*, *medesmo* (Machado, *Dic.*, s. v.: mesmo).

mobible — vid.: mouible.

moça (s.) — es moça, 162; la moça, 199. Machado, *Dic.*, s. v.: *moço*: «Não convencem as várias tentativas já feitas para explicar esta palavra; o mesmo acontece com a sua correspondente espanhola *mozo*, muito próxima da nossa, não só nas origens, mas também nas modificações semânticas sofridas». Documenta, datando-as, as formas: *Mozas*, *mozus*, *moço*, Séculos: X, a primeira, XIII, as outras. Guiados pelo Prof. José Pedro Machado, encontrámos em Cortesão, *Dicionário*, s. v.: Petro Mozo, Maria Mouzo, Meen Mozo. A par do espanhol *mozo*, Cortesão aponta o italiano *mozzo*. Corominas, *Dic.*, s. v.: *mozo*: «el fem. se aplicó pronto a gente púber y aun a mujeres en edad juvenil, y así *moça* y también *moço* pasan a designar al adolescente y luego al hombre o mujer que no han llegado a la edad madura». E diz que «en Canarias *moza* se ha convertido en sinónimo de *criada*». O mesmo é corrente na Ilha da Madeira.

mochacho (s.) — quel mochacho, 298. Corominas, *Dic.*, s. v.: *muchacho*, diz: «del antiguo *mochacho*, y éste probablemente de *mocho* en el sentido de *esquilado*, *rapado*, por la vieja costumbre de que los niños y jovencitos llevaran el pelo corto».

moluido — vid.: m; oluido.

montaña (s.) — en la montaña, 73. O castelhano *montaña* e o português *montanha* assentam no «latim popular *montanea*, plural neutro do latim tardio *montaneu-*» — Machado, *Dic.*, *s. v.*

morenita — vid.: morenito.

morenito (adj.) — morenita — graciosa y morenita, 332. Diminutivo de carinho de *moreno*, de *moro*, do latim *mauru-* (us, a, um); Corominas, *Dic.*, s. v.: *moro*. Em português *mouro* e, através do castelhano, *moreno*. Consulte-se Machado, *Dic.*, s. v.: *mouro*.

morir (v.) — murieron — y si murieron, 122. Vasconcelos, *Lições*, p. 256: «A *morire* (o verbo latino *mori*, que era depoente, tornou-se activo em latim vulgar), corresponde o espanhol *morir*, o francês *mourir*, o italiano *morire*». Para o português *morrer*, consulte-se Machado, *Dic.*, s. v., que regista variantes.

mortal (adj.) — mortal — peccado mortal, 241; es mortal, 404; mortales — gritos mortales, 127. Do latim *mortale* (lis, le), donde o português *mortal*. No verso 127, o significado mostrará a distância entre o pastor e os companheiros, que era, relativamente, grande.

mortales — vid.: mortal.

mouible (adj.) — 405. É da família do latim *movere* (eo, es, movi, motum), donde o castelhano e o português *mover*. Corominas regista *movible*, que representará uma forma latina *movible-* (lis, e), criada por analogia. O adjectivo latino *mobile-* (lis, le) está no português *móvel* e *móbil* e, em castelhano, *móvil* e *mueble*.

movible — vid.: mouible.

moza — vid.: moça.

mozo — vid.: moça.

muchacho — vid.: mochacho.

mucho (adv.) — mucho mas que, 123. Do latim *multu-*. Em português: *muito*. Veja-se a ficha *muy*.

mudando — vid.: mudar.

mudar (v.) — mudando — mudando vas, 363. Do latim *mutare* (to, as, avi, atum) e paralelo do português *mudar*.

mudo (Brisco —).

muger (s.) — muger y estrella, 340. Corominas, *Dic.*, s. v.: *mujer*, regista *muger* e outras variantes antigas, como *mogier*, *moyer*. É o latim *muliere-* (mulier, eris). Em português: *mulher*.

mujer — vid.: muger.

mundi — vid.: *mundo*.

mundo (s.) — tolis peccata mundo, 395. Veja-se o verbete: *qui*. É uma forma latina. No verso 67 — este mundo — é uma forma castelhana. *Mundo*, castelhano e português, é tirado do latim *mundu-* (dus, i).

murieron — vid.: morir.

muy (adv.) — muy vfano, 17; muy priado, 69; muy perezoso, 110; muy poquitas, 112; muy llozida, 202; muy triste, 204; muy mal, 238; muy espantosa, 273; muy priesto, 275; muy allegres, 295; muy chapada, 322; muy desseosa, 346; muy dulce, 352; muy graciosa, 353; muy suaue, 357; muy ahincado, 390; muy hondo, 422. A origem está em *muyto*, por próclise; este é evolução do latim *multu-*. *Muyto* está a par de *mucho* (Menéndez Pidal, *Man.*, p. 140). Em português: *mui* e *muito*. Veja-se o verbete: *mucho*.

N

n — vid.: en; nora buena.

nacer (v.) — nacido — ques nacido, 255; naciste — tu naciste mas, 219; naciste en, 426. Do latim *nascere*, por *nasci* (scor, ceris, natus sum). Em português, há as duas formas: *nacer* e *nascer*; em castelhano também (verso 298). Vejam-se os verbetes: *nada, natio, ñascer, nhacer.*

nacido — vid.: nacer.

naciste — vid.: nacer.

nada (s.) — nho te dan nada, 194. «En vez de *nihil* se dijo *res nata*» — Menéndez Pidal, *Man.*, p. 264. *Res* (rei), coisa; *nata* (nascor, ceris, sci, natus sum — nascer). Relembre-se esta explicação de Nunes, *Comp.*, p. 260: «Entre as palavras a que (a) língua (latina) popular deu foros de pronomes indefinidos figura *rem*, que, quando precedida de negativa ou da preposição *sem*, tinha o mesmo valor que o já então existente e ainda hoje vivo *nada*, que provém do adjectivo verbal *nata*, a princípio usado junto àquele substantivo, mas que por fim só por si veio a significar tanto como os dois vocábulos, que tinham tomado o lugar do *nihil* clássico, desaparecido da língua vulgar e a assumir sentido contrário a *algo*». Veja-se o *Dic.*, de Machado, s. v., e veja-se também o verbete *nacer*.

naquella — vid.: n; aquella.

natio (s.) — buen natio, 163. Do latim *nascere* (nasci), sairam o castelhano *nacer* e o português *nacer* (e *nascer*, que é uma restauração gráfica e fonética). Ao mesmo tronco, vai parar *natio*, do adjectivo *nativus* (a, um), substantivado com o valor de «nacimiento, procedencia», que Coro-

minas, *Dic.*, s. v.: *nacer*, abona com Sánchez de Badajoz. Há um sinónimo no verso 191: *casta*. Veja-se o verbete *nacer*.

natural (adj.) — parienta es natural, 182. *Natural*, castelhano, como em português. Do latim *naturale-* (lis, le). Assenta em *nasci*. Veja-se a ficha: *nacer*.

negar — vid.: sonegar.

negruça (Borracalles la —).

nel — vid.: n; el.

nen — vid.: ni.

nengun (adj.) — nengun mal no, 334. Academia, *Dic.*, s. v.: *nenguno*: «*Nenguno, na*, adj. ant. *Ninguno*». É transformação do latim *nec unu-* (unus, a, um), que, em português, originou *nenhum*. Por «apócope en proclisis»: *nengun* e *ningun*. (Menéndez Pidal, *Man.*, p. 218). Para o reforço da negação: *nengun no*, veja-se a *Gram.*, da Academia, pp. 278 e 264. Veja-se *ningun*.

nengun ... no — vid.: nengun; no.

neñito (s.) — 386. Variante de *niñito*. Veja-se este verbete. Certamente por dissimilação.

nesso — vid.: n; esso.

nesta — vid.: n; esta.

ni (conj.) — nho sabre como ni quando, 49. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 339: «*nec*, ant. *nen, nin*, mod. *ni*». Veja-se o verbete: *nhi*.

nieta (s.) — es nieta, 175. Corominas, *Dic.*, s. v.: «del lat. vg. *nepta*», por *neptis* (is). Quanto ao masculino, *nieto*, Corominas pensa que: «se sacó secundariamente de *nieta*».

O latim, para isso, usava de *nepos* (tis), que, nalgumas línguas românicas (catalão: *nebot*; italiano: *nipote*) deixou rasto. Em português: *neta, neto.* Em português, usa-se *Neto* e, em espanhol, *Nieto*, como apelido. (Vasconcelos, *Antroponímia*, pp. 181-182).

nin — vid.: *ni.*

ningun (adj.) — ningun prouecho, 100. Do latim *nec unus*, que substituiu *nullus*, brotou *ninguno*; depois, por próclise, *ningun.* Em português, *nenhum*, que seguiu estádios paralelos, desde a origem, embora com passadas e pisos diferentes. Leia-se Machado, *Dic.*, s. v.; veja-se o verbete *nengun.*

ninguno — vid.: ningun.

niñez (s.) — su niñez, 305. Composto de *niño.* Corominas, *Dic.*, s. v.: *niño*, documenta-o desde Berceo. Veja-se *niño* e *niñito.*

niñito (s.) — aquel niñito, 286. Do substantivo *niño.* É um hipocorístico. Vejam-se as fichas *neñito, niñez, niño.*

niño (s.) — el niño, 282; 312; aquel niño, 402. Corominas, *Dic.*, s. v., diz: «voz común al castellano con el catalán (nin) ... procedente de un tipo **ninnus*, de creación expresiva». Documenta: *nino*, do Século XII, *niño*, do Século XIII. Em português *menino.* Leia-se este verbete no *Dic.*, de Machado. Vejam-se as palavras: garçon, mochacho, niñez e niñito.

no (adv.) — no se, 96; no traen, 100; no ay que, 165; no estaa, 198; no se ve, 240; no son, 327; nengun ... no le, 334; no te, 380; no jugauan, 389; no es, 409; no saparto, 420; no dira, 425. É evolução do latim *non* — Menéndez Pidal, *Man.*, p. 166. Em português *não* e estoutras varian-

tes: *no, num, nõ.* Pode reforçar a negação, como no verso 334. Veja-se a ficha *nengun.* Vejam-se os verbetes: *nho; sino.*

no (nengun ... —).

nora buena — 329; 335. Rigorosamente: *en hora buena.* É uma saudação. O *Dic.*, da Academia, regista *norabuena* e *enhorabuena,* como advérbios e como substantivos femininos, no valor de *felicitación.*

nos (pron. pes.) — e nos aqui, 265; demonos, 211; dado a nos, 400; mira por nos, 118. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 251: «En el plural no hay sino una forma de nominativo-acusativo: *nos,* nos; *vos,* vos — usuales en lo antiguo; pero que al fin de la Edad Media se reemplazaron por *nos-otros, vos-otros,* antes empleados solo enfáticamente para poner la primera o segunda persona en contraste con otra, y luego usados en todo caso como formas únicas. *Nos* y *vos* quedan relegados al estilo elevado y cancilleresco». Nos exemplos dados, temos as funções de sujeito, complemento de objecto (pronome reflexo) e, finalmente, regido pelas preposições *a* e *por.* Veja-se a ficha: *nhos.*

nos (juri á —).

notar — vid.: nhotar.

nube — añublar.

nueble — vid.: nhueble.

nuestro (adj.) — nuestro ganado, 333; nuestro Adan, 396; nuestro Dios, 399. Do latim *nostru-* (ter, tra, trum). Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 145 e 258. Em português: *nosso.* Vid.: *nhuestro.*

nueva — vid.: nhueua; nuevo.

nuevo — vid.: nhueuo.

nun — vid.: n; un.

nunca — vid.: nhunca.

Nuño (Bico —); (Valasco —); (Vico —).

Ñ

ñascer (v.) — ñascer — para ñascer, 303; ñascida — fue ñascida, 339; ñascio — hoy ñascio, 298. Vejam-se os verbetes; nacer; nhacer. Temos a palatização do *n-*.

ñascida — vid.: ñascer.

ñascio — vid.: ñascer.

ñi — vid.: ni; nhi.

ño — vid.: nho.

ños — vid.: nhos.

ños (juri a —).

ñotar — vid.: nhotar.

ñueble — vid.: nhueble.

ñuestro — vid.: nhuestro.

ñueva — vid.: ñuevo; nhueua.

ñuevo — vid.: nhuevo.

ñunca — vid.: nhunca.

nhacer (v.) — nhacido — rezien nhacido, 287. Temos a palatização do *n-*. Vid.: nacer; ñascer.

nhacido — vid.: nhacer.

nhacimiento (s.) — su nhacimiento, 393. Em português: nascimento; há muita gente que pronuncia *nacimento*. É o sufixo: -miento (esp.) e -mento (port.).

nhi (nho ... —).

nho (adv.) — nho duermo, 24; nho se tentiende mas, 28; nho me acuerdo del, 37; nho sabre, 49; nho quiero, 71; nho me quiero, 106; nho te das, 113; mia fe nho, 150; nho ves que, 154; nho te dan, 194; nho te quieren dar, 205; ya nho, 213; 214; 232; tu nho ves, 226; que nho es, 244; nho se, 249; y nho vamos, 276; nho entiendo, 299; nho es, 338. Teyssier, *Lang.*, pp. 69-70, aponta uma lista das palavras, que, em Gil Vicente, têm *ñ-* («écrit en général *nh-* à la portugaise»). *Nho* é o latim *non*; a palatização era característica do saiaguês. Veja-se o verbete: *no*. Confronte-se também a ficha: nho ... nhi.

nho (— ... nhi).

nho ... nhi — nho me parece hermosa nhi de asseo, 40-41; yo nho ... nhi yo, 83. Vejam-se os verbetes: nho; nhi; no; ni. Traga-se à colação o verso 49, onde vemos: *nho ... ni*.

nhos (pron. pes.) — q̃ nhos quieres, 137. É complemento indirecto do verbo *querer*. Veja-se a ficha: nos.

nhos (juria —).

nhos (juri a —).

nhotar (v.) — para nhotar, 269. É o verbo *notar*, com a palatização do *n-*. Do latim *notare* (o, as, avi, atum), donde o nosso *notar*. Repare-se no valor passivo: *ser notado*. Corominas, *Dic.*, s. v.: *nota*, documenta *notar* desde o *Cid*.

nhueble (adj.) — nhueble vitoria, 296. Do latim *nobile-* (bilis, bile), donde o divergente *noble* e o português *nobre*. Sabendo-se que é da família de *gnoscere* (noscere), atinge-se o significado de *conhecido, célebre, famoso.*

nhuestro (adj.) — nhuestro Mexia, 289. Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 258 e 145. Registe-se a palatização do *n-*. Veja-se o verbete: *nuestro.*

nhueua (s.) — grande nhueua, 257. Do latim *novus* (a, um), veio para o castelhano *nuevo*; em português *novo*. *Nhueua* é o português *nova*, com o mesmo sentido; é substantivação da forma feminina de *novo*. Corominas, *Dic.*, s. v., diz que tal valor ascende aos primórdios do idioma. É também o que documenta Machado, *Dic.*, s. v.: *nova*, com um passo de D. Dinis: «Queiria saber, amiga,/ D eles nouas, uedes porque». Veja-se o verbete: *nhueuo.*

nhueuo (adj.) — nhueua — nhueua cosa, 272. É evolução do latim *novu-* (us, a, um). Em português: *novo.*

nhuevo — vid.: nhueuo.

nhunca (adv.) — nhunca alla yra, 132; nhunca otra fue ñascida, 339. Do latim: *numquam* > *nunca* (ant.: nunqua) — Menéndez Pidal, *Man.*, p. 146. Em português: nunca. A forma regular portuguesa seria *nonca*, por causa do *u*, vogal breve. Nunes encontrou-a (*Comp.*, p. 344).

O

o — vid.: oh.

o (conj.) — que ... o que, 31; perdieron se ... o algun, 85-87; si tal ... o tal, 316-317. Do latim *aut*, donde surgiu o português *ou*. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 166.

oh (interj.) — o — o que tonica, 260. Vejam-se as fichas: *ho*; *o*. Corresponde à admiração.

ohi — vid.: ohir.

ohir (v.) — ohi — lo ohi, 259. Do latim *audire* (Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 83 e 130). Em português: *ouvir*. Veja-se o verbete: *oir*.

oído — vid.: oydo.

oir — vid.: ohir; oído.

olor (s.) — olores — los olores, 356. Do latim *olore-* (olor, loris). Veja-se o verbete: *oloroso*.

olores — vid.: olor.

olorosa — vid.: oloroso.

oloroso (adj.) — olorosa — amiga mi olorosa, 350. Do latim *olere* (oleo, es, olui), *cheirar*, nasceu em espanhol o verbo *oler*. Do latim *olore-* (olor, oloris), o substantivo *olor*, que, com o sufixo *-oso*, de *-osu-*, formou *oloroso*. Corominas, *Dic.*, s. v.: *oler*, regista *olor* e *oloroso*, documentando-os.

oluido — vid.: oluidar.

oluidar (v.) — oluido — se moluido, 253. Corominas, *Dic.*, s. v.: *olvidar*: «del lat. vg. *oblitare*, derivado de *oblitus*, participio de *oblivisci* (cor, ceris, oblitus sum)». Interessantíssima esta informação de Corominas: «En Berceo se halla también la forma etimológica *oblidar*». Em português *olvidar*. De igual preço, a documentação do *Dic.*, de Machado, para os arcaísmos portugueses: *obridar*, *oblidar*, paralelos do castelhano *oblidar*.

olvidar — vid.: oluidar.

olvidó — vid.: oluido.

olha — vid.: Cascaolhas.

olla — vid.: olha.

ora (conj.) — ora teneis, 143-144; ora veis me, 220; ora vistes, 230; ora vos otros, 321. Do latim *hora-* (a, ae). A ideia de tempo motiva a passagem de substantivo a conjunção. Em português, passou-se o mesmo. Vejam-se as rubricas: *hora; nora buena.*

os (pron.) — os embio, 373; santiguaos, 248. Corominas, *Dic.*, IV vol., p. 763, 2.ª coluna, linhas 33-38: «me limito a recordar que la forma reducida (de *vos*) *os*, ya aparece alguna vez en el ms. del *Cid* (Século XIV)». É o latim *vos* (acusativo), de que surgiu o português *vos*. Repare-se na função de objecto directo. No segundo exemplo, *os* é pronome reflexo. Veja-se o verbete: *vos.*

osadas (a —).

osado — vid.: aosadas.

osar — vid.: aosadas.

oteando — vid.: otear.

otear (v.) — oteando — yo estuuela oteando, 90; oteo — siempre oteo, 74; otheo — quando otheo, 38. Duas grafias, no mesmo texto: *Otheo*, no verso 38, com *O* maiúsculo, e com *h*, e *oteo*, no verso 74. Valem o mesmo. *Otear*, «à letra, significa *levantar* (sc. *a vista*)»; «derivado de *oto* < *altu-* (us, a, um)» — Piel — *Miscelânea*, p. 10. Corominas, *Dic.*, s. v.: *alto*, diz que o adjectivo *oto* «en efecto se halla en la toponimia (Ribota, Villota, Lindota, Grijota,

Montoto, Colloto)». Em português: *outo*, do mesmo *altu-*, encontradiço nalguns topónimos, como: Montouto, Valouta (Nunes, *Comp.*, p. 131), e no verbo *outar* (Piel, *Ibidem*), a que se dá o significado de *joeirar* (Figueiredo, s. v.).

oteo — vid.: otear; otheo.

otheo — vid.: otear.

otra — vid.: otro.

otro (adj.) — otro — a otro hito, 389; dotro dueño, 51; ellotro mes, 253; otra — nhunca otra, 339. Do latim *alteru-* (ter, tera, terum), vieram o português *outro*, o castelhano *otro*; o leonês do Século XI conheceu *autro* e *outro* — Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 34 e 52. Aqui ficam exemplificadas as duas categorias de adjectivo e pronome.

otros (vos —).

oy (adv.) — oy ñascio, 298. Do advérbio latino *hodie* (hoc die, *neste dia*), donde o português *hoje*.

oydo (s.) — oydos — los oydos, 75; mis oydos, 351. O mesmo que *oído*, do verbo *oir*. Em português, *ouvido*, de *ouvir*. Machado, *Dic.*, traz as variantes portuguesas: *ouuydo* e *oydo* (oído).

oydos — vid.: oydo.

P

padecer (v.) — a padecer, 304. Corominas, *Dic.*, s. v., pensa que *padecer* é «derivado del ant. *padir*, que procede del lat. *pati* (tior, teris, passus sum)». Machado, *Dic.*, s. v.: *padecer*, propõe o latim **patescere*, incoativo de *pati*. Em português existiu o divergente *padescer*.

padre (s.) — de su padre, 169; del padre, 251; al padre, 407; enel padre, 418; del padre, 420. Do latim *patre-* (pater, tris). Em português: *pai*, cuja documentação ascende ao Século XIII (Machado, *Dic.*, s. v.). Tivemos (e ainda temos) a forma *padre* (Em nome do Padre...). *Padre*, no português arcaico e anterior: Século XI (*Idem*, *Ibidem*).

paja (s.) — de paja, 306. Latim: *palea-* (a, ae); português: *palha*.

pañizuelo (s.) — pañizuelos — por falta de pañizuelos, 315. É um derivado de *paño*, do latim *pannu-* (us, i), origem do português *pano*. Corominas, *Dic.*, s. v.: *paño*, documenta *pañizuelo* com *Conde Lucanor*.

pañizuelos — vid.: pañizuelo.

Papiarta la redonda — 186. Hart leu assim: *Rapiarta* (verso 186) e *Papiharto* (verso 172). Reis Brasil (edição de 1966, p. 43, linha 5), traduz deste modo: «Papofarta, a Redonda». Deste jeito, teremos a juxtaposição de dois nomes: o substantivo *papo*, irmão do nosso *papo*, da família do latim *pappa*, comida (Corominas, *Dic.*, s. v: *papa*, III); o adjectivo *arta*, ou seja: *harta*, feminino de *harto*, de *fartus*, do verbo *farcire* (io, is, farsi, fartum), engordar. Em português: *farto* (origem de *fartar*). A flexão do adjectivo, *harto* ou *harta*, deve explicar-se como respondendo ao sexo da personagem: *papiharto* (verso 172). *Redonda* é o feminino de *redondo* (o mesmo em português), do latim *rotundu-* (us, a, um), de *rota*, de que vieram o castelhano *rueda* e o português *roda*. Aludirá à *gordura*. Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 192, regista «Domingos Farto» — Século XIV. O grande Mestre consignou também: «João Redondo», Século XIV — (*Ibidem*, pp. 192 e 194).

Papiharto — 172. Veja-se o verbete: *Papiarta la redonda*.

para — vid.: parar.

para (prep.) — no se para donde fue, 96; para nhotar, 269; para el niño, 282; para ñascer, 303; para quanto, 385. Menéndez Pidal (*Man.*, p. 338): vem de *pora* < *pro ad*. O português *para* é tido como resultado de *per ad* (Nunes, *Comp.*, p. 351); este Autor regista as formas *polo*, *pola* e *pora*, assentes em *por*, de *pro*.

parar (v.) — para — para la mano, 223; parate, 22. Do latim *parare*, preparar, aprestar; em português: *parar*, com o mesmo sentido. É o imperativo. Corominas, *Dic.*, s. v.; Machado, *Dic.*, s. v.: *aparelhar*.

parate — vid.: para; te.

pardiez — pardiez que es, 269. Transcreve-se da nossa edição do *Auto da Visitação* (Pestana, *Visitação*, p. 165, nota 26): «*pardiez*, de *par* (em lugar de *por*) e *Dios*. Interjeição de juramento. A variante *pardios*, usa-a Gil Vicente, no *Auto da Sibila Cassandra*, verso 302: pardios son. Quanto à forma *Diez*, Hart abona-a com Lucas Fernández: juro a diez. É o latim *Deus* (Dei), de que nasceu o nosso vocábulo *Deus*. Para a pronúncia *Diós*, lembre-se o que diz Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 39 e 56».

parece — vid.: parecer.

parecer (v.) — parece — nho me parece hermosa, 40. Do latim *parescere*, derivado incoativo de *parere*, aparecer, parecer. Corominas, *Dic.*, s. v.

parida — vid.: parir.

parienta (s.) — parienta es, 182; es bien parienta, 190. A terminação feminina *-a* destrói a uniformidade originária: *pariente* (m. e f.); em português, de igual modo (Amaral, *Dic.*, s. v.: *parente*). Antolha-se-nos que *parienta*, nos dois passos, tende mais para a categoria de adjectivo. Veja-se a rubrica: pariente.

pariente (s.) — parientes — chapados parientes, 159. Do latim *pariens* (parientis), do verbo *parere* (através de *parire*, originou, em português e em castelhano, *parir*). Corominas, *Dic.*, s. v.: *parir*, documenta com Berceo o valor de «padre y madre», para *parientes*, e, com *Cid*, o preço de «perteneciente a la familia». Em português: *parente* e *parentes*. Bloch, *Dictionnaire*, s. v.: *parent* e *parents*, aquele, de *parentem*, «*père* ou *mère*»; este, do latim *parentes*, «le *père* et la *mère*». No verso 178, a variante *pariẽte*. *Parente* também pode ser apelido. Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 182. Vejam-se os verbetes: *parienta* e *pariẽte*.

parientes — vid.: pariente.

pariẽte (s.) — es pariẽte, 178. Procure-se o verbete: pariente.

parir (v.) — parida — puerca parida, 203; es parida, 258. Particípio passado com valor activo: que pariu. Do latim *parire* (io, is, peperi, partum). Vejam-se os verbetes: *pariente* e *partera*.

parte (s.) — parte — de parte de, 169; partes — de partes de, 174. Do latim *parte-* (pars, tis). Em português e com o mesmo valor: parte. No verso 174, o plural *partes* talvez seja lapso de composição por *parte*.

partera (s.) — la partera, 189. Castelhano *partera* e português *parteira*, ambos de *parto*, comum aos dois idiomas, do latim *partu-* (us, us), da família de *parere* e *parire* (io, is, peperi, partum), parir. Veja-se *parir*.

partes — vid.: parte.

pasado — vid.: passado.

pasar — vid.: passar.

passa — vid.: passar.

passado — vid.: passar.

passar (v.) — passa — passa talli, 221; passado — demos por passado, 245. Do latim vulgar *passare*, saído de *passus* (us), que originou *paso* (em espanhol) e *passo* (em português). Em português, também *passar*, da mesma fonte.

Passiual (s.). — 136.

Passival — vid.: Passiual.

pastor (s.) — pastor — era pastor, 53; nho quiero mal a pastor, 71; ha pastor, 254; pastores — era pastor de pastores, 53; delos pastores, 271. Do latim *pastore-* (tor, toris); também em português: pastor.

pastores — vid.: pastor.

paz (s.) — tengo paz, 103. Do latim *pace-* (pax, pacis).

pecado — vid.: peccado.

peccado (s.) — mal peccado, 8; 27; 68; 242; el peccado, 241. Nos primeiros quatro versos, temos a expressão de exclamação, que acompanha ideia inspiradora de receio, de pena, de lástima, de medo. Do latim: *peccatu-* (um, i; us, us). Em português: pecado. Ver: *peccata.*

peccata — tolis peccata, 395. Veja-se a ficha: *qui.* Leia-se o verbete: peccado.

Pedruelo (s.) — Pedruelo, 134. Diminutivo de carinho de *Pedro*, que é também português. É o grego πετρος, «certamente da mesma raiz que πετρος e πετρα: *pedra, rochedo*; lat. *petra*, do grego». Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 31. Em português, corresponde ao sufixo castelhano *-uelo* (-uela), estoutro: *-inho* (-inha). Ver: *Teresuela.*

pega — vid.: pegar.

pegar (v.) — pega — se le pega, 148. Do latim *picare*, que assenta em *pix* (picis); em *pice-* se originou o português e castelhano *pez*. De *picare* sairam os verbos hispânicos *pegar*, em português, e *pegar*, em castelhano.

pelado (Bras —).

pelea — vid.: peleja.

peleja (s.) — la peleja, 363. Em castelhano, há: *pelear* e o «sustantivo *pelea* ya está en Berceo» — informa Corominas, s. v.: *pelear*. A origem estará em *pelo*. Corominas explicita a evolução semântica: «el sentido primero hubo de ser *venir a las manos, reñir*, y, anteriormente *agarrarse por el pelo*». Os versos 362-364, saídos da boca de *Silvestre*, traduzem o espanto que a fala anterior de GIL (versos 342-361) revela de mudança na maneira de ser do pastor: já não é *simplicidade*, é *erudição*. As palavras anteriores de GIL, uma vez chegados ao *Presépio*, são reflexo do dia-a-dia: estamos aca, mochacho, establo, yelos, frio, pañizuelos, çamarro, donzella; de repente, tudo muda: invoca *Salamon* e o lindíssimo fraseado do seu *Cântico dos Cânticos*. É, por isto, que aceitamos a sugestão parafrásica de Brasil (1966): «segundo (vemos), estás a mudar de condição», ou estoutra de Braga: «vais mudando de condição com os conhecimentos que adquiriste». O sentido é figurado: talvez «afán, fatiga o trabajo», como aponta o *Dic.*, da Academia, ou até: *modo de vida*. Em português, *pelejar* e o derivado regressivo *peleja*. Consulte-se Machado, *Dic.*, s. v.

pena (s.) — penas — las penas, 104. Como o português *pena*, também o castelhano *pena* se originou no latim *poena-* (a, ae). Machado, *Dic.*, s. v.: *pena*, regista e documenta o alaótropo e popular, *pêa*, datando-o do Século XIII, e as variantes *pea* e *peia*.

penas — vid.: pena.

pensar (v.) — pensara — tal pensara, 316; pienso — siempre pienso, 101; pienso que, 178. *Pensar*, castelhano, e *pensar*, português, ambos do latim *pensare* (o, as, avi, atum). Para a ditongação, recorde-se Menéndez Pidal, *Man.*, p. 291.

pensara — vid.: pensar.

pequeña — vid.: pequeño.

pequeño (adj.) — pequeña — pequeña eres, 378. Consulte-se Corominas, *Dic.*, s. v.: pequeño. Diz que a 1.ª documentação deste adjectivo é o *Cid* e que «voces de forma paralela a *pequeño* sólo se hallan en português (pequeno) y en sardo antigo (pikinnu)».

perder (v.) — perder — nho te das de perder, 113-14; perdido — ya perdido es lo perdido, 107; perdidas — vio perdidas, 81-82; perdieron — perdieron se por ahi, 85; mucho mas que yo perdieron, 123; perdisti — como las perdisti, 84; pierde — la soldada se me pierde de la mano, 44-45. Do latim *perdere* (do, is, didi, ditum), vieram os castelhano *perder* e português *perder*. No verso 107, na mesma frase, dois valores de *perdido*, particípio passado do verbo *perder*: a primeira forma *perdido*, acompanhada de *es*, é Presente do Indicativo; a segunda, expressa a ideia de Pretérito: «lo que fué perdido». *Lo* é pronome indefinido. Veja-se o verbete: *lo*.

perdidas — vid.: perder.

perdido — vid.: perder.

perdieron — vid.: perder.

perdisti — vid.: perder.

perdonad — vid.: perdonar.

perdonar (v.) — perdonad — perdonad señor, 325. Corominas, *Dic.*, s. v.: donar: «del lat. tardío *perdonare*, documentado en el Esopo latino»; «del lat. *donare*, derivado de *donum* (i), don, y éste de *dare*». Destes, vieram para castelhano e português: *dare* (dar e dar); *donu-* (don e dom); *donare* (donar e doar); *perdonare* (perdonar e perdoar).

perezoso (adj.) — muy perezoso, 110. *Perezoso*, adj., < *pereza*, s., e este representa o latim *pigritia* (ae), do adj. *piger* (gra, grum). A mesma formação mostra o nosso *preguiçoso* < *preguiça*, e este de *pigritia*, citado. Machado, *Dic.*, s. v., aponta variantes: pigriça, priguiça e preguyça.

perfecia (s.) — perfecias — tu sabes de perfecias, 371. Corominas, *Dic.*, s. v.: *infante*, regista *profecia*, documentando-o com *Reyes Magos*, do latim *prophetia-*, de origem grega. O verbo grego *fanai* e o verbo latino *fari* são rebentos do mesmo tronco. Na nossa edição (Pestana, *Magos*): «non entendes las profecias» — dissemos: «De origem grega, mas através do latim *prophetia* (Ernout, a propósito de *propheta*: usité surtout dans la langue de l' Église), é o substantivo *profecía*, castelhano, e *profecia*, português. Vale: predição por inspiração divina». Há uma metátese, que parece exigir a forma intermédia: *prefecia*. Em português: *profecia*. Ver as fichas *prophetar* e *propheta*.

perfecias — vid.: perfecia.

pesar (s.) — el pesar, 20. É o latim *pensare* (o, as, avi, atum), frequentativo de *pendere* (do, is, pependi, pensum). Corominas, *Dic.*, s. v., data do *Cid* a substantivação do verbo *pesar*: ningun pesar, verso 1403; non ayades pesar, verso 1647; grandes son los pesares, verso 3697 (Menéndez Pidal, *Cantar*, III).

picado (Bras —).

pie (s.) — el pie, 92. Do latim *pede-* (pes, dis); em português: *pee* e *pé*.

pienso — vid.: pensar.

pierde — vid.: perder.

placer (v.) — pliega — ha Dios pliega, 83. Do latim *placere*, donde, de igual modo, o português *prazer*, tomado, vulgarmente, como substantivo, como, embora castelhano, no verso 143. Teyssier, *Lang.*, p. 366: «Le subjonctif present de *plazer*, trés souvent utilisée dans les locutions optatives, est en ancien espagnol *plega*»; *pliega* pode ser «un excès de diptongaison; mais une confusion avec le verbe *plegar* (do latim: *plicare*, dobrar, étimo do castelhano *llegar*; em português: *chegar* e *pregar*), n' est pas non plus exclue». É o mesmo que *plazca* (Hart). Academia, *Gram.*, p. 90. Ver a ficha: plazer.

plaga — vid.: plazer.

plaguenta (la —).

plantada — vid.: plantar.

plantar (v.) — plantada — como el lilio plantada, 354. É o latim *plantare* (o, as, avi, atum), origem também dos nossos *plantar*, *prantar* e *chantar*. *Plantada* é atributo da *Virgem*, e não de *lilio*, que serve de termo de comparação.

plaz — vid.: plazer.

plaze — vid.: plaz.

plazer (v.) — plaga — ha Dios plaga, 362; plaz — q̃ me plaz, 234; que me plaz, 236; plazer — terrible plazer, 143; tomemos plazer, 212; es plazer, 367; gozoso plazer, 391.

Comentários: do latim *placere* (eo, es, cui), de que saiu o português *prazer*, conjugado nalgumas formas da 3.ª pessoa do singular: praz, prazia, prouve, prouvera. Marques Braga (1942) abona, com *La Celestina*, a variante «que me plaze» (Rojas, *Celestina*, p. 183, linha 21). Para o uso das formas do castelhano *plazer*, leia-se Academia, *Gram.*, § 127. A forma infinitiva é usada sempre como substantivo, como também se verifica em português. Reis Brasil (1966) diz (p. 69): «O verbo *plaga* deve corresponder ao latim *placeat*. Daqui o sentido exacto: tenha o Senhor complacência com este infeliz! » — Veja-se a ficha: *placer*.

plega — vid.: pliega.

plegar (v.) — pliega — Dios te pliega comigo, 228. Do latim *plicare* (o, as, avi, atum). Deste infinitivo latino, os nossos *pregar* e *chegar*. É curiosa esta explicação de Reis Brasil, p. 67: «a frase significa: Deus enrola-te ou põe-te à bulha comigo». Ver a rubrica: *placer*.

pliega — vid.: placer; plegar.

pobrezita — vid.: pobrezito.

pobrezito (adj.) — pobrezita — casa pobrezita, 302. Do latim *popere* (Menéndez Pidal, *Man.*, p. 141), forma popular de *pauper* (peris), veio o castelhano *pobre*, de que se formou o diminutivo (às vezes, de carinho) *pobrezita*. Em português: *pobre* e também, preferentemente, *pobrezinha*.

poco — poquito.

poder (v.) — poderes — tus poderes, 381; podra — que podra esso prestar, 116. *Poder* é português e castelhano. Do latim **potere* «que sustituyó al lat. cl. *posse*» — Corominas, *Dic.*, s. v.; Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 325-326. No verso 381, temos exemplo da substantivação do infinitivo.

poderes — vid.: poder.

poderio (s.) — fuerte poderio, 374. Corominas, *Dic.*, s. v.: *poder*, regista o derivado *poderío*. Em português: *poderio*, que Machado, *Dic.*, s. v., data do Século XIII, registando as variantes *poderyos* e *podereyo*.

podra — vid.: poder.

poner (v.) — quiero poner, 10. Do latim *ponere* (o, is, sui, situm), sairam os vocábulos *poner*, em castelhano, e, em português, *pôer*, *poer* e *pôr*. Para a origem da evolução desta última forma, leia-se Machado, *Dic.*, s. v., que cita José Joaquim Nunes.

poquitas — vid.: poquito.

poquito (adj.) — poquitas — muy poquitas, 112. Do latim *paucu-* (us, a, um), o castelhano *poco* e o português *pouco*. Temos o sufixo *-ito*.

por (prep.) — repastando por, 35-36; perdieron se por ahi, 85; por la vega, 86; y aun poresso, 97; mira por nos, 118; demos por passado, 245; por falta de, 315; por dicha, 317; por Dios, 325; por vida de, 370; dado por Mexias, 400-401. Do latim *pro* (Menéndez Pidal, *Man.*, p. 338). Em português e com o mesmo étimo: *por*. Machado, *Dic.*, s. v.: *por*, falando da metátese, dá-a como existente em compostos do latim clássico: porricere, porrigere e portendere.

poresso — vid.: por; esso.

porque (conj. causal) — no ay porque el, 166-167; porque este es, 394. Junção de duas palavras: *por* (preposição, que carrega a ideia de causa) e o pronome *que*. Veja-se o verbete: *tras que*. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 340. Ver as fichas: *por* e *que*.

porrada (s.) — que porrada, 230. De *porra*, no sentido de *pau; porrada*, isto é, «golpe fuerte». Leia-se o extenso artigo *puerro*, no *Dic.*, de Corominas. Na edição d' *O «Pranto de Maria Parda», de Gil Vicente*, que publicámos em Sá da Bandeira, em 1975, pp. 332-336, em comentário ao verso 44, que diz: «achegou a paz, com porra» — reunimos alguns elementos para o estudo do português *porra*, paralelo do castelhano *porra*, e seus rebentos.

posada (s.) — su posada, 307. É substantivação do particípio passado do verbo *posar*, que vem «del latín tardío: *pausare*, cesar, pararse». Corominas, *Dic.*, s. v. Em português, *pousar* e também *pousada*. Machado, *Dic.*, s. v.: *pousar*, põe, a par de *pousada, pousa*, abonando esta forma com uma frase interessante: «et ha y el Rey sua pousa e seu celeiro».

posible — vid.: possible.

possible — vid.: impossible.

prauilos — de prauillos, 279.

Pravillos — vid.: prauillos.

preciar (v.) — preciasse — mas lo preciasse saber, 368. Corominas, *Dic.*, s. v.: *precio*, diz: «*preciar* ... del lat. tardío *pretiare*». Assenta em *pretium* (ii). Em português: *preço; apreciar* veio de *appretiare*, da mesma família, que também, em castelhano, deixou o seu representante: *apreciar*, documentado com o *Cid*, como, aliás, o seu parente. Para a flexão do Pretérito Imperfeito do Conjuntuvo, veja-se o verbete *dar* (daren).

preciase — vid.: preciasse.

preciasse — vid.: preciar.

prelucida — vid.: prellozida.

prellozida — vid.: prellozir.

prellozir (v.) — prellozida — harto prellozida, 338. Corominas, *Dic.*, s. v.: *luz*, sob a rubrica *Derivados*, não arquiva este verbo. O *Dic.*, da Academia traz *prelucir*, a que dá um valor, que não serve para aqui: lucir con anticipación. Em latim: *praelucere* (ceo, es, xi); o prefixo *prae-* pode exprimir a ideia de intensidade, que se encaixa aqui. Reparar na palatização interior *-ll-*. Do verbo latino *lucere*, o português recebeu *luzer* e *luzir*; o espanhol: *lucir*. Hart diz: «*prellozida*, perlucida, es dezir, muy brillante». Hart baseia-se num estudo de Frida Weber de Kurlat.

preñada (adj.) — burra preñada, 195. Corominas, *Dic.*, s. v.: «del lat. vg. *praegnata*, que sustituyó al lat. arcaico y clássico *praegnas* (atis)». Em português: *prenhada* (Machado, *Dic.*, s. v., documenta, datando-a do Século XI, a forma romance comprovativa daquela: preniata). Para *emprenhar*, português, e *empreñar*, espanhol, aponta-se o étimo *impraegnare*. O nosso idioma usa também de *prenhe, prenha*. À hipótese de *preñada* ter saído de *preñar*, Corominas opõe o argumento de que «este verbo es raro o tardío en castellano». António de Morais Silva (Silva, *Dic.*, 10.ª ed.), regista a locução verbal *emprenhar pelos ouvidos*, isto é, dar crédito a tudo, quanto ouve dizer, que é, sem dúvida, não obstante a classificação de *chulo*, felicíssima, pela verdade e pela sua força.

presente (s.) — presentes — los presentes, 327. Para Corominas, *Dic.*, s. v.: *ser*, tem o substantivo masculino singular *presente*, significando «don», como «derivado postverbal» de *presentar*, «poner delante, mostrar», do latim *praesentare*. Parece mais clara a explicação de que seja substantivação do particípio presente adjectivado: presente, o presente.

presentes — vid.: presente

prestar (v.) — que podrá esso prestar, 116. Castelhano e português *prestar*; Corominas, *Dic.*, s. v.: «del latín *praestare*» (sto, stas, stiti, statum); «es muy corriente en lo antiguo la ac.: ser útil, aprovechar».

presto — vid.: priesto.

priado (adv.) — lloueraa priado, 9; muy priado, 69; vengais priado, 138; toste priado, 207. «Employé au sens de bientôt, vite»; «est un vieux mot castillan» e «représente le latin *privatu-* et est attesté au moyen âge sous la double forme *privado* e *priado*» — Teyssier, *Lang.*, pp. 58-59. Consulte-se Corominas, *Dic.*, s. v.: *privar*.

priesto (adv.) — hid priesto, 274-275. É o advérbio latino *praesto* e vale «al instante». Teyssier, *Lang.*, pp. 363-364, classificou esta palavra como um exemplo de «excès de diphtongaison». Machado, *Dic.*, s. v.: *estar*, regista o português *prestes* (também: preste), datando-o do Século XIII.

prima (s.) — es prima de, 170. Substantivação do adjectivo (numeral) *prima-* (us, a, um). Em português, também *primo* (prima). *Primo* pode ser apelido. (Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 181). Veja-se a ficha: *primo*.

primero — comience primero, 235; del primero, 397. Acolá, é advérbio; aqui, numeral. No português, *primeiro*, verifica-se o mesmo. Assentam no latim *primariu-* (us, a, um).

primo — primos — sus primos, 173. Veja-se a ficha: *prima*.

primos — vid.: primo.

privado — vid.: priado.

profecía — vid.: perfecia.

profeta — vid.: propheta.

profetar — vid.: prophetar.

prometer (v.) — prometido — el prometido, 288. Substantivação do particípio passado do verbo *prometer*, do latim *pormittere*, formado de *pro*, «para diante», e *mittere* «enviar». Em português, também se fez a mudança de categoria gramatical: prometer, prometido, o prometido.

prometido — vid.: prometer.

propheta (s.) — prophetas — los prophetas, 388. Pelo latim *propheta* (ae), de origem grega. Vejam-se os verbetes: prophetar; perfecia.

prophetando — vid.: prophetar.

prophetar (v.) — prophetando — diz prophetando, 379. Corominas, *Dic.*, s. v.: *infante*, registando *profetizar*, diz: «antes *profetar* (Berceo)». Veja-se a ficha *perfecia*. Machado, *Dic.*, s. v.: *profeta*, regista em português, no Século XIV, os verbos *profetar* e *profetizar*, ambos assentes em *profeta*, de origem helénica, «pelo lat. *propheta*». Na base destas palavras, pode dizer-se, está a ideia de «falar para a frente», quanto ao futuro. Veja-se o verbete *propheta*.

prophetas — vid.: propheta.

prouecho (s.) — ningun prouecho, 100. Do latim: *profectu-* (Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 58 e 131. Em português e com a mesma origem: *proveito*. O latim *profectus* (us) significa: progresso, avanço, bom êxito — Torrinha, *Dic. Lat.-Port.*, s. v.

provecho — vid.: prouecho.

puerca (s.) — vna puerca parida, 203. Do latim *porca* (ae). Em português: porca.

pues (conj.) — pues que auemos, 146; pues elrey, 270; pues sabes, 342. É o latim *post* (Menéndez Pidal, *Man.*, p. 335; Academia, *Gram.*, p. 310). Em português: *pois*, da mesma fonte latina (Nunes, *Comp.*, p. 345).

pulchra — tota pulchra amica mea, 360. Veja-se o verbete: tota.

punto (s.) — del punto que, 301; tan a punto, 367. Corominas, *Dic.*, s. v.: «del lat. *punctum* (i), derivado de *pungere* (go, is, pupugi, punctum), ficar, parar». Embora esteja em 23.º lugar, no *Dic.*, da Academia, quer-nos parecer que, no verso 301, valerá este significado: «instante, momento». No verso 367, o valor é diverso: maneira, modo. Leiam-se os *Dic.*, de Machado, e *Dic.*, de Corominas, s. v.: *ponto* e *punto*.

punto (a —).

Q

q̄ — vid.: que.

qu — vid.: que.

qual — qual es, 239; el qual, 400. Dois valores distintos: interrogativo e relativo. Em português *qual* e com estas funções. Assenta no latim: *quale-* (lis, e) — Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 263-264 e 128.

qualquier (adj.) — en qualquier camino, 46. Tanto o português *qualquer* como o castelhano *qualquier* (moderno: cualquier) se formaram de *qual* e *quer* (e: quier), do verbo *querer*, comum aos dois idiomas, do latim *quaerere* (ro, is, sii, situm). *Qual* (cual) é evolução do latim *quale-* (lis, le). Academia, *Gram.*, p. 38.

quando (conj.) — quando otheo, 38; nho sabre como ni quando, 49; quando canticaua, 345; cataras quando, 380; quando estuuieres, 382. Em português: quando. Ambos do latim: *quando*. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 128.

quantas — vid.: quanto.

quanto — quanto — para quanto, 385; quantas — zagala de quantas veo, 42. Dois valores distintos: acolá, pronome indefinido (talvez seja de rejeitar a opinião de Brasil — 1966 —, que, na paráfrase, dá esta interpretação: por quanto tempo. Como pronome indefinido, que é, abrange um sentido muitíssimo mais vasto); aqui, pronome relativo (note-se o valor do complemento — exprime o *todo:* de quantas — de que se tira uma parte: zagala). Em português: *quanto*, com o mesmo preço. Do latim: *quantus* (a, um).

quanto (en —).

que — q̃ — y aun por esso q̃ yo sospecho, 97; q̃ nhos quieres, 137; juri a nhos q̃, 152; Dios q̃ es moça, 162; Dios q̃ es casta, 191; q̃ me plaz, 234; qu — ques nacido, 255; digo quel, 297-298; quel callara, 320; ques muy, 352; quen esso, 428; que — que cumpre estar, 11; que nho duermo, 24; tu que as que siempre andas, 25-26; cuydo que, 27-28; tu que andas, 29; que ganas o que sacas, 31; asmo que, 33 e 288; magino que la soldada que gano, 43-44; menseño que el ganado con que ando, 47-48; que era pastor, 53; que se hizo su corral, 60; vete que yo, 61-62; huelga que este mundo, 66-67; corderos que, 78; me aparto que, 98-99; penas que dan, 104-105; que gano, 108; que dizes, 109; busca tras que, 111-112; que podra, 116; el yra que siempre mira por, 117-118; terna que hazer, 121; mucho mas que yo, 123; que vengais, 138; tomaremos gasajado que, 139-140; que auemos de, 146 e 266; que tu baylas mas que yo, 151; que es esto, 153; nho ves que, 154; esposa que, 160; no ay que dudar,

165; pienso que, 178; a hotas que, 190; essa que, 192; ha tres años que, 206; que ya nho quiere, 213; que juguemos, 216; he miedo que, 224; vistes que porrada, 230; que me plaz, 236; que, 237; que corre, 240; creyo que, 243; que nho es, 244; que ya me debroca, 247; que grande nhueua, 257; que es, 258; o que tonica, 260; cata que, 262; juri a nhos que, 263-264; pardiez que, 269; que le dar, 277; que ay enel, 281; veis que, 294; que oy ñascio, 298; nho entiendo que ... mas si que, 299-300; del punto que, 301; que casa tan, 302; que ahotas, 320; que hazeis, 321; desso que, 324; que como somos, 326; que Dios mantenga, 330 e 336; que nengun, 334; que dezis, 337; que fuesse, 340; que Salamon, 344; tan a punto que, 367; mas ... que, 368-369; see que, 372; tan ... que, 374-375; dira que, 425-426. Dispusemos pelo critério gráfico. Morfologicamente, temos exemplos da categoria de pronome (relativo e interrogativo) e de conjunção (integrante, final, consecutiva, causal, comparativa); há casos de participação de fórmulas de exclamação e de juramento. Não há diferença entre os dois idiomas hispânicos na expressão das tonalidades semânticas da partícula *que*. Podem-se consultar as seguintes obras: Lapesa, *Hist.*, p. 153-154; Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 263 e 339. Como pronome, tem origem nos pronomes relativo e interrogativo latinos: *qui, quae, quod* e *quis* (qui), *quae* (qua), *quid* (quod). Veja-se a ficha: *porque*.

qué — vid.: que.

que (aun —); (tras —).

quedando — vid.: quedar.

quedar (v.) — quedando — quedando siempre, 418; quedes — nora buena quedes, 329; 335. De Corominas, *Dic.*, s. v.: *quedo*: «del lat. tardío *quietare*, aquietar, hacer callar; sólo conservado por el port. *quedar*, estar quieto, permanecer, y el it. *chetare*, aquietar, apaciguar, hacer callar».

quedes — vid.: quedar.

quel — vid.: qu; el.

quen — vid.: qu; en.

querer (v.) — quiere — nho quiere llhouer, 213; quieren — nho te quieren dar, 205; quieres — q̃ nhos quieres, 137; quiero — quiero repastar, 2; quiero poner, 10; aborrir quiero, 20; quiero canticar, 34; nho quiero mal a, 71; nho me quiero estar, 106; quiero llamar, 124; quisieres — tu quisieres, 385. Comentários: é especial o valor de *querer*, no verso 213. Parece-me de aproximar do preço (de: dar indício ou mostras de) deste passo de Frei Pantaleão de Aveiro, *Itinerário*, cap. 46, 267 (apud: Silva, *Dic.*, 10.ª ed., s. v.: *querer*): «Alguns que presumem de mais entendidos, querem dizer ser aquele sepulcro de el-rei Josafat». Repare-se na indeterminação do sujeito — em Gil Vicente — e na indefinição do sujeito — em Pantaleão de Aveiro. O verso 205 mostra-nos outro processo de indeterminação do sujeito: o uso do plural — nho te quieren dar — isto é: os familiares de *Teresuela*. Do latim: *quaerere* (ro, is, sivi ou sii, situm ou quaestum). Em português é idêntico: querer.

ques — vid.: qu; es.

qui — qui tolis peccata mundo, 395. O verso 395 diz: qui tolis peccata mundo. As palavras latinas são: *qui* (qui, quae, quod), que, o qual; *tolis*, em vez de: *tollit*, é o verbo *tollere* (tollo, is, sustuli, sublatum), tirar; *peccata* (peccatum, i), pecado; *mundo*, em lugar de *mundi* (mundus, i), mundo. Carolina Michaëlis e Vasconcelos (Michaëlis, *Notas*, p. 293) admite que *tollis*, por *tollit*, «pode ser mero erro de caixa», também extensível a *tolit*, por *tollit*. Quanto a *mundo*, diz a grande Mestra: «*mundo* — dativo, em lugar do genitivo *mundi* — (para rimar) com *segundo* (do verso 396)». Aponta, de seguida, a ponte bíblica:

Evangelho de Jesus Cristo segundo S. João, cap. I, 29, que na tradução (Soares, *Novo Testamento*, p. 199) é isto: «No dia seguinte João viu Jesus, que vinha ter com ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, eis O que tira o pecado do mundo». Reparar em que, no verso 394, está *Cordero*, tradução de *Agnus*.

quiça (adv.) — quiça sera, 51. É o moderno *quizá*, «reducción del antiguo *quiçab* y *quiçabe*, que es alteración de *qui sabe, quién sabe;* 1.° doc. *quiçab, Cid.*, 2500» — Corominas, *Dic.*, s. v.: *quizá*. O português tem *quiçá*, «do cast. *quizá*», Machado, *Dic.*, s. v.

quiçab — quiça.

quiçabe — vid.: quiça.

quiẽ — vid.: quien.

quien (pron. inter.) — quiẽ — a quiẽ ablas, 79; quien vera, 128; quien se dio, 147; quien te traxo, 157; quien es la esposa 160; quien es aquella, 342. Vid.: quiẽ. Do latim *quem*; em português: *quem* (Menéndez Pidal, *Man.*, p. 128).

quien (pron. rel.) — quien — en quien, 359; quien te viere, 425. Em português: *quem*. Ambos valem *aquele que* (is qui). Academia, *Gram.*, p. 38. Do latim *quem*. Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 128, 166, 204 e 263.

quiere — vid.: querer.

quieren — vid.: querer.

quieres — vid.: querer.

quiero — vid.: querer.

quisieres — vid.: querer.

quita — vid.: quitar.

quitar — quita — me quita el sueño, 23. Para a etimologia, leia-se Corominas, *Dic.*, s. v. Vale aqui «impedir o estorbar». Academia, *Dic.*, s. v., e Machado, *Dic.*, s. v.: *quitar*, trata do representante português do verbo latino *quietare*, frequentativo de *quiescere* (co, cis, quievi, quietum); admite que *quitar* seja importação do francês *quitter*.

quizá — vid.: quiça.

R

rabé — vid.: rabe.

rabe (s.) — el rabe, 278. Marques Braga (1942 e 1968) adopta a leitura *rabel*. Corominas, *Dic.*, s. v.: *rabel*, diz: «del ár. *rabâb*, espécie de violín»; regista *arrabé* e outras formas. Machado, *Dic.*, s. v.: *rabeca*, consigna as formas portuguesas: *rabil* e *arrabil* e a variante *rabel*.

rabel — vid.: rabe.

rabia — vid.: rauia.

rato — vid.: rato a rato.

rato a rato — canticando rato a rato, 13. É uma locução adverbial de tempo, formada da repetição do substantivo *rato* e da preposição *a*, do latim *ad*, com o valor de separação, como no português: *de tempos a tempos*. Sobre o étimo de *rato*, leia-se Corominas, *Dic.*, s. v., que abona com Buscón estoutra locução sinónima: de rato en rato. Corominas diz: «probablemente del lat. *raptus* (us), *arrebatamiento*, *rapto*, de donde *tirón*, *arranque* y, figurada-

mente, *instante*». A 1.ª documentação de *rato*, com este valor, é Berceo. *Raptus* é da família de *rapere* (pio, is, ui, ptum), e, a ser étimo de *rato*, este será alótropo de *rapto*. Em português, Machado, *Dic.*, s. v., põe *rato* originado do castelhano, significando «reduzido espaço de tempo» e regista *rapto* e *rauto*.

rauia (s.) — do a rauia, 229. Do latim *rabia-*, por *rabie-* (es, ei). Em português: raiva. Machado, *Dic.*, s. v., regista estoutras formas, datando-as: rávia (Século XIII); ravha (Século XIV); rajua (= raiva) (Século XV). Pelo seu significado, compreende-se que entre em fórmulas de imprecação.

ravia — vid.: rauia.

rayo (s.) — su rayo, 410; el rayo, 412; es rayo, 413. Do latim *radiu-* (ius, ii). Em português: raio.

real (adj.) — con su cayado Real, 56. Do latim: *regale-* (lis, le), com o mesmo valor. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 84: «se dijo entonces *re-al*, y hoy predomina *real*, monosílabo». Em português: *real*; Machado, *Dic.*, s. v., junta a variante *rial*.

recien — vid.: rezien.

reciente — vid.: rezien.

redemptor (s.) — el redemptor, 255. Em português: *redentor*; ambos do latim *redemptore-* (tor, toris), que assenta em *redemptus*, particípio passivo de *redimere* (o, is, emi, emptum). Em sentido eclesiástico: *o Salvador*.

redentor — vid.: redemptor.

redonda (Papiarta la —).

relatar (v.) — rellatado — aues rellatado, 192. *Rellatar* é a variante (com a palatização *-ll-*) de *relatar*. Em português, também *relatar*. É um rebento da frondosa árvore de *ferre* (fero, fers, tuli, latum). Leiam-se Machado, *Dic.*, s. v.: *-fero*; Corominas, *Dic.*, s. v.: *preferir*.

rellatado — vid.: rellatar.

rellatar — vid.: relatar.

remedio (s.) — algun remedio, 215; remedio del, 397. Do latim: *remediu-* (dium, ii), o étimo do português: *remédio*. Na língua do Lácio, formou-se de *re-* e a raiz de *mederi* (medeor, eris), tratar. Aqui significará *entretém* (verso 215); no verso 397, o sentido já é diferente.

remonda (Marica dela —).

repastando — vid.: repastar.

repastar (v.) — repastando — repastando cabritas, 35; repastando en la frescura, 57; repastar — repastar mi ganado, 2-3. Corominas, *Dic.*, s. v.: *pacer*, diz: «de *pastus* (us), derivado de *pastus*, participio de *pascere*» (por: *pasci* — pascor, ceris, pastus sum) nasceu *pasto* e *pastar*, e, deste, *repastar*. Academia, *Dic.*, s. v.: «volver el ganado a pastar». Em português: *pastar* e *repastar*.

respigar (v.) — respiguemos — respiguemos la majada, 208. Paul Teyssier, *Lang.*, p. 60, nota 1, aconselha, com razão, que «respinguemos» (da edição de 1562) «doit manifestement être corrigé en *respiguemos la majada*, (isto é:) *rassemblons le troupeau*». Hart aceita também a lição de Teyssier. Corominas, *Dic.*, s. v.: *espiga*, fá-lo sair de *espiga*, que é irmão do nosso *espiga*. *Respigar* é *recolher (as espigas)*, como define Morais (Silva, *Dicionário*, 1813, s. v.). *Respigo* é um substantivo deverbal: *andar ao respigo de*.

respiguemos — vid.: respigar.

respingar — vid.: respigar.

respingo (s.) — vete al respingo, 61. Comentários:

1 — Para o estudo de *respingo* e *respingar*, há valiosas contribuições de Gillet, Teyssier, Corominas, Hart e Machado. Antes de tudo, procuremos o valor de *respingo*, dentro do texto:

a) De começo, aparece o pastor GIL, falando a sós (versos 1-22), cantarolando, de seguida (versos 23-24 — que serão o mote da canção).

b) Que podemos depreender do solilóquio do pastor? — vem ele com o gado; encontra, para este, bom pasto; o sítio, além disso, mostra-se-lhe propício ao descanso, à solidão anelada; há alguns sinais de próxima chuva, mas os animais ficarão por ali, a esmo, comendo e retoiçando, e GIL, repousado, cantará, de quando em vez; virá depois a primavera redolente e florida e a entoação de cantigas não terá fim. Nada justificará, pois, as sombras do pesar; a tristeza ficará apartada. De permeio, um pensamento seu se eleva até Deus.

c) GIL encontra-se com o companheiro, BRÁS. Há fala entre eles, com uma diferença, porém: BRÁS dirige-lhe uma só pergunta (versos 25-26), que tem, implícito, valor recriminativo. GIL, ao contrário, e fá-lo na mesma toada e de tal modo, que o zagal tem essas palavras como que inspirada no convívio do sacerdote do lugarejo e na sua prática dominical, responde-lhe, numa enfiada de, nada menos, nada mais de 36 versos (27-62).

d) Que é que sai do diálogo? — BRÁS censura GIL (o pedido de BRÁS é uma reprimenda) pela sua misantropia (a aparência é disso).

2 — GIL riposta, procurando saber de BRÁS que ganhará este com as sua andanças, falanças e gozos, partícipe, por toda a parte, de festanças e folguedos. Tudo é efémero, tudo é falaz; nada daquilo sacia e acalma; pelo contrário, cava, mais funda, a angústia, leva-nos, mais depressa, à saturação, ao nojo, à vergonha, à repulsa. Que fica, por fim, do reboliço, das suadas intrigas e malfeitorias, da vivência, em total, do saboreio, vagaroso e mastigado, das coisas e loisas deste mundo, se, nele, tudo é transitório, passageiro, fugaz, irreversível? Em verdade, que é feito do que foi poder, beleza, despotismo, elegância, tortura, supremacia, prazer, outrora, ontem? onde param seus detentores? que será dos *senhores* do dia de hoje, amanhã, daqui a pouco?

GIL, ao invés, acomodado as simplezas do quotidiano, embevece-se na contemplação das serrras, esguias e silenciosas, das distâncias, sem fim, nas alturas cerúleas, e de tal maneira se embrenha na sua força inspiradora e ondulante, que tudo posterga, que tudo aparta, que tudo despreza.

Por fim, levanta-se entre GIL e BRÁS uma disjunção de caminhos; primeiramente:

— «Vete tú, Brás, al respingo» —,

afirma GIL, com uma mistura de desimporte e abandono e dando a BRÁS a liberdade e a responsabilidade da escolha; depois:

— «que yo desclucio del torruño» —,

que é uma conclusão e é uma causa, repassada de matiz triunfante, porque é um passo de vitória.

3 — Metido no contexto, vai-nos ser permitido apanhar (ou tentar isso) o significado dos dois versos do *Auto Pastoril Castelhano:*

a) Não pode deixar de haver oposição (e fortemente frontal) entre os valores de *respingo* e *torruño*, dum lado, e *ve tú* e *yo descluzio de*, doutro; entre *respingo* e todas as palavras que, da parte de *Gil Terron*, traduzam a sua concepção espiritual da vida.

b) Paralelismo deve ficar (e de modo que se veja) entre *respingo* e as palavras reveladoras das maneiras de pensar e de ser de BRÁS, não tanto as já expressas na pergunta que dirige a GIL (embora subjacentes nela), como aquelas, e iniludivelmente, saídas dos incitamentos, que dirige a GIL, nos versos finais do diálogo (precisamente: versos 65-69), duma evidência irrefutável.

c) Teyssier, *Lang.*, p. 60: «ce mot (respingo), qui signifie proprement *bond, gambade* est pris dans un passage sayagais au sens de *danse*». E exemplifica e traduz o muito ilustre vicentista: «Vete tú, Bras al respingo,/ que yo descluzio del torruño» — (Va danser, moi je me repose du travail des champs) —. Seja-nos permitido (e pedimo-lo com humildade e em homenagem ao Mestre insigne) não aceitar; preferimos isto, ou equivalente: abraça-te às pobres cousas do mundo e eu afasta-me-ei delas.

d) Não é de pôr de lado o preço, intensamente pejorativo, dos vocábulos *respingo* e *torruño*, pese a sua divergência.

4 — Gillet, *Torres Naharro*, III, p. 643, 32, propõe, para *al respingo*, a interpretação de *dando saltos*, que nos parece muito limitada e longe do que convém.

5 — Corominas assenta *respingar* em *pie* (*Dic.*, s. v.). Do latim *pede-* (pes, pedis).

6 — Machado, *Dic.*, s. v., dá *respingar*, como de origem castelhana, e *respingo*, como substantivo «regressivo de *respingar*».

7 — Hart, p. 10, para *descluciar*, prefere *librarse, renunciar a.*

respinguemos — vid.: respingar.

reuelencia (s.) — vuestra reuelencia, 323. Corominas, *Dic.*, s. v.: *verguenza*, documenta, com Gonzalo de Berceo, a forma *reverencia* e dá-a como saída do latim *reverentia-* (revereri, reor, reris, ritus sum, *respeitar*). Há dissimilação: r – r > r – l. Em português: *reverência*, com esse étimo; em geral, limita-se a fórmula de trato com sacerdotes: Vossa Reverência.

revelencia — vid.: reuelencia.

reverencia — vid.: reuelencia.

rey (s.) — rey — elrey, 270. Do latim *rege-* (rex, regis). Em português: *rei.* Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 79 e 133.

rezien (adv.) — rezien desposado, 155; rezien nhacido, 287. Do latim *recente-* (recens, tis), donde *reciente* e, depois, por próclise, *recien.* Em português, conhecem-se os paralelos: recente e recém. Este é um «prefixo designativo de: há pouco»; «é seguido de hífen por ter acentuação própria», como se lê em Bergström, *Prontuário*, p. 349. Menéndez Pidal, no *Man.*, p. 303; Machado, *Dic.*, s. v.: *recente*, diz que a grafia portuguesa *rezente* data do Século XIII.

riedro (adv.) — riedro, riedro vaya 19. Corominas, *Dic.*, s. v.: *arredro*: «atrás, hacia atrás; do lat. *ad retro*». Documenta-o com as *Partidas*, para a forma *arriedro* e nota que «no tiene uso fuera de la frase *arredro vaya* y sus variantes dirigida al Diablo». Repare-se na força da duplicação.

rodelludo (Saquituerto —).

Rodríguez — vid.: roiz.

roin (s.) — conel roin, 362. Corominas, *Dic.*, s. v.: *ruina*, arquiva as variantes. ruín, roín, ruyn — tirando a palavra dum primitivo **ruino*, saído de *ruina*, «con el sentido de *ruinoso, echado a perder*». Entende que *ruino* «pasaría a *ruin* en apócope proclítica — ruin camino». Em português: *ruim*, para o qual se deve ler o *Dic.*, de Machado. Se la pusermos o sentido de origem, estaremos em presença dum disfemismo eufémico.

roiz — vid.: Mariroiz la mamona.

ropa (s.) — la ropa, 198. *Ropa*, em castelhano; *roupa*, em português. Para a etimologia e evolução semântica, leiam-se: Machado, *Dic.*, s. v.: *roupa*; Corominas, *Dic.*, s. v.: *robar*. Machado: «Do gótico ocidental **rauba*, saque, despojo».

roseta (s.) — rosetas — flores y rosetas, 15. Da família de *rosa*, do latim *rosa* (ae). Em português: rosa e roseta.

rosetas — vid.: roseta.

S

s — vid.: se.

sabel — vid.: sabello as.

sabel as — vid.: sabello as.

sabello as — vid.: saber; sabel; sabel as; lo.

sabello has — vid.: sabello as.

saber (v.) — sabel as — sabello as, 238; saber — preciasse saber, 368; sabes — pues sabes, 342; sabes dachaque,

364; tu sabes de, 371; sabre — nho sabre como ni quando, 49; se — no se para donde, 96; no se, 249; see — see que 372; supiera — tal supiera, 317. Comentários:

1 — verso 238 — Hart: «*sabello has, lo sabrás*. El futuro analítico con pronombre analítico se empleaba todavía a principios del Siglo XVI. Valdés (*Diálogo de la Lengua*, Colección Austral, 1941, p. 47), lo rechaza, diciendo: tengo por mejor que le verbo vaya por sí y el pronombre por sí...; yo siempre digo: ayúdate y ayudaráte Dios». E remata: «sigue vivo en portugués, al menos en la lengua literaria».

2 — Leia-se o artigo de Corominas, *Dic.*, s. v.: *saber*. Em português, também *saber*. Machado (*Dic.*, s. v.): «do lat. *sapere* (sapio, is, ui, ivi, ii, i), ter gosto; exalar um cheiro, um odor; perceber pelo sentido do gosto; (em figurado): ter inteligência, juízo; conhecer alguma coisa, conhecer, compreender, saber». Data a nossa forma do Século X.

3 — Como se vê, a primeira pessoa do Presente do Indicativo tem duas formas: *se* e *see*.

sabes — vid.: saber.

sabre — vid.: saber.

sacar (v.) — sacas — que sacas, 31. Corominas, *Dic.*, s. v., diz assim: «voz exclusiva del cast. y el port», e data o verbo do Século X. Admite a hipótese de ser originário do gótico. Machado, *Dic.*, s. v., acrescenta: o «fr. ant. e dialectal *sachier*, arrebatar». Este mesmo Autor arquiva, documentando-as, as flexões *sacastis* e *sakaste*, datadas dos Séculos X e XI.

sacas — vid.: sacar.

sagrada — vid.: sagrar.

sagrar (v.) — sagrada — virgindad sagrada, 361. Corominas, *Dic.*, s. v.: *sagrado*, diz: «El propio Berceo emplea el verbo *sagrar*, del que no hay otras huellas en cast.»; tem origem no latim *sacrare*, de *sacer* (cra, crum). Machado, *Dic.*, s. v.: *sacro*, regista e abona o português: *sagrar* e *sagrado*.

Salamon (s.) — que Salamon, 344. Braga diz: «forma pop. de *Salomão*». Em português: Salomão. Vasconcelos, *Antroponimia*, p. 532: «*Salomão* foi rei de Israel (Século X a. C.), e o seu nome em hebraico é *Xelomóh*, derivado de *xalóm*, paz. Há nesse nome pois a ideia de pacífico».

saltegones — vid.: saltijon.

saltijon (s.) — saltijones — me aparto de saltijones, 98. Marques Braga (1942) diz: «*saltijones* (saltegones — vocábulo empregado por Lucas Fernández, p. 123) folgazões. Nem Corominas, nem a Academia registam a palavra. Deve estar ligada ao verbo *saltar*, castelhano e português, do latim *saltare* (to, tas, tavi, tatum — frequentativo de: salire —lio, lis, lui, saltum).

saltijones — vid.: saltijon.

san (juri a —).

sancta — vid.: sancto.

sancto (adj.) — sancto — sancto templo, 377; sancta — zagala sancta, 331. Do latim *sanctu-* (tus, a, um; do verbo: *sanciri* — cio, is, sanxi, sanctum), donde o português: santo. Vejam-se os verbetes: *San* e *santo*. Por outro lado: o verbete *templo*.

sano (adj.) — sano — biuo y sano, 18. Do latim *sanu-* (sanus, sana, sanum). Corominas, *Dic.*, s. v.: «frecuente desde los autores más antiguos (a veces con el sentido de *bueno*, Berceo)».

santa — vid.: sancta.

santigua — vid.: santiguar.

santiguaos — vid.: santigua; os.

santiguar (v.) — santigua — santiguaos, 248; santiguar — nho me se santiguar, 249. Hart grafa assim: *santíguaos*. É a 2.ª pessoa do plural do Imperativo do verbo *santiguar*: santiguad. Sobre a falta do *-d*, leia-se Menéndez Pidal, *Man.*, p. 281. Corominas, *Dic.*, s. v.: *santo*, tem que *santiguar* vem «del lat. tardio *sanctificare*, por via semipopular». É divergente de *santificar*, documentado, *Ibidem*, por Berceo. Marques Braga (1942) define o verso: «persignai-vos para afugentar o Demónio (segundo a crença vulgar)» — e aponta este esclarecedor passo de *Lazarilo de Tormes*, p. 164: «santiguandose de mi, como si yo estuviera endemoniado».

santo — vid.: sancto.

saparto — vid.: s; aparto.

Saquituerto rodelludo — 171. Reis Brasil, edição de 1966, p. 41, linha 25, julga: «Sacotorto, Rodelhudo». Neste caso, juxtapuseram-se o substantivo *saco* (português: saco), ambos do latim *saccu-* (us, i). Corominas, *Dic.*, s. v.: *saco*. *Tuerto* é o particípio passado de *torcer*, do latim *torcere*, por *torquere* (eo, es, torsi, tortum). Em português: *torcer* e *torto* (também: *torcido*, por analogia). Em português, há a alcunha: *torto*. Vasconcelos, *Antroponímia*, pp. 193-194, documenta: «D. Joaham, o Torto» porque «foy cego de huum olho»; «Torto — sei de um indivíduo assim chamado por ser, como (esse) das *Linhagens*, cego de um olho». Usa-se a expressão adjectiva: *saco-de-batatas* para designar ou classificar a mulher gorda e mal-feita. *Rodelludo* será uma variante de *rodilludo*, adjectivo que a

Academia, *Dic.*, define: «que tiene abultadas las rodillas». A base está no latim *rota* (ae), donde o português *roda* e o castelhano *rueda*.

sayo (s.) — vn sayo, 414. Para a história desta palavra, leia-se o artigo de Corominas, *Dic.*, s. v.: saya. O Autor refere-se à distinção que Nebrija indica «entre *saya* como vestido de mujer y *sayo* traje de hombre». Machado, *Dic.*, s. v.: «não representa, quanto a mim, nem o lat. *sagu-*, nem mesmo o fr. *saie*; trata-se antes, creio, de voc. formado de *saia*». Estoutro vem do latim *saga-*, variante de *sagum* (i) — Machado dá *saga* como existente em Nónio Marcelo.

se — vid.: saber.

se — s — saparto, 420; se — nho se tentiende mas, 28; la soldada se me pierde de la mano, 44-45; que se hizo su corral, 60; se debroca, 69; perdieron se por ahi, 85; quien se dio, 147; se le pega, 148; no se ve, 240; se moluido, 253; se sirue delos, 271; que se engendro, 301; se estaa temblando, 312; se es, 416; se hablara, 428; vienese la madrugada, 209. A disposição dos exemplos frásicos da partícula, *se*, obedeceu à ordem alfabética: *s* e *se*. Desta forma, puseram-se, em primeiro lugar, os segmentos em que ela aparece separada de verbo; por fim, em posição enclítica. Temos, principalmente, duas categorias morfológicas: pronome reflexo e partícula passivante. O étimo está no acusativo *se*, pronome da 3.ª pessoa. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 252.

sea — vid.: ser.

Sebastian — vid.: Bastian.

see — vid.: saber.

segun (adv.) — segun sueño, 50. Do latim: *secundu-*, donde o nosso *segundo*. Por próclise. Veja-se: segundo.

segundo (num.) — Adan segundo, 396. Do latim *secundu-* (us, a, um), da família do verbo *sequi* (sequor, eris, secutus sum). Daqui o nosso numeral ordinal: segundo. Veja-se: segun. A evolução deu-se de *numeral* para *advérbio.*

sentido (s.) — sentido — tomar sentido, 108; sentidos — a mis sentidos, 352. É a substantivação do particípio passado do verbo *sentir*, do latim *sentire* (tio, tis, sensi, sensum). Corominas, *Dic.*, s. v.: *sentir*, documenta-o com Berceo. Em português, há *sentido* com igual valor. Machado, *Dic.*, s. v., data-o do Século XIII. No plural, pode tomar valor colectivo.

sentidos — vid.: sentido.

sentir — vid.: sentido.

señor (s.) — señor — perdonad Señor, 325; señora — Señora con estos yelos, 311; señores — delos señores, 270. Em português: *senhor.* Ambos são substantivação do adjectivo *senhor* e *señor*, do latim *seniore-* (*senior, senius*, comparativo de *senex, senis*, velho). Portanto, era: mais velho. Daqui a auréola de respeito e até de título que a palavra adquiriu. Não nos deve escapar a motivação que pode sair da oposição: *rey* (rei) — *Deus; señores* (pessoas de importância — relegadas); *pastores* (pessoas humildes — chamadas e, por isso, enaltecidas).

señora — vid.: señor.

señoreador (s.) — el señoreador, 383. Veja-se o verbete *señor.* Como derivados de *señor*, Corominas, *Dic.*, s. v., regista *señorear*, origem do substantivo da epígrafe, com o sufixo de agente *-dor*, e também *señorar.*

señores — vid.: señor.

ser (v.) — era — era pastor, 53; eran — eran angeles, 264; eres — eres hallada, 357; eres huerta, 358; pequeña eres,

378; es — ya perdido es lo perdido, 107; que es esto, 153; quien es la esposa, 160; es moça, 162; y es de, 163; es su tio, 166; es ahijado, 167; es prima de, 170; es nieta, 175; es pariẽte, 178; parienta es, 182; es bien parienta, 190; es casta, 191; es vendida, 206; qual es, 239; es el peccado, 241; que nho es, 244; es venida, 257; es parida, 258; es para, 269; es esta, 273; asmo que es, 288; de paja es, 306; nho es harto, 338; quien es aquella, 342; es la, 343; es plazer, 367; es el cordero, 394; es hijo, 398; es eternal, 402; es mortal, 404; es en todo, 407; es impossible, 409; sol es, 412; es rayo, 413; se es, 416; ques nacido, 255; ques muy dulce, 352; fue — fue ñascida, 339; fue dado, 400; fuesse — que fuesse, 340; sea — Dios sea loado, 214; loada sea, 308; sera — sera dotro dueño, 51; sera esse, 243; bien sera, 246; seras — seras grande, 381; serian — serian grillos, 262; somos — somos bestiales, 326; son — son sus primos, 173; no son tales, 327; soy — soy rezien desposado, 155. Paralelo do português *ser*. Leia-se o artigo de Corominas, *Dic.*, s. v.; também o extenso e muito documentado verbete *ser*, no *Dic.*, de Machado. Nunes, *Compêndio*, pp. 331-332. Etimologia: verbos latinos — *sedere* (deo, des, edi, sessum) e *esse* (sum, es, fui). Português arcaico: seer.

sera — vid.: ser.

seras — vid. ser.

serian — vid.: ser.

serrania (s.) — en serrania, 426. Corominas, *Dic.*, s. v.: *sierra*, diz: «del lat. *serra*, sierra de *aserrar*». Com o significante de *línea de montañas*, figura no *Cid* «y ya en docs. de los SS. X y XI». Entre o seus derivados, figura *serranía*. Em português: *serra* e *serrania*. Pode-se aceitar, com modificações, esta paráfrase de Brasil (p. 63): «Quem te (vir), (não dirá) que (nasceste) no meio destas serras».

seruir (v.) — sirue — se sirue delos, 271. Do latim *servire* (vio, is, ivi, itum); para o português: *servir*. Anote-se o preço activo.

servir — vid.: seruir.

si (adv.) — si tenemos, 145; mas si, 300. Do latim *sic* (Menéndez Pidal, *Man.*, p. 167). Em português: *sim*.

si (conj.) — si alla llego, 18; si comieron, 119; si murieron, 122; si tal pensara, 316; oteo si daran, 74-76; digo yo si, 80-81. Há, nesta mancheia de exemplos, duas funções sintáticas: condicional e integrante. A origem está no latim *si*. Em português: *se*, que, para Machado (*Dic.*, s. v.), se explica pela sua posição proclítica. Vid.: sino.

siempre (adv.) — siempre andas, 26; andas siempre, 29; siempre oteo, 74; siempre pienso, 101; siempre comigo, 103; siempre mira, 118; quedando siempre, 418. Do latim *semper* (Menéndez Pidal, *Man.*, p. 166); em português: *sempre*.

sierra (s.) — sierras — sierras benditas, 36. Corominas, *Dic.*, s. v.: «del lat. *serra* (a, ae)»; «se trata de una metáfora».

sierras — vid.: sierra; serrania.

silbato — vid.: siluato.

siluato (s.) — vn siluato, 282. Do latim *sibilare*, veio o castelhano *silbar*. À mesma família pertence *siluato*. Marques Braga (1942) define: «assobio». Em português, o verbo latino originou *sibilar*, por via erudita, e *silvar*, por via popular. Machado, *Dic.*, s.v.: *sibilar*, regista o derivado regressivo *silvo*, cuja forma mais antiga — *silbo* — aparece «em texto redigido entre 1188 e 1230», como informa este ilustre Autor.

silvato — vid.: siluato.

Silvestre — vid.: Syluestre.

sin (prep.) — sin las penas, 104; sin cuydo, 382. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 338; do latim *sine*. Em português: *sem*, documentado por Machado (*Dic.*, s. v.), do Século XII.

sino (conj.) — sino ella, 341. Na sua formação, encontram-se: a conjunção condicional *si* (veja-se este verbete) grudada ao advérbio de negação *no* (ver esta ficha). Academia, *Gram.*, pp. 304-307. Semanticamente, é de valor adversativo.

sirue — vid.: seruir.

sobrina (s.) — sobrina del, 176. É o feminino de *sobrino*, do latim *sobrinu-* (*us, i*). Em português: *sobrinho* e *sobrinha*. No período arcaico: *sobrio*. Vasconcelos, *Antroponímia*, pp. 181-182, aponta *Sobrino* e *Sobrinho* como apelidos e como alcunhas de parentesco.

sol (s.) — el sol, 410; 413; sol es, 412. Do latim *sole-* (sol, lis). Em português: *sol*.

soldada (s.) — la soldada, 44. De *soldo*, do latim *solidu-* (us, a, um). Machado, *Dic.*, s. v.: *soldo*: «Na latinidade tardía já aparece *solidus*, como nome de moeda»; «a forma (portuguesa) *soldo* (pode documentar-se de) 984»; «no Século XV já se empregava a acepção de *ordenado, vencimento*». Corominas, *Dic.*, s. v.: *sueldo*, data de 1062 a forma castelhana *soldo* e, de 1129, a outra e moderna: sueldo. Na evolução fonética, deu-se a ditongaâço: *o* (breve tónico) em *ue*. Formou-se de *soldo* e o sufixo -ada.

soledad (s.) — nesta soledad, 47. Assenta em *solo*, do latim *solus* (a, um); na opinião de Machado, *Dic.*, s. v., desta palavra castelhana nasceu o português *soledade*, sinónima de *solidão*, da mesma família.

solo — solo quiero, 34; andando solo, 43. Na função de advérbio, pode ter saído do latim *solu-* (solum). Como adjectivo, vem do latim *solu-* (us, a, um). Em português: *só*, nas duas categorias; a fase arcaica, como se sabe, teve: *soo*.

somos — vid.: ser.

son — vid.: ser.

son (s.) — al son, 92. O castelhano *son* e o português *som têm* origem no latim *sonu-* (us, i), com o mesmo sentido. A evolução em português foi: *sonu-*, *sõo*, *sõ* (som, son). Menéndez Pidal, *Man.*, p. 82, tem a forma *son* (em vez de *sueno*) como de origem francesa.

sonar (v.) — suene — tu boz suene, 351. Do latim *sonare* (o, as, avi, atum), castelhano *sonar* e português *soar*. É um optativo.

soncas (adv.) — 4; 9; 46; 76; 387. Teyssier, *Lang.*, p. 62: «Cet adverbe signifie *certes, en verité*»; «il se trouve dans Gil Vicente soit associé à *ha*, soit seul»; «L'hypothèse la plus vraisemblable est qu'il s' agit d'un mot relativement récent dérivé de la conjonction *sino que*. L'évolution aurait été: *sino que* > *son que* (*son* est une variante sayagaise de *sino*) > *soncas* par adjonction du suffixe adverbiel *-as* (cfr. nunquas, *Mio Cid*, v. 352, 434, etc., pour *nunca*).» Examinados os exemplos de *soncas*, é possível que se chegue a concluir que *soncas ha* exprima uma satisfação, uma alegria, que se não vê, quando está simplesmente o advérbio. O Prof. Piel, *Miscelânea*, pp. 8-9, tem outro hipótese: *si unquam*, se jamais. Veja-se a ficha: soncas ha.

soncas (— ha).

soncas ha — 145; 295; 424. Veja-se a ficha: soncas.

sonegar (v.) — soniega — o algun melas soniega, 87. Hart: «*Soniega*, hurta. Es lusismo (port. *sonegar*).» — Com efeito, em português há *sonegar*, por via popular, e *subnegar*, por via culta, ambos do latim *subnegare*, recusar um pouco. Machado, *Dic.*, s. v., data aquele do Século XIV e este do Século XVIII. De par com estes divergentes, temos outro verbo, o *negar*, que, segundo o mesmo Professor, vem «do latim *negare*, dizer não; dizer, afirmar que não; negar; recusar, por via culta». — Data-o do Século XIII e documenta-o com D. Dinis. Em castelhano há *negar*, com idêntico valor, do mesmo verbo latino *negare*. Corominas, *Dic.*, s. v., regista-o e, sob a rubrica: *Deriv(ados)*, aponta 24 palavras, e nada de *sonegar*, entre elas. O *Dic.*, da Academia, também o não regista. De apontar, é a criação de Gil Vicente e a pronta sujeição ao tipo do verbo: *negar — niega*.

soniega — vid.: sonegar.

soñar (v.) — sueño — segun sueño, 50. Corominas, *Dic.*, s. v.: *sueño*, documenta-o com o *Cid*. Em português: *sonhar*, ambos do latim *somniare* (o, as, avi, atum).

sospechar (v.) — sospecho — yo sospecho, 97. Corominas (*Dic.*, s. v.: espectáculo) afirma: «del latín imperial *suspectare* (clásico: suspicari)», suspicor, caris, suspicatus sum —, que é a mesma origem para o português *suspeitar*.

sospecho — vid.: sospechar.

soy — vid.: ser.

su — vid.: suyo.

suaue (adj.) — suaue — muy suaue, 357. Do latim *suave-* (vis, ve), vieram, *suaue*, para castelhano, e *suave*, para português.

suave — vid.: suaue.

sube — vid.: subir.

subir (v.) — sube — sube naquella, 126. Do latim *subire* (subeo, is, ivi ii, ubitum), *subir* em castelhano e em português. Em português, dir-se-ia: *sobe*. A construção sintática: *em* (n), com a ideia de *movimento para*, do latim *in* com *acusativo*.

suene — vid.: sonar.

sueno — vid.: son.

sueño — vid.: soñar.

sueño (s.) — el sueño, 22; 23; 247. Do latim *somnu-* (us, i) «acto de dormir». Em português, temos *sono*. Corominas, *Dic.*, s. v.

supiera — vid.: saber.

sus — vid.: su.

sus (interj.) — sus alto, 207; sus, sus, 220; ea, sus, 223. Academia, *Dic.*, s. v.: «interj. que se emplea para infundir ánimo repentinamente». Leiam-se as considerações de Corominas, *Dic.*, s. v.: suso. Em português: *sus*, que Machado tem por: «de origem expressiva» — *Dic.*, s. v.

suya — vid.: suyo.

suyas — vid.: suyo.

suyo (adj.) — su (suyo) — con su cayado, 56; su corral, 60; es su tio, 166; de su padre, 169; en su canticar, 347; su nhacimiento, 393; su rayo, 410; su (suya) — su madre, 168; su parienta, 182; su niñez, 305; su camazita, 306;

su posada, 307; su clemencia, 310; su boz, 346; sus (suyos) — sus primos, 173; sus manguitos, 201; sus (suyas) — sus flores, 15. Do latim *suus* (sua, suum). Em português: *seu* (sua, seus, suas), Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 257-258. Veja-se o verbete *mio*, para as formas: *suyo* e *su.*

suyos — vid.: suyo.

Syluestre (s. pr.) — 133; 153. Em português: *Silvestre.* Ambos do latim *silvestre-* (silvester ou silvestris, tris, silvestre — assenta em *silva*). Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 65: «De *Silvester*, cognome romano, tomado da língua comum e depois tornado nome de um papa e santo do Século IV».

T

t — vid.: te.

tal — tal — tal pensara, 316; tal supiera, 317; tales — son tales, 327. Academia, *Gram.*, §§ 74, *d*), e 76, *c*). De adjectivo demonstrativo (*tal*, do lat. *tale-*, talis, le) passou-se facilmente à categoria de pronome indefinido. No *Auto Pastoril Castelhano* estão representadas as duas espécies. Em português, também há *tal*, pronome, e *tal*, adjectivo.

tales — vid.: tal.

talli — vid.: t; alli.

tambien (conj.) — es tambien pariēte, 178; tu tambien passa talli, 221; y el sol tambien, 413. Paralelo do português *também*. A formação de ambos é: *tam* e *bien; tam* e *bem.* (Corominas, *Dic.*, s. v.: tanto; Machado, *Dic.*, s. v.). Vejam-se os verbetes: *tan* e *bien.*

tan (adv.) — tan buena cosa, 39; tan fuertes, 261; tan vazios, 276; tan pobrezita, 302; tan a punto, 367; tan fuerte, 374; tan boñito, 386. Em português: *tão*. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 166, é da opinião de que o castelhano *tan* representa o advérbio latino *tam*. Machado, *Dic.*, s. v.: *tanto*, talvez com mais razão, admite para *tão*, português, esse advérbio latino ou o adjectivo *tanto*, de *tantus* (a, um), através do fenómeno da próclise. Antes de *tão*, teria existido *tã* (tam, tan).

tan (en — amientes).

te — t — passa talli, 221; nho se tentiende mas, 28; tenlodas, 33; tenseño, 64; tencaramillas, 422; te — nho te das de, 113-114; quien te traxo, 157; nho te dan, 194; nho te quieren dar, 205; Dios te pliega, 228; no te cataras, 380; quien te viere, 425; el telas yra buscar, 117; vete tu, 61; parate, 222; dite vna de mal mes, 227; lleuantate, 348. A ordenação dos exemplos abonatórios do uso do pronome *te* obedeceu ao alfabeto: *t*, *te*, e à posição do pronome: independente, anexada em posição proclítica e enclítica. É a forma de complemento do pronome da segunda pessoa, originada no latim *tibi* ou em *te*. Em português: *ti* e *te*, para o complemento indirecto; *te*, complemento de objecto (incluindo a categoria de pronome reflexo). Veja-se Menéndez Pidal, *Man.*, p. 252.

telas — vid.: te; las.

temblando — vid.: temblar.

temblar (v.) — temblando — se estaa temblando, 312. Corominas, *Dic.*, s. v.: «del lat. vg. *tremulare*, derivado de *tremulus* (us, a, um), (tembloroso) y éste de *tremere* (mo, is, ui — que está em português: tremer), temblar». Regista algumas variantes: *tembrar* e *tenblar*. Em português, *tremular*, que deve ter sido formado de *trémulo*, porque a significação está desviada. Silva, *Dic.*, 10.ª ed., abona-o com Camões e Vieira.

tempero (s.) — del tempero de Fortuna, 6. Corominas (*Dic.*, s. v.) diz: «del latín vulgar **temperium*, que sustituyó a los clásicos *temperies*, *temperatura*, e *intemperies*, mal tiempo».

templano (adj.) — mas templano, 219. Corominas, *Dic.*, s. v.: *tiempo*, regista *temprano*, que dá como paralelo do português *temporão*, ambos do latim *temporanus* (a, um), por *temporaneus* (a, um). *Mas templano*, do *Auto*, significará *mais cedo*, de que virá a ideia de *mais velho*. E assim parece ser, porquanto o verso 219 mostra uma anuência à condição posta no verso 218.

templo (s.) — sancto templo, 377. Do latim *templu-* (um, i); em português: *templo*. Este verso tem a forma seguinte: «en el sancto templo mio», e é o final da paráfrase, que sai da boca do pastor Gil, da profecia de Malaquias. Como diz Carolina Michaëlis de Vasconcelos (Michaëlis, *Notas*, IV, p. 327), «(Gil Vicente juntou, ao texto da profecia), com licença poética, *en el santo templo mio*, com que na *Vulgata* principia uma nova oração: Et statim veniet ad templum suum». Como se observará facilmente, a circunstância de lugar (en el templo) tem conotação com a expressão verbal *aparejaraa* (verso 375) e seu complemento de objecto *carrera*, que, pelo seu valor de movimento, lhe dá a ideia de *lugar para onde*. A alteração do adjectivo possessivo (suum — mio) deve-se à alteração do discurso: indirecto e directo.

temprano — vid.: templano.

ten (— caramillas).

tencaramillas — vid.: t; encaramillas.

ten caramillas — vid.: tencaramillas.

teneis — vid.: tener.

tenemos — vid.: tener.

tener (v.) — teneis — teneis vos otros aca, 144; tenemos — tenemos soncas ha, 145; tengamos — tengamos majada, 125; tengamos remedio, 215; tengo — tengo paz, 103; terna — terna que hazer, 121; ternas — ternas el señoreador, 383; tienes — tienes muy poquitas, 112; chapados parientes tienes, 159; tiengo — tiengo destar, 218. Comentário: Do latim *tenere* (neo, es, nui, ntum), o castelhano *tener* e, em português, *ter*, depois destas formas intermédias: tẽer e teer. A respeito da forma *terna*, Hart diz: «terná, tendrá. La lengua del Siglo XVI vacilaba aún entre las formas con metátesis: *porné, terné, verné,* usuales en la Edad Media, y las que se han impuesto en el castellano moderno». Como se pode ver, neste *Auto* encontram-se as formas *tengo* e *tiengo*. Teyssier, *Lang.*, pp. 363-364, regista este caso (verso 218), subordinado ao título de «Excès de diphtongaison»; junta-lhe outros cinco exmplos e, ao lado, anota: «à côté d'innombrables ex. de *tengo*».

tengamos — vid.: tener.

tengo — vid.: tener.

tenlodas — vid.: t; enlodas.

tenseño — vid.: t; enseño.

tendiende — vid.: t; entiende.

Teresa la gabona — 181. Reis Brasil (edição de 1966) traduz, p. 43, linha 3, por: «Teresa a Gabachona». A ser isso, a formação de *gabona* assentará em *Gaba*, a que alude Corominas, *Dic.*, s. v.: *gabacho*? Tem sentido depreciativo. É inegável que «la gabona» nos mostra todo o tique de alcunha, para o que nem lhe falta o artigo definido (Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 179). E *gabona* não estará

aparentado com os nossos *gabar* e *gabão*? Machado, *Dic.*, s. v., data o verbo *gabar* do Século XIII, data-o e documenta-o: «E ben uos podedes gabar/ Que uos non sab oi ome par,/ En as terras, de semelhar», de Pero da Ponte, no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, n.º 1531. Para a etimologia, hesita entre o francês *gaber* e o provençal *gabar*; daquele, diz Bloch, *Dictionnaire*, s. v.: «*Gaber*, vers 1080 (Roland). Vieux mot auquel a été donné depuis 1860 un regain de vie littéraire. *Gaber* et l' anc. subst. *gab*, raillerie, représentent l'anc. scandinave *gabba*, railler (à l' origine: ouvrir toute grande la bouche), *gabb*, raillerie. Ont pénétré dans les langues voisines, cf. notamment l' it. *gabbare*, *gabbo* et le port. *gabar*, vanter». Se a difusão de *gaber* não foi além do português, na Hispânia, segue-se que Gil Vicente adoptou um dos seus derivados — gabona —, num texto castelhano. Ver: *Teresuela*.

Teresuela — 161. Derivado de *Teresa*, que é também nome próprio português, de *Therasia*, latinização do grego Θηρατια, fem. de Θηρατιος, habitante da Ilha de Trerasia, no mar Egeu», como explica Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 47. Em português arcaico: *Tareja* e *Tareija*. Ver: *Teresa la gabona*. O sufixo *-uela* pode expressar *carinho*. Academia, *Gram.*, §§ 52, 55, 182.

terna — vid.: tener.

ternas — vid.: tener.

terrible (adj.) — terrible plazer, 143. Do latim *terribile-* (lis, le), como o nosso *terrível*. Deve-se ter dado evolução semântica, no sentido de *grande, intenso, generalizado*. Caso paralelo, oferece o português *formidável*, que, em geral, é usado equivalendo a *óptimo, extraordinário*, desligado, portanto, da significação que lhe está na base: *formido* (dinis), *medo*.

Terron (Gil —).

terruño — vid.: torruño.

tienes — vid.: tener.

tiengo — vid.: tener.

tio (s.) — mi tio, 158; es su tio, 166; tu tio, 370. Corominas, *Dic.*, s. v., aponta o «latín tardío *thius*», de origem helénica, e diz que o latim *thius* «aparece por primera vez en S. Isidoro». Em português, igualmente *tio*.

tizon (s.) — este tizon, 130. O castelhano *tizon* e o português *tição* têm a mesma origem: o latim *titione-* (titio, onis); todos significam «pedaço de lenha ou de carvão, aceso ou meio queimado» — Silva, *Dic.*, 10.ª ed., s. v.; «palo a medio quemar» — Academia, *Dic.*, s. v.

todas — vid.: todo.

todo — todo — todo comprehende, 300; en todo al, 407; todos — tengamos todos, 125; tomemos todos, 212; dezid todos, 250; todos los caramillos, 280; y todos, 284; todos dessearan, 392; todas — dellas todas, 32. Comentários: como facilmente se nota, temos *todo*, como pronome e *todo*, como adjectivo. É o latim *totu-* (us, a, um). No verso 300, *todo* é pronome indefinido, de valor neutro; corresponde ao português *tudo*. Repare-se na posição do pronome e na identidade sintática, que os versos 125, 212 e 250 apresentam, a que se pode juntar o verso 284. Em português: *todo*.

todos — vid.: todo.

tolis — qui tolis, 395. Veja-se a rubrica: qui.

tollis — vid.: tolis.

tollit — vid.: tolis.

toma — vid.: tomar.

tomar (v.) — toma — toma, 130; tomar — tomar sentido, 108; tomar madre, 419; tomaremos — tomaremos gasajado, 139; tomemos — tomemos plazer, 212. Corominas, *Dic.*, s. v., diz: «*tomar*, voz peculiar al castellano y el portugués, de origen incierto». São valores distintos, embora mostrem contiguidade, o *tomar sentido* (verso 108), prestar sentido, dar atenção, o *tomar este tizon* (verso 130), que implica entrega, como quem diz: pega em; e *tomaremos gasajado* (verso 139), ou seja: reunir-nos-emos paar entretenimento.

tomaremos — vid.: tomar.

tomemos — vid.: tomar.

tonica (s.) — que tonica, 260. Marques Braga (1942) explica desta maneira o verso 260: «Ó que música afinada de tão boas flautas». Corominas, *Dic.*, s. v.: *tender*, liga-o a *tono*, do latim *tonus* (i). Deste substantivo latino, veio o português *tom*, de *toom*. É uma substantivação de *tónico*. *Tónica* é um substantivo colectivo, a que *acordada* atribui uma qualidade.

Torebilla del mendral — 180. Reis Brasil, edição de 1966, p. 43, traduz: «Toríbiazinha (sic), do Almendral». Se este for o bom caminho, podemo-nos lembrar do português «*Toríbia* (Turibia), feminino de *Toríbio*, nome de um santo espanhol, e primeiro bispo de Miranda do Douro (Século XVI)» — Vasconcelos, *Antroponimia*, p. 93. *Mendral* estará por *Almendral*, possivelmente topónimo, irmão do nosso *Almendral*, de que fala Machado, *Dic.*, s. v.: amêndoa: «nesta forma já abonável no Século XV». O castelano *almendra* e o português *amêndoa* sairam dum latim *amyndula*, por *amygdala*. *Almendral*, sítio de *amendoeiras*.

toro (s.) — toros — corriendo toros y vacas, 30. Do latim *tauru-* (rus, i); donde o português *touro.*

toros — vid.: toro.

torruño (s.) — del *torruño*, 62. Teyssier, *Lang.*, p. 403: «Est l' espagnol *terruño*»; mas admite influência do português *torrão.* Machado, *Dic.*, s. v., regista *torrão, terrão,* e aceita a etimologia de *terra.*

toste (adv.) — toste priado, 207. Teyssier, *Lang.*, p. 63, a propósito de *toste*: «n'apparaît qu' une fois, dans l' expression *toste priado*, vite, bientôt»; «emprunté sans doute au provençal (tost), existait au moyen âge aussi bien en portugais». Machado, *Dic.*, s. v., regista *toste* e abona-o com este paso de Afonso X, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, I, 5, p. 15, verso 57: «que o fezera porende tan tost' en un carcer deitar» — edição de Walter Mettmann — Coimbra, 1959.

tota — 360. A frase latina, que constitui o verso 360, é esta: *tota pulchra amica mea.* São 4 palavras latinas: *tota* (totus, a, um), toda; *pulchra* (pulcher chra, chrum), bela; *amica* (a, ae), amiga; *mea* (meus, ea, eum), minha. Pode traduzir-se: toda és bela, amiga minha. É o versículo 7, do cap. IV, do *Cântico dos Cânticos*, de Salomão. Matos Soares, *Bíblia Sagrada*, III, Antigo Testamento, Porto, s/d., propõe: «Toda és formosa, amiga minha».

traed — vid.: traer.

traeis — vid.: traer.

traen — vid.: traer.

traer (v.) — traed — traed algo, 277; traeis — desso que traeis, 324; traen — no traen ningun, 100; traer — hame las Dios de traer, 120; traxo — quien te traxo, 157; truxera — le

truxera, 318. Vem do latim *trahere* (traho, is, traxi, tractum). O português *trazer* ressente-se duma forma, ponto de partida, assente no Pretério *traxi: *tracere*, latim lusitânico. Leia-se Machado, *Dic.*, s. v.; também a *Gram.*, da Academia, pp. 98-99.

trajo — vid.: traxo.

transportar — vid.: tresportar.

tras (interj.) — quiero estar tras tras, 106; busca tras, 111-112. A *Copilacam* tem «tras, tras», com vírgula de permeio, critério seguido por Marques Braga (1942). Hart prefere *trastrás*. Ligada ao verbo *estar*, formal e semanticamente, e enquadrada no contexto das palavras anteriores e seguintes, saídas da boca de LUCAS — um conformado com o *fado*, com o *destino*, um *positivista* acabado — a expressão *tras tras* procura traduzir o afã, o cuidado, a diligência que não lhe estava na massa do sangue. Daí que a sua origem onomatopaica visa, parece, a traduzir a insistência na busca das coisas. Corominas (*Dic.*, s. v.: *trampa*, IV vol., p. 539), regista-a e a Academia (*Dic.*, s. v.: trastrás) define-a, mas sem aplicação possível para o passo vicentino: «el penúltimo en algunos juegos de muchachos», embora antes, (s. v.: *tras*), tenha apontado, com mais provável adaptação, o seguinte: «voz con que se imita un golpe con ruido; *tras, tras* — expr. fam. con que se significa el golpe repetido, especialmente el que se da llamando a una puerta». Silva, *Dic.*, 10.ª ed., regista a mesma interjeição em português, define-a deste modo: «voz imitativa de pancada ou queda; voz imitativa de golpe, traço», e aduz este curiosíssimo exemplo de Eça de Queirós, de *O Crime do Padre Amaro*, cap. 19, 509, 4.ª ed., Porto, s/d.: «o doutor Cardoso, chamado à pressa, falara de tísica galopante, questão de semanas, caso decidido... — É destas, meu amigo, tinha ele dito, que é trás... trás...».

trasportar — vid.: tresportar.

tras que — busca, busca las cabritas tras que tienes muy poquitas, 111-112. Marques Braga (1942) define a expressão *tras que* por: «além de que, demais...». Hart nada comenta (e é pena, porque terá tido os seus motivos, que conviria conhecer), mas segue uma pontuação que talvez não seja de aceitar: separa o incitamento, das razões que o provocam e o ditam, e tira o ar interrogativo da parte final; assim:

> «Tú muy perezoso estás.
> Busca, busca las cabritas!
> Tras que tienes muy poquitas,
> ño te das
> de perder cada vez más.»

A solução de Marques Braga parece-nos fácil em demasia; contorna a dificuldade, não a resolve, cremos. Que dizer ao ter-se que *tras* é a mesma interjeição, embora simples, do verso 106, ligada, agora a incitação dobrada? *Que* seria a conjunção causal.

Ficam duas palavras, distantes uma da outra: *tras* é o remate de *busca; que* é o fundamento do conselho, quase ordem. Por este motivo, fizemos um verbete com *tras que*, por um lado, e colocámos a frase nas fichas *tras* (interj.) e *que* (como conjunção causal), por outro lado.

Guiados por Fontecha, *Glosario*, s. v.: *tras*, encontramos este passo do *Lazarillo*, p. 209: «De manera que, tras que tenian mala gana de tomalla, con aquello del todo la aborrescieron» — a que Julio Cejador y Frauca juntou esta equivalênca: *además de que*, o que vai no mesmo rumo de Marques Braga.

Casualmente, isto recordou-nos o português *porque* e *para que* (em rigor, duas palavras), vulgarmente classificados, na Gramática como conjunções subordinativas de causa e de fim, quando, em rigor, essas circunstâncias são expressas pelas preposições *por* e *para* e o *que* pode

ser um pronome relativo, cujo antecedente estará oculto: por (isto:) que; para (isto:) que.
Corominas, *Dic.*, s. v.: *tras*, parece dar a entender que o valor de *tras* — «además de» — se circunscreve ao idioma luso, e aduz este passo de D. Dinis: «nom sei oj' eu quem/ possa compridamente no seu bem/ falar, ca nom a, tra-lo seu bem, al» — Henry R. Lang, *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, Halle, 1894, pp. 41-42, poema XLIII, versos 846-848. *Tra-lo*, i. e., tras-lo, ou ainda: *tra-lo seu bem*, o mesmo que «além do seu bem». Tanto o castelhano *tras* como o português *tras* assentam, fonética e semanticamente no latim *trans* (preposição). Cfr. o *que* do verso 140 com valor de *porque*, como se diria hoje, preferentemente.

traxo — vid.: traer.

tres (num.) — tres años, 206. Do latim: *tres*; em português: três.

tresportado — vid.: tresportar.

tresportar (v.) — tresportado — tresportado, 91. Nem Corominas, *Dic.*, s. v.: *portar*, nem o *Dic.*, da Academia, registam *tresportar*, mas *trasportar* e *transportar*. Machado, *Dic.*, registou, em português, as três formas. Do valor espiritual do verbo *tresportar*, servirão de apoio estas abonações de Silva, *Dic.*, 1813, pese muito embora destinadas ao verbete *transportar*: «harmonia que me transportava»; «transforma-se o amante na vontade daquela que tanto ama, de si a própria essência transportando». Veja-se o verbete: boca abierto. Do latim *transportare* (to, tas, tavi, tatum), sairam *transportar* e *trasportar*, tanto em português como em castelhano. Veja-se o *Dic.*, de Machado, s. v.: *trans-*, «como elemento de composição», em que nos fala nas alterações populares: tras-, tres-, tra-, tre-.

triste (adj.) — muy triste, 204. Do latim *triste-* (tristis, e). Em português: triste.

truxera — vid.: traer.

tu — vid.: *tuyo*.

tu (pron. pes.) — tu que as, 25; tu que andas ... que ganas tu, 29-31; vete tu, 61; e tu, 109; tu estas, 110; tu baylas, 151; tu naciste, 219; tu tambien passa, 221; tu nho ves, 226; tu consientes, 231-232; sabello as tu, 238; tu eres, 358; tu sabes, 371; tu eres, 378; tu quisieres, 385. Do latim: *tu*, nominativo. Em português: *tu*. Nos versos 29-31, a insistência do pronome na inquirição de GIL tem interesse.

tus — vid.: tu.

tuya — vid.: tu.

tuyo (adj.) — tu (tuyo) — tu tio, 370; tu fauor, 384; tu (tuya) — tu boz, 351; tu cara, 353; tus (tuyos) — tus poderes, 381. Do latim: *tuu-* (uus, a, uum). Em português: teu, tua, teus, tuas. Leia-se o verbete *mio*, a propósito de *tuyo* e *tu*.

tuyos — vid.: tu.

U

ufano (adj.) — vfano — muy vfano, 17. Sobre *ufano*, em castelhano, leia-se Corominas, *Dic.*, s. v.; Machado, *Dic.*, s. v., tem o português *ufano* como castelhanismo, à conta da manutenção do *-n-*. Ambos valem: contente, vaidoso.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

un — un — nun barrancon, 129; vn — vn vasar, 196; vn siluato, 282; vn çamarro, 318; vn florin, 369; vn sayo, 414; vn enues, 415. Do latim: *unu-* (unus, a, um — numeral). Em português ũu, ũ (un, um). É fácil distinguir as funções de artigo indefinido e de numeral. O castelhano possuiu e possui *uno*, donde *un*, por próclise. Veja-se o verbete *uno*.

una — vid.: uno.

unas — vid.: uno.

uno — vna — vna borrega, 149; vna burra, 195; vna espetera, 196; vna cama, 197; vna puerca, 203; dite vna de mal mes, 227; de vna vara, 319; vna cosa, 416; vnas — vnas dos cabras, 82. Veja-se o verbete *un*. Repare-se na expressão da numeração indeterminada, como em português: vnas dos cabras, 82; umas trinta; umas cem (cerca de; mais cá, mais lá). Do latim *unu-* (us, a, um) > uno; una- > una, em castelhano; em português: unu- > ũu > ũ (un, um); una- > ũa > u(m)a (onde se vê que a labial nasal *m* é provocada pela labial nasal *ũ*, a pesar do que pensa (?) o brasílico Senhor Silveira Bueno, Prof. e Doutor e Catedrático paulista, (pensou, pensa e seguirá pensando, coitado!...). Leia-se o *addendum* XL, pp. 357-359, da nossa edição: O «*Pranto de Maria Parda*», *de Gil Vicente*, Sá da Bandeira, 1975.

V

vaca (s.) — vaca — la vaca, 205; vacas — toros y vacas, 30. Do latim: *vacca-* (a, ae). Entre estudantes do Colegio Mayor San Fernando (La Laguna de Tenerife) ouvi muitas vezes chamar *la vaca*, no jogo do dominó, à pedra que tem 6 pintas de cada banda, por analogia, evidentemente com os úberes pujantes do animal.

vacas — vid.: vaca.

vacios — vid.: vazios.

Valasco nuño — 158. *Velasco* e *Valasco* são formas portuguesas e castelhanas, aquela, anterior a esta. Vasconcelos, *Antroponímia*, p. 53, tem que a «mudança de *e* em *a* (é devida à) influência do *l*». Formas posteriores: *Vaasco* e *Vasco*. Quanto à sua fonte, *Idem, Ibidem*: «origem obscura, embora talvez ibérica». *Nuño* é irmão do nosso *Nuno*.

valer — vid.: valliente.

valiente — valliente.

valmuça — partera de valmuça, 189. Reis Brasil, edição de 1966, p. 43, linha 6, interpreta: «patreira (sic) de Vlmuz (sic)», por «parteira de Valmuz».

valliente (adj.) — vallientes — dos horas vallientes, 93. Propriamente, é o particípio presente do verbo *valler*, do latim *valere* (valeo, es, ui, itum), ser forte; os *-ll-* representam a palatização característica do saiaguês. O valor de adjectivo fica sobressaído, se nos lembrarmos de *largas, duradouras*. Quer-nos parecer que o adjectivo ajuda muito a expressão indeterminada do numeral *dos*. Dámaso Alonso, *Duardos*, nota 1338, pp. 262-263, pensa que a palatização é «debida a la yod».

vallientes — vid.: valliente.

vamos — vid.: ir.

vanas — vid.: vano.

vano (adj.) — vanas — vanas conuersaciones, 99. Do latim *vanu-* (us, a, um), veio para o castelhano *vano* e para o português *vão*; no feminino: *vana* e *vãa* > *vã*.

vara (s.) — de vna vara, 319. Do latim *vara-* (a, ae). Para compreender a evolução semântica, importa esta nótula de Corominas, *Dic.*, s. v.: «En latín es palabra técnica de arquitectos y constructores de todas clases; sus varias acs., muy especiales en este idioma, aparecen generalizadas en romance, donde ha tomado el valor del lat. *virga*, designando cualquier palo largo y delgado». Em português: *vara*. Esta série de conotações: estos yelos (verso 311), estaa temblando (verso 312), de frío llorando (verso 313), falta de pañizuelos (verso 315), vn çamarro (verso 318), leva-nos à definição de *çamarro* e à definição de *vara* (verso 319), como *medida*, e até à consequência *callara* (verso 320). O *Dic.*, da Academia, traz este valor: «medida de longitud, dividida en tres pies o cuatro palmos y equivalente a 835 milímetros y 9 décimas». Em português, passa-se o mesmo: «medida antiga de comprimento equivalente a um metro e dez centímetros» — *Enciclopédia*, Lisboa, s/d., s. v.: *vara*. Silva, *Dic.*, 10.ª ed., s. v.: *vara*, arquiva algumas abonações deste significado.

vas — vid.: ir.

vasar (s.) — vn vasar, 196. Corominas, *Dic.*, s. v.: *vaso*, informa que Nebrija faz corresponder *vasar* a *vasarium*. A base está em *vasum* (i; us, i), por *vas* (vasis). Reis Brasil (edição de 1966, p. 43, linha 15) traduz por *cantareira*. Marques Braga (ed. de 1942), diz *poial*.

vaya — vid.: ir.

vazio (adj.) — vazios — tan vazios, 276. Do latim *vacivu-* (us, a, um), saído de *vacuus* (us, a, um), vieram o castelhano e o português *vazio*. É como se dissesse: com as mãos vazias, com as mãos a abanar.

vazios — vid.: vazio.

ve — vid.: ir; ver.

vēdra — vid.: venir.

vega (s.) — por la vega, 86. São formas irmãs, o castelhano *vega* e o português *veiga*. Leiam-se: Machado, *Dic.*, s. v.: *veiga*, e, principalmente, o artigo de Corominas, *Dic.*, s. v.: *vega*: «procede probablemente de una palabra prerromana *baika, terreno regable y a veces inundado*, de *ibai, rio*, conservado hasta hoy en vasco».

veis — vid.: ver.

vender (v.) — vendida — es vendida, 206. Do latim *vendere* (do, si, didi, ditum); em português, também *vender*; anote-se a ironia que no fundo se vê.

vendida — vid.: vender.

vendrá — vid.: vēdra.

vengais — vid.: venir.

venida — vid.: venir.

venga — vid.: venir.

venir (v.) — vēdra — vēdra el verano, 14; venga — no le venga, 334; vengais — vengais aca, 138; venida — es venida, 257; venir — venir dessea, 359; viene — viene el verano, 154; vienese la madrugada, 209; vino — vino a, 419. Do latim *venire* (io, is, veni, ventum), donde o português: vēir, vīir, vir. Quanto às formas do Futuro Imperfeito do Indicativo, leia-se Menéndez Pidal, *Man.*, pp. 324-326. Veja-se a ficha *ventura.*

ventura (s.) — dela ventura, 58. *Ventura*, português e castelhano, é a substantivação do Particípio do Futuro Activo do verbo *venire* (venturus, a, um, *que está para vir*).

Corominas, *Dic.*, s. v.: *venir* (veja-se este verbete: *venir*), documenta com o *Cid* estas duas significações: suerte buena o mala; buena suerte, dicha.

veo — vid.: ver.

ver (v.) — ve — no se ve, 240; veis — veis lo, 3; veis me, 220; ya veis 294; veo — veo tan buena cosa, 39; de quantas veo, 42; veo llorando, 313; ya lo veo, 424, ver — vamos lo a ver, 267; vamos ver, 285; vera — quien vera, 128; veremos — veremos aquel, 286; 292; veres — como veres, 411; ves — nho ves que, 154; nho ves como, 226; vi — yo lo vi entre, 54; viere — quien te viere, 425; vio — me vio, 81; vistes — ora vistes, 230. Do latim *videre* (deo, es, idi, isum), étimo do português: *veer* e *ver*. Quanto ao verso 411: Hart: «*verés*, veréis. Gil Vicente vacila en el empleo de la desinencia verbal *-és* por *-éis*». Veja-se Menéndez Pidal, *Man.*, p. 148. Aproxime-se a forma *veremos*, do verso 286, da do Futuro Perifrástico do verso anterior. À margem do verso 411, Hart diz: «*verés*, veréis. Gil Vicente vacila en el empleo de la desinencia verbal *-és* por *éis*». Pode acrescentar-se que vai nas peugadas de Lucas Fernández, que escreve *estés*, por *esteys*, nestes versos que saem da boca de Juan-Benito: «Oh que eñ hora mala estés/ En gran grolia y pracentorio!» — *Farsas*, p. 17. Veja-se Menéndez Pidal, *Man.*, p. 320. A propósito do verso 81, informa o sábio espanhol que a pronúncia paroxítona de *vío* também se usava. No verso do Auto: *vió*, em rima com *yo*. Em português: *viu*.

vera — vid.: ver.

verano (s.) — el verano, 14; 154. Do latim *veranu-* (isto é: *tempus veranum*, tempo primaveril). Corominas, *Dic.*, s. v., diz que, «normalmente, en la Edad Media y aun en el Siglo de Oro *verano* significa *primavera*». No verso 14 (principalmente) e seus próximos, veem-se indícios de que tal é.

verdadera — vid.: verdadero.

verdadero (adj.) — verdadero — Mexias verdadero, 401; verdadera — mi az verdadera, 376. Em castelhano *verdadero* e em português *verdadeiro*; ambos assentam, respectivamente, em *verdad* e *verdade*. O sufixo é o mesmo: *-ero* e *-eiro*, do latim *-arius*. Machado, *Dic.*, s. v.: *verdadeiro*, aduz estes versos de *Pero Maffaldo*, cuja verdade, sempre e sempre actual, salta do amargor do Poeta:

> «Ca vej' eu ir melhor ao mentireiro
> c' ao que diz verdade ao seu amigo;
> e por aquesto o jur' e o digo,
> que ja mais nunca seja verdadeiro
> mais mentirei.»

(da edição do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, II, p. 160, poema n.º 316, da edição dos Profs.: Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, Lisboa, s/d.).

veréis — vid.: veres.

veremos — vid.: ver.

veres — vid.: ver.

vermejo (adj.) — vermejos — manguitos vermejos, 201. Nem Corominas, *Dic.*, nem a Academia, *Dic.*, registam *vermejo*. Em português: *vermelho*; Machado, *Dic.*, s. v.: *verme*: «do latim *vermiculu-*, vermezinho»; e acrescenta: «passou a denominar a *cor vermelha* por causa da cochonilha, de que se extrai tinta escarlate, o carmim».

vermejos — vid.: vermejo.

ves — vid.: ver.

vesible (adj.) — vesible, 403. Do latim *videre* (deo, des, vidi, visum), o castelhano *ver*, em português *veer* e *ver*. Coro-

minas, *Dic.*, s. v.: *ver*, regista *visible*, do mesmo étimo: visibilis. Em *vesible* há uma dissimilação: i — i > e — i. Nosso, é *visível*.

vestida — vid.: vestir.

vestir (v.) — vestida — moça vestida, 199; visten — visten vn sayo, 414. Como o nosso *vestir*, o espanhol *vestir* é evolução do latim *vestire* (vestio, is, ii, ivi, titum). Temos aqui a construção sintática por meio da preposição *de*, no verso 199; no verso 414, temos complemento de objecto.

vete — vid.: ve; te.

vez (s.) — vez — cada vez, 114; vezes — mil vezes, 411. Do latim *vice-* (vix, vicis) vieram os românicos *vez* (castelhano) e *vez* (português).

vezes — vid.: vez.

vfano — ufano.

vi — vid.: ver.

vía — vid.: bia.

Vicente (s.) — 133.

Vico Nuño — vid.: Bico nuño.

victoria — vid.: vitoria.

vida (s.) — por vida de tu tio, 370. É uma frase de intercessão, do mesmo tipo das nossas modernas: pela felicidade de, por alma de, pela honra de, pela saúde de, pela vida de. Do latim *vita-* (a, ae), donde o português: vida.

viento (s.) — el viento, 242. O castelhano *viento* e o português *vento* saíram do latim *ventu* (us, i).

vieja (s.) — la vieja, 185. Substantivação do feminino de *viejo*, do latim *vetulu-* (us, a, um), «que en latín vulgar sustituyó a *vetus* (teris), viejo». Em português: *velho* e *velha* (Nunes, *Comp.*, p. 122).

viene — vid.: venir.

vienese — vid.: viene; se.

viere — vid.: ver.

vino — vid.: venir.

virgen (s.) — la virgen, 258; virgen 297. Do latim *virgine-* (go, ginis). Em português: *Virgem.*

visten — vid.: vestir.

vio — vid.: ver.

virgindad (s.) — virgindad sagrada, 361. Do latim *virginitate-* (tas, tatis), o castelhano *virgindad* e o português *virgindade*. Machado, *Dic.*, s. v.: *virgem*, registou a variante gráfica: *virgijndade*, Século XIV.

visible — vid.: vesible.

visita — vid.: visitar.

visitar (v.) — visita, 333. Corominas, *Dic.*, s. v.: *ver*, entre os seus muitos derivados, arquiva *visitar* documentando-o com Berceo, e põe, a par, o «vulgarismo *besitar*». É o latim *visitare* (to, as, avi, atum), origem do nosso *visitar*. A base está em *videre* (deo, des, idi, visum), donde *visare* (o, as, visi visum). Destes dois últimos, temos na *Ibéria*: *ver* e *veer*, *ver*; *visar*, para ambos os idiomas.

vistes — vid.: ver.

vitoria (s.) — nhueble vitoria, 296. Do latim *victoria-* (a, ae); em português: *vitória*. A pronúncia e escrita *victoria* ressente-se da influência latina.

vivo — vid.: bivo.

vn — vid.: un.

vna — vid.: uno.

vnas — vid.: uno.

vno — vid.: uno.

vos (pron. pes.) — si alguno de vos, 81; a vos, 297; mereceis vos, 328. Temos a função de sujeito e a função de complemento indirecto; no verso 81, o complemento de totalidade, de que se tira uma parte: *total*: de vos; *a parte*: alguno. É o latim *vos*, em nominativo e acusativo, e evolução do dativo *vobis*. Em português: *vos* (complemento) e *vós* (sujeito), da mesma origem. Veja-se o verbete: *os*.

vos (— otros).

vosotros — vos otros.

vos otros — vosotros — hid vosotros, 274; vos otros — a vos otros digo yo, 80; teneis vos otros aca, 144; ora vos otros, 321. Da nosa edição do *Auto de los Reyes Magos* (Pestana, *Magos*, p. 110): «O espanhol de hoje tem *nosotros* (e: vosotros), que veio a substituir, em parte, a forma *nós* (e: vós)» e citámos: «En el plural no hay sino una forma de nominativo — acusativo: *nos*, nos, *vos*, vos, usuales en lo antiguo; pero que al fin de la Edad Media se reemplazaron por *nos-otros*, *vos-otros*, antes empleados sólo enfáticamente para poner la primeira o segunda per-

sona en contraste con otra (primeira persona o segunda persona), y luego usados en todo caso como formas únicas». Veja-se Academia, *Gram.*, p. 34.

voz — vid.: boz.

vr̃a — vid.: vuestra.

vuestra — vid.: vuestro.

vuestro (adj.) — vuestra — vuestra vitoria, 296; vuestra reuelencia, 323; vuestra (vr̃a) — mantenga a vr̃a gloria, 293. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 258: «El latín, junto a *vester* conocía ya *voster*, y la analogía generalizó esta forma en latín vulgar: *nostru-*, *vostru-* dieron *nuestro*, *vuestro*, con *-a*, en femenino, con *-s* en plural». Em português: *vosso*. Calha bem recordar Valdés, *Diálogo*, pp. 80-81.

vuiste — vid.: haber.

X

Xauato (Juan —).

Xavato — vid.: xauato.

Y

y — vid.: haber.

y (conj.) — poner y andar, 10-12; flores y rosetas, 15; biuo y sano, 18; toros y vacas, 30; otheo y veo, 38-39; canta y huelga, 66; estuue y estuue, 90-93; y aun, 97; si y si,

119-122; sube y dales, 126-127; allegre y bien assombrado, 142; viene y soy, 154-155; es y es, 162-163; 412-413; es y es y es, 166 a 170; Papiharto y bodonales, 172; Torebilla y Teresa, 180-181; Espulgazorras cabrera y la vieja, 184-185; la moça vestida y alfarda, 199-202; triste y flaca, 204; corre y corre y no se ve, 240; y ansi, 268; nhucua y espantosa, 272-273; hid y nho, 274-276; traed algo y el y la y todos y vn, 277-278-279-280-282; aburremos y vamos, 283-285; hemencia y deuocion, 291; y establo, 307; loada y adorada y bendita, 308-309; con y con, 322-323; 390-391; graciosa y morenita, 332; muger y estrella, 340; tu boz y tu cara, 351-353; es Adan y remedio, 394-396-397; inuisible y vesible, 403; mortal y immortal, 404; mouible y immouible, 405; y esto, 409; visten y es, 415-416. A origem está na conjunção latina *et*, donde a nossa *e*. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 339. É possível, que tenhamos de uniformizar a grafia da conjunção nos versos 109 e 265, escrevendo sempre *y*. Veja-se a rubrica *e*.

Talvez valha a pena elaborar esta estatística do emprego da conjunção *y*, quer na cordenação de verbos e de nomes (substantivos e adjectivos), quer na posição isolada, na niciação de período ou de oração.

Vejamos isso.

I — VERBOS:

a) Em *orações principais*, com verbos diferentes e no Imperativo: «canta y huelga en», (66); «sube naquella assomada y dales gritos», (126-127); «Id vosotros y nho vamos», (274-276); «aburremos y vamos», (283-285). Nestes últimos exemplos, deve reparar-se em que os Conjuntivos *vamos* e *aburremos* (por: *aburramos*; veja-se o verbete: *aborrir*) suprem a falta da forma da primeira pessoa do plurar do Imperativo). Com verbo repetido e na mesma flexão (Pretérito Perfeito do Indicativo): «estúvela oteando y estuve

batiendo el pie», (90-93); com o verbo, flexionado, por duas vezes, no Indicativo Presente: «es moça y aun es», (162-163); «el rayo sol es y el sol es rayo», (412-413); com verbos distintos no Presente do Indicativo: «visten y es, «414-416). Ao que parece, neste exemplo há diferença de sujeito: para o primeiro verbo, plural e indefinido; para o segundo, talvez influenciado pelo nome predicativo do sujeito: *una misma cosa*, singular.

b) Em orações *subordinadas causais*, com o mesmo verbo repetido por três vezes e no Presente do Indicativo: «porque es y es y es», (166-170).

c) Em orações *subordinadas condicionais*, verbos diversos e no Pretérito Perfeito do Indicativo: «si las comieron y si murieron», (119-122). Aqui, talvez seja preferível ver-se não a coordenação apontada, mas o início dum período: «y mucho mas» (122).

d) Em orações *subordinadas integrantes*, no Infinitivo Presente: «quiero poner y andarme», (10-11), e no Indicativo Presente: «ves que viene y soy» (154-155). Com uma diferença entre elas: em primeiro lugar, infinitivas; depois, finitivas.

e) Em orações *subordinadas relativas*, com flexões do mesmo verbo, por três vezes e no Presente do Indicativo: «que corre y corre y no se ve» (240).

f) Em orações *subordinadas temporais*, com diversos verbos e no Presente do Indicativo: «cuando oteo y veo», (38-39).

II — NOMES:

Quanto aos *nomes* (adjectivos e substantivos), a coordenação estende-se ao sujeito (também ao seu predicativo e aos seus atributos) e aos complementos. Assim:

a) *Sujeitos:* «Papiharto y Bodonales» (172); «Torebilla y Teresa» (180-181); «Espulgazorras y la vieja» (184-185); «tu boz y tu cara» (351-353).

b) *Nome predicativo do sujeito:* «llego biuo y sano» (18); «está allegre y asombrado» (140-142); «anda triste y flaca» (204); «es cosa nhueva y espantosa» (272-273); «loada sea y adorada y bendita» (308-309); «(es) invisible y vesible» (403); «(es) mortal y immortal» (404); «(es) mouible y immovible» (405); «fuese muger y estrella» (340); «es el Adan y remedio» (394-397).

c) *Atributos do sujeito* (ou de: vocativo): «graviosa y morenita» (332).

d) *Complemento circunstancial de companhia* (ou de: meio): «vendra con sus flores y rosetas» (14-15).

e) *Complemento circunstancial de modo:* «(cantemos) con hemencia y (con) devoción» (290-291); «(dalde) con hemencia y con revelencia» (322-324); «(desearan) con espirito y con placer» (390-392).

f) *Complemento de objecto:* «corriendo toros y vacas» (30); «danme la moça y alfarda» (199-202); «traed algo y el y la y todos y un» (277-282).

III — No início de período ou de oração, exprimindo:

a) *afirmação:* «y aun por esso», (97); «y mucho más» (122); «y esto no es» (409).

b) *Interrogação:* «y ansi», (268).

c) *Admiração:* «y establo» (307).

Resumindo:

— Nos verbos, coordenação simples, nos versos: 10-11; 38-39; 66; 126-127; 274-276; 283-285; 90-93; 154-155; 162-163; 412-413; 414-416; coordenação dobrada, em: 166-170; 240; coordenação acompanhada de subordinação repetida e expressa, como no verso: 119-122; nos sujeitos, nos nomes predicativos do sujeito e nos atributos, a coordenação é simples; nos complementos circunstanciais, há coordenação simples nos versos 14-14 e 290-291; coordenação com a repetição da pr.

posição, em 322-324; 390-392; coordenação expressada por quatro vezes seguidas, em 277-282.

— Nas orações principais, notam-se estas ideias: recomendação, narrativa e exclamativa.

Há, ainda, uma observação a fazer: nos dois exemplos, em que a *Copilacam* mostra a conjunção *e* (o do verso 109 pode ser duvidoso; o do verso 265 é certo e seguro), esta partícula está junta a pronomes pessoais de sujeito: *tu* e *nos*. Este facto legitimará, por ventura, a conclusão de que o tipo *e* se destinava a acompanhar as formas pronominais e de que o tipo *y* aparecia em todos os outros casos?

ya (adv.) — ya perdido, 107; ya nho, 213; 214; 232; ya me 247; ya veis, 294; ya comiença, 304; ya lo, 424. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 124: latim *jam*; em português: já.

yelo (s.) — yelos — estos yelos, 311. Do latim *gelu-* (um, i; us, us) — Menéndez Pidal, *Man.*, p. 124. Em português: *gelo*, «por via culta», como anota Machado, *Dic.*, s. v.: *geada*. A variante gráfica *hielo*, como diz aquele Autor (*Ibidem, ibidem*), é da responsabilidade da Academia.

yelos — vid.: yelo.

yemdo — vid.: gemido.

yemdos — vid.: yemdo.

ygreja (s.) — dygreja, 364. Prevenindo a tentação de classificar o uso de *ygreja* como lusismo, Hart diz: «pero nótese que está ampliamente documentado en español medieval y que lo emplea a menudo Lucas Fernández». Corominas, *Dic.*, s. v.: *iglesia*, informa: «sin embargo, *igreja* subsistió con gran extensión en el habla vulgar o dialectal, y con este carácter aparece a menudo en los clásicos». Em português: *igreja*, e, em espanhol: *iglesia*.

Corominas regista variantes, como: eclegia, eglesia, egrija. Todas estas formas representam o latim *ecclesia* (ae), de origem helénica.

ygual (adj.) — al padre ygual, 407. Do latim *aequale-* (lis, le). Em português: igual.

yo (pron.) — yo estoy, 5; yo lo vi, 54; yo descluzio, 62; yo aprisco, 72; digo yo, 80; 297; yo nho, 83; nhi yo, 83; yo estuuela oteando, 90; yo sospecho, 97; yo me hablo yo me digo, 102; mucho mas que yo, 123; mas que yo, 151; creyo yo, 243; yo nho se, 249; como yo, 250. Menéndez Pidal, *Man.*, p. 250: «El nominativo *ego* se abrevia en latín vulgar *eo*, **ieo* (prov. *ieu*), leon. occid, *you*, cast. *yo*». Em português: *eu*.

yra — vid.: ir.

Z

zagal (s.) — zagal — di zagal, 59; zagala — nho me parece hermosa nhi de asseo zagala dc quantas veo, 40-42; zagala sancta, 331; la zagala, 343; zagales — llamar zagales, 124; zagales lleuantar dahi, 256. Castelhano *zagal* e o português *zagal*, ambos «do árabe vulgar *az-zagal*, pessoa animosa e forte» — Machado, *Dic.*, s. v.; Corominas, *Dic.*, s. v.

zagala — vid.: zagal.

zagales — vid.: zagal.

zamarra — vid.: çamarro.

zamarro — vid.: zamarra.

BIBLIOGRAFIA

(À frente de cada trabalho consultado, indicam-se, abreviadamente, o nome do Autor e o título da obra, conforme as citações constantes deste livro).

Academia das Ciências de Lisboa, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, 1976 — Ac. Ciências, *Dic.*;

Afonso X, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria* (Walter Mettmann), 4 volumes, Coimbra, I, 1959, II, 1961, III, 1964, IV, 1972 — Afonso X, o Sábio, *Cantigas*;

Alonso (Dámaso —), *Gil Vicente, Tragicomedia de Don Duardos*, Madrid, 1942 — Dámaso Alonso, *Duardos*;

Amaral (Vasco Botelho de —), *Dicionário de dificuldades da Língua Portuguesa*, I e II, Porto, 1938 — Amaral, *Dic.*;

Glossário crítico de dificuldades do Idioma Português, Porto, 1947 — Amaral, *Glossário*;

Autos e Comédias Portuguesas, por António Prestes, Luís de Camões e outros Autores Portugueses, Lysia, 1975 — *Autos*;

Bergström (Magnus —), *Prontuário Ortográfico*, Lisboa, 1955 (Neves Reis) — Bergström, *Prontuário*;

Bloch (O. —), *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française* (W. von Wartburg), Paris, 1964 — Bloch, *Dictionnaire*;

Carvalho (José G. C. Herculano de —), *Sobre a evolução de «laudare > louvar, audire > ouvir»* (em: *Boletim de Filologia*, tomo XIV, pp. 218-232, Lisboa, 1953) — Carvalho, *Evolução*;

Corominas (Joan —), *Diccionario crítico etimológico de la Lengua Castellana*, 4 volumes, Madrid, 1974 — Corominas, *Dic.*;

Cortesão (A. A. —), *Subsídios para um Dicionário completo (Histórico-Etimológico) da Língua Portuguesa*, Coimbra, 1900-1901 — Cortesão, *Dicionário*;

Ernout (A. —), *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, Paris, 1939 (A. Meillet) — Ernout, *Dictionnaire*;

Figueiredo (Cândido de —), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 5.ª ed., Lisboa, s-d. — Figueiredo, *Dic.*;

Fontecha (Carmen —), *Glosario de voces comentadas en ediciones de textos clásicos*, Madrid, 1941 — Fontecha, *Glosario*;

Gaffiot (Félix —), *Dictionnaire illustré Latin-Français*, Paris, 1934 — Gaffiot, *Dictionnaire*;

Gillet (Joseph E. —), *«Propalladia» and other Works of Bartolomé de Torres Naharro*, 4 volumes, Pennsylvania, 1943, 1946, 1951, 1961 — Gillet, *Torres Naharro*;

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa, s/d. — *Enciclopédia*;

Lapesa (Rafael —), *Historia de la Lengua Española*, 7.ª ed., Madrid, 1968 — Lapesa, *Hist.*;

La vida de Lazarillo de Tormes, Clásicos Castellanos, n.º 25, Madrid, 1959 (Julio Cejador y Frauca) — *Lazarillo*;

Machado (José Pedro —), *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*, 1.ª e 2.ª ed., Lisboa, 1958 e 1967 — Machado, *Dic.*;

Meillet (A. —) — Vid.: Ernout (A. —);

Menéndez Pidal (R. —), *Cantar de Mio Cid*, I, II, III, Madrid, 1944, 1945, 1946 — Menéndez Pidal, *Cantar*;

Manual de Gramática Histórica Española, 10.ª ed., Madrid, 1953 — Menéndez Pidal, *Man.*;

Mettmann (Walter —) — Vid.: Afonso X, o Sábio;

Nascentes (Antenor —), *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*, Rio, 1932 — Nescentes, *Dic.*:

Nogueira (Rodrigo de Sá —), *Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa*, Lisboa, 1938 — Nogueira, *Elementos*;

Nunes (José Joaquim —), *Cantigas d' Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, I, II, III, Coimbra, 1928, 1926, 1928 — Nunes, *Am.*;

Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, 6.ª ed., Lisboa, 1960 — Nunes, *Comp.*;

Pestana (Eduardo Antonino —), *Ilha da Madeira*, II, Estudos Madeirenses, Lisboa, 1970, ed. da Câmara Municipal do Funchal — Pestana, *Madeira*;

Pestana (Sebastião —), *Auto de los Reyes Magos*, Lisboa, 1966 — Pestana, *Magos*;

Do núcleo da «Farsa de Inês Pereira», de Gil Vicente, (Separata da Revista dos Cursos de Letras, Faculdade de Letras da Universidade de Luanda), Sá da Bandeira, 1974 — Pestana, *Núcleo*;

Estudos Gil-Vicentinos, I e II, Sá da Bandeira, 1972 e 1975 — Pestana, *Estudos*;

O «Auto da Visitação», de Gil Vicente, Universidad de La Laguna, Tenerife, Canarias, (Homenaje a Elías Serra Ràfols, III, pp. 137-170) — Pestana, *Visitação*;

Pico (Maria Alexandra Tavares Carbonell —), *A terminologia naval portuguesa anterior a 1460*, Lisboa, s/d. — Pico, *Naval*;

Piel (Joseph M. —), *Miscelânea Vicentina*, Coimbra, 1938 — Piel, *Miscelânea*;

Quintela (Paulo —), *Líricas castelhanas de Gil Vicente em versão portuguesa*, Coimbra, 1966 — Quintela, *Líricas*;

Real Academia Española, *Diccionario de la Lengua Española*, 16.ª ed., Madrid, 1936 — Academia, *Dic.*;

Gramática de la Lengua Española, Madrid, 1931 — Academia, *Gram.*;

Régulo Pérez (Juan —), *El habla de La Palma*, La Laguna de Tenerife, 1970 — Régulo, *Palma*;

Reis (Neves —), Vid.: Bergström (Magnus —);

Rojas (Fernando de —), *La Celestina*, Colección Universal, núms. 565-568, Madrid, 1942 — Rojas, *Celestina*;

Silva (António de Morais —), *Dicionário da Língua Portuguesa*, ed. de 1813 — Silva, *Dicionário, 1813*.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 10.ª ed., (Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado), Lisboa, 1950 — Silva, *Dic., 10.ª ed.*;

Soares (Matos —), *Bíblia Sagrada, Novo Testamento*, Vila Nova de Famalicão, 1950 — Soares, *Novo Testamento*;

Teyssier (Paul —), *La Langue de Gil Vicente*, Paris, 1959 — Teyssier, *Lang.*;

Torrinha (Francisco —), *Dicionário Latino-Português*, Porto, 1945 — Torrinha, *Dic. Lat.-Port.*;

Valdés (Juan de —), *Diálogo de la Lengua*, Colección Austral, n.º 216, Buenos Aires, 1941 — Valdés, *Diálogo*;

Vasconcelos (Carolina Michaëlis de —), *Lições de Filologia Portuguesa*, Lisboa, 1956 — Michaëlis, *Lições*;

Notas Vicentinas, 1.ª ed., I, II, III e IV, Coimbra, 1912, 1918, 1922, 2.ª ed., Lisboa, 1949 — Michaëlis, *Notas*;

Vasconcelos (J. Leite de —), *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1928 — Vasconcelos, *Antroponímia*;

Lições de Filologia Portugesa, 3.ª ed., Rio de Janeiro, 1959 — Vasconcelos, *Lições*;

Viana (A. R. Gonçalves —), *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, I e II, Lisboa, 1906 — Viana, *Apostilas*;

Wartburg (W. von —), Vid.. Bloch (O. —).

26694

ÍNDICE

Introdução ... 9

Notas à Introdução ... 75

Texto fac-similado ... 85

Texto fixado ... 93

Variantes e sua responsabilidade ... 115

Vocabulário do Auto Pastoril Castelhano ... 135

Bibliografia ... 317

Para breve:

TEMÁTICA GIL-VICENTINA

Em preparação:

O «AUTO DOS REIS MAGOS», DE GIL VICENTE